



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
ÉTNICOS E AFRICANOS – POSAFRO**



**“ENTRE A RUA E O CIBERESPAÇO”:
CIBERRACISMO NAS REDES SOCIAIS BRASILEIRAS**



**SALVADOR/BA
2021**

JOÃO MOUZART DE OLIVEIRA JUNIOR

**“ENTRE A RUA E O CIBERESPAÇO”:
CIBERRACISMO NAS REDES SOCIAIS BRASILEIRAS**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Étnicos e Africanos no Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Dr^a Jamile Borges da Silva

**SALVADOR/BA
2021**

Biblioteca CEAO - UFBA

O48 Oliveira Junior, João Mouzart de.
"Entre a rua e o ciberespaço": ciberracismo nas redes sociais brasileiras / João Mouzart de Oliveira Junior. - 2021.
278 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jamile Borges da Silva.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Estudos Afro-Orientais 2021.

1.Redes sociais. 2. Racismo. 3. Comunidades negras. I. Silva, Jamile Borges da
II.Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Centro de Estudos Afro-Orientais. III. Título.

JOÃO MOUZART DE OLIVEIRA JUNIOR

**“ENTRE A RUA E O CIBERESPAÇO”:
CIBERRACISMO NAS REDES SOCIAIS BRASILEIRAS**

Tese apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Étnicos e Africanos no Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da Bahia.

APROVADO (A) EM:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Jamile Borges da Silva (UFBA)
Orientadora

Prof. Dr^a. América Lúcia Silva César (UFBA)
Membro Interno

Prof. Dr^o. José Raimundo dos Santos (UFRB)
Membro externo

Prof. Dr^o. Márcio Andrade de Oliveira dos Santos (UNILAB)
Membro externo

Suplente:

Prof. Dr^o. Frank Nilton Marcon (UFS)
Membro externo

**SALVADOR/BA
2021**

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese aos meus avôs - a minha avó Josefina Santos de Oliveira (in memória) que tinha a delicadeza de suavizar a vida e a força de desmontar as intempéries que apareciam, direcionando caminhos; a Manuel Oliveira (in memória) que me ensinou a viver as situações apresentadas pela vida de forma mais intensa. Pessoas amadas, de um conhecimento que não caberia em nenhuma tese.

AGRADECIMENTO

O sentimento de gratidão aciona as nossas emoções, sensações e afetos, é um sentimento peculiar, ímpar que encanta e toca no íntimo de nosso ser. Além disso, potencializa a aproximação de outro sentimento de bem-estar, satisfação, acolhimento, escutas, diálogos, esperança, otimismo, felicidade, confiança e proteção.

Nessas explosões de sentimentos e conjecturas brotaram as múltiplas facetas dessa tese, sendo paralelamente produzidas com o toque, o cuidado e o refinamento de muitos os interlocutores, que de forma singela, potencializaram e fizeram germinar o objeto da tese e ajudaram a delinear as suas paisagens com traços que foram sendo pincelados para dar sentido à imagem que se projetava nas diferentes realidades que pensavam.

A expressão de gratidão, torna-se um ponto inicial da caminhada como pesquisador. Foi no estranhamento dessa etapa tão importante, que pensei como é que se chega a ser grato, parece algo tão simples, mas carrega uma complexidade no que tange aos processos relacionais no universo acadêmico que é cheio de armadilhas e perigos, não obstante, um campo que magnetiza de forma intensa os que se encontram no mesmo barco de semelhantes lutas, de ideologias e ações.

Intensamente, mergulhei nos saberes educacionais que sempre acionei, para pensar a etapa do agradecimento e, assim apareceu em minha mente ‘ostra feliz, não faz perola’ como bem sintetizou Rubens Alves. Logo, agradeço a todos que me ajudaram a transformar os grãos de areia que se encontravam dentro de mim, envolvendo minhas angústias, sofrimentos e medos. Contudo, foi possível alterar as formas dessa areia pontuda que me machucava, com uma esfera lisa que lhe tirava as pontas, num processo de fabricação de extrema magnitude. Assim no ato de envolver as partículas em uma camada de células epidérmicas, produziram-se sobre ela, várias camadas de nácar, sendo a base fundamental para a fabricação e elaboração do que costumamos socialmente a definir como pérola, nesse caso, como defino nesta tese, ela é, em uma tessitura poética, uma pérola negra.

Comumente, a palavra utilizada para expressar agradecimento é “obrigado”, dessa maneira, afasto-me um pouco dessa palavra e designo meu sentimento com a palavra grato, pois não podemos captar como um campo obrigatório e mecânico apenas para ser cumprido cordialmente.

Expresso minha gratidão, a minha querida mãe Juciene Vieira Santos que sempre apostou em tudo que escolhi trilhar e potencializou meus sonhos, como ela mesma fala, sou o projeto de sua força e garra que possibilitou com que pudesse entrar em espaços que ela não

conseguiu acessar em sua trajetória de vida. Você é meu eixo poético de resistência, composto por rimas, versos que atravessam de fora a fora e desperta-me os principais sentidos de existir. Somos como o tempo e o vento que aprenderam a não errar o passo para não perder o embalo da vida. Te amo! também não poderia esquecer de meu pai João Mouzart de Oliveira que mesmo distante foi um torcedor das minhas vitórias alcançadas, sou grato por tudo que pôde me proporcionar.

Aos meus avós, Josefina Vieira Santos e Manuel Vieira de Oliveira, também aos meus tios Gileno e Gilenilza e ao meu primo Anderson (pimpolho) (In Memoriam), que partiram para outra dimensão, vocês são a inspiração primeira para a composição deste trabalho. Eles foram fundamentais para a minha formação, sendo para mim eternos professores. Muito obrigado por tudo. Devo muito a vocês.

Aos meus irmão e irmãs Allan Mouzart, Patrícia Regina Vieira Santos e Sirlene Vieira Santos (In Memoriam) vocês são o compasso que delineiam as curvas que definem todos os pontos equidistantes de um centro e que servem também para definir o trajeto com metas precisas que permitem o equilíbrio no caminhar. Sou grato por acompanharem a construção desta tese e por sempre depositarem confiança em mim e, de alguma forma, contribuíram para a finalização desta tarefa. Além disso, sou grato pela compreensão e paciência nas oportunidades em que deixei de lado o lazer e atenção que eu deveria lhes proporcionar, gostaria de dizer que amo muito vocês.

Aos meus lindos sobrinhos, sobrinhas que acompanharam de muito perto o percurso deste trabalho (Isabela, Arthur, Willian e Lívia). Seus sorrisos e estripulias animam a minha vida! A barulhada produzida em casa me fazia pensar que muitas de nossas crianças e adolescentes espalhadas pelo Brasil afora são obrigadas a fazer para se tornarem visíveis. Isso me estimulava a escrever! A Junior Cupertino, que me animou nos momentos difíceis, fazendo-me sorrir quando eu queria chorar; que me viu chorar e me desesperar; que muitas das vezes buscava me tirar da rotina dos estudos; que acreditou que tudo daria certo, mesmo quando eu duvidava disso. um dos maiores torcedores das minhas conquistas, de quem nunca esquecerei as grandes lições de luta pela vida.

São tantos os amigos e amigas, de perto e de longe, que nem dá para nomear, mas vocês sabem o quanto são importantes para mim! Em especial aos meus amigos e amigas: Suzy Lisboa, Maria de Lourdes, Gilvan Lelis, Diego bragança, Laila, Luana Rodrigues, Sandreana Melo, Érica Coroa, Sueli Viana, Cristiane Querino, Márcia Cristiane, Andreia Santana, Lilia, Ana Carolina e Jorge Lisboa que fazem parte da irmandade que a vida me deu, sou tão grato pelos momentos de alegria, pela forma que cuida de mim, o suporte nas horas

em que preciso e os conselhos tecidos nas decisões que defino, além de sempre disponibilizarem seu tempo para essa escuta, conduzindo-me a outro ponto de vista, vocês compõem o fio condutor da minha vida . Vocês são pessoas queridas e especiais que possibilitaram me tornar um ser humano melhor e mais feliz.

Não menos importante agradeço a Cristina Guedes, Joelma e Yérsia Assis, Mariana, Renato, Diogo, Geovan Bantu, Márcia, Jones Firmino, Everardo, Luciana Andrade, José Batista, Fred Teles, Jeferson, Márcio, Rafael e Vinícius amig@s que vibravam também com minhas conquistas e me apoiaram em momentos importantes para a realização deste estudo.

Meus amig@s da pós-graduação Janeth Suzart, Andrea Souza, Cássia Virginia, Lucas, Aline da Silva, Vagner Rocha, Isabelle Baltazar, Adriana Cerqueira, Fábio Passos, Gimerson Roque e Valdilene de Assis, entre outros, que também amadureceram nesse trajeto e também tiveram momentos de angústia e alegrias. É bom fazer amizades nessa fase de nossa vida. Valeu pelo acolhimento e carinho, meu amor só cresce por vocês!

A todos @s amig@s que fiz no Fábrica de Ideias. Vocês fazem parte desta trajetória.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, sem exceção. Foram eles os instrumentos que ampliaram os meus conhecimentos científicos que contribuíram com conhecimentos novos e necessários à realização da tese. Em particular, gostaria de registrar um agradecimento especialmente aos Professores (as): Jesiel Ferreira, Livio Sansone, Patrícia Gomes, Maria do Rosário, João José Reis, Valdemir Zamparoni, Osmundo Pinho, Florentina da Silva, Luis Nicolau, Claudio Furtado e Ângela Figueiredo. As sucessivas leituras e sugestões que deram em cada uma das etapas de elaboração desta pesquisa foram cruciais para superar certas dificuldades e aprofundar as questões investigadas.

Aos professores: Frank Marcon que já me acompanha nessa jornada acadêmica e de vida, suas lições enriqueceram minha caminhada e fortaleceram o trajeto que trilhei não só na construção do pensamento que se traduz nas páginas em questão, mas como processo de maturidade ao longo desse percurso, só posso dizer que é um grande mestre ; a professora América Lúcia Silva César que admiro muito, cujos saberes e entusiasmo contagiante foram fundamentais para que este trabalho fosse efetuado com sucesso e também pelas “provocações” e desafios, sempre nos instigando a buscar o conhecimento. Sei que sua função foi de grande relevância, a qual buscou lapidar as pedras, dando a vivacidade que precisava para se fazer visível para trilhar o campo científico; sou grato a José Raimundo dos Santos pelos ensinamentos reflexivos e sinalizações das questões essenciais da tese. Assim, sou agraciado por, gentilmente, aceitarem o convite para compor, desde o momento da banca

examinadora de qualificação ao contribuir com brilhantes considerações que guiaram a confecção final do objeto delimitado, e também é uma honra contar com a participação de vocês, na defesa da tese e por cederem parte de seu precioso tempo, para estar, hoje, aqui, nos brindando com sua presença neste importante ritual de passagem.

Aos amig@s do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTS) que fizeram parte desta travessia. Vocês foram fundamentais no amadurecimento do objeto.

Aos professores: Verônica Nunes, Luís Gustavo, Beatriz Góis Dantas, Petrônio Domingues, João Felipe Gonçalves, Brice Sogbossi, João Manuel de Oliveira e Renaldo Linhares pelos pertinentes apontamentos que engradeceram este estudo.

Esta tese não teria surgido sem a atenção, vontade e perspicácia da minha orientadora Jamile Borges. Sua disponibilidade em ler cuidadosamente meus textos, mesmo quando enviados em cima da hora, e ainda comentá-los e criticá-los parágrafo a parágrafo, não sei como agradecerei o suficiente. Minha gratidão especial pela sua generosidade não só no processo de orientação da tese, mas ao longo deste caminho, às vezes tão cheio de pedregulhos, que é o doutorado. Agradeço também pela presença, pelos conselhos, pelo rico compartilhamento de conhecimento e por ter me ajudado tantas vezes a “tomar fôlego” durante toda esta etapa, por manter os ouvidos abertos e estar disponível nos momentos de aflição sobre qual rumo tomar em que às vezes eu me via, e por me acompanhar de forma tão dedicada durante essa empreitada. Felizmente ouvir seu conselho, não foi em vão.

Sou grato pelos saberes partilhados do Grupo Parafuso que me levou a refletir sobre as suas narrativas de resistências.

Por fim, se esqueci de alguém, peço desculpas desde já e quero que saibam que sou eternamente grato.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À minha querida irmã Sirlene Vieira Santos (in memória), mesmo enfrentando dificuldades referentes à situação de sua enfermidade, sempre me deu grande força no doutorado. Na escrita dos trabalhos de disciplinas, no hospital cuidando dela, quando saía para Salvador para ir às aulas, logo voltava para lhe dar força no tratamento oncológico. Tornamo-nos um só, confidentes da vida, senti sensações inexplicáveis. A sua causa era também minha. Obrigado por me afetar com sua energia, cuidado, zelo e amor... Você sempre será o rio que me alimenta, que deságua em mim para se ampliar, transformar e criar novas modulações, caminhos que percorrem vidas ao longo do mundo. Minha inspiração, minha filha-irmã como tanto ressaltava, ainda sinto você e na lágrima que corre em meu rosto, ao descrevê-la me faz fecundar diferentes sensações que brotam no mais íntimo do meu ser, ao perpetrar novas possibilidades de sentir, captar e vivenciar a vida. Fui agraciado com sua presença em minha vida, e deixo aqui meu eterno agradecimento, maninha!

Aspiro ao ensino que decorrerá do encontro dos nossos aprendizados (...). Talvez do nosso diálogo possa emergir um ensino capaz de nos reconciliar a ambos no interior daquela indivisibilidade humana, onde nada que seja humano nos é estranho.

Sueli Carneiro

Sobre esta tese:

Estou convencido de que nenhum intelectual que se gaba de si mesmo e nenhuma Universidade que queira manter a cabeça erguida perante o século XXI pode se dar ao luxo de olhar imparcialmente os problemas raciais e étnicos que assolam nosso mundo.

Stuart Hall

A internet é o tecido de nossas vidas. (...) passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. (...) A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. (...) A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. (...) Contudo, apesar de suas vantagens em termos de flexibilidade, as redes tiveram tradicionalmente de lidar com um grande problema, em contraste com hierarquias centralizadas. Elas têm tido considerável dificuldade em coordenar funções, em concentrar recursos em metas específicas e em realizar uma dada tarefa dependendo do tamanho e da complexidade da rede (CASTELLS, 2003, p.7-8)

Sobre a minha profissão (ainda com relação à tese):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍÁ, 2006, p. 20).

Nosso desafio é uma escola incluyente. Mas também uma escola atual, ligada no mundo econômico, político, cultural. A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa fundamentalmente pela escola, passa pelo nosso trabalho de professores. [...] ser professor, ser professora é um privilégio. É cuidar da humanização e da dignidade das pessoas. Vamos lutar por melhores salários, melhores condições de trabalho, bibliotecas, prédios mais bonitos e mais adequados. Mas, juntamente com isso, vamos assumir nossa missão pedagógica, vamos investir no nosso ambiente de trabalho, vamos transformar nossas escolas em espaços de aprendizagem, de formação continuada, aprendendo, dentro da escola, as novas exigências da nossa profissão (LIBÂNEO, 2001, p.24-25).

MEU OLHAR

Vejo no reflexo da minha alma:

Imagens em movimentos;

Imagens de travessias;

Imagens de lutas e resistências;

Não apenas imagens,

Mais sons;

Gostos;

Cheiros;

Contatos;

Sentidos;

Sonhos vividos, pensamentos
escancarados no limiar da vida.

Juciene Vieira santos

(Suca/minha mãe)

RESUMO

A grande questão que suscito nesta tese é pensar as práticas de ciberracismo direcionadas à população negra no Facebook, a fim de problematizar o fenômeno das relações raciais a partir desse espaço, que se estabelece, no presente, como a principal rede social no Brasil com maior número de práticas e de denúncia de ciberracismo, conforme destaca a Safernet (2020). Diante do exposto, a tese tem como objetivo analisar as práticas de ciberracismo e ciberantirracismo no Facebook, observando como esse fenômeno pode facilitar o entendimento da produção do racismo no mundo digital que se apresenta mediante suas formas de expressões e de denúncia. Os caminhos percorridos amparam-se na etnografia e se confluem com a metodologia parafuso para potencializar as estratégias de análise, ao ampliar os caminhos metodológicos que se constituem, como uma proposta antirracista, que aplico e desenvolvo, conceitualmente, ao longo da tese e pretendo pensar os fenômenos que permeiam as relações raciais que potencializam os saberes existentes das comunidades negras. Assim, busquei as dinâmicas do racismo na literatura teórica e produzidas nos meios de comunicação, analisando esse fenômeno em diferentes mídias com base na ideia do giro que oportuniza os diferentes discursos, posicionamentos e reflexões tecidas acerca da sociedade brasileira. No segundo momento, executei uma pesquisa documental por meio do levantamento de boletins sobre denúncias das práticas de racismo nas redes sociais, com o intuito de compreender as diferentes maneiras em que o ciberracismo ocorre, além de trazer à tona outros documentos como os jornais e as revistas on-line a fim de catalogar os noticiários relacionados às práticas em foco. No terceiro momento, realizei a pesquisa de campo no Facebook, logo após a análise dos dados obtidos. Por fim, observei os desfechos do ciberracismo, e suas implicações na rede social Facebook, partindo do impacto de sua disseminação e efetivação que afeta os atores sociais envolvidos em contextos locais e globais.

Palavras-Chave: Ciberracismo. Facebook. Comunidades Negras. Metodologia Antirracista. Práticas Ciberracistas e Ciberantirracistas.

RÉSUMÉ

La grande question que je soulève dans cette thèse est de penser aux pratiques de cyberracisme dirigées vers la population noire sur Facebook, afin de poser des problèmes au phénomène des relations raciales à partir de cet espace, qui s'établit, à l'heure actuelle, en tant que principal réseau social au Brésil avec le plus grand nombre de pratiques et de dénonciation de cyberracisme, comme le souligne Safernet (2020). Au vu de ce qui précède, la thèse vise à analyser les pratiques de cyberracisme et de cyber-anti-racisme sur Facebook, en observant comment ce phénomène peut faciliter la compréhension de la production du racisme dans le monde numérique qui se présente à partir de ses formes d'expressions et de dénonciation. Les chemins parcourus se sont amplifiés dans l'ethnographie et se confèrent à la méthodologie vis pour renforcer les stratégies d'analyse, en élargissant les chemins méthodologiques qui se constituent, comme une proposition antiraciale, que j'applique et dérègle, conceptuellement, tout au long de la thèse et j'entends penser aux phénomènes qui imprègnent les relations raciales et qui renforcent les savoirs existants des communautés noires. J'ai donc recherché les dynamiques du racisme dans la littérature théorique et produite dans les médias, en analysant ce phénomène dans différents médias sur la base de l'idée du tournant qui opportuniste les différents discours, positions et réflexions tissées sur la société brésilienne. Dans un deuxième temps, j'ai effectué une recherche documentaire par la collecte de bulletins d'information sur les pratiques racistes dans les réseaux sociaux, afin de comprendre les différentes façons dont le cyberracisme se produit, en plus d'apporter d'autres documents tels que les journaux et les magazines en ligne afin de cataloguer les informations relatives aux pratiques en cours. Au troisième moment, j'ai effectué la recherche sur le terrain sur Facebook et peu de temps après l'analyse des données obtenues. Enfin, j'ai observé les conséquences du cyberracisme et de ses implications sur le réseau social Facebook, partir de l'impact de sa diffusion et de son effectivité qui touche les acteurs sociaux impliqués dans des contextes locaux et globaux.

Mots-clés : Cyberracisme. Facebook. Communautés noires. Méthodologie Antiraciste. Pratiques Cyberracistes et Cyberantiracistes.

ABSTRACT

The big question that I raise in this thesis is the thinking about cyber practices directed at the black population on Facebook, in order to problematize the phenomenon of racial relations from this space, which is currently established as the main social network in Brazil with the greatest number of practices and report of cyber-ism, as highlighted by Safernet (2020). In light of the above, the thesis aims to analyze the practices of cyberism and cyberanti-racism on Facebook, observing how this phenomenon can facilitate the understanding of the production of racism in the digital world, which is presented through its forms of expression and report. The paths followed are supported by ethnography and merge with the “parafuso methodology” to enhance analysis strategies, by expanding the methodological paths that constitute an anti-racist proposal, which I conceptually apply and develop throughout the thesis and intend to think the phenomena that permeate racial relations that enhance the existing knowledge of black communities. Thus, I searched for the dynamics of racism in theoretical literature and produced in the media, analyzing this phenomenon in different media based on the idea of the turn that provides opportunities for different discourses, positions and reflections about Brazilian society. In the second moment, I executed a documental research through the survey of bulletins about report of racism practices on social networks, in order to understand the different ways in which cyberism occurs, in addition to bringing to light other documents such as newspapers and online magazines in order to catalog news related to the practices in focus. In the third moment, I executed the field research on Facebook and after analyzing the data obtained. Finally, I observed the outcomes of cybercism, and the implications within the Facebook social network, starting from the impact of its dissemination and realization that affects social actors involved in local and global contexts.

KEYWORDS: Cybercism. Facebook. Black Communities. Antiracist Methodology. Cyberacist and Cyberantiracist Practices

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CETIC - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

COVID-19 - Corona Vírus Disease

GERTS - Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas

JN - Jornal Nacional

MPL - Movimento Passe Livre

ONU - Organização das Nações Unidas

ONGs- Organizações Não Governamentais

POSAFRO - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos

SEMIDH - Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos

UFBA - Universidade Federal da Bahia

LISTA DE FIGURA

FIGURA 01-MODEL OF ONLINE RACISM BASED ON ONLINE ANONYMITY.	117
FIGURAS 02-NUVENS DE PALAVRAS INTERNET ANONYMITY	118
FIGURA 03- REPRESENTAÇÃO VISUAL DO ANONIMATO DIGITAL NA PRODUÇÃO DO CIBERRACISMO.	119
FIGURA 04 -ESQUEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS REGULATÓRIAS E DAS MEDIDAS DE CONTENÇÃO	121
FIGURA 05 - OSCILAÇÕES DIMENSIONAIS DO CIBERRACISMO.....	122
FIGURA 06- EMPODERAMENTO E DESIGUALDADE DAS COMUNIDADES NEGRAS NA INTERNET.....	134
FIGURA 07- CIBERRACISMO EM REDE SOCIAL	135
FIGURA 08- CIBERRACISMO EM REDE SOCIAL	135
FIGURA 09- PREVISÃO DO TEMPO NO JORNAL NACIONAL	136
FIGURA 10- FOTO DO PERFIL DO FACEBOOK DE TAÍS ARAÚJO	152
FIGURA 11- PREFEITA SUÉLLEN ROSSIM	172
FIGURA 12- NUVEM DE ANÁLISE DAS POSTAGENS NO FACEBOOK APÓS-MORTE DE MARIELLE FRANCO	175
FIGURA 13- PRÁTICAS CIBERRACISTAS NO FACEBOOK MAPEADAS PELA ONG CRIOLA	186
FIGURA 14- EXPOSIÇÃO DA ONG CRIOLA	186
FIGURA 15- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM FEIRA DE SANTANA (2015)	188
FIGURA 16- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM VILA VELHA (2015)	191
FIGURA 17- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM AMERICANA (2015)	192
FIGURA 18- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM VILA VELHA (2015)	194
FIGURA 19- REDE CIBERATIVISTAS NEGRAS	196
FIGURA 20- REDE DE CIBERATIVISTAS NEGRAS DO AMAZONAS	198
FIGURA 21- ENCONTRO DE CIBERATIVISTAS NEGRAS	199
FIGURA 22- CAMPANHA "21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO.....	200
FIGURA 23- CAMPANHA “21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO	201
FIGURA 24- CHAMADA DO LANÇAMENTO DA REDE MULHERES NEGRAS CIBERATIVISTAS DO CEARÁ	202
FIGURA 25- ORGANOGRAMA INSTITUCIONAL DA SARFERNET.....	204
FIGURA 26- PÁGINA DA SAFERNET BRASIL NO FACEBOOK	209

FIGURA 27- CAMPANHA CONTRA O RACISMO	211
FIGURA 28- GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA.....	212
FIGURA 29- CIBERRACISMO NO FACEBOOK.....	213
FIGURA 30- CAMPANHA CONTRA O CIBERRACISMO.....	214
FIGURA 31- O GRANDE BOICOTE ÀS REDES SOCIAIS- GELEDÉS	215
FIGURA 32- SÉRIE JOVENS NEGRAS	216
FIGURA 33- GRUPO PARAFUSO	226
FIGURA 34- O MOVIMENTO PARAFUSO	231
FIGURA 35- BRINCANTES DO PARAFUSO EM FORMAS CIRCULARES.....	232
FIGURA 36 – METODOLOGIA PARAFUSO UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA.....	233
FIGURA 37 – METODOLOGIA PARAFUSO UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA.....	234
FIGURA 38 – METODOLOGIA PARAFUSO UMA PROPOSTA ANTIRRACISTA.....	235
FIGURA 39 – GIRO DO GRUPO	236
FIGURA 40 – GIRO PRÁTICAS RACISTAS.....	237
FIGURA 41 – GIRO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO E ONTOLÓGICO ANTIRRACISTA.....	238
FIGURA 42 - GIRO DIMENSÕES DE PODER, SENSORIAIS E SIMBÓLICAS	239
FIGURA 43- GIRO RESISTÊNCIA.....	240

LISTA DE TABELAS

TABELA 01- RETÓRICAS CIBERRACISTAS DISPARADAS A JORNALISTA MAJU.....	137
TABELA 02- RETÓRICAS CIBERRACISTAS DISPARADAS A TAÍS ARAÚJO	158
TABELA 03- RETÓRICAS CIBERRACISTAS DISPARADAS A TAÍS ARAÚJO	164
TABELA 04- RETÓRICAS CIBERRACISTAS DISPARADAS A SUÉLLEN ROSIM.	177
TABELA 05- PRÁTICAS CIBERRACISTAS NO FACEBOOK (2012-2020)	207

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01- USUÁRIOS DE INTERNET QUE USARAM TELEFONE CELULAR DE FORMA EXCLUSIVA	132
GRÁFICO 02- USUÁRIOS DE INTERNET POR ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET-COMUNICAÇÃO.....	133
GRÁFICO 03 -PESSOAS ATENDIDAS POR VIOLÊNCIAS NA INTERNET 2007-202.....	206

SUMÁRIO

I - CONECTANDO COM A PESQUISA	23
CAPÍTULO II -AS DIFERENTES FACES DO RACISMO: AS COMUNIDADES NEGRAS REPRESENTADAS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE NO BRASIL.....	60
2.1 Construção de discursos e representações raciais: o jornal enquanto fonte e lugar de resistência negra no Brasil	63
2.2 Usos, sentidos e efeitos da representatividade negra no rádio e na televisão brasileira	78
2.3 Índícios, acessos e permanências: a representatividade negra no mundo virtual	86
CAPÍTULO III- FIOS CONDUTORES: O FENÔMENO DO CIBERRACISMO NO FACEBOOK E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	107
3.1 Ecos de violências: o fenômeno do ciberracismo nas redes sociais	111
3.2 O fenômeno do ciberracismo na rede social Facebook no Brasil	129
3.2.1 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso de Maju Coutinho	136
3.2.2 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso de Taís Araújo.....	152
3.2.3 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso Suéllen Rosim	172
CAPÍTULO IV-ENTRE A RUA E O CIBERESPAÇO: CIBERATIVISM@ NEGR@ E REDES DE ENFRENTAMENTO DO CIBERRACISMO NO FACEBOOK UMA PROPOSTA CIBERANTIRRACISTA NO BRASIL.....	181
4.1 Ciberativismo negro contra o ciberracismo no Facebook	183
4.2 Ciberativistas negras: articulações, pautas e agendas na rede social Facebook	195
4.3 Plataformas de denúncias e combates: a contribuição das redes de enfrentamento do ciberracismo no Facebook no contexto brasileiro	203
CAPÍTULO V- NA INDISCIPLINARIEDADE DO SABER:A METODOLOGIA PARAFUSO ENQUANTO UMA ESTRATÉGIA EPISTEMOLÓGICA CIBERANTIRRACISTA PARA ANÁLISE DO CIBERESPAÇO.....	218
5.1. Nos Giros da Metodologia Parafuso – movimento do se afetar	222
VI- DESCONECTADO - PARA NÃO CONCLUIR	243
REFERÊNCIAS	249
ANEXO.....	271

CONECTANDO COM A PESQUISA

Convite

Ouçã bem o que parece silêncio
E sintã a unha o punho
O porrete
O corte a forca o soco
Na nossa vida vibrando há séculos
Aqui
Ouçã bem o que parece silêncio
E sintã a dor o frio
O penetrante gemido
Que nos picota as entranhas
E para saber melhor
Entre
Afaste do nosso rosto
O cipoal de desprezo, sarcasmo e disfarce
Que nos puseram na porta
Bem-posto
E seja bem-vindo
Ao nosso quarto de gritos
Achados e perdidos
Tenha bondade
Sente no meio da mocidade
Ou se quiser
Não se acãhe
Sente no meio dos velhos e antepassados
Ouçã bem o que parece silêncio...
O choro da cantiga de ninar a dor...
Ouçã bem...
E pergunte se há racismo no Brasil.
(CUTI, 1988 p. 40)

No Brasil vivencia-se um embate acirrado às práticas de racismo como elementos estruturantes das desigualdades e diferenças sociais. Em princípio, essas práticas se sustentam na invenção da nação¹ brasileira que se deu em virtude do movimento de organização do país, que buscava legitimar e estimular o melhoramento da raça com a efetivação do processo de embranquecimento², cuja iniciativa tinha o apoio dos debates realizados através das produções científicas que sinalizavam a necessidade da abertura das fronteiras para os imigrantes europeus e asiáticos. Assim, apagariam as marcas cravadas por outras sociedades que foram consideradas como sinônimo de atraso e incivilização, e, conseqüentemente, resultaram violências para as comunidades negras³ e indígenas brasileiras.

Indubitavelmente, não se pode esquecer que o racismo no Brasil foi responsável pela segregação dos diferentes grupos étnicos (negros e índios) que lhes negou, o direito à liberdade, à vida, ao lazer, à educação e à moradia, isto é, emerge-se como parte de uma relação de opressão, historicamente difundida, inventada e sustentada nas bases relacionais de identificação dos sujeitos sociais reconhecidos pelo elemento cor⁴ (VER ANEXO 1 e 2). Sua continuidade nas relações sociais demarca, constantemente, o lugar e a posição de privilégios de certos segmentos da sociedade, em contrapartida, as práticas de racismo sustentam a manutenção das relações de poder, cujo impacto chega até os dias atuais.

Advém ressaltar, que o debate acerca da categoria de raça e racismo que se intensificou, inicialmente, no século XX no Brasil, trazia os resquícios das mentalidades do período oitocentista, pautados no embate, ora da sua inferioridade das comunidades negras,

¹ Alguns pesquisadores do campo das ciências sociais utilizaram como objeto de análise sociológica o conceito de nação e nacionalidade ao problematizar, estranhar e pensar seus significados e usos dentro da sociedade. Tais conceitos tiveram contribuições formuladas teoricamente, no âmbito das ciências sociais por: Marx (1986/1888), Durkheim (1995/1893), Weber (1994/1921a; 1982), Mauss (1956/1920.), Elias (1993/1939;1994/1939), Gellner (1993/1983) e Anderson (1989; 2005/1983). A concepção de nação adotada na tese parte das reflexões de Anderson (2005/1983) e Hobsbawm & Ranger (1984) enquanto uma estrutura *imaginada* e *inventada*, que é alimentada pelos atores sociais que criam elementos ou reativam no processo relacional que ajudam na coesão ou afastamento dos grupos estabelecidos na esfera social.

² Alicerçada na difusão da ideologia de branqueamento, entre os séculos XIX e XX, enquanto uma política de Estado de aniquilação, das comunidades indígenas, africanas e seus descendentes, motivada por ideais científicos e por interesses da elite brasileira da época que projetava de forma futurística que uma nação branca era uma nação saudável e economicamente estável, livre das intempéries provocadas pelos outros grupos sociais (comunidades indígenas e africanas) que na concepção deles oscilavam no ar o mal-estar social. Para um maior aprofundamento da temática ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³ Utilizarei as seguintes expressões para falar da coletividade ou do indivíduo negro na tese: comunidades negras, negro, populações negras, vidas negras, trajetórias negras. São algumas das palavras que apareceram ao logo do desenvolvimento da pesquisa.

⁴ Para pensar as reflexões sobre cor e grupos étnicos ver: SOARES, Mariza de Carvalho, *Devotos da Cor. Identidade étnica, religiosidade e. Escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. SHERIFF, Robin. “Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num carioca”. REZENDE, Claudia Barcellos e MAGGIE, Ivonne (comp.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 213-23; OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. *A cor da oração: sociabilidades e resistências na irmandade de São Benedito em Aracaju-SE*. 2015. 169 f. **Dissertação** (Pós-Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

como se pode ver no pensamento de Sílvia Romero e Nina Rodrigues, ora na legitimação de sua superioridade como evidencia Manoel Bomfim, Manoel Querino e João Ribeiro. Nestas perspectivas de debates apareciam diferentes reflexões no campo da Medicina, Direito, Antropologia e Literatura que traziam diferentes narrativas lançadas no âmbito nacional (ROMERO,1888; RODRIGUES,1935; BONFIM,1905; QUERINO,1957; RIBEIRO,1936). Além do mais, a organização das entidades negras se consolidou no século XX e agora mobiliza as comunidades negras para uma mudança de comportamento e de sua inserção nos diferentes espaços da esfera social brasileira, além da reivindicação de uma legislação que punisse os crimes de racismo e delimitasse seus direitos na Carta Magna do País (BRASIL,1988).

Não se pode esquecer que em um plano macro as primeiras décadas do século XXI foram marcadas por importantes ações que chamaram a atenção para as realidades das pessoas negras em diferentes contextos globais. Os movimentos se deram diante da continuação e criação de agendas lançadas pelas Organização das Nações Unidas- ONU e que adentram no debate das questões étnico-raciais, onde se destacam a continuidade do *Dia Internacional para Eliminação da Discriminação Racial*, criado em 1966, que a partir de 2010 passou a ser delimitado em algumas temáticas⁵ diferentes para se refletir e combater o racismo na contemporaneidade⁶.

Portanto, no século XXI a agenda destacou uma preocupação de não esquecer os mecanismos de extermínio das comunidades negras e a criação de um espaço de memória que materializasse como o racismo se reverbera nas relações sociais como uma necropolítica, conforme define Mbembe (2018).

Em 2011 é firmando outro movimento o *Ano Internacional das e dos Afrodescendentes*, com o intuito de desestabilizar as práticas de racismo e também fazer com que elas sejam debatidas nas diferentes realidades em que se expressam, bem como reforçava

⁵ As principais temáticas e iniciativas : Desqualificar o Racismo (2010); a ampla e contínua incidência da discriminação racial no mundo (2011); histórias que ilustram avanços e retrocessos do combate ao racismo no País e Criação da # FirstRacismo- lutar contra o racismo (2012); o poder do esporte para acabar com o problema do racismo (2013); O papel dos líderes no combate ao racismo e à discriminação racial(2014);Aprendendo com as tragédias para combater a discriminação racial hoje (2015) ; A discriminação racial divide e mata (2016); Perfil racial e incitação ao ódio, inclusive no contexto da migração (2017); Promoção da tolerância, inclusão , unidade e respeito pela diversidade no contexto do combate à discriminação racial (2018); Atenuando e combatendo o populismo nacionalista crescente e as ideologias de supremacia extrema (2019); Reconhecimento, justiça e desenvolvimento: A revisão intercalar da Década Internacional para Afrodescendentes (2020) e “Juventude se levantando contra o racismo”(2021).

⁶ A data escolhida para este posicionamento político faz alusão ao dia 21 de março, em virtude do ataque policial em Sharpeville, na África do Sul em 1960, que com extrema frieza dispararam diversos tiros numa manifestação pacífica contra as "leis de aprovação" do regime apartheid, de segregação racial que matou 69 pessoas.

o acordo em combate ao racismo, à discriminação, à intolerância e às desigualdades raciais em uma escala mundial. Mesmo com esse empreendimento de enfrentamento, pôde-se visualizar em 2011, o aparecimento das práticas ciberracistas (é a realização efetiva dos repertórios racistas alimentados e retroalimentados dentro e fora da cibercultura), efetivadas nas representações negras, especialmente as que possuem visibilidade, como foi o caso, da Miss Universo, a angolana Leila Lopes, de 25 anos, sendo postada num site internacional que se define nacionalista branco e adepto do ditador nazista Adolf Hitler. É interessante ressaltar que os repertórios ciberracistas lançados foram escritos em língua portuguesa e inglesa, associando os fenótipos de Leila Lopes a um animal, ao classificá-la como “macaca” para deslegitimar a sua humanidade.

A partir de então, observei as diferentes frentes de questionamento por parte das comunidades negras⁷ que me levou a atentar para as pluralidades existentes em redes, uma vez que os processos de autodefinição que as atravessam, não implicam na constituição de um modelo homogêneo de apagamento de sua humanidade, mas aparecem em sua diversidade que afeta a construção coletiva de existir.

Consequentemente, não foi por acaso que além da Miss Mundo Leila Lopes, todas as outras candidatas negras sofreram com a efetivação das práticas ciberracistas sobre si, o que demonstra o fenômeno do ciberracismo na cibercultura e como ele se perpetua sobre os corpos negros em dimensões globais. Em virtude disso, as comunidades negras tentaram desmontar as violências, historicamente, sustentadas nas diferentes sociedades pelo mundo. Assim, foram elucidadas outras formas de se colocar, gerando grande impacto no processo de construção da identidade nas relações tecidas na cibercultura. Ao demarcar a visibilidade do corpo negro e sua aceitação, atestaram a sua importância como manutenção de símbolos identitários e políticos (GOMES, 2003).

Outro importante movimento foi a instituição da *Década Internacional de Afrodescendentes* estabelecida por meio de sua Resolução n. 68/237, de 23 de dezembro de 2013, momento dedicado aos povos de ascendência africana e que marca o reconhecimento das violências impostas para essas comunidades negras ao longo do tempo. O ponto central que dialoga com a nossa reflexão, é olhar para os acordos estabelecidos cuja finalidade é

⁷ Utilizarei como sinônimo ao longo da tese comunidades negras, populações negras, entidades negras, tentando expressar o mesmo sentido.

proporcionar o fortalecimento das políticas de proteção e das promoções de ações contínuas para esse segmento entre os anos de 2015 até 2024. Constataram “que cerca de 200 milhões de pessoas autoidentificadas como afrodescendentes vivem nas Américas. Muitos outros milhões vivem em outras partes do mundo, fora do continente africano” (ONU,2013, p.1). Dado importante para pensar os territórios em que o racismo se operacionaliza com maior densidade nas diferentes esferas sociais, inclusive, deslocadas para o mundo virtual como se pode ver na realidade brasileira.

Em 2020, dois meses depois do *Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial* cujo tema foi *Povos de ascendência africana: reconhecimento, justiça e desenvolvimento*, repercutiu no ciberespaço o vídeo colocado em rede por uma testemunha que mostrava a morte do cidadão George Floyd, negro, de 40 anos, sendo imobilizado no chão, que proferia as seguintes palavras 'não consigo respirar', enquanto um policial mantinha o joelho sobre seu pescoço, causando uma onda de indignação, ao mesmo tempo, tendo seguidores que defendiam e apoiavam a ação. O episódio fez alusão a outra situação que aconteceu em 2014 em Nova York com Eric Garner, noticiado como ‘um negro’ que morreu ao ser preso o qual proferiu onze vezes, as mesmas palavras, "Não consigo respirar".

Ambas as práticas de racismo adentraram ao debate no ciberespaço, especificamente nas redes sociais. No movimento “Não consigo respirar” que se tornou um slogan de luta contra a violência das comunidades negras pelo mundo. Em julho, outros protestos foram lançados em rede com o intuito de desmontar as práticas ciberracistas com o movimento *#blackouttuesday*, objetivando a promoção de um momento de reflexão contra o racismo e as mortes de pessoas negras dentro e fora dos Estados Unidos.

Ele se constituiu como um importante movimento ciberantirracista que utiliza as redes sociais e de plataformas de *streaming*. Sua origem parte da ação da indústria da música que buscou mobilizar as pessoas a postarem uma foto preta em seu Instagram, Twitter e Facebook. Evidentemente, tentava fazer uma pausa para refletir e sentir o impacto do racismo nas trajetórias negras, o respeito e solidariedade às vidas negras perdidas na contemporaneidade. Registrei, naquele momento, cerca de 28 milhões de pessoas que aderiram às postagens no mundo inteiro, promovendo um blackout nas redes sociais, para que as pessoas conseguissem captar a necessidade de se promover um debate mais amplo sobre o assunto.

O debate buscou chamar a atenção para o genocídio das comunidades negras, demarcando os protestos com o seguinte lema “Vidas Negras Importam”, que atraíram milhões de manifestantes em todo o mundo. Inclusive ganhou muitos destaques nas redes sociais e mobilizaram seus pares a lutar pelo respeito à diferença, ou seja, emergiram os engajamentos contra o racismo nas redes de forma mais intensa, problematizando os mecanismos existentes que determinam quem pode viver e quem tem direito à vida. Dentro deste contexto, é marcado em 2021, o ‘Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial’ que intitulou a seguinte temática, *Juventude se levantando contra o racismo* que vem sacudido as redes sociais para problematizar as várias faces do racismo. Assim, o Secretário-Geral das Organização das Nações Unidas Guterres ressaltou que eliminar o racismo é “um desafio e uma luta para todos” (ONU NEWS,2021).

Destarte, nos últimos anos, diferentes representantes e organizações vêm se esforçando para criar políticas de enfrentamento e combate ao racismo tanto fora como dentro da cibercultura, esforços que se apresentam como instrumentos significativos, porém ainda insuficientes para acabar com mais de seis séculos de opressão, exclusão e aniquilação.

Observou-se que, no século XXI, o Brasil também se conectava com as agendas internacionais, tentando minimizar o racismo à brasileira, e as conquistas que se consolidaram foram frutos das continuidades das reivindicações e aquisições, no século anterior, que ocorreram com o desenvolvimento das seguintes iniciativas: a implementação da lei 10.639/03 complementada pela lei 11. 645/08 que tornou obrigatório o *Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena* na educação básica⁸; a instituição do dia *Nacional da Consciência Negra* (20 de novembro) através da lei nº 12.519/11 e, por seguinte, com a discussão sobre as políticas de reparação das populações, negras, pobres e indígenas e as cotas raciais, tanto para inserção nas universidades públicas amparadas na lei 12.711/12, quanto aos concursos públicos federais com base na lei 12.990/14, que trouxe à tona, o debate referente às relações raciais nas diversas instâncias da sociedade brasileira, provocando diferentes questionamentos, opiniões e posicionamentos acerca do fenômeno (BRASIL, 2003; 2008; 2011; 2012; 2014).

⁸ Aqui, encontra-se um ponto fundamental para se refletir sobre a legislação que ampara nossa atuação dentro dos diferentes contextos educacionais, juridicamente a lei em vigor é a 11.645 desde 2008, mesmo que os movimentos, associação e outros segmentos negros repugnem essa junção e continuem em suas práticas a lutar dar continuidade a lei 10639/03, além de produzirem reflexões sobre sua aplicabilidade, isto é, buscaram-se na resistência por uma pauta na diferença de trajetórias, isso não quer dizer que são contra a outras lutas, contudo demarcam que a luta possuem pontos distintos que precisam ser respeitados .

Nesse contexto, foi possível acompanhar as indagações sobre as questões referentes à formação e aos lugares ocupados “pelas minorias” nas diferentes esferas da sociedade brasileira, ocasionando uma rediscussão do problema do racismo em nosso país⁹. Nessa mesma conjuntura de efervescência, intensificaram-se as lutas por conquistas de direitos que começam a aparecer nas pautas do governo brasileiro, como uma proposta de efetivação que pôde ser demarcada, temporalmente no ano de 2003, momento que oportunizou as conquistas lideradas por diferentes movimentos e nas Organizações Não Governamentais - ONGs.

Paralelamente, a esse momento, os elementos culturais e sociais das comunidades negras, começaram a ser acionados de maneira depreciativa, nos discursos racistas nas redes sociais, sendo transportadas as práticas do mundo físico, para o ambiente virtual. Dessa forma, o paradoxo no campo das lutas e dos direitos que se restringe ao racismo em que as novas práticas de sociabilidade o escancaram duplamente: 1) visibilizam como denúncia; 2) tornam comum em outro plano, o do mundo digital. Posto isso, não se pode esquecer que o fenômeno do racismo se constitui em nossas relações sociais de forma ambígua, ao ser negado pela sociedade brasileira, que se posiciona, ora pela inexistência racista, ora afirma a existência da prática de racismo como uma constante no cotidiano.

É importante salientar, que as práticas ciberracistas por meio da internet, evidenciam as tentativas de disfarces de uma violência explícita ao ganhar uma dimensão de extrema visibilidade, uma vez que é possível ter acesso a essas práticas em tempo real, as quais ficam materializadas no ambiente virtual e quebram o discurso de neutralidade alimentado dentro da nação. Constatou-se que é o pretenso anonimato dos sujeitos nas grandes comunidades virtuais que permitem a sua circulação. Portanto, os atores que sofrem com a violência das práticas racistas em diferentes contextos, podem utilizar o ciberespaço, ora, para denunciar os ataques sofridos (nas redes de relacionamento, Facebook, Twitter e Instagram) ora, para relatar o racismo proferido fora desse contexto.

⁹ Abertura da efervescência de conquistas a partir da gestão do país por Inácio Lula da Silva em 2003, que também proporcionou a pensar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e cultura afro-Brasileira e africana balizada na lei 10639/03 e na resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Isso fez com que alguns sentimentos aflorassem contra tais iniciativas fazendo com que o debate sobre ódio fosse acionado no Orkut, ver a pesquisa de: GUIMARÃES, Maristela Abadia. No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho: o potencial transformador das cotas raciais.2006. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá.

As questões supracitadas tanto demonstram alguns pontos cruciais para pensar o surgimento e as dinâmicas do ciberracismo nas redes sociais brasileiras, como também no contexto central. Tais questões demarcam a formação das paisagens em que se encontra o objeto desta tese acerca do *ciberracismo*¹⁰. Inicialmente enfatizo que a categoria analítica de *ciberracismo* pode ser definida como um fenômeno que se materializa desde a negação do acesso das comunidades negras, no mundo digital, até a proliferação das práticas ciberracistas no ambiente virtual e se amplia através do descarte da materialidade eletrônica o qual nega a existência do outro e sua humanidade. Logo, sendo alimentado por repertórios que criam discursos de hierarquização entre as diferentes ‘raças’, sua disseminação extrapola as fronteiras nacionais numa dimensão global.

Além disso, essa *prática de violência* no século XXI, via internet, pode estar relacionada a outro movimento, ou melhor, ao barateamento das tecnologias (celulares, notebooks, computadores, tablets) no mercado nacional que ocasionou a disseminação e o acesso, de uma parte fracionada da população pobre e negra, aos conteúdos e grupos presentes na internet, conforme destaca a Safernet (2012). Essa participação, ainda tímida, oportuniza pensar em uma reflexão referente à situação das comunidades negras no Brasil, no que tange à inclusão tecnológica e social.

Ressalto, ainda, que naquele momento, essas reivindicações vieram por parte dos movimentos negros, associações e de algumas comunidades (favelas, palafitas e quilombos¹¹) que evidenciavam a importância da democratização dessas ferramentas. Consequentemente, denunciavam a falta de acesso à tecnologia e de projetos financiados pelo Estado, para a inclusão dos segmentos e comunidades negras no mundo digital. Em outras palavras, o ciberracismo também é produto do racismo sistêmico alimentado no país (LEMONS, 2007; SCALCO, 2012; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Nota-se que as práticas de racismo adquiriram novas configurações e adentraram em novos espaços. Assim, um dos fenômenos mais recentes que se articulou ao contexto de lutas e de reivindicações (tecnológicas, saúde, alimentação, moradia), foi o espriamento da

¹⁰ A partir daqui utilizarei a palavra ciberracismo no lugar de racismo na internet, racismo na rede, racismo online entre outras expressões.

¹¹ Aqui, gostaria de chamar a atenção para o pensamento de Beatriz Nascimento, quanto aos processos de exclusão das comunidades negras que ficaram cristalizados territorialmente, e sua continuidade evidencia os processos de resistências nos diferentes contextos e épocas da sociedade brasileira. Sua sensibilidade para não desconsiderar as novas táticas de sobrevivência, no presente, renegada nas pautas do Estado, ao neutralizar as questões de raça e cor em suas análises e em suas práticas de efetivação nessas realidades.

discriminação e do racismo nas redes sociais que vem ganhando nova dimensão central nos debates, não só no espaço acadêmico, mas também com relação às esferas da vida pública. Com base na perspectiva de observação e análise das questões étnico-raciais, encontra-se alicerçada minha carreira profissional, que transita na confluência das áreas entre o campo da: História, Antropologia, Arqueologia e Pedagogia, em que evidenciam os saberes da minha formação acadêmica.

Considerando ainda, que foi possível interligar, ao longo de minha experiência, uma linha de pensamento trilhada na extensão dos Estudos Étnicos e Africanos, pautada na aproximação das reflexões acerca dos processos relacionais entre Raça, Etnicidade, Nação, Cultura e Comunidade. Nesse movimento, tento observar suas continuidades e rupturas no palco da esfera social, nos desafios que se apresentam na atualidade e no turbilhão de fenômenos que transversalizam esses debates. Nesse entrelaçamento, me constituo enquanto sujeito multifacetado que transita no universo interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar para estabelecer minha indisciplinariedade no campo acadêmico.

Em virtude disso, tenho dedicado grande parte de minha vida acadêmica, enquanto professor, formador de professores e pesquisador a sentir e captar as percepções sensoriais dos diferentes espaços que dialogam, constantemente, com os processos de formação dos aprendentes que estão envolvidos com a aproximação das teorias e práticas de seu campo de atuação e clamam por diferentes frentes direcionadas à discussão das relações raciais.

Portanto, constatei o quanto esse movimento é complexo e de múltiplas facetas, detectadas nesses 15 anos que leciono, nas disciplinas de (1) Didática, (2) Metodologia (3) Didática e Metodologia do Ensino Superior, (4) Antropologia da Educação (5) Educação de Jovens e Adultos e (6) Ética na Educação (7) Relações Étnico- Raciais e (8) História da África entre outras. Além disso, me fez pensar, em diversas maneiras que podem ser acionadas ao processo de transmissão do saber entre docentes e discentes, cuja finalidade é proporcionar o contato com experiências, problematizar no ato de apreender os conhecimentos disseminados para análise de seus diferentes objetos de estudo, e oportunizar uma escola reflexiva, com professores e profissionais de outro campo do saber reflexivo que auxiliem a transgredir lógica de construção hegemônica (ALARCÃO, 2001; bell hooks, 2018).

Ao longo dessas vivências, é comum que os atores sociais envolvidos enfatizem, em seus diálogos, a subjetividade da formação e da sua atuação enquanto profissionais, em que os

saberes acionados para solucionar específicas situações, ora se aproximam das opiniões que se debruçam sobre as mesmas vertentes, ora se afastam, completamente, do modo de pensar de cada um, o que faz criar uma singularidade nos traçados que se sustentam no processo de ensino. Nesse contexto, destacar os contornos e desmontar uma certa linearidade objetiva, é possível que as facetas, inventadas e imaginadas produzam uma nova sintonia, inclusive na perspectiva étnico-racial.

Em vista disso, os contornos percorridos pelos profissionais da educação, no contexto de rearranjo do sistema capitalista, remodelam novas reflexões, práticas e papéis estabelecidos nas esferas da vida social. Nessa confluência, ao mergulhar no conhecimento, historicamente, produzido e acumulado na experiência, foi possível comprovar que as relações de poder no campo educacional estão permeadas por relações de desigualdades, tanto do conhecimento, quanto das relações humanas, isto é, a educação sofre com os estilhaços, que nos atingem ainda no presente, interferindo na prática docente de inclusão e permanência.

Ressalto ainda que, meus primeiros questionamentos eram referentes aos diversos fatores que influenciam as dinâmicas das relações étnico-raciais dentro da sociedade, no campo educacional e o impacto das práticas de racismo nas trajetórias das pessoas negras em diferentes contextos sociais. Por conseguinte, esta tese é o resultado da observação e catalogação das práticas de ciberracismo, via internet, que se evidenciaram em meu curso de mestrado em Antropologia Social em 2013, quanto na minha atuação profissional como docente do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Estudos Étnicos e Africanos em 2010, em que pude aprofundar o debate e observar o fenômeno com mais densidade.

Com base nesses episódios, passei a traçar minhas direções tendo como recorte, a delimitação das práticas de racismo que se apresentavam e construí assim, o ponto de partida para a delimitação e o aprofundamento desse universo.

Iniciei uma pesquisa por meio da internet, sobre a ideia de racismo no ambiente virtual, no qual me deparei com alguns relatos de práticas de ciberracismo presentes em alguns sites e blogs do espaço virtual, conforme os que destaco aqui: o *Geledés*¹²,

¹² “Geledés – Instituto da Mulher Negra foi criado em 30 de abril de 1988. É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral” (GELEDÉS- INSTITUTO DA MULHER NEGRA, 2009).

*Blogueirasnegra*¹³, *Crime pela internet*¹⁴ e Sarfernet que reúnem informações sobre o assunto. A politização desses meios digitais, permitiu a criação de comunidades sociais que discutem e visibilizam os episódios e as denúncias de ciberracismo. Naquele contexto, tive a sensibilidade de observar as práticas de ciberracismo nas redes sociais e sua disseminação em outros ambientes virtuais e não virtuais, entre os quais cataloguei dados, para analisá-los em outro momento.

A inserção prévia ao campo delimitado foi feita perante as redes sociais, em que quantifiquei o número de 60 práticas ciberracistas que ganharam repercussão nesses ambientes digitais entre os anos de 2003 a 2021, estabelecendo um marco temporal de 18 anos de visibilidade desses atos na sociedade, tendo as primeiras práticas de racismo registradas no extinto Orkut¹⁵ e em outras redes sociais, como: Facebook, Instagram e Twitter. Saliento, que é necessário entender que o mundo “On-line” não é desconectado desse mundo “Off-line”, portanto, os atores sociais envolvidos elaboram e agem nesse jogo a partir do diálogo desses cenários.

O contato com o tema em foco me direcionou às informações que trazem uma problemática nova sobre o racismo e seus efeitos dentro da sociedade, então, fui instigado a refletir sobre o ciberracismo e como este se relaciona com o contexto político e de formação de vida em que estou e fui envolvido.

Outra particularidade, vivenciada por mim, que justifica o debate e que influenciou as formas de fazer a leitura acerca do fenômeno do ciberracismo, fundamenta-se em três práticas de racismo que sofri, com duas abordagens policiais em Aracaju em 2017 e em Salvador em

¹³ Blogueirasnegras “Somos mulheres negras e afrodescendentes. Blogueiras com histórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria história e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Viemos contar nossas histórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual. Fazemos de nossa escrita ferramenta de combate ao racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e gordofobia. Porém, também pretendemos ser uma comunidade; um espaço de acolhimento, empoderamento e visibilidade[...]. Acreditamos que a troca de vivências e opiniões em função da negritude partilhada não é apenas desejável, mas um objetivo comum” (ANDRADE, S/D).

¹⁴ Criando em 2003, cujo intuito foi denunciar os casos de racismo no Orkut e facebook contra judeu, negro, gays, pobre e nordestino, e saiu da rede, no ano de 2013.

¹⁵ Rede social de relacionamento criado em 24 de janeiro de 2004 Orkut que se encontrava filiada ao Google foi extinta em 30 de setembro de 2014. O nome dessa rede é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco da empresa Google (GUIMARÃES,2009; ANDRADE,2012). O Orkut tinha como intenção ganhar força nos Estados Unidos, mas a maioria dos usuários foram do Brasil e da Índia. No Brasil a rede social teve mais de 30 milhões de usuários, mas foi ultrapassada pelo líder mundial, o Facebook. Na Índia também foi a segunda rede social mais visitada (RUCUERO, 2008).

2019. A primeira deixou em mim cicatrizes que ainda se abrem. Tal violência ocorreu, quando eu saía de casa, com o meu cunhado, de moto, em direção à rodoviária de Aracaju, fomos parados por policiais de forma humilhante para revistar nossos pertences, uma vez que, segundo eles, haviam recebido uma denúncia contra nós.

Argumentei e me posicionei na situação de que aquela conduta feria nossa integridade por ser uma prática de racismo, que nos enquadrava dentro de um grupo e padronizava suas ações, em virtude da cor da pele, por sermos negros. Por coincidência, quando tirei o capacete, o motorista da viatura, o qual foi meu aluno, me reconheceu e pediu desculpas por ter me confundido, argumentando que a criminalidade no Brasil atinge mais o negro e só estava desenvolvendo o seu trabalho mediante a denúncia efetivada. Momento depois do tal incidente, viajei a Salvador para participar do processo seletivo de doutorado na UFBA, e nesse traslado, me afloraram os sentimentos de dor, sofrimento, decepção, impunidade e ao mesmo tempo me fez pensar acerca dos corpos reconhecidos, selecionados para que as práticas de racismo reverberassem no cotidiano.

A prática seguinte ocorreu no bairro onde resido, quando solicitei o serviço do Uber, tendo o trajeto interrompido por policiais, cuja justificativa era de suspeita, pois o condutor do carro, por coincidência, era negro. Tentei apresentar meus documentos de identificação e o motorista também se disponibilizou a apresentar a documentação pessoal e a do veículo, embora nada impediu de que fôssemos revistados, passando por situações constrangedoras, além de ouvir a frase racista proferida pelos militares ao enfatizar que: *todo negro é ladrão!* A violência foi tão grande que não conseguimos nem lembrar a cor das viaturas, cada um, naquele momento, teve quatro armas apontadas em direção a cabeça. Como estava próximo a minha residência, o fato deu-se à frente de familiares e amigos. Recorri aos órgãos competentes e mesmo depois de transitar em diferentes espaços, delegacias, ministério público, corregedoria da polícia entre outros, recebi a notícia, no dia do meu aniversário, que o processo tinha sido arquivado. A confluência que se formava entre comemorar minha existência e pensar nos processos de impunidade criavam movimentos e contornos paradoxais, o que me fez refletir como o Estado e seus órgãos criam e alimentam a produção do racismo no cotidiano brasileiro.

O último, aconteceu em Salvador em 2019, especificamente no pelourinho, numa culminância de um evento acadêmico em que eu participava, quando solicitei o serviço de um

atendente, num estabelecimento, tive a resposta de que ele se recusava em atender uma pessoa negra agredindo-me fisicamente e moralmente. Recorri à proprietária do estabelecimento e aos organizadores do evento expondo o fato ocorrido, e, mediante a situação, as providências foram tomadas, pois, fui jurado de morte diante de todos que se encontravam naquele espaço.

O impacto do racismo que vivi possibilitou pensar na subjetividade, individualidade, e nas sensações de dor e sofrimento perante as práticas do racismo. Além disso, a produção dos sujeitos racializados por parte do Estado, que se dá com a construção do negro e tem seu desfecho com o processo de violência extrema através da exposição à morte (social, moral, psicológica, institucional e física).

Os episódios de racismo vivenciados foram pensados, primeiramente, conforme as ideias de Conceição Evaristo que alerta para a exposição da morte das comunidades negras, diante de um sistema de aniquilação ao destacar que “deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel” [...] “pacto de não morrer, nem sempre é viver. Ou seja, [...] escrever é um pacto de sangrar [...] acrescento: é de muito sangrar, muito, muito” (EVARISTO, 2018, p.108-109).

Parafraseando Conceição Evaristo no livro de poesia *Olho D’água*, é possível pensar nas categorias analíticas de dor, racismo, resistência e ancestralidade atreladas à produção acadêmica, conseqüentemente, expostas nas escritas negras. Evaristo complementa que, “minha mãe sempre costurou a vida com fio de ferro”, ou seja, “a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2018, p.109). Mediante suas concepções, vejo que ajuda a refletir como a agenda do racismo acaba sendo transportada para a escrita do sujeito negro para pensar o seu lugar no mundo. Conforme a reflexão mencionada, é uma frase –chave que engloba um turbilhão de fatores que nos leva a refletir sobre a nossa existência. Ao chamar a atenção, ela está preocupada, com a categoria morte das comunidades negras em nosso país, em uma tessitura poética que se aproxima dos episódios de racismo vivenciados, denunciando o encarceramento dos corpos negros.

Pensando na descrição que fiz, acredito que Conceição nos estimula a pensar a inserção no campo em que se fala das diferentes formas de estar no mundo, a partir das narrativas que permeiam os sentidos que envolvem os corpos negros, construídos no processo de classificação e diferenciação. É assim que se inserem as práticas de racismo como elemento que se encontra em constante modificação, algo dinâmico que se produz nas

experiências, e vivências que se materializam enquanto um dispositivo de morte. Além disso, denota a relação com os episódios de racismo vividos, na descrição dos fatos como o ato de sangrar, e com isso se aproximar da “concepção de dor enquanto categoria, ponto central para compreender as epistemologias negras, pois a dor nos une, nos fortalece, nos individualiza e nos reconstrói” (OLIVEIRA JUNIOR, 2020, p.10).

Por outras palavras, ressalto que as pesquisadoras (es) negras (os) escrevem de maneira particular. Assim, é uma escrita no reflexo, de uma projeção de imagens que às vezes se confunde, suscitando outra forma de captar e elaborar uma pesquisa que necessariamente, não se enquadra na ideia de militante, nem não militante, uma vez que ela se encontra nas muitas misturas dessas variáveis, no fluxo e no devir de diferentes atuações.

Conforme as reflexões de Ribeiro (2017) e Kilomba (2019), é necessário entender quem pode falar, perante a sociedade e como a fala de outros segmentos sociais se configura em um ato político nos dias atuais, ao repensar as vozes que são escutadas numa sociedade que executa a norma da branquitude, da masculinidade e heterossexualidade. O conceito se faz importante aqui, para compreender de que forma as normas vigentes mantêm seus repertórios de violência, já que as tentativas de desestabilidade podem trazer um rompimento dessa única voz escutada, com o objetivo de ocasionar uma multiplicidade de vozes que questionam o seu silenciamento.

Em virtude disso, a perspectiva de romper com o silenciamento ocasiona a produção de reflexões sobre as pesquisas elaboradas por pesquisadoras (es) negras (os) enfatizando os dilemas, impasses e desafios na produção do conhecimento. Com isso, apontam a necessidade de problematizar a trajetória acadêmica, política e militante, uma vez que é preciso perceber em que momento elas se aproximam para dialogar e em que momento elas se afastam dentro desse universo para continuar produzindo saberes (RIBEIRO,2017; KILOMBA,2019).

Isso facilita pensar num percurso que faz a relação entre a ética social e a ética acadêmica em um movimento meditado como fluxo e refluxo do saber. Além do mais, tem-se como centro a questão da nossa posicionalidade no campo do contexto político amplo, também relacionado à ética da produção acadêmica a fim de perceber a problematização sobre o lugar da negritude dentro desses contextos que não pode ser compreendida apenas na qualidade de construção das performas, do espetáculo de ser o “outro” da sociedade (OLIVEIRA JUNIOR,2020). Com o intuito de repensar o imaginário das populações negras,

nesse caminho espinhoso, é imprescindível questionar os repertórios produzidos e aceitos sobre essas, e denunciar que esses elementos ainda são escolhidos, os quais privilegiam o exotismo dessas comunidades no bojo da invenção da nação e colaboram para o entendimento de processos de continuidade de diferenciação e exclusão social.

É possível ressaltar que a dinâmica de abordagem sobre a população negra se modificou com as reivindicações políticas dos grupos inseridos que questionaram e problematizaram, no ambiente acadêmico, a relação de afastamento entre pesquisador (a)-objeto, mesmo que outros pesquisadores (as), ainda comunguem a ideia da necessidade desse afastamento com o objeto analisado não se perca no processo analítico. Certamente, percebem-se as diferentes maneiras cujos pesquisadores (as) produzem e estruturam suas investigações nesses espaços de disputas, extremamente porosos, dinâmicos e fluidos.

Nesses novos arranjos e configurações de produção de conhecimento, as linguagens flutuam entre a *primeira pessoa do singular* e a *terceira pessoa do plural*, ambas as escolhas demarcam uma opção estilística e um lugar político (“de fala”; que enfatiza a importância de descrever um pouco da trajetória de quem produz as reflexões acadêmicas) na produção do saber¹⁶. Em suma, sua variação vem sendo questionada nos atos políticos dos diferentes segmentos relegados de uma história oficial (OLIVEIRA JUNIOR, 2012a).

Dentro do contexto supracitado, @s¹⁷ pesquisadoras (es) negr@s evidenciam que é extremamente importante, politicamente, retratar nas pesquisas acadêmicas o seu lugar político de fala¹⁸. No meu caso, enquanto homem negro, filho de mãe solteira, da periferia, militante e professor que mostra como essas identidades incidem na forma em que me

¹⁶ Para se aprofundar na escrita negra ver: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960. ____ **Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada**. 1ª Ed, São Paulo: Francisco Alves, 1961. ____ **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. ____ **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. DANTAS, Raymundo Souza. **Um começo de vida** (depoimento biográfico). Campanha de educação de adultos. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: 1949. ____ **África Difícil** (Missão Condenada: Diário). Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965. ____ **Notas sobre as relações Brasil-África no início dos anos 60**. (5ª Sessão do 1º Seminário Internacional Brasil-África no período de 4 a 7 de agosto de 1981 - Rio de Janeiro) In: Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, (6-7):163-66, 1982. ____ **O Negro nas Relações Brasil-África** (Comunicação). Encontro Nacional Afro-Brasileiro - Rio de Janeiro, 29/07 a 1º/08/82. In: Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro: Cadernos Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, (8-9):179-81, 1983. NASCIMENTO, Beatriz. **Por uma história do homem negro**. Revista de Cultura Vozes. 68(1), 1974a, ____ **Negro e racismo**. Revista de Cultura Vozes. 68 (7), 1974b. ____ **A mulher negra no mercado de trabalho**. Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho, 1976a. ____ **O negro visto por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Revista Manchete, setembro, 1976b, ____ **Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso**. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos 6-7, 1982c.

¹⁷ Utilizei do símbolo gráfico @ que tem a intenção de indicar a localização de um endereço eletrônico com outro sentido para expressar a noção de a e o que inclui uma interpretação para o universo entre o masculino e o feminino, conforme observei seu uso na rede social Facebook.

¹⁸ Ver as pesquisas de: RIBEIRO, Djamilá. **O que é Lugar de Fala?** –Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

posiciono perante a produção do saber. Esse posicionamento não pode dificultar a recepção das pesquisas das comunidades negras, que muitas vezes são relegadas porque os temas são considerados marginais na pesquisa científica. Dessa forma, olhar para as práticas e saberes das comunidades negras com a finalidade de pensar o objeto de pesquisa é adentrar em múltiplos universos de experiências. Então, não tem como visualizar essas vivências sem observar as diferentes formas em que o racismo pode ser operacionalizado dentro da sociedade brasileira que alimenta os processos de desigualdade e exclusão social do país.

No Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, passei a compartilhar questionamentos e experiências sobre as mídias sociais e sua relação com as questões étnico-raciais que envolvem o ciberracismo. Logo foram muitos diálogos proveitosos que contribuíram para moldar o objeto e as reflexões realizadas na esfera de intensos debates e embates, fazendo com que cada vez mais me aprofundasse nas questões da tese.

Nas disciplinas, nos seminários, nas rodas de conversa, nos movimentos sociais, nas vivências da disciplina da Escola Doutoral Fábrica de Ideias, nos espaços interdisciplinares e nos exercícios exploratórios do campo de pesquisa o tema ganhou formas delimitando-se. Dessa maneira, na finalização das disciplinas do doutorado, passei a produzir os textos finais, relacionando-os com a tese, pensando nos pontos centrais que corroboraram para entender que muitas reflexões geradas na conclusão das disciplinas foram fundamentais para arranjos e desarrajos do universo estudado.

No âmbito da linha de pesquisa em Estudos Étnicos e Africanos, vivenciei intensamente as pautas do programa de pós-graduação, e, ao mesmo tempo, tecia reflexões que contribuíram para os temas apresentados pelos discentes e sua relação com a tese que eu desenvolvia. Nesse movimento integram-se mestrandos (as) e doutorandos (as) interessados no tema. Esse exercício instigado, na linha de pesquisa, pela professora Dr^a América Lúcia Silva Cesar e pelo professor Dr^o Jesiel Oliveira Filho, resultou no artigo *O ciberracismo nas redes sociais brasileiras: uma proposta antirracista na indisciplinabilidade*, em que foi possível absorver no ciberracismo: a) as práticas de racismo direcionadas às comunidades negras que vêm adquirido novas configurações e adentrando em novos espaços; b) a politização desses meios digitais; c) as redes sociais que evidenciam as experiências do ciberracismo produzido, disseminado e guardado no íntimo da cibercultura; d) A formulação crítica acerca de uma metodologia ciberantirracista (OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

O percurso transitado, enriqueceu, plenamente a forma de conduzir o objeto apreendido e potencializou minhas reflexões no movimento de repensar, constantemente, as estruturas delimitadas e consolidadas no modo de se fazer ciência. Em virtude disso, passei a ampliar meus horizontes e aguçar a sensibilidade, além de estranhar minhas verdades ao tomar cuidado com os discursos que se disseminava, para ser complacente, em alguns momentos, com as pautas de reivindicações dos movimentos negros.

Então no processo de elaboração da tese, procurei um posicionamento intelectual aberto às mudanças, incrementado pelas colaborações acolhidas durante as vivências em diferentes espaços que transitei. Compreendi que as pesquisas sobre a relação entre os estudos étnicos e a internet, são emergentes e podem contribuir para a ampliação do conhecimento científico, para além das temáticas tradicionais que permeiam o campo do ciberespaço. Todavia, a relevância desta pesquisa é social e política, pois pretende estimular ponderações que consigam apreender as dinâmicas produzidas nas relações sócio- raciais tecidas nas redes.

É neste contexto delimitado que surge a proposta inicial desta pesquisa de doutorado, cuja questão que suscito é pensar as práticas ciberracistas direcionadas à população negra, produzidas nas redes sociais brasileiras, a fim de problematizar o fenômeno das relações raciais a partir desse espaço, tendo como delimitação de análise das redes sociais, o Facebook que se constitui como a principal rede social no Brasil com maior número de práticas e de denúncia de racismo, conforme destaca a Safernet (2020).

Ademais, a tese foi intitulada “*entre a rua e o ciberespaço*”: *ciberracismo nas redes sociais brasileiras*, pensando nos fluxos e refluxos desse fenômeno, já que, a expressão entre a rua e o ciberespaço emerge nas palavras da ONG Criola. Então, ao destacar o impacto do ciberracismo nas vidas das comunidades negras, foi possível observar as discussões do ciberracismo em outros contextos fora e dentro do mundo digital, e suas repercussões nessa dilatação territorial fazem com que o fenômeno ganhe novas formas e se renove dentro da esfera social.

Nesse sentido, a tese tem como objetivo analisar as práticas ciberracistas e ciberantirracistas produzidas no contexto relacional no Facebook, observando como esse fenômeno pode facilitar o entendimento da produção do ciberracismo no mundo digital que se apresenta a partir de suas formas de expressões na internet e de denúncia. À vista disso, observo as dinâmicas demarcatórias da diferença no espaço virtual, para identificar as

diversas maneiras pelas quais os sujeitos em interação constroem suas fronteiras, levando em consideração, os atores sociais em jogo, verificando as formas e os embates através dos quais eles elaboram seus entendimentos sobre si próprio e sobre os outros, o que eles disputam no ambiente virtual, as normas, os discursos que medeiam a relação de poder e os contextos sociais em que esses sujeitos estão inseridos (ENNES e MARCON, 2014).

Metodologicamente, o exercício que faço aqui, evoca as sinalizações de Oliveira (1996) que os fenômenos analíticos precisam ser “vistos” e “descritos”. No caminho que passa um refinamento do: olhar, ouvir, escrever e complemento do sentir as diferentes sensações que o campo proporciona ao antropólogo@ que se debruça sobre uma certa realidade, experimentando e captando as relações sociais que são tecidas nas diferentes esferas da vida.

Desta maneira, penso o fazer etnográfico como um movimento de refletir em um ato de exercitar uma “filosofia com as pessoas dentro” como destacou Ingold (2008) e como complementou Latour (2019) que a dimensão dos objetos e das pessoas não são tão diferentes, devem ser observados em sua interconexão estabelecida nos processos relacionais, como destacou são todos em algum momento elementos híbridos.

Sob o mesmo ponto de vista, a filosofia que se produz pode contribuir para sair de uma relação binária de natureza-cultura, ao ganhar status e sentido de pensar a vida em um movimento filosófico que envolve tudo o que está presente na dinâmica de uma interconexão, afastamento e ruptura. Além disso, penso nas linhas de Clifford Geertz, que toda a alteridade da descrição descansa nesta situação de quem vive no movimento de sua própria piscadela (GEERTZ,1973/2008). Por isso, não descrevi de forma exaustiva, nem necessariamente superficial. Descrevi como vi, como senti, como percebi e ao compartilhar a escrita, aqui, só posso dizer que minha descrição se conecta com os outros movimentos de captar uma dada realidade, é assim que se constitui a sua validade. Uma descrição que se aproxima do detalhe dos fatos, não com toda intensidade de Malinowski (1922/1984) que resumiu em sua pesquisa que a descrição pode ser compreendida como um “esqueleto, carne e sangue e espírito da pesquisa”. Mas que em algum momento busca-se utilizar como um elemento norteador de minhas reflexões, tentando fazer uma descrição densa, no sentido de produzir uma leitura e compreender seus sentidos.

Estando em jogo nesse processo a subjetividade de quem se encontra envolvido, ao produzir posicionalidades, conforme já sinalizava em suas pesquisas Hurston (1935) que também nos alerta para o afloramento do mundo das sensibilidades que permite observar os saberes negros que circundam nossas experiências. Para isso, respaldo-me em autores como Geertz (1973/2008), Clifford (1998/2011) Wagner (1975/2010), Rifiotis (2016) e Hime (2017) que, para além do trabalho de campo, também consideram articulação com outro tipo de representação de narrativa. O que estou tentando dizer é que a etnografia pode ser realizada tanto no espaço virtual, como fora desse espaço e esse momento é uma experiência de trajetória com o campo delimitado. Esse envolvimento inclui a observação direta do objeto definido ao buscar compreender as vivências de um determinado cenário, bem como, a produção simbólica das representações que essa comunidade elaborou, e das quais produziram sobre ela.

Além disso, a tese foi produzida dentro de um contexto da pandemia de covid-19, momento em que aumentaram as vulnerabilidades das comunidades negras no nosso país. Diante do fato, analisei o fenômeno descrito que reforçou as alterações de interação na atualidade ao transportar diferentes sociedades para as conexões sociais, tecidas no ambiente da cibercultura. Assim, não tem como pensar, nesta pesquisa, sem destacar as mudanças dos processos relacionais dentro da sociedade. Naquele momento observei que começavam os primeiros processos de sensibilização para as mudanças de interação a partir de vínculos educacionais, econômicos, políticos e de proteção a ser mediados pelo acesso dos diferentes aplicativos, redes de interação e uso de equipamentos tecnológicos existentes que pudessem estabelecer uma ligação com o mundo da cibercultura.

Por outro lado, não tem como pensar nas dinâmicas e configurações da cibercultura, sem observar os fenômenos que nos atravessam no presente, especificamente, o impacto do Coronavírus Disease - COVID-19 nas relações globais e locais que enuncia e denuncia os movimentos do racismo nas interações dentro e fora das redes.

Ressalto, ainda, que no campo do fazer etnográfico, as mudanças de como se realizar as etnografias em espaços virtualizados emergiram como um ponto importante para as reflexões, ao mesmo tempo que se pensa o lugar do antropólogo@ e o uso das ferramentas digitais na elaboração e análise de pesquisa. Enfim, saliento que fiz um esforço analítico para avaliar a negação e as experiências vividas dentro do sistema cibercultura, observando as

dinâmicas elaboradas para esse universo e seu impacto sobre o modo de vida das pessoas, em particular, das comunidades negras. Destaco que foi necessário dialogar com uma proposta antirracista refletida durante o meu caminhar pelo campo acadêmico. Assim tive a oportunidade, de trazer para cena a metodologia parafuso que parte do refinamento do olhar para este objeto, amadurecida nos diferentes espaços que transitei.

Em virtude disso, a presente análise caminha nos movimentos da metodologia parafuso que partiu da minha vivência no acompanhamento do Grupo Parafuso na cidade de Lagarto Sergipe, cuja prática demonstra os processos de resistências construídos dentro do grupo, que serviu de inspiração para pensar em outras formas de tratar os procedimentos metodológicos. Em vista disso, é interessante discorrer, como se formou o Grupo Parafuso que está presente até os dias atuais em Sergipe, tendo em seu repertório de existência, a narrativa de estratégias de liberdade e solidariedade, que fazem alusão às fugas de escravos das senzalas. A coreografia constitui-se em movimento de corpos em encenação ao público, como a dança da fuga, o caminho à liberdade e criam constantemente táticas de sobrevivência e explosões sensoriais que se conectam aos indivíduos explorados.

Nesse sentido, são quebras de fronteiras e de delimitação de corpos perseguidos e violentados, constantemente, na negação de sua humanidade e privação de sua existência enquanto sujeito de direito (OLIVEIRA JUNIOR, 2012b). O que nos ajudou a refletir os movimentos de ir e vir dos sistemas coloniais implementados nas experiências negras no contexto brasileiro em que seus resquícios ainda se encontram latentes nos dias atuais.

Além disso, a metodologia parafuso se conflui com a etnografia para potencializar as estratégias de análise, ao ampliar os caminhos metodológicos mediante os saberes ecoados nos corpos e nas vozes negras que demarcam em sua visibilidade, em cena, os caminhos que ganharam vidas e sentidos no modo de se fazer ciência, inclusive com a presença dos pesquisadores negr@s que oportunizam outras formas de se direcionar dentro do campo acadêmico. Assim, aproximo-me das ideias lançadas pela Antropóloga Negra Zora Neale Hurston que potencializou a minha sensibilidade para o universo das experiências negras a partir das referências existentes dentro das comunidades que estamos inseridos, olhar para o interior dessas relações possibilita a produção de outros repertórios epistemológicos, posicionamentos e outras formas de fazer leituras sociais ao levar em consideração a dimensão do afeto (HURSTON, 1935).

Convém lembrar que esses processos adentram ao debate de se estranhar as etapas do fazer etnográfico, seus deslocamentos e seus efeitos na produção do saber, na superordenação dos discursos e na instrumentalização performática da ordem. Utilizei assim, o campo da Antropologia pensando como um campo da crítica nas diferentes direções que @s antropolog@s podem seguir. Portanto as conexões estabelecidas adentram na sensibilidade de apreender as pluralidades existentes e na crítica das várias formas de se fazer pesquisa na atualidade, nos conduzindo a olhar para as etapas de construção dos projetos elaborados no interior desse universo que problematizam a constituição do objeto e a elaboração dos referenciais teórico-conceituais que compõem os saberes dessa disciplina, conforme salienta Marcus & Fishier (1986).

Em contrapartida, adentro nas entranhas que se encontram abertas na Antropologia na relação de poder no fazer ciência e nos deslocamentos para essa produção, além de observar os paradigmas que orientam e validam tais saberes, além de problematizar a ideia de distanciamento/proximidade e familiaridade/estranhamento tão utilizadas nas reflexões antropológicas e acionadas no debate da disciplina conforme nos orienta Hurston (1935) e Strathern (2014). Suas diretrizes auxiliam no sentido de apreender a complexidade da vida social, tentando um reposicionamento ou reordenação de elementos localizados em um determinado campo, totalmente separado de atividade e observação, e o sentido de perda ou de incompletude que acompanha isso, e assim, é possível perceber a compreensão das inconformidades que podem surgir durante a pesquisa.

Nesse movimento, pode-se observar que a metodologia parafraseada parte de um posicionamento de produção e reflexão de um saber indisciplinar que valoriza os repertórios os quais questionaram as lógicas de saberes eurocêntricos, e trazem para a cena outras experiências que não estão visíveis e nesse sentido, elas são colocadas em xeque e carece de um convencimento no mundo acadêmico. Ao mesmo tempo, a metodologia aplicada na tese ajuda a refletir sobre a coerência analítica dos saberes negros e como tudo isso encontra-se nos elementos que nos afetam.

Seguindo esse percurso tentei fazer essa busca pelas margens que revelam as dinâmicas do campo da Antropologia e sua constante indisciplinabilidade na forma de tratar os fenômenos relativos às experiências negras. Tudo isso, foi constituído nos diferentes campos disciplinares em que questionei as lógicas operantes. Então aguicei a sensibilidade para trazer

aos campos vigentes outras formas de posicionamentos e de produção do saber que eram deslocadas das formas periféricas e lançadas nos estudos canônicos. Em consonância, foi possível buscar uma série de intelectuais negr@s, me apoiar em seus saberes e também discorrer a partir da minha própria experiência ao falar desse lugar pessoal, o que me permitiu refletir que talvez nunca retratei da experiência de sentir o racismo em uma pesquisa. Assim, foi que tentei pensar o racismo na dimensão de uma posicionalidade na intelectualidade e nesse reflexo de imagens, apresentar as minhas experiências e adentrar no plano mais complexo do sistema que compõe o racismo.

Ademais, a metodologia parafuso auxiliou-me a pensar na marginalidade de uma memória negra e sergipana que se apresenta como um elemento de manutenção da resiliência das comunidades negras no país, pois facilita a discussão acerca das táticas de resistência ao racismo, materializadas na memória estratégica de se reinventar e comunicar através dos elementos simbólicos. Desta forma, esse caminho metodológico encontra-se atrelado ao ciclo do parafuso que se aproxima e interroga o ciclo hermenêutico o qual contribui na reflexão desse racionalismo para repensar uma tradição de ser, existir e pensar. Os ciclos do parafuso concêntrico e excêntrico eternizados, pautados em memórias recursivas que nos permitem pensar como certo elemento de certa tradição, de passagem e atravessamento pode ser potencializado para compreender os processos de manutenção da diferença, alimentados nas lógicas inconscientes do existir.

Outro exercício que fiz foi trilhar por caminhos os quais se distanciam da lógica operante das metodologias existentes, e assim pude olhar para o fenômeno que não é só individual, mas também coletivo que está ao meu lado. Portanto, o exercício analítico que faço é parte de um movimento que desestabiliza os modelos vigentes que traz para cena outras formas de compreender. Destaco que Hurston (1935) e Gonzalez (1982, 1983) guiou-me no modo de pensar a pesquisa de campo e corroborou para refletir a apresentação dos dados sobre as comunidades negras. Não se pode esquecer de estranhar os padrões estabelecidos que alicerça os modos de se posicionar nos estudos etnográficos que carregam as diretrizes de enquadramento e classificação de uma realidade. Assim, Hurston (1935) e Gonzalez (1982, 1983) nos ajuda a pensar o movimento de ir e vir para entender os mecanismos opostos e as estratégias que as comunidades negras elaboram para repensar o seu lugar no mundo.

Em suma, a metodologia parafuso foi aplicada da seguinte forma na tese. Inicialmente peguei emprestado, metaforicamente, o movimento produzido pelo grupo na hora da dança para entender as dinâmicas do racismo, trabalhadas na literatura teórica, produzidas sobre os meios de comunicação. Também observei como o debate acerca desse fenômeno em diferentes mídias, com base na ideia do giro, permite captar os discursos, posicionamentos e reflexões tecidas acerca da sociedade brasileira. Ainda nesse momento, na concepção de campo proximal que é constituído na dança parafuso aproximo a ideia das estratégias da escrita que se dá de forma individual e coletiva. Utilizei o primeiro giro do grupo e o terceiro giro pensamento epistemológico e ontológico Antirracista para a produção da reflexão conforme posto no capítulo cinco da tese.

No segundo momento, executei uma pesquisa documental a partir do levantamento dos boletins de denúncia de práticas ciberracistas nas redes sociais com o intuito de compreender as diferentes maneiras em que o ciberracismo aparece nesses ambientes. Busquei trazer à tona outros documentos como os jornais e as revistas on-line a fim de catalogar os noticiários relacionados às práticas e no terceiro momento, realizei a pesquisa de campo no Facebook no giro da metodologia parafuso, analisando os diferentes giros. Dessa maneira, ao seguir os fios condutores da vida social, pude apreender as diferentes formas, maneiras, estratégias e caminhos escolhidos, como também utilizar diferentes pontos que produzem distintos bordados, carregados de diferentes linguagens e significados. Ao acessar os repertórios de experiências guardados no íntimo das pessoas, de um grupo, foi possível adentrar no mundo de múltiplos conhecimentos tecidos e produzidos socialmente. Sendo assim, a metodologia parafuso buscou conectar-se os saberes e experiências da população negra, elaborados em diferentes situações e contextos com os saberes acadêmicos, para chegar a essa outra margem.

No quarto momento, foi possível considerar os caminhos que a internet possibilitou para absorver o fenômeno do ciberracismo. Assim, a metodologia em questão corrobora para pensar tal fenômeno no espaço Facebook, analisando o espiral do parafuso como uma possibilidade em que o sujeito se reelabora nesse universo. Além disso, o transi do parafuso, momento em que os componentes experimentam e saem de si para entender o seu lugar no mundo. Isso ajudou a pensar como cada um que compõe esse grupo experimenta esses atos e

constrói suas estratégias de combate, visibilidade e luta, como exercício de reflexão do ciberracismo e ciberativismo negro no ciberespaço.

À vista disso, a metodologia parafuso que se apresenta em um exercício de reflexão e interação pode ser produzido, tanto nas vivências ocasionadas no interior do grupo, como no exterior desse ou de outro grupo e nesse caminho de transição acontece o afetar, a aproximação e os afastamentos efetuados nos processos de subjetividade dos atores sociais envolvidos nessa interconexão.

Ainda no Facebook, foi delimitado o número de três pessoas para análise que sofreram com o ciberracismo à brasileira, e os critérios estabelecidos foram os que ganharam visibilidade, relacionados intimamente aqui nesse estudo representadas por mulheres negras já conhecidas, nacionalmente em suas respectivas áreas. A intenção foi de observar como as práticas ciberracistas foram tratadas, e como se deram os defechos. Utilizei-me do recurso *printscreen*, que é fotografar a tela do computador, para registrar essas interações escritas e a consumação do ciberracismo, visto que, um perfil pode ser deletado a qualquer momento, desfazendo ou dificultando seguir os “rastros” dos comentários ciberracistas direcionados.

Nesse sentido, desvinculei imagem de texto, para não reforçar as violências materializadas, o que me possibilitou conhecer melhor a dinâmica de funcionamento e de operacionalidade do ciberracismo. Embora, sabendo que não sou neutro nas observações, em alguns momentos também me posicionei contra as práticas de ciberracistas, por isso, busquei interagir nos fóruns, nos debates, contatos para as entrevistas. Outra decisão tomada no decorrer do desenvolvimento do trabalho diz respeito à divulgação da imagem dos integrantes da comunidade. Nesta tese, por mais que eu veja o Facebook como espaço público – onde os dados dos usuários estão disponíveis para milhões de internautas, espalhados pelo mundo – optei por não trazer as respectivas imagens de seus perfis do ciberracistas e mantive ocultos os nomes utilizando apenas as siglas iniciais. Por fim, fiz análise dos dados coletados.

Logo, tentarei mergulhar nesse oceano de saber, tentando perceber as demandas que permeiam as discussões, além de aguçar minha sensibilidade para trazer e montar os fragmentos espalhados nessas vivências que nos permitiram apreciar, com efeito, a conjugação de perspectivas de análise, e as diferentes intencionalidades de investigação que assinalam a relevância desses conhecimentos. Em se tratando de aspectos metodológicos, das

diversas formas e de diferentes posicionamentos analíticos, pensei em contextos distintos de investigação, no interior das culturas múltiplas e cheias de contrastes.

Portanto, pretendi, com isso, propor um caminho metodológico antirracista para entender a complexidade do racismo, internalizado em outros espaços que demarcam a ativação de estruturas do passado, transportadas para outras que moldam e dão sentidos para sua produção, manutenção e permanência. Parece-me que, se existe alguma originalidade nesta tese, estará ligada, principalmente, em adentrar no fenômeno da produção do que denomino de ciberracismo direcionado à população negra, cuja disseminação se dá em conjuntura global.

Em relação ao marco temporal, a metodologia parafuso demonstra o movimento e o acionamento de trabalhar o passado no presente e fazer associações do presente a partir de experiências do passado, não deixando que o pesquisador fique estático em uma temporalidade, mas sim, no transitar entre elas. Esses elementos são cruciais para a análise de como se produz o pertencimento, a alteridade, a hierarquização e a transgressão social, além dos processos tensos, dinâmicos, ambíguos e ambivalentes de classificação (ENNES e MARCON,2014). Essa discussão relaciona-se com as leituras, reflexões e diálogos produzidos pelas linhas de pesquisa do doutorado, em Estudos Étnicos e Africanos – POSAFRO e no Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas- GERTS. Além disso, pegarei como eixo a diversidade de temas que permeia a discussão sobre as identidades negras, evidenciando que a categoria analítica de “raça” ainda é acionada em nosso imaginário¹⁹ enquanto discurso de diferenciação das pessoas dentro e fora das redes sociais. Nesse sentido, tal conceito consiste nos dias atuais como uma categoria de análise e como conceito êmico.

Raça é, aqui, entendida como uma categoria analítica social que pode ser refletida baseada numa organização que se impõe de forma coercitiva aos indivíduos de fora para dentro, isto é, a raça constitui uma realidade objetiva provocando significados por gerações, sobre o outro, sejam eles positivos ou negativos em âmbito individual ou de coletividade²⁰.

¹⁹ Ver: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²⁰ . Ver as pesquisas que discute raça: MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In L.M. Schwarcz & R. da S. Queiroz (Orgs.), **Raça e Diversidade** (p. 213-229). São Paulo: EDUSP, 1996; NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca**: As Relações Raciais em Itapetininga, São Paulo, EDUSP, 1998, SANTOS, J. R. **O que**

Assim sendo, a categoria de raça faz parte dos “construtos sociais, formas de identidade baseadas numa ideia biológica errônea, mas eficaz socialmente, para construir, manter e reproduzir diferenças e privilégios” que emerge “plenamente no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos” na esfera social (GUIMARÃES, 1999, p. 153).

Nessa mesma forma de pensamento, nos adverte o pensador camaronês Mbembe (2018, p. 27), em *Crítica da Razão Negra*, “só é possível falar da raça (ou do racismo) numa linguagem fatalmente imperfeita, dúbia, diria até inadequada”. Adentrando a sua profundidade, plasticidade e dimensionalidade, “a raça é ademais um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbação do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” que esse fenômeno de negação da humanidade de um grupo provoca nos atores sociais racializados, sendo um produto primário de manipulação e controle produzido a partir de um modelo difundido e estabelecido como padrão simbólico de civilização.

O sentido de raça, não pode ser captado apenas enquanto uma categoria política que alicerça e revela os processos de resistência ao racismo à brasileira, ele emerge como um objeto analítico crucial para entender esse fenômeno social ao revelar em sua intensidade que as práticas de racismo, discriminações e desigualdades, não podem ser desarticuladas da noção brasileira de “cor”, ou seja, deve - se levar em consideração, efetivamente os elementos raciais e não apenas de classe (GUIMARÃES, 1999, MARCON, 2015). Com isso, observa-se que a raça é operacionalizada nas relações sociais brasileiras na qualidade de um instrumento eficaz e indispensável para o processo de recrutamento ao acesso a posições na estrutura de classes.

Dessa maneira, ao indagar o porquê e como usar a categoria de raça na atualidade, se faz necessário entender as dinâmicas do racismo que se constituem de formas fluídas, e seus movimentos, no tempo e no espaço, se apresentam enquanto característica comum compartilhada pela maioria da sociedade capitalista multirracial contemporânea. Contudo é preciso observar que o racismo tem como principal marca a produção de discursos e atitudes, consolidada pelo imaginário de diferenciação e supremacia dos grupos contrastados. Além de

é **racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1999; SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001; SEGATO, Rita. **Raça é Signo**. Brasília: Série Antropologia. n.372. 2005

seu debate ser fomentado e prologando pela ciência da modernidade tardia, entre os séculos XX e XXI no tocante aos aspectos relacionados à moral, à estética, às características psicológicas, intelectuais e às questões religiosas, de acessos e oportunidades situados em uma escala de valores desiguais, como destacou Munanga (2003).

Ainda, o racismo deve ser entendido mais do que um reflexo epifenômeno da estrutura econômica, por ser alimentado e acionado em diferentes contextos históricos. A ressignificação desse fenômeno, evidencia-se através de sua persistência histórica que não deveria ser explicada apenas como um mero legado do passado, mas como instrumentos de diferenciação que são utilizados, como interesse de grupos, racialmente supraordenado no presente que criam critérios de diferenciação (HASENBALG, 1979; GONZALEZ & HASENBALG, 1982; MBEMBE, 2018). Isto é, a plasticidade e elasticidade da ideia de raça e racismo devem ser apreendidos desde os diferentes contextos em que são ativados. Verificando suas formas de modificações conforme as demandas históricas, deve-se perceber como os grupos racializados reelaboram suas formas de demarcar suas diferenças e reafirmar estruturas de violência e de hierarquia com o intuito de alimentar um sistema ideológico que classificam as pessoas em um processo de exposição individual ou coletivo.

Ao longo da exposição o racismo,

[...] estabelece fronteiras. O racismo segrega, exclui, desiguala. O racismo promove hierarquizações e fundamenta a construção de inferioridades inexistentes. No discurso, entre o dizível e o indizível, que se manifestam de diferentes formas. Na esfera do dizível, exercita-se o “dizer sem dizer”: usam-se de expressões que esvaziam o sentido negativo, pejorativo, degradante. A utilização de eufemismos é uma das estratégias do racismo discurso presente na sociedade brasileira. Na esfera do indizível, simplesmente utiliza-se do recurso da invisibilidade. Não dizer, não mostrar, negar a existência a partir de um lugar de hegemonia e poder (SANTOS, 2017, p. 27-28).

Naturalmente, as reflexões sobre as práticas de racismo constituem-se no cotidiano brasileiro enquanto um desafio ético e político, não só no que tange à moralidade, mas também um processo de responsabilidade às trajetórias das comunidades negras no país. Por conseguinte, desperta nos diferentes segmentos da sociedade, a problematização desse fenômeno no refinamento de compreender como as questões de raça e racismo se apresentam no pano de fundo da sociedade brasileira. De fato, fazendo com que surjam diferentes repertórios e posicionamentos acerca de debates que criam diferentes concepções, nas quais repassam as leituras das realidades negras atreladas às questões de negação, resistências,

solidariedade, conflito, culpa, superioridade de grupos e descrença da sua manutenção nas relações sociais no presente e de vergonha.

Esse último processo, ao ser analisado, torna-se um ponto crucial para entender o impacto desse fenômeno pois é, o momento em que as pessoas repensam, as formas como elas se veem, e a forma como os que estão na marginalidade as veem, que talvez sejam imagens diferentes e começam, então, a construir um quebra-cabeça com essas várias peças (KILOMBA, 2016). Grada Kilomba, completa suas ideias ao enfatizar que: [...] “Talvez percebam que elas representam o poder, a opressão, e daí se perguntem: Como eu começarei a desconstruir isso? Esse é o processo da vergonha – de reflexão, muito construtivo, que leva à outra etapa, que é a do reconhecimento” (KILOMBA, 2016, p.1). Com isso, as comunidades negras de diferentes realidades estão enquadradas nesse processo:

Descobrem-se vários conhecimentos, várias vozes e criam-se vários quebra-cabeças”. Estabelece-se uma agenda mais diversificada, com a inclusão de mais artistas e outras perspectivas. Isso leva à reparação, não a uma reparação financeira, mas a uma que dá espaço a mais vozes. Acho que é esse o processo, e nós do Sul estamos sempre entre a negação e a culpa, a culpa e a negação – dançamos entre as duas. Nos países do norte, especialmente na Alemanha – talvez por causa da guerra, do nacional-socialismo – houve um processo mais intenso e mais obrigatório, e acho que por isso eles dançam entre a culpa e a vergonha. Às vezes, chegam ao reconhecimento e voltam atrás. Mas lá já é possível apresentar esses trabalhos com uma outra dimensão (KILOMBA, 2016, p.1).

Aproximando das reflexões de Kilomba, Jamile Borges da Silva ressalta que na construção do discurso nacional brasileiro, o país tende a evocar a dor do negro, em vez de lembrar o processo de luta que evidencia as diversas formas de resistência a essa estrutura de violência, sustentada no discurso de reconhecimento desse passado que nega o protagonismo das comunidades negras. Assim, tentar fazer uma leitura no contrapelo é buscar compreender como se deu o protagonismo das comunidades negras, elemento essencial para reinventar a história escrita pelos vencedores, uma vez que ao pensar raça e racismo “há uma tendência a se fazer a musealização da dor, em vez de evocar a resistência” (SILVA, 2019, p.1).

Não é novidade que o racismo é herdeiro de produção científica pautada na categoria biológica que classificava e inferiorizava grupos. Além disso, o conhecimento produzido ao se aproximar do discurso católico da época, corroborou as afirmações nas relações de diferenciação e reconhecimento entre brancos e negros. Ao tentar sair das velhas interpretações canônicas de exposições coloniais e classificação, e transcender para uma leitura social abriu-se um leque de possibilidade para entender as sociedades e os movimentos pós-coloniais e

pós-independência, na coleta do fenômeno de raça e racismo no presente, que ganha novas formas e noções atravessadas por múltiplos processos de agenciamentos e dispositivos simbólicos que foram sendo reelaborados e aperfeiçoados dentro das esferas sociais, além de produzirem uma proposta antirracista em diferentes espaços e instituições (GOMES, 2017).

Enfatizo ainda, que a concepção de cor e raça da população brasileira vem adquirindo grande importância nas análises antirracistas, que evidenciam os conflitos e as desigualdades que se produzem no interior das relações sócio-raciais da sociedade brasileira ao demarcar lugares, tratamentos, deslocamentos, perfis identitários a partir de estéticas e aparências (GOMES, 2017). Considerando esse contexto, o posicionamento político pode aparecer nessas paisagens com o intuito de questionar a padronização, o enquadramento dos negros e as diferentes temáticas que atravessam as reflexões de cor, raça e racismo em um ato que demanda coragem. Ademais, o posicionamento crítico sobre as produções acadêmicas que invisibilizam, silenciam e criam particularidades exóticas sobre a temática em questão. Compreendo que a polemização de suas reflexões aciona diferentes posicionamentos políticos e sensações nos atores sociais que podem estar ligados a uma ideia de êxito, negligência, impunidade, transformação ou mudança entre brancos e negros, negros e negros, negros e pardos.

Vale ressaltar que a leitura dessas práticas na sociedade brasileira demonstra avanços no campo teórico e prático. Contudo, ainda é um ponto - chave, para pensar como esse fenômeno se constitui na atualidade, fazendo parte da agenda e da atuação de um processo mais amplo ao discutir a importância da humanização. Além de uma dívida histórica que foi negada na exploração das comunidades negras em contextos globais. Esse momento, analisa e descreve como vem sendo trabalhada e pensada as políticas e as agendas raciais em diferentes contextos que transitam entre o universo local e global em que é possível observar as limitações que emergem no processo relacional de mudança de uma sociedade aberta para as diferenças (SANSONE, 2004).

Sabe-se que o racismo à brasileira, conforme enfatizou Munanga (1996), Guimarães (2003), Willis-Esqueda (2008) e Maia e Zamora (2018), estrutura-se em aspectos que envolvem, repertório de violência e a desqualificação da aparência física da população negra. A imagem negada perpassa a cor da pele, a textura do cabelo, o formato do nariz e dos lábios, principais elementos para desqualificar e construir imagens estereotipadas. Como também

transita entre a concepção do que seria positivo e do que seria visto como negativo, tendo em vista ser a estética produto colocado em xeque para alimentar os julgamentos, alicerçados no parâmetro da estética branca (cabelo liso, pele clara e nariz afilado), padrão estabelecido socialmente para ser seguido por outros grupos raciais.

Nesse sentido, o fenômeno do racismo reverbera a partir de um sistema organizado e aplicado no contexto social, como instrumento de afirmação da exclusão. Em face disso, monta estruturas que, sistematicamente, reforçam os processos de desigualdades, desvantagens sociais e oportunidades limitadas para um grupo por causa de sua pertença racial. Por isso, os elementos compartilhados reforçam um discurso de inferioridade, ao serem negados e servirem de distinção na fronteira de reconhecimento com outros grupos. É importante saber que não se tem como pensar as relações raciais sem compreender como estas se estruturam em função de disputas de grupos pela afirmação de poder, status, delimitação de espaços sociais e identidade étnica. Sansone sinaliza que se:

[...] a identidade étnica não é entendida como essencial, é preciso concebê-la como um processo, afetado pela história e pelas circunstâncias contemporâneas e tanto pela dinâmica local quanto pela global. A identidade étnica pode ser considerada como um recurso cujo poder depende do contexto nacional ou regional. Ela é, portanto, uma história sem fim. Talvez devêssemos usar o termo “eticização”, em vez de etnicidade, como foi sugerido por Frigerio (2000), que enfatiza estarmos lidando mais com uma dinâmica do que com uma entidade (ao contrário do uso do termo etnicidade no sentido de origem, como se vê, por exemplo, na maneira como ele é usado pelo U.S. Census Bureau [Instituto de Recenseamento dos Estados Unidos (SANSONE, 2004, p.12)

As ponderações sobre o universo do racismo evidenciaram entre os séculos XX e XXI a elaboração de conceitos e expressões para dar conta da dinâmica do fenômeno, cujas variações marcam, demarcam e constituem diferentes formas teóricas e conceituais, entre estas se destacam @s) : supremacia racial, relações raciais, branquitude, democracias raciais, cegueiras raciais, sensibilidades raciais, preconceito racial, discriminação racial, racismo institucional, racismo estrutural, segregação racial, racismo ambiental ou ecológico, solidão racial, doriedade racial, sonoridade racial, relações de gênero (mulheres negras e masculinidades negras), críticas raciais, teorias e práticas antirracistas. Também enfatizam a formulação da concepção de ciberracismo, que se dá com a sofisticação das velhas práticas de racismo em novos espaços de forma dinâmica, naturalizando-se e adaptando-se às mudanças contemporâneas, como um fenômeno particular implicado pela agência e pela representação das comunidades negras.

É preciso considerar que as investigações atuais têm demonstrado os impactos das práticas racistas, na educação Munanga (1996;2001;2003), Silva (2013) Gomes (2017); nas lutas do feminismo negro Evaristo (2008) Ribeiro (2018) Figueiredo e Gomes P. (2016), Figueiredo (2018) e Akotirene (2019) no mundo do trabalho, na promoção à saúde Bastos, Celeste, Faerstein, & Barros, (2011); Faro & Pereira, (2011), no mundo digital Raucha & Schanz (2013), Museu Negro digital Silva (2012) Sansone (2012) nas reflexões sobre masculinidades negras Osmundo (2012;2014a; 2014b) Faustino (2014) e na filosofia africana e decolonial Saraiva (2016).

Diante desse quadro, tanto raça quanto racismo nos antecedem e nos acompanham, uma vez que suas principais atualizações estão relacionadas a repertórios do passado que são transmitidos de forma geracional, e isso, se poderia chamar de pedagogias raciais. As pedagogias raciais ou racializadas garantem ainda a reprodução do poder hegemônico sobre grupos, que ocasionam o contraste das desigualdades, das quais são chanceladas pelas instituições ao longo do tempo, que oficializaram as estruturas de diferenciação como peça fundamental que alimenta as regras do jogo. A ausência de leis, durante muito tempo é o registro de sua ilegalidade, e a elaboração dessas leis sem cumprimento, potencializa as estruturas de insubordinações.

As classificações que alicerçam as pedagogias de raças, criam a ideia de que todas as comunidades negras são violentas, rancorosas, extremistas, em situação de vulnerabilidade e fragilidades, visto que adota como critério de julgamento, as táticas do poder colonial as quais se movimentam para a inércia e congelamento de suas ações no sofrimento e na exploração de seus corpos. Todavia, dentro dessas pedagogias raciais, tem uma vertente de desconstrução antirracista que desmonta as estratégias que as comunidades negras elaboram para combater as práticas racistas alimentadas no íntimo das nações.

Vinculada a essa concepção, a incorporação das categorias de raça, racismo e da produção social do negro é vista como uma força agressiva e nos torna, isso que somos – superfícies naturalizadas pela ilusão ontológica do binarismo colonial com finalidades de sermos sempre o relegado da história oficial (OLIVEIRA JUNIOR,2020). Esse é um dos artifícios mais poderosos já criados no campo moralidade social distinta, onde fomos naturalizados na ideia de que somos natureza anterior aos artifícios, e não matéria ao acaso da opressão, assim, existe uma cumplicidade entre a ilusão da natureza racial na ordem da

manutenção do sistema colonial que criam critérios para o funcionamento das sociedades multi/pluriculturais e que afeta o campo das emoções e dos sentimentos das comunidades negras (medo, pânico, temor, angústia, exaustão, dor, cansaço, culpa, mal-estar, esperança) .

Assim, a grande questão que suscitarei enquanto problema de pesquisa será compreender como se constituem as práticas de racismo nas redes sociais brasileiras, enquanto mecanismo para fins de inferiorização e diferenciação étnica. Dessa forma, interessa entender os questionamentos: Como opera o fenômeno do ciberracismo na rede social Facebook no ciberespaço em tempos digitais? Quais os mecanismos acionados? E de que forma repercutem estas práticas no cotidiano brasileiro? As indagações formuladas foram indispensáveis para a reflexão da proposta em questão.

Sob essa ótica de responder a essas questões, parti da hipótese de que as redes sociais brasileiras vêm evidenciando diferentes práticas ciberracistas, especificamente as direcionadas às comunidades negras, desde a produção e reprodução do racismo no mundo digital que se apresenta, no momento, como mais um espaço onde essa violência é revelada, cujo ato sempre existiu no cotidiano de nosso país. Porém se diferencia no momento em que os mecanismos de disfarce, anonimato, uso de algoritmo entram em cena, sem esquecer os harts ou trolls, pessoas que entram na interação das redes sociais para disseminar o ódio, com intuito de desestabilizar pessoas ou certos grupos sociais para humilhar, ridicularizar e mexer com suas estruturas emocionais (REBS & ERNST, 2017). Assim, o ciberracismo é perpetuado no ambiente virtual se apresenta a partir das formas de expressões e de denúncia e ganham agora uma dimensão global.

É inegável que o mundo vem passando por uma metamorfose, ao se firmarem os arranjos das conectividades globais das relações sociais no mundo virtual. Em vista disso, os efeitos extrapolam as bordas da vida real e da vida social que se interligam produzindo um novo fenômeno social. A incorporação das tecnologias de comunicação no cotidiano propiciou maior mobilidade geográfica e rapidez da circulação nas informações e ampliou a interação entre pessoas de diferentes espaços e contextos. Compreende-se então que a internet modificou a própria concepção de tempo e espaço ao expandir suas fronteiras no ambiente virtual. Sendo assim, criou novas locomoções, sociabilidades, conflitos e configurações de se entender o mundo, extremamente interligado, onde os sujeitos compartilham e vivenciam uma

nova conjuntura de interatividade social que se baseia na concepção de “autonomia”, “domínio” e “rapidez da circulação da informação”.

É preciso considerar que esse novo movimento ajudará a refletir sobre as novas fronteiras geopolíticas alicerçadas na internet e, especificamente, nas redes sociais, que nos levam a pensar sobre ampliação das zonas limítrofes dos estados/países que transitam entre a concepção de nacional/internacional, ou entre a ideia de Local/ Global nessas etnopaisagens (APPADURAI,1996). Portanto, busco pensar o território não apenas como algo físico, mas entender suas dimensões política e cultural, ou seja, aquele marcado pelos jogos de identidades. Evidentemente as concepções tanto culturais quanto políticas são de difíceis limitações e por vezes possuem fronteiras fluídas, e no caso, aqui, a ser analisado, a compreensão cultural do território mostra-se mutável e ampla, passando por blogs que podem ter vida efêmera, até comunidades virtuais com particularidade distintas.

Nessa seara, diferentes espaços (blogs, páginas na web, sites...) são produzidos para apresentar e debater temas que se encontram nas pautas de discussões de cada indivíduo que está conectado nesse espaço. Assim, não se pode negar as mudanças realizadas diante da inserção da internet na sociedade, pois, em um mínimo espaço de tempo, com apenas um clique, as informações são disseminadas para diferentes internautas, transcendendo e extrapolando as fronteiras imaginárias do Estado-Nação. Com isso, o universo do ciberespaço pode ser captado enquanto um ambiente desterritorializante, mas sem essa dinâmica não existiriam as novas configurações de reterritorializações (LEMOS,2007).

Deve-se salientar que a importância de olhar para as novas formas de conceber o ambiente virtual, como territórios em constantes movimentos geram novas expectativas, no indivíduo ou grupo, de se colocarem no mundo, além de dissolver no ar as fronteiras territoriais. Tudo isso está articulado ao processo de globalização que produz um fenômeno conhecido como desterritorialização das relações sócio- culturais que transformam uma identidade individual numa identidade coletiva. Também não são colocadas em jogo as barreiras nacionais delimitadas nesse universo fragmentado, cujas referências não mais se constroem a partir de uma ideia de território estável (APPADURAI 1990; ORTIZ 1999 HAESBAERT, 2005). Dessa forma, a internet pode ser vista, em alguns contextos, como um espaço de fragmentação identitária ou um lugar desterritorializado, causado pela globalização e situando-a como um ambiente onde somos diretamente influenciados pela nova

compreensão de espaço-tempo, se apresentando no presente, como um campo singular de resignificação.

É importante saber que os indivíduos adentram a internet em busca de aproximar-se de seus semelhantes e descobrem que esse ambiente é um campo fértil de reterritorialização de suas identidades. Destarte, comungo com Appadurai (1990) e Haesbaert (2004) que toda desterritorialização gera novos processos de reterritorialização, assim, torna-se fácil captar esse fenômeno na internet a partir da criação e elaboração de comunidades virtuais. Mafessoli (1996) aponta que os indivíduos buscam formar sociedade no ambiente virtual motivados pela necessidade de se relacionar e se envolver com pessoas que compartilhem dos mesmos ideais. Portanto, foi possível refletir sobre os conceitos de territorialidades, mobilidades e fronteiras que são elementos cruciais para problematizar as concepções que foram apresentadas e levantadas, acima, a partir do olhar para as novas formas de conceber o ambiente virtual enquanto um território explorado. Além disso, foi interessante observar como são transportadas as velhas práticas de violência para esse ambiente, como as práticas do racismo que aparecem nas paisagens desse novo cenário.

Devo enfatizar, que os crimes de ciberracismo também se ampliam e deixam de ser nacional quando ganham uma dimensão internacional, surgindo um novo desafio dentro da responsabilidade penal no que se refere às práticas do racismo. Considero ainda, que a prática ciberracista vem alcançando novos espaços, por exemplo as redes sociais. Logo, o resultado do ciberracismo nesse espaço, gravita desde os discursos criados e reproduzidos que remetem sempre a referenciais, mais ou menos estáveis sobre o contexto histórico e social da população negra. Além disso, é por meio das postagens que os discursos racistas ganham visibilidade, ocorrem como escolhas específicas de alguns atores sociais que se sentem, muitas vezes, mais protegidos e encorajados de exporem suas opiniões sem as identidades reveladas, diferentemente, do acionamento do racismo com a presença do corpo físico.

É importante notar que, a situação do Brasil referente aos processos de democratização, conexão e inserção no universo da internet, deve ser pensada segundo sua complexidade conjectural. Logo se observam os problemas e dilemas da inclusão digital que emergem, como um dispositivo aleatório, mas importante e carregado de sentido de minimizar a exclusão digital e potencializar o acesso. Sendo assim, o desafio é criar formas efetivas de comunicação que fortaleçam a democracia (LEMOS,2007). Destarte, esta posição

peculiar em que se encontra o país faz com que a internet brasileira crie uma arena de manifestação política de suma importância para auxiliar no entendimento de seus mecanismos que contribuem para captar o fenômeno das relações raciais nesse contexto e entender seu rumo.

Acrescento também que, após o delineamento do objeto e de situar suas reflexões no âmbito das relações raciais foi possível perceber as diferentes formas que o ciberracismo ganha dentro do ciberespaço, sendo pauta central nas paisagens de vários países como Austrália, Estados Unidos, Canadá, México, França, inclusive sendo reelaboradas nas realidades brasileiras e em virtude disso, o ciberracismo pode ser apreendido de diferentes maneiras, dependendo do contexto inicial em que foi acionado.

Apresentadas as considerações a respeito do objeto da pesquisa e delimitados os referenciais teóricos que nortearam as reflexões, passo a apresentar a estrutura da tese, dividida em seis capítulos. Na introdução contextualizei a proposta de pesquisa, expondo os principais elementos que compõem a tese, justificativa, os processos metodológicos, os objetivos, as perguntas a serem respondidas e os principais fundamentos teóricos que foram basilares para pensar o objeto de pesquisa.

No segundo capítulo, **As diferentes faces do racismo: as comunidades negras representadas nos meios de comunicação e sociabilidade no Brasil**, objetivo apresentar as reflexões tecidas, a partir do corpus teórico selecionado, que destacaram em suas pesquisas os indícios das pautas das comunidades negras nos meios de comunicação no Brasil. Nesse percurso, observo as práticas de racismo e seu combate, nesse universo, com o intuito de apreender os movimentos políticos os quais se formaram por trás desse fenômeno, ao longo do tempo, e perpassaram os diferentes veículos de informação e de sociabilidade, tendo em destaque: o jornal, o rádio, a TV até adentrar na internet. É fundamental entender o poder exercido por esses canais que muitas vezes, corroborou para asfixiar de forma direta o protagonismo das populações negras, o que implicou como forma alternativa de tratamento das distorções estruturais o posicionamento político, as estratégias de resistências, perante a esses mecanismos de dominação e poder. Ao pensar as práticas de racismo nos canais de comunicação é imprescindível refletir em que espaço essas informações circulam, quem consome essas informações e quais ideias são disseminadas numa esfera pública. Enfim, partindo da concepção de que tais discursos racistas estão no jogo da construção de opiniões e

posicionamentos sociais - dentro da esfera social, isto é, tornam-se parte integrante de uma vicissitude em que estão implícitas, intrinsecamente as relações de dominação, poder, valor e de status sociais.

No terceiro capítulo, **fios condutores: o fenômeno do ciberracismo no Facebook e suas implicações no contexto brasileiro**, busco refinar o olhar para o ciberespaço, a fim de captar suas dinâmicas, o curso que se abre nesse traslado ao observar os obstáculos, as alterações e seu deslocamento para outros espaços para se manter em cena na fluidez da vida humana. Além disso, analiso o desenhar do debate acerca do ciberracismo e suas implicações, na rede social Facebook, que parte do impacto de sua disseminação e efetivação que afeta os contextos sociais brasileiros. Por essa razão, será evocada, inicialmente, a produção do saber acerca do fenômeno do ciberracismo e logo após, procuro entender como o ciberracismo à brasileira se desenvolveu no Facebook. Depois do delineamento do que pretendo problematizar, é possível pensar sobre as possibilidades abertas para o desenvolvimento da pesquisa a respeito do ciberracismo. A vista dos confrontos, posicionalidades, alianças e estratégias de ambas (defesa e violência, enquadramento e diferenciação) as partes, são virtualizadas e disponibilizadas como materialidades que surgem na diferenciação e enquadramento do outro, de sorte que se cria, simultaneamente, um reconhecimento pejorativo que emerge nas tensões travadas em/ nas redes a partir das práticas evidenciadas na análise e interpretação dos resultados obtidos em lócus.

No quarto capítulo, **Entre a rua e o ciberespaço: ciberativism@ negr@ e redes de enfrentamento do ciberracismo no Facebook uma proposta ciberantirracista no Brasil**, pretendo perceber como as comunidades negras vêm se articulando e influenciando diferentes atores sociais para as mobilizações e engajamento político em rede, em um processo de pluralização de vozes, e respeito alicerçados nas diferenças de corpos racializados. Assim as pautas d@s ciberativistas circundam acerca da ideia de liberdade, na diferença que adentra o campo dos debates diante da ideia da dor, do falar, do existir e resistir e das trocas de saberes transmutadas para o ciberespaço, o qual enfatiza o respeito dos referenciais negros dentro da esfera social em suas diferentes dimensões utilizadas nas experiências em rede. Vale ressaltar que a emancipação é uma pauta que auxilia nessa proposta de efetivação ciberantirracista, sendo necessário que se entenda o jogo, suas limitações impostas e os obstáculos que as comunidades negras têm que enfrentar no universo virtual. Portanto, sua concepção evidencia

processos desiguais que limitam e marcam corpos, segregam histórias e violentam vidas. Ademais, deve-se pensar como a pluralização de vozes com o advento da internet e das redes sociais, tornaram-se um ponto-chave de conexão, uma vez que os portais do mundo negro se abrem para reafirmar suas forças de solidariedade e sociabilidade nas pautas sobre os conflitos direcionados às vidas negras.

No quinto capítulo, **Na indisciplinabilidade do saber: a metodologia parafuso enquanto uma estratégia epistemológica ciberantirracista para análise do ciberespaço**, tive o intuito de apresentar uma proposta metodológica antirracista na indisciplinabilidade do saber que neste caso, parte da metodologia parafuso, como um caminho de múltiplas possibilidades de reflexões que auxiliam para chegar em determinados fins. Além disso, demonstro sua aplicabilidade na tese, dialogando com outros procedimentos metodológicos que contribuem para o diálogo contínuo, o qual demarca as possibilidades de se fazer pesquisa no fluxo das relações que são estabelecidas, intrinsecamente pelos pesquisadores. Então, eles moldam de forma crítica e reflexiva ao ressaltar a importância de entender, metodologicamente, as escolhas, os procedimentos e as etapas que devem ser seguidas para obtenção de um resultado denso do fenômeno estudado, evidenciando assim, os traços estilísticos, maneiras de se pensar e posicionamento diversos que podem ser utilizados na produção e elaboração do saber.

Por fim, **Desconectado - para não concluir** retomo os objetivos, a tese e os resultados, buscando fazer uma análise a respeito do problema de pesquisa, bem como mostrar em que medida os objetivos foram de fato alcançados.

CAPÍTULO II

AS DIFERENTES FACES DO RACISMO: AS COMUNIDADES NEGRAS REPRESENTADAS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIABILIDADE NO BRASIL

Bom exemplo é a construção, pense em paredes de uma residência tijolos formam a estrutura com concreto arquitetura tem formato e aparência.

Sociedade é construção e o racismo é o cimento; componente estrutural formador fundamental do interior e do acabamento.

Nessa fala eu acrescento nossa estrutura social, foi forjada no sofrimento houve esforço intencional, atuante, fraudulento, apoio internacional à tese do branqueamento, descolorindo e repintando tinta de sangue e caneta, se não branqueou os corpos, alvejou as almas pretas impôs ao traço apagamento.

Resultado: parda morena, mulata mestiça. 400 anos de injustiça e a paz se fez mais omissa que a melanina nessa tez? Então compreenda de uma vez.

Se a tua história te pigmenta e a sociedade te lê marginal, há necessidade te orienta! a querer justiça racial, mas eu sugiro que seja atenta, não só cortar o eufemismo, mas lutar por protagonismo no que realmente te representa, porque se o racismo experimenta respeita a regra geral é mais cruel para quem aparenta, quanto mais preto mais desigual, mas há motivo de luta pra todas nós afinal.

Preferida ou preterida, preta ou parda IBGE, a vantagem é auferida por que o sistema racista quer, queremos desconstrução porque tentar sugar cimento sem romper essa estrutura é como por atadura em anos de adoecimento; conserto é planejamento consciência e postura análise de conjuntura, vontade conhecimento.

Educação, Educação rima com coisa muito simples. Rima com escola falando das coisas nossas, mas não só em novembro, rima com aprender que questão racial é esforço coletivo; e quer tem medo da polícia, não é por acaso! Que a propaganda não é inocente, e que se a senhora preta não te olha nos olhos para falar com você doutor, é responsabilidade sua educar os seus filhos pra respeitar os meus filhos para que as próximas senhoras pretas não tenham esse peso no olhar.

Sociedade é construção e o racismo é o cimento componente estrutural formador fundamental do interior do acabamento, tem que haver desconstrução porque tentar sugar cimento sem romper a estrutura é como por atadura em anos de adoecimento, conserto é planejamento, consciência e postura, análise de conjuntura, vontade conhecimento.

Soninha Freitas

Os veículos de informação e de sociabilidade no Brasil²¹, continuamente, produziram notícias sobre as populações negras de nosso país que sempre apareceram e estiveram presentes nas pautas temáticas semanais, desses meios de comunicação, a partir dos calorosos debates que, ora são realizados para discutir sobre a situação das populações negras, ora para trazer os perigos que esses poderiam ocasionar no contexto social. Tendo - se em mente que essa visão se perpetua ainda no presente, nesses instrumentos que também legitimam a desigualdade social/racial da sociedade brasileira. Além disso, esses canais informativos ainda efetivaram a lógica racista e catalisam as expressões políticas das comunidades negras, que durante muito tempo não tiveram, na grande maioria, acesso a esses meios que difundiram e reproduzem discursos de violências, como também questionaram sobre seus papéis dentro da sociedade.

Voltando às concepções iniciais, percebe-se que a forma como o racismo se desenvolve nos veículos de comunicação no Brasil, exhibe uma feição, visivelmente de controle, repulsão das comunidades negras e negação de sua existência, que historicamente, se consolidou com o confinamento e o afastamento desse grupo do meio social. Além disso, a aversão de suas práticas culturais, a ausência desse segmento nos espaços políticos, de sociabilidade e lazer foram articulados com as reflexões acerca do desenvolvimento da nação que perpassou por diferentes medidas e debates desde os códigos de leis de posturas, higienistas, educacionais e constituição brasileira que, primeiramente, foram introduzidos nos jornais, percorrendo o rádio, a televisão e por último se consolidaram no ciberespaço.

Dessa forma, o afloramento dos meios de comunicação eletrônicos na esfera social, alterou decisivamente, o campo mais vasto dos meios de comunicação de massa e outros meios de comunicação tradicionais que ao longo dos anos foram se aperfeiçoando “isto não é

²¹ Emergia durante todo período imperial, a imprensa jornalística em diferentes partes do território que aos poucos se consolidava enquanto um importante meio de comunicação, pode-se destacar cronologicamente os seguintes periódicos: Correio Braziliense- RJ (1808); Gazeta do Rio de Janeiro- RJ (1808); Idade do Ouro- Salvador- BA (1811) Diário do Rio de Janeiro-RJ (1821); Conciliador –Maranhão(1821); O Paraense – Belém (1822); O Paulista- São Paulo (1823); Diário do Governo do Ceará - Ceará (1824); Diário de Pernambuco (1825); Gazeta do Governo da Parahyba do Norte- Paraíba (1826); Matutina Meyapontense- Goiás (1830); Iris Alagoense- Alagoas (1831), Catharinense - Santa Catarina (1831); Recopilador Sergipano- Sergipe (1832); O Piauiense- Piauí (1832); O Homem de Cor – Rio de Janeiro (1833); o Themis Matogrossense- Mato Grosso (1839); O Estafeta- Espírito Santo (1840); cinco de setembro – Amazonas (1851); O Dezenove de Dezembro- Paraná (1853); Jornal Gazeta de Notícias- RJ (1875);Diário de Minas- Minas Gerais (1866); O Paiz-RJ (1884); Diário de Notícias- Salvador (1875); A República- Rio Grande do Norte (1890); jornal “O Humaytaense – Rondônia (1891) Correio do Povo- Rio Grande do Sul (1895) .

uma fetichização monocausal da electrónica. Esses meios de comunicação transformam o campo da mediatização de massas porque oferecem a construção eus imaginados e de mundos imaginados novos recursos e novas disciplinas” (APPADURAI, 1996, p.14). Dessa maneira,

[...] é um processo extremamente relacional, os processos de comunicação eletrônico marcam e reconstituem um campo muito mais vasto em que a, comunicação escrita e outras formas de comunicação oral, visual e auditiva podem continuar a ser importantes. Fazendo com que através de artifícios como a condensação de notícias em bytes audiovisuais, através da tensão entre espaços públicos do cinema e os espaços mais exclusivos do vídeo através da imediatidade da sua absorção no discurso público e através da tendência para os associar a sedução, a cosmopolitismo e a novidade, meios de comunicação electrónicos (estejam eles ligados a notícias, política, vida familiar ou diversão e espetáculos) tendem a interrogar, subverter e transformar outras literacias contextuais (APPADURAI, 1996, p.14).

Outrossim, será apresentar as reflexões que se destacaram nessa pesquisa como os indícios das pautas das comunidades negras. Nesse percurso, observo as práticas de racismo e seu combate nos meios de comunicação no Brasil, com o intuito de captar os movimentos políticos que se formaram por trás desse fenômeno ao longo do tempo, por meio dos diferentes veículos de informação e de sociabilidade, destacando-se: o jornal, o rádio, a TV até adentrar na internet. Com efeito, a indagação que norteou esse capítulo foi entender o seguinte questionamento: qual o lugar dos veículos de comunicação no entendimento do racismo e antirracismo no Brasil? Portanto, busquei entender o poder exercido por esses canais que muitas vezes, contribuiu para asfixiar de forma direta o protagonismo das populações negras, o que implicou como forma alternativa de tratamento das distorções estruturais o posicionamento político, as estratégias de resistências, ante a esses mecanismos de dominação e poder.

Para isso, apliquei a metodologia parafuso na literatura a partir da própria noção de giro, que pode ser percebido em sentido horário e anti-horário a fim de captar os processos sociais que se constituíram ao longo do tempo. Para além disso, testarei como essa metodologia pode favorecer para pensar as dinâmicas que o racismo produz dentro da sociedade brasileira, visto que os meios de comunicação e sociabilidade podem ser cogitados como uma grande anágua colonial que pode ser utilizada tanto para reforçar o racismo, mantendo o padrão existente quanto uma ferramenta que pode ser ressignificada para combater, fugir e denunciar o racismo imposto às pessoas negras.

De fato, ao pensar as práticas de racismo nos canais de comunicação é necessário refletir em que espaço essas informações circularam, quem consome essas informações e quais ideias são disseminadas numa esfera pública, partindo da concepção que tais discursos racistas estão no jogo da construção de opiniões e posicionamentos sociais - dentro da esfera social, isto é, tornam-se parte integrante de uma vicissitude em que estão implícitas intrinsecamente as relações de dominação, poder, valor e de status sociais. É importante levar em consideração que numa sociedade como a nossa, o racismo tem extrema capacidade de se camuflar e se transfigurar. Embora, mesmo perceptível, possui deslocamentos fazendo com que passe de um estado para outra condição, utilizando-se de sua plasticidade para desfocar as ações, a fim de não ser detectado dentro da estrutura social. Com isso, este capítulo interliga a tese que defendo em observar o movimento do racismo e seu impacto e produção no mundo digital ao circular de forma intensa por diferentes meios e veículos de informação no Brasil, extrapolando para outras realidades.

2.1 Construção de discursos e representações raciais: o jornal enquanto fonte e lugar de resistência negra no Brasil

Inicialmente, pensar como se constrói uma reflexão sobre os meios de comunicação no Brasil referentes às comunidades negras e como aparecem nos jornais tornaram-se a chave para as reflexões acerca do seu percurso no país. Não se pode negar que eles foram utilizados como subsídios teórico- metodológicos que potencializaram rastrear as experiências negras dentro e fora do Brasil. Nesse caminho espinhoso e de diferentes acessos, diversos segmentos da sociedade brasileira produziram várias leituras e interpretações sobre as questões étnico-raciais. Oportunamente, pode se observar que se valeram da imprensa jornalística ora, para expor suas opiniões referentes ao debate da inferioridade das comunidades negras no Brasil, ora os jornais apareciam como um mecanismo de luta e reivindicação de espaços e opiniões das comunidades negras, fazendo com que ambos posicionamentos temáticos ficassem no topo da agenda nacional.

Em relação à imprensa negra, o questionamento da democracia racial também foi o ponto central, ao buscarem desestabilizar uma neutralidade e passividade do povo negro e mostrar os protagonismos de resistência, na época, elaborando outras formas de leitura social que evidenciam um posicionamento político perante os paradigmas de exclusão impostos às comunidades negras. Nesse momento, o jornal constituiu um importante mecanismo para

ressaltar os discursos, embates e posicionamentos contra ou a favor das relações raciais, como também os pesquisadores utilizaram-no para pensar as diferentes faces das relações raciais no Brasil.

O primeiro pesquisador negro que teve acesso, mesmo de forma indireta, para ressaltar a presença das comunidades negras na imprensa brasileira foi Nabuco (1863) em seu livro *O Abolicionismo* de 1863, que retrata a força da imprensa no período imperial e seu afloramento para os diversos segmentos da sociedade brasileira. Esse instrumento foi importante no processo de democratização da história do país. É possível notar no seu escrito, um destaque para o advento do abolicionismo articulado com o partido Liberal que repensava as bases de opressão solidificadas pelo sistema escravista. Posto isso, salientou que o estrangeiro que se adentra ao território brasileiro, ao abrir um dos nossos jornais era comum encontrar estampada uma fotografia da escravidão, podendo ser considerada mais verdadeira do que qualquer pintura produzida nesse espaço que de certo modo, consolidava as formas visuais as quais estabeleciam uma certa noção de representação às comunidades negras existentes em diferentes realidades do país.

Outro ponto, que faz paralelo com os dias atuais são os anúncios produzidos nos jornais utilizados como ferramenta incisiva para o entendimento da escravidão implantada no Brasil, ao constituir uma das documentações cruciais para restaurar esse passado e perceber os mecanismos impostos na época.

Nabuco (1863) fez aflorar no íntimo da sociedade brasileira um grande movimento acerca da sociedade escravista, resultando numa imediata repercussão social, em defesa da liberdade dos escravizados. A imprensa começava a se moldar, enquanto uma ferramenta de caráter científico e político, exercendo, regularmente, o papel de tribuna permanente da discussão em torno da questão servil e da abolição da escravatura. As vibrações produzidas a partir do seu posicionamento e combate do sistema escravocrata, fez com que aparecessem, no cenário de protesto, outros porta-vozes da luta, dentre eles, André Rebouças, cuja contribuição se deu no aprofundamento das questões referentes ao estudo da abolição projetada enquanto uma estratégia de longo alcance e circulação.

Ao tempo em que o movimento ganhava força nacionalmente, eram criadas em diferentes realidades as sociedades abolicionistas, e fundados os jornais que as províncias mantinham, tornando-se a principal arma em defesa da circulação das ideias e da liberdade das comunidades negras. Esse meio de comunicação foi mobilizado no debate sobre a

escravidão e, posteriormente, aparece como um importante documento que retrataria as experiências e o modo de vida dos africanos e seus descendentes.

Assim, não é por acaso que Rodrigues (1982/1906), utilizou os jornais como fonte de pesquisas para retratar as práticas das populações negras. Em *Os Africanos no Brasil* de 1906, é possível observar que os jornais foram mobilizados para retratar debates acerca de temáticas que perpassam as questões de: língua, religião, festas e tradições, folclore, entrada e saída de africanos nos portos brasileiros, nações, escravidão, os levantes e insurreições, danças, cantigas e repressão aos terreiros. Então, o uso dessas fontes possibilitou trazer à tona os aspectos específicos sobre os africanos e seus descendentes articulados com a tese de criminalidade negra, que se apoia na excursão dos conceitos de moral e de justiça dos povos pretos, introduzidos no Brasil pelo tráfico negreiro.

Dessa forma, as fontes jornalísticas foram utilizadas para afirmar padrões de condutas e hábitos de comportamentos, consumo e formação de personalidade das comunidades negras de nosso país, uma vez que os jornais foram “instrumentos de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO e PRADO, 1980, p. 19). Os jornais foram utilizados para demonstrar possíveis debates, orientações, opiniões através do fluxo de notícias que materializaram o conhecimento da época, que, ao analisá-las foi possível captar suas intencionalidades (SODRÉ, 1966).

Tanto Nabuco (1863) quanto Rodrigues (1982/1906) utilizaram das fontes jornalísticas de forma indireta em suas pesquisas. No caso de Nabuco (1863) chama a atenção para o uso dessas fontes para trazer informações para o estudo do negro no Brasil. Já Rodrigues, (1982/1906) mesmo não utilizando como fonte historiográfica, apresenta os jornais para afirmar certos debates e ideias proferidos e difundidos sobre as experiências e inferioridades das comunidades negras de nosso país. Dessa busca das experiências negras emergem os estudos das relações raciais no Brasil permeados de diferentes posicionamentos.

Além de tudo, alguns intelectuais negros como Manoel Querino se apropriou desse recurso para expressar suas ideias acerca da situação das populações negras na imprensa baiana, trazendo para o conhecimento público, temáticas relacionadas ao cotidiano dos africanos, a catalogação da herança africana nos costumes brasileiros (contos populares, alimentação, práticas religiosas o candomblé, as festividades, casamento e habitações), e retratou os processos de resistências individuais e coletivas (as alforrias, as revoltas, os

suicídios, os processos de liberdade, as violências e a formação da família), chamou a atenção para o trabalho de rua, as sociabilidades ligadas ao lazer e às diversões. Além disso, posicionou-se criticamente sobre o lugar do negro no pós - abolição e destacou a importância da instrução como solução para os problemas que assolavam as populações negras no contexto baiano (QUERINO, 1916;1918;1938).

É fato que, seus embates nos jornais evidenciaram as trajetórias de africanos e de seus descendentes, a partir da recuperação das memórias e oralidades que auxiliaram no confronto com as ideias da sociedade vigente. Desde os escritos produzidos nos jornais e alguns periódicos, foi possível perceber sua sensibilidade em registrar os problemas nos quais se encontravam as populações negras no último quartel do século XIX para início do XX. Para Leal,

Querino reconhece a necessidade de não enterrar o passado. Para ele, lembrar se torna um exercício de re-fazer o percurso de uma experiência que haveria de ser apagada pela luz do progresso. Ao registrar sentimentos e ressentimentos, concretiza na escrita o que se pensava, assistiu, ouviu, aprendeu, e experimentou na sua própria trajetória enredada no circuito de tantas outras que por ele cruzaram. Fez registrar o que teve significado nas entrelinhas de uma leitura própria de um cronista, de um artista, de um poeta que, ao utilizar-se da memória e da observação, fez desabrochar uma ira, uma vergonha, uma decepção! Nada foi salvo! O progresso matou, porém não deveria de sepultar a memória de quem, com astúcia e agudeza, imprimiu em seus escritos a passagem da “era da penumbra” para ocultar a dita “das luzes da civilização” (LEAL,2016, p. 165).

O que Manoel Querino, nos apresenta é a dimensão político-científica dos jornais no entre século, além de nos levar a entender como os pesquisadores negros problematizavam as relações raciais e de que forma estas foram tratadas ao revelar as iniciativas referentes ao lugar do negro no contexto social brasileiro.

Portanto, já se observa como os meios de comunicação efetivados serviram como subsídios para analisar a sociedade da época, mesmo muitos não tendo acesso. Um dos pesquisadores que se encontraram na dimensão de informações sobre as comunidades negras presentes nos jornais foi Bastide (1951). Ele tornou-se o primeiro pesquisador em solo brasileiro a trabalhar a imprensa negra como uma fonte importante de pesquisa, cuja principal contribuição foi entender a dimensão política das populações negras. Especificamente, traz essa ideia em sua pesquisa intitulada *A imprensa negra do Estado de São Paulo* que

colaborou, significativamente para o debate acerca da presença do negro dentro desses veículos de informação. Um dos pontos centrais em sua análise era adentrar no universo das mentalidades da raça, nesse caso, os das populações negras, para isso questionou desde sua produção, consumo e circulação, além de refletir sobre a vida efêmera desses meios.

Outro ponto, que aparece, é que essa imprensa tratava de questões raciais/ sociais, e que os jornais eram direcionados para as pessoas mais pobres da sociedade paulista. Além disso, apresenta a formação de uma classe média negra que conseguiu superar as dificuldades enfrentadas, e ao longo do tempo tornar-se “o eco de toda uma classe de cor” (BASTIDES, 1951, p. 130), representadas, na grande maioria, por patrocinadores desses jornais que difundiam os sentimentos coletivos e denunciavam as violências que persistiram no decorrer do tempo. Bastides destaca que:

Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando os valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é um órgão de protesto: e isso é verdade tanto na América do Sul como na América do Norte; o preconceito de cor pode tomar formas larvadas, nem por isso deixa de existir e mesmo que não exista, o negro crê senti-lo; terá, pois, que se insurgir e o jornal lhe servirá para fazer ouvir seu protesto (BASTIDES, 1951, p.130).

Além disso, os jornais também traziam parte do cotidiano e das experiências sociais das populações negras no tocante “à vida social, às festas, aos bailes, às recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes”. Também exprimiam o status social e a honorabilidade ao relatar as “entradas em clubes de assistir a tal recepção é um critério que o localiza na "boa sociedade" do lugar” (BASTIDES, 1951, p.130). Desta forma, “o negro deseja também provar ao branco que tem sua honorabilidade, que tem sua vida mundana, que conhece as regras da polidez, em resumo, que não é um selvagem, como querem muitos” (BASTIDES, 1951, p.130).

Enfim, elucida que o jornal se apresenta como um sinal da ascensão das comunidades negras, visto que a partir da elaboração da imprensa de cor foi possível compreender a potencialidade deste instrumento nas pesquisas sobre as comunidades negras e seu posicionamento diante da sociedade brasileira ao servir de questionamento das estruturas impostas a certos grupos.

Azevedo (1955) na obra *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social & classes sociais e grupos de prestígio*, pincela no quadro dos estudos das relações raciais no Brasil a situação da Bahia. Para isso inter cruzou diferentes fontes desde a oralidade, documentos (como jornais, dados policiais listas de associados, documentos escolares, de clubes e confrarias religiosas) e observações realizadas em diferentes espaços da cidade. É interessante, que em relação aos jornais, aparecem também para reforçar, alguns episódios que evidenciavam a população negra. Mesmo com todos os detalhes do cotidiano dessa população, Thales de Azevedo, ressaltou que as relações sociais entre as raças e etnias diversas possuíam um traço de cordialidade e pontuou a existência de mínimas tensões e conflitos raciais entre eles.

De certo modo, reforçou os debates que se encontravam no ar, tanto dos intelectuais da época, quanto do discurso racial sustentado no bojo da nação. Dessa forma, trazia a classe ainda acanhada, sem definir suas arestas, sustentando o discurso de que não havia problema racial no país. Isso não quer dizer, que sua pesquisa perca o mérito e a originalidade, pois sua etnografia foi marcada por uma rica descrição acerca dos status, da origem familiar atrelada ao aspecto da cor e ao papel que ocupava dentro dessa sociedade levando em consideração o acúmulo financeiro desses segmentos.

Vale ressaltar que a mobilização dos jornais para análise se consolidou para entender as experiências negras no passado. Azevedo (1975) em *Democracia racial: ideologia e realidade*, dá um passo maior em sua empreitada de análise das relações étnico- raciais ao utilizar com maior densidade os periódicos de jornais de Salvador, e assim, organizou a trama de sua pesquisa ao repensar as bases ideológicas da democracia racial no Brasil, a partir das notas dos jornais, para isso, se afastou dos modelos clássicos que sustentavam e aperfeiçoou seu faro de pesquisador, vasculhou de forma minuciosa nos periódicos, chegando à conclusão de que a crença da mestiçagem e sua harmonia não eram vistas nesses documentos, o que ajudou a defender sua tese que contrariava os discursos sustentados pela nação e por alguns intelectuais.

Portanto, ao refutar a ideia de igualdade entre brancos e negros, criava possibilidade de entender a dinâmica do preconceito racial em Salvador e no Brasil, ou seja, deslocava o vertes da questão do mérito para entender os processos de desigualdade racial na esfera social, que delimitam os papéis exercidos e ação de forma direta na desvalorização e exclusão do

negro no Brasil. Com isso, salienta que se deve captar “... a maneira indignada com que na imprensa são reverberados os casos de discriminação e a preocupação de caracterizar tais fatos como estranhos à cultura brasileira” (AZEVEDO, 1975, p. 51).

De fato, os autores mencionados, até aqui, usam o jornal como documento para demarcar as relações raciais, negativamente ou positivamente ao olhar para seu fenômeno no contexto brasileiro.

Na mesma linha Moura (1959) em *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, organizou um dossiê documental que trazia os fragmentos deixados pela imprensa negra, traçando um denso caminho metodológico que consistiu em pensar os processos de resistências quilombolas ao refinar seus instrumentos de análise e ao se debruçar sobre diferentes indícios de registros escritos que materializam as experiências das comunidades negras nos folhetos, pasquins, revistas ou jornais. Os jornais são inseridos como documentos históricos que potencializaram a compreensão da participação da população negra em movimentos políticos de contestação da ordem social, perpassando pela independência, inconfidência mineira, entre outros episódios que marcaram a história do país.

Para fazer a costura de sua pesquisa utilizou outros periódicos para entender o dinamismo das rebeliões nas senzalas. Assim, o capítulo intitulado “Quilombo e Guerrilha” traz o jornal de Sergipe e o Jornal de Aracaju apresentados como peça fundamental do quebra-cabeça que estava sendo montado. Evidentemente, a aproximação e a leitura crítica dessas fontes primárias ajudaram a fundamentar um argumento diferenciado sobre as rebeliões na senzala. Nesse ínterim, ao mergulhar nas páginas desses periódicos observou o elo entre quilombolas e escravos dos engenhos, suas relações de trocas, cuidado, zelo e proteção, demonstrando os processos de solidariedade que se constituem em suas relações sociais. Destaca que:

Os quilombolas sergipanos homiziavam-se com muita frequência em alguns engenhos onde obtinham facilmente ligações com os escravos que lá se encontravam. As senzalas eram ponto de encontro entre os escravos fugidos e os dos engenhos e fazendas que com eles estavam solidários. Conseguiram desses aliados informações e víveres, estabelecendo-se um verdadeiro serviço de ligação entre os primeiros e os últimos. O Chefe de Polícia não estava alheio a esses fatos e verberará constantemente contra os mesmos. No relatório citado dirá claramente o grau de desgaste a que chegaram as forças do governo. Porque — usando a tática de guerrilhas — esses quilombolas jamais se empenharão em batalhas de envergadura. Atrairão habilmente as tropas para o recesso das matas e lá, com movimentos rápidos, as irão

submetendo a um desgaste de energias, munições e homens, desesperador. Como elemento auxiliar dessa tática funcionava o sistema de ligação com os escravos das senzalas dos engenhos e fazendas, muito eficaz e que os auxiliará muito na luta.

[...] O "Jornal de Aracaju" de 3 de abril de 1872 reconhecerá esse fato e estampará sem rodeios: "A experiência tem mostrado o grau de relação que entretém os quilombolas com os escravos dos engenhos: acham aqueles apoio e proteção; trocam esta farinha e agasalho pela partilha nos roubos dos primeiros e em caso de perigo invadem as senzalas". E acrescentará: "desde que os proprietários situados nos lugares mais percorridos pelos quilombolas exerçam assídua fiscalização na sua escravatura, cortando quando for possível a comunicação protetora que tanto tem embaraçado as diligências, os quilombolas, entregues aos próprios recursos, não oporão resistência à estratégia e serão capturados". (MOURA, 1959, p.87- 89).

Esse jogo de transformação de uma leitura social atenta-se para as temáticas que os jornais poderiam evidenciar, os indícios deixados pelas comunidades negras de Sergipe na imprensa oitocentista. Logo, foi possível apreender que as rebeliões negras eram um processo dinâmico e interconectados. Assim, senzalas, quilombos, insurreições e guerrilhas não puderam ser trabalhadas de forma separada, uma vez que sua fluidez acontecia nessas diversas variáveis por meio de uma rede de comunicação que ajudou a burlar e desestabilizar o sistema escravista. Em suma, com essa empreitada, Moura começa a desenvolver um rico projeto de pesquisa e cria uma base sólida acerca dos estudos das comunidades negras a partir dos diferentes vestígios dos jornais entre os anos de 1959- 1983. Portanto, os jornais, foram mobilizados para entender os fenômenos específicos das comunidades negras e certas temáticas de suas experiências.

Freire (1963) no trabalho intitulado *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, destaca a importância das fontes jornalísticas para o estudo da presença africana no Brasil. Foi pioneiro no uso dessas fontes, nas pesquisas de viés social, tendo em vista os jornais vincularem matérias acerca do período da escravidão. Assim, um leque de oportunidades se abriria para que os pesquisadores pudessem adentrar nos fragmentos dessas realidades deixadas nesses veículos de informações. Diferentemente, dos outros pesquisadores, Freire trazia e destacava os jornais como um subsídio metodológico para entender a situação das populações negras de nosso país que perpassavam as péssimas condições de vida, como moradia, trabalho, saúde e maus tratos. Portanto, mesmo de forma restrita ao fixar seu olhar apenas para escravidão, uma das suas contribuições foi pensar o jornal como fonte, que leva a mergulhar em diferentes searas e pistas deixadas para serem

debatidas e aprofundadas acerca das temáticas que se aproximavam do universo cotidiano dos africanos e seus descendentes no campo das ciências sociais e humanas.

Bastides (1951), Azevedo (1955), Moura (1959) e Freire (1963) apontaram de forma singular para o uso do jornal como fonte primordial para entender as experiências negras. Bastides (1951) trouxe uma perspectiva de atuação mais política através da imprensa negra que questionava as estruturas impostas a essa população nas quais transcorriam as lógicas sociais, políticas, educacionais, culturais e econômicas da época. Em suma, tais pesquisas evidenciaram as mudanças analíticas ao alterar o tratamento das fontes das relações raciais através de um olhar crítico para cultura midiática de sensibilização e de denúncia das violências direcionadas a esse segmento da sociedade, demonstrando as estratégias de luta elaboradas nas primeiras décadas do século XX.

Outro ponto importante foi criar uma divisão histórica dessa imprensa negra em três períodos: o primeiro, a partir de 1915, o segundo entre 1930-1937 e o terceiro em 1945. Já Azevedo (1955; 1975) utilizou os jornais enquanto táticas para trazer as dinâmicas das relações raciais e a se aprofundar acerca desse universo. Ainda conseguiu captar como os processos de desigualdades sociais e raciais se perpetuavam na realidade baiana, assim, a cena analisada se dava a partir dos papéis assumidos, versos ao processo de exclusão das comunidades negras. Além disso, fomentava sua análise no ‘preconceito racial’ expressão utilizada de forma corriqueira para tratar das práticas de racismo reverberadas na sociedade brasileira, que demonstravam os embates dentro e fora do jornal, inclusive a sua tradução.

No caso de Moura (1959) foi possível perceber como os indícios de resistências no jornal estavam articulados entre si, com isso, mobilidade social, estratégias e resistências e solidariedade estão intrinsecamente conectadas ao processo de questionamento da ordem social. E por fim Freire (1963) problematizou os usos das fontes, ao chamar a atenção para as lacunas existentes sobre a história do negro no Brasil. Dessa maneira, apresentou as fontes jornalísticas como caminho analítico para ampliar o debate e problematizar o campo de estudo. A priori, enfatizou a potencialidade dos jornais para o estudo da escravidão ao trazer metodologicamente, elementos centrais sobre o modo de vida, traços culturais, violências de trabalho, religiões, fugas entre outros aspectos, desmistificando esse discurso da existência de uma democracia racial. Ambos os autores, contribuem na tese para pensar como nos meios de

comunicação as práticas racistas e as estratégias antirracistas eram apresentadas nos jornais no âmbito nacional.

Sob essa ótica, no movimento de reflexão sobre a situação do negro na sociedade brasileira, Fernandes (1978/1964) em *A integração do negro na sociedade de classes*, apresentou uma interpretação densa sobre as comunidades negras e seus processos de mobilização dentro da sociedade brasileira, refutando a ideia de uma democracia racial produzida e alimentada nas relações sociais do país. Também fez uso das fontes da imprensa negra com o intuito de problematizar as questões referentes ao processo de diferencial cultural e a marginalização do ‘elemento de cor’ em relação à construção de supremacia social, política, econômica e cultural dos brancos no processo de estruturação e modernização do Brasil entre os séculos XIX e meados do século XX.

Nessa perspectiva, elegeu a cidade de São Paulo como a principal unidade geográfica brasileira na qual o capitalismo desenvolveu-se com maior intensidade, sendo possível observar os problemas de desajustes psicológicos e sociais mais graves nas populações negras, que retardaram a participação plena desses elementos nas relações da sociedade então existente. Além disso, justifica que o aparecimento da imprensa negra esteve articulado a um processo de agitação e esperança política que culminou com a Revolução de 1930. Em suas reflexões a categoria de mobilidade torna-se uma peça-chave para se entender os processos de deslocamento das comunidades negras e que essas mobilizações estariam atreladas à ação de exclusão desse segmento, no sudeste do país, que clamava e denunciava por uma transformação nas suas paisagens socioeconômicas. No caso dos métodos de mobilização era possível detectar uma reivindicação pelo fim das barreiras raciais que dificultavam esses deslocamentos sociais (FERNANDES, 1978/1964).

Ressalto, ainda, que uma nova geração de pesquisadores negros problematizava as produções e adentrava com o intuito de ampliar as reflexões, como se pode destacar Sodré (1999/1966) em *História da imprensa no Brasil* publicado em 1966, em uma perspectiva marxista, apresenta informações minuciosas acerca da imprensa brasileira de 1808 até os anos 1960, tornando-se uma das principais obras de síntese que se debruça nas reflexões sobre a história da Comunicação no Brasil e salienta pistas do que poderia ser desenvolvido enquanto objeto de pesquisa para entender esse universo. No tocante à imprensa negra no Brasil destaca a importância dos seguintes jornais: O Crioulo, O Crioulinho, O Mulato, O Cabrito e O

Homem de Cor, como posicionamento político que emergem das “inquietações geradas em três séculos de domínio colonial sob a rígida estrutura do latifúndio” (SODRÉ, 1999, p.157). Mesmo de forma tímida, as fontes jornalísticas tocam no aspecto de organização de um espaço negro na comunicação brasileira e nos ajudam a entender o processo ideológico de opressão, exploração cultural política e econômica das populações negras que aparecem como entidades de contestação que o racismo e as desigualdades raciais se operacionalizam nos diferentes espaços de convívio social.

É importante notar que, em 1975, inicia outro movimento que dá continuidade ao entendimento da presença negra na imprensa paulista, o intuito era ter acesso aos jornais feitos por negros e para negros, observando suas intencionalidades, estratégias e formas de mobilização. Com isso, Ferrara (1981) no texto intitulado – *A imprensa negra paulista (1915-1963)*, começa um processo de catalogação dos jornais e amplia com as entrevistas com os editores e militantes desses periódicos, assim, conseguiu fazer um vasto levantamento dos jornais dos “homens de cor” delimitando a sua análise no marco temporal de 48 anos.

Dessa maneira, conseguiu catalogar diferentes exemplares dispersos nas regiões Sudeste e Sul do país e pôde-se destacar que os jornais eram referentes aos seguintes estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul que traziam temáticas referentes ao sistema educacional, ao sistema trabalhista, saúde, habitação e aos aspectos em torno da moralidade do povo negro. A partir do ponto que se aprofundava sobre a formação dessa imprensa negra captou os diferentes sentidos e movimentos produzidos no processo de articulação e mobilização de seus entes. Assim, o papel dos intelectuais e os diálogos realizados com as lideranças de diferentes frentes da luta negra permitiram dinamizar esse espaço de comunicação, promovendo novas organizações e colocando na pauta novas reivindicações que denunciavam a situação de violência e exclusão direcionadas às populações negras no pós - abolição.

Retomando à discussão, Clóvis Moura salienta, no prefácio, que os caminhos percorridos por Ferrara (1981) não apenas abordam um problema pouco estudado na área das pesquisas afro-brasileiras, mas repõe em discussão um problema significativo ao pensar nas ideologias do negro urbano de São Paulo que ao resistir demarcou e reivindicou o direito de ser cidadão brasileiro, o seu desejo de integrar-se, em pé de igualdade, com todos aqueles que compõem a nação. Para ele, a ideologia de integração percorre todas as fases da imprensa

negra na qual, metodologicamente, Ferrara se debruçou para montar os fragmentos dessa atuação.

É interessante perceber que Sodré (1999/1966) e Ferrara (1981) tinham como preocupação pensar no papel da imprensa na sociedade brasileira. Em um projeto mais amplo dos meios de comunicação, Sodré buscou mapear e entender o impacto que esse meio pôde ter provocado na forma como se pensou a nação e as desigualdades que borbulhavam em seu interior. Já Ferrara (1981) de forma dinâmica, potencializou os jornais negros mostrando os movimentos de debate que se formavam e os fragmentos que evidenciavam aspectos do cotidiano das comunidades negras do país, assim como a formação de laços fraternais em defesa das questões que envolvem o negro nos pós-abolição. Assim, enfatiza que os jornais da imprensa negra se tornaram um espaço de protesto onde seus ecos materializados numa escrita de denúncia buscavam provocar e desmontar as estruturas de poder e unir todos que se encontravam dispersos da luta contra o racismo, alimentados no seio da sociedade brasileira.

Em face disso, outra contribuição importante de reflexão e releitura do uso dos jornais se dá com o historiador negro Domingues (2005) no texto *A insurgência de ébano: a história da frente negra brasileira (1931-1937)* dá continuidade e se aprofunda nas reflexões sobre história da Frente Negra Brasileira, quando destaca sua atuação, considerada a mais importante organização negra que surgiu no Brasil após a Abolição. Nessa concepção percebe-se que o movimento negro que se formava desenvolvia atos políticos que canalizavam os interesses, as reivindicações e o projeto político da coletividade negra. Então ao olhar para esse processo de posicionamento, luta e resistência é necessário apreender a emergência do movimento negro numa atuação que lhe confira significação histórica. Com isso, “esse movimento não está inerte ou isolado em seu tempo. Pelo contrário, ele está em permanente dinamismo e diálogo com a sociedade abrangente” (DOMINGUES, 2005, p. 28).

Portanto, Petrônio Domingues ao captar as intencionalidades dessa entidade procurou examiná-la no rastro da teoria dos movimentos sociais que buscava não só denunciar as violências lançadas às comunidades negras como também valorizar a raça e incorporar na sociedade brasileira as suas identidades, vistas por eles enquanto dispersos (DOMINGUES, 2005). Enfim, a iniciativa desse movimento foi fundamental na identificação de características próprias do racismo à brasileira. Para tal empreendimento, aproximou diferentes fontes na busca de uma visão mais ampla e debruçou-se sobre: o jornal da

organização, A Voz da Raça, jornais da grande imprensa, dossiês e prontuários da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS), entrevistas e memórias de ex-militantes, como das formas de associativismo negro no pós-abolição responsáveis por despertar a organização negra. Assim, constatou que a atuação desse movimento encontrava-se no regime de polarização político –ideológico que negava a existência, a inserção das populações negras, nas diferentes instituições existentes. Nessa conformidade, sua articulação política evidenciava a organização de uma frente que buscava o lugar de respeito na sociedade e clamava por uma mudança dos problemas que se perpetuavam ainda em suas realidades, os mesmos enfrentados pelos seus antepassados.

Além disso, torna-se importante destacar o refinamento do seu olhar sob à Imprensa Negra suas estratégias de apreender as particularidades que o objeto possui quando enfatiza a importância de apreender as articulações, movimentos e sentidos no interior desse meio de comunicação e o seu fluxo por diferentes territorialidades do país. Além disso, Petrônio Domingues problematiza o engajamento das comunidades negras, desde os processos de financiamentos, alianças que oportunizavam a utilização dos jornais para questionar as lógicas vigentes e materializar sua própria história agora contada pelos seus (DOMINGUES,2005). Acredito que com esses meios interativos de comunicação faz sentido pensar as práticas de racismo e antirracismo reverberadas nas relações sociais brasileiras, uma vez que discutir essas peculiaridades é estudar também essas zonas de encontro e desencontro que produzem outras narrativas sobre seus corpos.

Deve-se salientar que, nesse movimento de compreender as representações das comunidades negras Marroco (2009) produziu o artigo intitulado “O cotidiano dos negros no exterior dos jornais de Porto Alegre, sinais de fotojornalismo no século XIX”, na transição do último quartel do século XIX e início do primeiro quartel do século XX. Com o toque de sensibilidade buscou observar como os aspectos fotográficos e os jornalísticos produziram imagens do cotidiano do negro que vivia em Porto Alegre ao longo de duas linhas paralelas, que iriam se encontrar muito mais tarde. Desse modo, destaca que, numa mesma época, os discursos jornalísticos e as fotografias feitas no exterior do jornal parecem não ter o foco nos mesmos indivíduos. Assim, evidencia que o olhar fotográfico, que incide sobre os mais diversos objetos das comunidades negras, ao registrar cenas da cotidianidade da época, rompe

com as versões históricas que vinculam o marco fundacional da fotojornalismo com a técnica de reprodução da fotografia nos jornais.

Em vista disso, chega à conclusão de que as imagens produzidas, primeiramente, buscaram materializar o negro em suas múltiplas funções durante o regime escravocrata: como objeto de estudos antropométricos, exotismo dos candomblés, os serviços domésticos, geralmente amas de leite, em estreita proximidade com as crianças brancas e nas ruas da cidade para demonstrar os sinais de submissão e sofrimento dos corpos. Além disso, ressalta que no caso dos Irmãos Ferrari, Calegari e Lunara, os detalhes acentuados nas fotografias perpassam o registro de aspectos peculiares como o vestuário, o trabalho infantil precoce e o ambiente doméstico onde se organizavam, davam a dimensão da “liberdade aparente” que se seguiu ao regime escravocrata.

Portanto, ao utilizar os jornais para o estudo das comunidades negras, buscou compreender o que se fez visível na composição fotográfica, que sugere o estreito parentesco que estas fotografias tiveram com o trabalho de vários fotógrafos brasileiros contemporâneos à medida que os Irmãos Ferrari, Calegari e Lunara traduziram uma linha de expressão visual da consciência social em imagens arcanas das contradições sociais e políticas da sua própria época.

Interessante destacar que as reflexões sobre a imprensa negra tecidas pela pesquisadora negra Pinto (2006) intitulada *De Pele Escura e Tinta Preta: A Imprensa Negra Do Século XIX (1833-1899)* estão inseridas nos estudos sobre os processos de construção identitária de pessoas negras livres, em meio à vigência do sistema escravista e seus desdobramentos imediatos. Dessa maneira, apresenta um panorama dos jornais da imprensa negra no século XIX, cujo resultado da pesquisa, envolveria a veiculação de fragmentos de representações forjadas por homens negros livres ou até mesmo libertos acerca de questões referentes ao seu cotidiano. Ao adentrar nessa estrada lança-se no duplo desafio de contribuir para a eliminação de algumas lacunas que envolvem o conhecimento das trajetórias históricas dos descendentes de africanos em terras brasileiras.

Para isso, sistematizou um conjunto de oito jornais, sendo que a amostra era composta dos seguintes títulos: O Homem de Côr ou O Mulato, Brasileiro Pardo, O Cabrito e O Lafuente, do Rio de Janeiro (RJ), em 1833; O Homem: Realidade Constitucional ou Dissolução Social, de Recife (PE), em 1876; A Pátria – Orgam dos Homens de Côr, de São

Paulo (SP), em 1889; O Exemplo, de Porto Alegre (RS), de 1892; e O Progresso – Orgam dos Homens de Côr, também de São Paulo (SP), em 1899. Ainda que se localizassem em espaços e períodos diversos, esses periódicos vieram à baila em momentos marcantes para a história política brasileira e trouxeram representações, senão inversas, conflitantes, entre as estratégias argumentativas de denúncia e combate ao racismo. Além de tudo, empreendem o aproveitamento dos valores da democracia moderna, dos ideais iluministas e liberais para colocá-los a serviço do combate à discriminação racial e ao estabelecimento de uma democracia efetiva.

Nesse contexto, ainda se observa que tanto no Império quanto na República, todos os jornais protestaram para que os talentos e virtudes, e não a cor da pele, fossem a garantia dos direitos dos cidadãos. Sobretudo, colocaram em xeque as efetivas condições de realização das promessas da igualdade moderna no Brasil oitocentista.

Pinto (2014) no texto intitulado *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*, buscou compreender as experiências de homens negros, livres, letrados e atuantes na imprensa e no cenário político-cultural das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Para isso, apostou na viabilidade de seus próprios projetos individuais, Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis, José do Patrocínio, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro, sujeitos centrais desta narrativa, e tantos outros “homens livres de cor”, buscaram de diferentes modos conquistar e manter seus espaços no debate público sobre os rumos do país. Os laços entre eles eram criados e se interligavam constantemente em suas atuações, ao se aprofundar nos diferentes processos históricos de suas trajetórias. Desse modo, foi possível perceber tanto distâncias quanto proximidades entre eles; não sendo raros os momentos em que desenvolveram ações conjuntas, especialmente em defesa da cidadania de pessoas negras livres, libertas e escravizadas.

Contudo, é indiscutível que ao questionar as cotidianas práticas de “preconceito de cor”, eles não apenas colaboraram para as discussões travadas em jornais diários, abolicionistas, negros, literários, como também protagonizaram a criação de mecanismos e instrumentos de resistência, confronto e diálogo. As denúncias das violências se davam pelo refinamento do olhar que captava, de forma intensa, todos os movimentos que eram direcionados às populações negras de nosso país.

Ao longo do tempo, foi possível apreender o refinamento a respeito do uso dos jornais, mergulhar na formação de uma imprensa negra e observar os elementos visuais e discursos produzidos para retratar as comunidades negras como destacam Domingues (2005) Marrocos (2009) Pinto (2009) e (2014). Ampliaram-se as fontes que auxiliaram no entendimento do cotidiano e das experiências negras em diferentes contextos do território brasileiro. Além da inserção de pesquisador@s negr@s nesse campo de reflexão ao problematizar os discursos estabelecidos como se pôde observar em Domingues (2005) e Pinto (2009; 2014).

Portanto, foi importante destacar que a dinâmica construída por estes dispositivos foi constantemente utilizada para reforçar paradigmas adotados na época de classificação, enquadramento, exotismo e de perseguição. Ao mesmo tempo em que as comunidades negras se inseriram, questionaram esses elementos difundidos, buscando desnaturalizar as dimensões de poder sustentadas nesses espaços. Para isso, foram necessários a utilização de outros discursos que corroborassem para uma mudança de mentalidade e de atitude, subsídios que se aproximam com a dinâmica das relações raciais problematizadas nesta tese apoiada na epistemologia do parafuso ao pensar seus movimentos, uma vez que não tem como indagar como foi utilizado o jornal sem entender o seu uso, como parte de uma estrutura colonial que foi ressignificada pelas comunidades negras para servir de elemento de enfrentamento e desarticulação dos sistemas impostos.

2.2 Usos, sentidos e efeitos da representatividade negra no rádio e na televisão brasileira

A continuidade do desenvolvimento dos meios tecnológicos de comunicação e interação será pensada a partir do movimento horário e anti-horário da epistemologia parafuso, captando as oscilações existentes nesses meios, ou seja, interessa perceber como o racismo e o antirracismo foram se constituindo nas relações sociais do país. Nesse sentido, a representatividade do negro no rádio e na televisão brasileira, mesmo de forma embrionária, nas primeiras décadas do século XX, constituiu um movimento de ruptura e ao mesmo tempo de releitura dos papéis sociais desempenhados por diferentes grupos, articulados ao projeto de organização da nação²².

²² Não podemos esquecer que esse movimento foi carregado de intencionalidades na formação de uma identidade nacional, que buscava unificar os diferentes saberes, estimulada no governo de Getúlio Vargas, que alimentou um discurso de miscigenação do país, repassando a imagem de uma sociedade unida e harmônica, sem divisões e conflitos sociais e tentou incorporar a cultura negra, e dentre o seu capital cultural, estava inserido

É fato que as oscilações que surgiam evidenciavam o resultado de uma árdua tarefa que buscava mapear e entender de forma situada as questões raciais no Brasil ateadas pelo famoso projeto da Unesco de 1950, que no final dessa década começou a se extinguir e nesse desfecho a sociologia deslocou-se no entendimento de outras temáticas, áreas e vertentes, deixando o negro e a questão racial brasileira à deriva.

É bom acrescentar que, nesse movimento de situar e fazer uma leitura social/cultural/racial da sociedade brasileira em uma perspectiva residual, aparece a pesquisa de Pereira (1967) intitulada *Cor, Profissão e Mobilidade: O Negro e o Rádio de São Paulo*, cujo pioneirismo deu-se no registro da presença do negro no rádio brasileiro, na busca da inserção profissional do negro no mundo empresarial do rádio em São Paulo entre os anos de 1959-1964 e como pano de fundo dessa análise procurou entender “o processo de participação na sociedade e cultura amplas desse contingente humano que ganhou novas qualificações sociais através de sua integração à estruturadas empresas radiofônicas” (PEREIRA, 1967,p. 20). Dessa maneira, ao aguçar sua sensibilidade no tocante à radiodifusão, observou a ausência de trabalhos que cogitassem uma reflexão densa referente ao rádio, desde seu nascimento em 1922. Já no tocante às relações étnicos- raciais nesse cenário, enfatiza a existência de um abismo, que cada vez mais, dificultava o entendimento e a compreensão do preconceito de cor no Brasil em confronto com o que se observava em outros países.

Outro ponto marcante em sua análise, que ajuda a pensar a trama de sua pesquisa, refere-se à ideia de ascensão social que subsidia no entendimento do fenômeno em questão, uma vez que o rádio, assim como o futebol, pode ser pensado enquanto canais que ajudaram a promover esses deslocamentos. Para isso, foi necessário olhar para os diferentes processos que são produzidos na relação entre brancos e negros, desde competições que são acionadas que não levam os indivíduos envolvidos só ao êxito, mas também à frustração (PEREIRA,1967). Portanto, as disputas no interior das relações de trabalho corroboram o entendimento do lugar desses atores sociais em cena e como, o sujeito em interação, constrói mecanismos de luta e resistência.

a música, instrumento utilizado para que o projeto tivesse sua efetivação. A valorização intensa da música negra na época traduzia, em suas letras a brasilidade e representatividade do país no exterior (PAPINI, 2005).

Outro aspecto importante, ao olhar por outro ângulo dessa pesquisa, é a possibilidade de apreender os aspectos relacionados ao ato de mobilidade dos profissionais negros no campo artístico – musical, o que amplia o universo do estudo, ao especular sobre as possíveis articulações que podem ter sido elaboradas a partir de redes de solidariedade e de sociabilidade em outro contexto artístico da época. Logo depois, o domínio de certas aptidões agora reconhecidas nacionalmente, tanto no aspecto artístico (música, teatro, rádio), como esportivo (o futebol), resultava um outro tipo de sensação de reconhecimento das comunidades negras, ao mesmo tempo alimentado pelo exotismo injetado na sociedade, que agora criava elementos característicos desse segmento, ou melhor, um discurso de coletividade era alimentado para demonstrar e sistematizar os espaços em que o êxito da população negra era evidenciado enquanto elemento positivo.

É bom lembrar que na visão de Pereira (1967) a reflexão sobre o rádio, de uma forma e de outra, deu continuidade ao processo interpretativo de pesquisadores de rastrear a ‘herança negra’. Por outras palavras, ao buscar se debruçar sobre a ideia de sobrevivências culturais, foi possível observar sua plasticidade fluída e dinâmica presente nas práticas socioculturais da sociedade brasileira, enquanto referenciais de demarcação de grupos sociais, que eram consumidos, primeiramente, pela população negra, e agora passa a ser incorporados nas realidades de outros grupos sociais. Com efeito, pincela a formação étnico-histórica que perpassa desde o processo de atuação em diferentes funções no rádio até na reflexão acerca da ‘música negra’, o que denominamos, de ‘música popular brasileira’.

Por fim, todos esses movimentos identificados possibilitaram compreender os processos que eram agora alimentados, quando da integração do negro em outra estrutura social, que se apoiava no status obtidos, a partir da sua marcha ascensional na carreira, ou seja, se apresentava como um fenômeno particular, do contexto nacional, que demarcava as mobilidades profissionais ante essas estruturas de comunicação. Ademais, auxiliou para pensar as dinâmicas das relações raciais dentro dos veículos de informação na afirmação de estereótipos e em sua atuação nesses espaços. Com isso, não se pode negar que o desenvolvimento de mais um meio de comunicação ficava visível às barreiras transportadas para este novo cenário que dificultava o acesso das comunidades negras em seu interior e consumo.

Sobre a orientação de João Baptista Borges Pereira, e dando continuidade em suas ideias, Couceiro de Lima (1983), elaborou sua dissertação intitulada *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*, objetivando analisar a formação da televisão brasileira, mergulhando em seu sistema organizatório estrutural, no qual emergem as experiências dos profissionais da televisão paulista e tocou em aspectos referentes aos conteúdos das programações das emissoras que englobavam os programas de auditório, e de entretenimento popular que se formavam no país. Sua análise foi balizada, metodologicamente, nos caminhos percorridos por Pereira, e faz um esforço analítico para elaborar um método de estudo que trazia à tona as vivências e experiências dos negros, através da análise centrada no contexto de desenvolvimento e consolidação da televisão brasileira. Ao ampliar o campo de análise do rádio para a televisão, os programas se dilatam em experiências sensoriais sonoras, passavam para além de difundir informações pelo aparelho auditivo, que começa também a disponibilizar o acesso às imagens como instrumento de interação com esse universo. Com isso, também reforça as diferenças raciais que foram transportadas para esse universo.

Salienta-se que em Couceiro de Lima (1983), a ideia de rastrear o status ocupado e representado pelo negro em cada empresa selecionada para sua investigação, torna-se um ponto-chave para entender as dinâmicas sócio- raciais no mercado de trabalho da televisão, detectando as aproximações entre negros e brancos, presenças e ausências nas áreas de atividades dentro do conjunto de empresas televisoras. Para tanto, aponta o desigual aproveitamento das mulheres negras e dos homens negros pela estrutura empresarial, sendo que, persiste nas esferas ligadas à música a presença massiva desse segmento. Eventualmente, Pereira denominou de ‘confinamento’, justificado pelos “fatos históricos e estruturais que explicam como o artista negro encontra no estereótipo de que a cor negra e aptidão para a música são dois atributos interdependentes”. Do mesmo modo, e em outros espaços a possibilidade de seu aproveitamento está condicionada à cor e aos papéis que historicamente lhe tem sido reservado dentro do imaginário social brasileiro, perpetuando assim, a imagem estereotipada tanto no rádio quanto na televisão (COUCEIRO DE LIMA, 1983, p.42).

É notável que as probabilidades desiguais entre negros e brancos, são reforçadas no processo de mobilidade perante as altas esferas administrativas, ou seja, o negro está ausente da alta administração de empresas e da média administração que era responsável por gerir

administrativamente os diferentes setores – administrativo, técnico, comercial e programático (COUCEIRO DE LIMA,1983). E nessa mudança do rádio para televisão, observou que a população negra empregada é quantitativamente e percentualmente maior do que a do rádio, ressaltando que a diminuição de mulheres, em particular, das mulheres negras torna-se um dado alarmante no que tange a sua mobilidade profissional para esse novo cenário.

O fato reforça ainda que, tanto Pereira (1967) quanto Couceiro de Lima (1983) demarcam como o rádio e a televisão consolidaram-se na sociedade brasileira, além de inaugurar uma nova fase dos meios de comunicação no Brasil. Sobretudo, ao transportar os embates do papel desempenhado pelas comunidades negras nos meios de comunicação de massa, atrelados à comercialização do entretenimento popular e à mobilidade profissional. O centro de suas análises, também pontua o exercício de cada um dos meios de comunicação problematizado, evidenciando suas vinculações lógicas e históricas na criação de muitos pontos de contato nos quais estão inseridos os processos de diferenciação e de carreira entre brancos e negros. Desta maneira, suas reflexões concentram-se nas dimensões raciais existentes no rádio e na televisão enquanto um processo contínuo das desigualdades estabelecidas e acionadas ao elemento cor, para o entendimento da dinâmica do racismo nos meios de comunicação.

Na mesma esteira de Couceiro de Lima (1983) aparecem as reflexões do pesquisador negro, Araújo (2000) que problematizou e denunciou o racismo no meio de comunicação brasileira, demarcando a importância de problematizar estas questões que alicerçam as relações brasileiras e alimenta um tipo de representação. Com isso em *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, dentro de uma proposta, mais ampla, de entender as comunidades negras nas diversas formas de comunicação, além de evidenciar a concepção de comunicação adotada que ganha uma dimensão intensa ao abranger tanto a mídia de massa (rádio, televisão e propaganda) como as artes (cinemas, teatro e música) e a literatura (ficcional, científica, popular e didática). Contudo, esses contornos só foram viáveis pela problematização desse universo entre os anos 60 e 80 que ampliaram o papel desses meios de comunicação na vida das comunidades negras. Em linhas gerais, a pesquisa em foco, analisou a história das telenovelas como se consolidaram as representações das comunidades negras e seu reflexo na construção das identidades brasileiras.

Diante desse quadro, quando se pensa a transferência das análises para o âmbito das telenovelas, percebe-se que, torna-se fundamental entender as origens dos estereótipos nesse gênero ficcional. Na sequência da produção dos roteiros das novelas vinculam-se a matrizes que não só se situam no romantismo e no teatro brasileiro do período escravocrata, como também no cinema e no teatro norte-americano. A produção de um plano ideológico ativado nas bases nacionais, que se sustentava pela ideologia do branqueamento, ditava as regras do que poderia ser passado, como deveria ser, e quem teria o direito de ser reconhecido nas cenas (ARAÚJO, 2000). Esse posicionamento era lançado para a telenovela, demonstrando a criação de estruturas racializadas definindo o lugar e a postura de cada ator social envolvido e a sua perpetuação ao longo do tempo.

Como explicitado por Araújo (2000), os negros sempre participaram de telenovelas e de todos os gêneros de ficção elaborados no contexto brasileiro, no qual se desenhavam os primeiros protagonistas com visibilidade nesse cenário, por exemplo “Mamãe Dolores”. No entanto, não se constituiu reconhecimento e oportunidade para os atores negros nesses espaços. Assim, as distorções evidenciavam-se nas trajetórias dos atores negros, neste campo de batalha simbólica, no importante meio de comunicação de massa do país. A trama de sua análise, tem como pano de fundo e como marca um discurso da época contido na concepção de democracia racial, no branqueamento social que reforça o poder hegemônico e o apagamento das marcas da evidência dos negros e índios, tirando proveito de alguns elementos a serviço do bem-estar da nação.

Em linhas gerais, a sensibilidade de Joel Zito ao captar os resquícios do passado que atingem as comunidades negras, no contexto televisivo brasileiro estudado, apresenta os aspectos referentes aos fluxos de deslocamento e de abertura na releitura das realidades brasileiras. Mesmo assim, a continuidade da construção do imaginário negativo perante os negros como exóticos, escravos, em situação de risco, violentos e projetados para o trabalho físico, é materializado nas imagens da época, reforçando a manifestação da discriminação racial, tanto do enquadramento nas telenovelas brasileiras como em outros programas desse universo. Portanto, entender as dinâmicas raciais na televisão e na telenovela é apreender que nem sempre a presença do negro nesses contextos indica a democratização das relações étnicas e sociais.

A pesquisadora negra Martins M. (2013) em sua dissertação intitulada *O Negro Cristalizado: A Permanência de Estereótipos, Distorções e Preconceitos na Teledramaturgia Brasileira*, apreendeu as representações das comunidades negras na teledramaturgia, para analisar como essas representações contribuem para a mudança ou fortalecimento de um discurso negativo sobre as diferenças raciais no país, as desigualdades sociais, educacionais e econômicas. Desta maneira, os estudos contemporâneos sobre racismo e representação do negro na mídia, e parte da premissa de que as mídias não tratam de modo crítico a representação do negro, ao contrário, oferecem subsídios teóricos e técnicos para fortalecer o racismo, corroborando estereótipos e ideologias de opressão à população negra. O ponto inicial para isso, foi selecionar as cenas e personagens de novelas, transmitidas no período de 2004 a 2013, que tocaram os aspectos referentes às questões raciais e/ou relativas ao racismo transmitidas na Televisão – SBT e Rede Globo de Televisão e os produtos analisados foram novelas, uma série infantil e um programa humorístico.

Por fim, referente à teledramaturgia, enfatiza a importância dessa mídia para modificar suas estruturas de violência e de racismo ou pelo menos, tentar absorver um pouco da realidade das comunidades negras e fazer com que o telespectador coexista com o acontecimento, tentando desmontar a visão caricaturada mantida ao longo do tempo e assim, dar conta da complexidade e dos danos que envolvem violação de direitos, direcionadas às experiências negras em nosso país.

Com isso, é possível observar que os pesquisadores negr@s Araújo (2000) e Martins M. (2013), problematizam o cenário da comunicação responsável por ser o catalizador de numerosos processos de consumo, expressão e discussão no âmbito das reflexões sociais, mesmo que cristalizadas ou deturpadas, decorrentes da superficialidade tratada na teledramaturgia no Brasil, quando oferece ao espectador uma reprodução engessada das narrativas produzidas sobre as comunidades negras. Além disso, ao olhar para as tramas destacam o lugar de inferioridade e subalternidade desse segmento, ainda no presente, onde as influências políticas, econômicas, culturais e sociais são reforçadas para uma construção estereotipada que difunde uma visão unilateral desse segmento na televisão que é, ainda hoje, um dos produtos mais consumidos no país.

Na mesma linha a pesquisadora negra Lopes (2017) em sua dissertação *Entre transgressões e consensos: a relação entre ética e estética no caso da telenovela “lado a*

lado” no âmbito do debate sobre ações afirmativas no ano de 2012, trilhou seu percurso analítico tentando entender as relações entre a telenovela “Lado a Lado”, (Rede Globo, 2012) os embates e discussões sobre ações afirmativas que ocorreram na mídia brasileira no ano de 2012. Em seguida, procurou compreender como a novela e seu discurso estariam relacionados, uma vez que a trama teve como eixo narrativo o período pós-abolição da escravidão e os conflitos sobre a inserção da população negra na sociedade de classes do início do século XX. De certo, foi o período muito rememorado no debate midiático para ressaltar o prejuízo histórico e a marginalização sistemática do negro no Brasil. O fio condutor de sua análise partiu da hipótese de que tanto na vida como na arte os discursos salientaram o racismo e as desigualdades raciais da sociedade brasileira.

Deste modo, fez uma conexão dos aspectos ideológicos dos discursos à inclusão racial na telenovela e como estes se instituem em consenso ou transgressão diante dos embates da vida. Ademais, a reflexão demonstrou um caminho profícuo para um aprofundamento no estudo dos signos ideológicos na passagem do racismo do cotidiano para a esfera dos meios de comunicação oficiais, sobretudo, no contexto das mudanças sociais pelo empoderamento de grupos minoritários nos diversos meios de comunicação e no interior das novas regularizações dos veículos comunicativos da Internet, bem como a cooptação das pautas dos movimentos sociais levantadas no sistema capitalista. Portanto, aqui o ponto adentra em olhar para as comunidades negras na atuação da televisão, nos repertórios racistas e como os intelectuais negros se inserem para chamar a atenção de mudanças nesse cenário, ou seja, é possível visualizar desde as sinalizações de Araújo (2000).

Na mesma linha Faco (2018), em sua dissertação intitulada *Produção cultural midiática e a construção de identidades negras – uma análise de produções infanto-juvenis (Malhação 1999 e 2010) da Rede Globo de TV e proposta de produto final para ser aplicada em sala de aula*, objetivou analisar como são representadas as identidades negras em duas temporadas da telenovela Malhação (1999 e 2010) voltadas ao público infanto-juvenil. Em relação à representatividade das comunidades negras, observou poucas mudanças quanto à representação positiva sobre essas identidades, logo, as histórias interpretadas pelos personagens negros são sempre paralelas à trama principal, mas com papéis de subserviência, permanecendo afastados do protagonismo.

Outro ponto ressaltado refere-se ao tempo de atuação desses personagens negros que é inferior àquele dos personagens brancos. Além disso, duas temporadas tocaram na abordagem de denúncia de racismo, sendo que os personagens negros ainda são caracterizados como tutelados pelos personagens brancos quando uma prática de racismo é efetivada em suas realidades. Portanto, o autor elaborou, sete sequências didáticas aplicadas em um projeto para se trabalhar no ensino médio sobre a representação das identidades negras em produtos culturais, sensibilizando os aprendentes a problematizar o campo televisivo, para valorizar a diversidade, desconstruindo estereótipos sobre a cultura e a história africana e afro-brasileira.

Tanto Lopes (2017) quanto Faco (2018), tocam em aspectos, referentes a impactos dessa construção de discursos e na recepção do telespectador, ao disseminar as visões apreendidas no âmbito social. Então, pode-se perceber a reprodução dos discursos racistas, alimentados por esses meios de comunicação que reforçam as estruturas de poder, visto que sua dispersão ganha amplificação no centro da esfera política. ao chegar a outra parcela da população, se produzem atos de discordâncias e concordâncias alicerçados na informação que foi transmitida a qual revela um espaço fértil para conflito de ideias. Assim, as mudanças no percurso das pesquisas para sensibilizar os atores sociais envolvidos na problematização dessas produções, demarcam uma mudança analítica, cuja finalidade é poder colaborar com mudanças de mentalidades referentes à manutenção da prática de racismo nos meios de comunicação, conectada agora com a cibercultura e se expandido para os diferentes espaços desse universo, aproximando-se do objeto da tese.

2.3 indícios, acessos e permanências: a representatividade negra no mundo virtual

Os meios de comunicação, na atualidade, trazem um aspecto peculiar que é a sua conexão, seus fluxos adaptados às realidades da contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que as práticas de racismo perpassam o jornal, o rádio e a televisão são transportadas para a cibercultura, criando outras formas de se movimentarem em diferentes sentidos. Porém convergindo para algumas finalidades semelhantes, como se vê na manutenção de repertório racista e como suas intencionalidades reverberam violências nas comunidades negras deste país. Pensando na formação desse cenário, tive acesso ao primeiro indício de pesquisa no Brasil sobre esta temática que trazia uma reflexão acerca do impacto da internet nas

comunidades negras e a difusão das práticas racistas nesse cenário que foi a tese de Santos (2002) intitulada *Negritude virtual: educação, internet e identidade*.

Compreende-se que a pesquisa abre o campo da reflexão sobre a relação entre o universo da internet e as relações raciais no Brasil. Para isso, o trabalho teve a intenção de analisar o impacto do mundo virtual para a organização dos negros brasileiros. Tendo em vista o combate ao racismo, foi montado um quebra-cabeça para aguçar sua sensibilidade, entender esse fenômeno e seu impacto na sociedade brasileira. Comumente, já se visualizava a formação de um novo cenário que lançava para o ciberespaço as práticas de racismo, ocorridas nos diferentes contextos das realidades brasileiras, movimentadas nos jogos de identidades que partiam de sua afirmação e das relações de poder estabelecidas socialmente (SANTOS, 2002).

Nesse sentido, Santos (2002) destaca o jogo de posicionamento no ciberespaço em que é possível entender os debates realizados nesse cenário e como os atores sociais se posicionavam nesse jogo relacional, para perceber o transmutar de suas pautas para esse universo, sinalizando que as comunidades e movimentos negros fixam-se nesse espaço, ao reelaborar os mecanismos alternativos para compartilhamentos e questionamentos críticos dos saberes da população negra. Além disso, auxilia a pensar os laços de solidariedade, sociabilidade, amorosos e políticos que corroboram o desenvolvimento de ações e medidas a serem aplicadas na esfera social que remodelam as múltiplas identidades negras em fluxo.

Em perspectiva semelhante, Guimarães (2006) em sua dissertação - *No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho: o potencial transformador das cotas raciais*, cujo intuito ajuda a captar como os debates que aparecem em jornais, rádios e televisão adentram no mundo da cibercultura como se pode visualizar no debate sobre cotas raciais que não visam somente, à inclusão da população negra na educação superior pública, mas também, reforça a entender as ponderações tecidas referentes à reparação através da ação afirmativa que permitiu visibilizar, com muita perceptibilidade, o comportamento racista do povo brasileiro. Ao mesmo tempo utilizando-se de procedimentos metodológicos que colocam o site do extinto Orkut como uma importante ferramenta para aferir a pressão da sociedade brasileira no que tange às questões raciais, ao levantar vozes contrárias ou favoráveis de vários segmentos a respeito das cotas raciais no contexto brasileiro.

Ao salientar os processos de desigualdades raciais na educação básica e seu impacto no ensino superior, ajuda a entender as dinâmicas produzidas no universo educacional diante dos argumentos que aparecem para justificar as diferenças. Nesse sentido, são pautados: o discurso de mérito, de investimento na educação de base e a formulação de cotas sociais, utilizados como elementos apropriados que fluem nesse jogo discursivo dos que comumente se opõem ao sistema de cotas direcionado à população negra. Sem dúvida, legitimam como solução uma reparação para todas as populações pobres de nosso país, agora materializada nas redes sociais, o que contribui para reflexões acerca do debate das relações raciais no ciberespaço e destaca que a sociedade brasileira demarca seus preconceitos anunciados. Porém, mesmo se expressando por meio de discursos preconceituosos, nega essas práticas e mostra um racismo intrínseco e estrutural em que a discussão sobre as cotas raciais poderiam ser o caminho de transformação da sociedade brasileira, mudando lógicas sustentadas ao longo do tempo.

Assim, as relações étnico-raciais no espaço virtual delineiam-se para as populações negras e suas diferentes organizações, comunidades e movimentos, como um campo de tensão, que necessita perceber as reconfigurações do racismo em rede, a luta e o combate às práticas racistas no país e assim o espaço virtual começa a ser debatido em algumas agendas dos movimentos negros.

Vinculada a essa concepção uma crítica interessante foi proposta por Machado (2013) na tese intitulada *Comunicação, educação e negritude: interações de professores (as) com as mídias e a cidadania de afro-brasileiros (as) em contextos escolares de Porto*, seguindo a linha de Guimarães, ao assinalar e problematizar os contextos educacionais vinculados ao ciberespaço e se propôs analisar a relação entre o uso social que os professores fazem das mídias relacionadas à negritude e aos processos de cidadania de afro-brasileiros, com base na contribuição dos estudos culturais latino-americanos, nas vertentes dos usos sociais das mídias e da interface entre comunicação e educação. Percebe-se que o desvendar desses tipos de negritude oferecidos pelos meios de comunicação aos receptores e às receptoras trouxeram um novo horizonte para as análises das relações entre a mídia e as questões negras. Nessa perspectiva, insurge perceber os sentidos que estão sendo negociados para o uso desse espaço que revelaram as convergências e divergências entre os possíveis usos que podem negar o acesso, mas não só isso, o contato com as temáticas negras.

Ainda no tripé educação, relações raciais e prática de racismo no ciberespaço encontravam-se as reflexões de Martins F. (2016) na *dissertação Educação, esfera pública e o agir comunicativo da luta por reconhecimento: estudo sobre as ofensas racistas contra o goleiro Aranha*, que pontua a relação entre a educação, a esfera pública e o agir comunicativo, com a finalidade de aferir e problematizar as atitudes racistas envolvidas no caso do goleiro Mário Lúcio Duarte Costa (goleiro Aranha). Dessa maneira, foi possível estabelecer a interlocução entre as teorias e o contexto da realidade social, como uma metonímia da comunicação perante a sociedade por meio da internet (mídia digital), analisando os agentes envolvidos, suas consequências no convívio social e o que este recorte traz como efeito para a sociedade contemporânea, meios que educam os seus agentes e os transformam.

Em vista dos argumentos apresentados, o caso analisado por Martins F. (2014), refletiu sobre a intersubjetividade como um importante instrumento para disseminação do saber e da formulação de práticas educacionais antirracistas, potencializando aberturas nos contextos educacionais temáticos que eram relegados desses espaços, portanto, luta, reconhecimento e saber tornam-se uma trilogia de poder que confronta discursos e práticas racistas.

Outro ponto destacado foi apresentar como os agentes envolvidos, o goleiro Aranha, a torcedora Patrícia Moreira, a imprensa, a mídia digital e a sociedade, foram interpretados por diferentes ângulos, dependendo do processo de reconhecimento, relevância da luta e posicionamento político dos atores sociais que adentram na causa. Logo, enfatizo que foi por meio da internet que o fenômeno de violência evidenciou-se como pano de fundo para uma comoção social, marcada pela prática de racismo. As falas e argumentos aparecem materializados para denunciar as experiências de desrespeito explícito, apoiado por um lado e questionado por outro cuja pretensão é mudar os caminhos morais do mundo e da vida. Nesse sentido, foi possível apreender que a luta do movimento negro potencializa mudanças na esfera social, na ampliação dos conceitos que nos permitem fazer uma reflexão a respeito do racismo na sociedade brasileira.

Nesse mesmo cenário, Campos-Fonseca (2014) na dissertação - *Estudo de caso dos repertórios interpretativos empregados na construção de posicionamentos contrários ao sistema de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras em comentários na internet*, compreende os repertórios interpretativos utilizados na construção de posicionamentos

contrários às cotas raciais nas universidades públicas brasileiras, expressos na sessão de comentários à notícia, publicada na internet, da decisão unânime do Supremo Tribunal Federal em favor da legitimidade constitucional do sistema de reserva de vagas baseado em critérios raciais. Em suas ponderações, ressaltou algumas vantagens da especificidade do campo empírico recortado para o estudo do racismo, bem como da consideração do racismo como uma prática sociocultural de construção de sentidos, concretizada diante do emprego de recursos discursivos disponíveis numa sociedade racista. Com isso, reconhece que os privilégios da população branca construídos ao longo do período colonial e escravista permaneceram intocáveis e é, uma questão crucial na compreensão do grande rechaço que a decisão unânime em favor do sistema de cotas raciais produziu sobre aqueles que gozam destes ‘privilégios’.

Portanto, ao pontuar algumas linhas de aprofundamento da análise do material coletado destaca que as informações apresentadas compreendem como as relações raciais foram refletidas ao salientar a sua disseminação no ciberespaço, e, para isso, tentam estabelecer uma linha de reflexão para o entendimento dos movimentos ocasionados na interação dos atores sociais nesse universo. Visto que a relação entre a internet e as representatividades negras se deu no campo da interseccionalidade de raça e de gênero ponderados no debate da realidade brasileira.

Diante do que já foi exposto, na dissertação de Dias S. (2009) denominada *O papel da internet para as redes de organizações não-governamentais: o caso da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)*, ao constatar que a internet tornou-se um instrumento para as ações de articulação e mobilização desenvolvidas por redes de organizações não-governamentais (ONGs), considerando que a ampliação das ligações entre os participantes das redes de ONGs se constituem em um aumento de capital social da rede e seu potencial de articulação. A análise foi realizada com as integrantes da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), composta por representantes de organizações não-governamentais e movimentos sociais que atuam no combate ao racismo e sexismo no Brasil.

O que torna interessante nessa articulação produzida pela autora que dialoga com as questões da tese, foi pensar o impacto dessa ferramenta nas relações sócio - raciais brasileiras que contribuem com uma outra forma de mobilidade, circulação de informações e interações. Com efeito, podem ser estabelecidas nessa confluência ao problematizar o uso da internet por

movimentos sociais, ativismo social e desafios que emergem dessas novas formas de motivar as socializações nas diferentes redes distribuídas por diferentes contextos e realidades do país. Nesse sentido, destaca a importância da internet para os grupos, sistematicamente discriminados, além de destacar como as mulheres negras utilizaram desse instrumento que constitui uma ferramenta antirracista, ao se apresentar enquanto um mecanismo de visibilidade fundamental para fortalecimento das suas lutas.

Além disso, descreve que as mulheres negras estão encontrando seu espaço na sociedade da informação, incorporando-se às suas lutas, recursos como a internet, blogs de organizações não-governamentais, grupos, coletivos, indivíduos, listas de discussão, abaixo-assinados, redes sociais, páginas de notícias para diferentes causas sociais. Também, pontua que um número dessas ações deve ser acessado a partir dos investimentos já existentes em inclusão digital cujo motivo é o barateamento dos computadores e do acesso à internet sem contar o papel que o uso do celular e futuramente da internet móvel pode desempenhar, pontos cruciais destacados, que dialogam com as questões de consumo das diferentes ferramentas digitais, que através da redução de custo favoreceu o acesso maior entre populações negras, e, conseqüentemente o aumento das práticas de racismo como destaca Dias (2009).

Na mesma linha de contexto Silva (2011), investiga em sua tese – intitulada: *Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Midiática: Estudo Sobre a participação de jovens negras no Hip – Hop, a construção de identidades e sua presença na internet*, as práticas comunicacionais digitais que envolvem a produção, a recepção e a transmissão de conteúdo, além de entender a organização dos arranjos interativos e as relações de pertencimento, presença e empoderamento. A compreensão das experiências interativas das mulheres na internet e suas implicações em práticas culturais juvenis contemporâneas de periferia funcionam como referência ao combate às desigualdades de gênero e do racismo. Enfim, o surgimento das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) contribuiu para a promoção de novas relações espaço-temporais, do saber e do poder, em que a interatividade estabelece a quebra de barreiras entre públicos, impulsionando novas formas de participação e de produção do conhecimento.

Entendendo que as relações estabelecidas entre as mulheres jovens no hip-hop com as tecnologias discursivas, no mundo social ficam perceptíveis as formas com que as mulheres

lidam com os mecanismos de conteúdo musical, social e tecnológico, com vistas à análise do papel da cultura, da tecnologia e da mídia como mediadoras na construção de identidades culturais e sociais de jovens mulheres participantes do movimento hip-hop. Desse modo, questionam as estruturas de poder e denunciam as violências raciais expostas para a população negra em diferentes meios de comunicação.

Assim, Silva (2011) com detalhes minuciosos chama a atenção para pensar as diferentes cenas do ciberespaço sobre as relações raciais, visto que interessa entender como são acionadas e como são estabelecidas as delimitações de papéis e os estilos de vida da população negra. Por certo, as relações raciais transversalizam seus posicionamentos, fazeres, saberes ao produzir seus caminhos de resistência na busca de emancipação, galgada no uso social/ideológico da comunicação e tecnologia como forças contra- hegemônicas. Assim, ao se apropriarem da tecnologia para consumir, transitar e se colocar no mundo ganham forças visíveis na luta, e, portanto, nos convidam a perceber o papel das tecnologias e como seus exercícios são importantes nas relações de sociabilidade do presente.

Nesse sentido, o impacto das tecnologias e suas formas de articulações na contemporaneidade foram apresentados por Gasparetto (2014) em sua dissertação intitulada - *A busca por uma cidadania da imagem: organização, lutas e articulação de políticas públicas no Brasil pela Rede Mulher e Mídia* em que analisa as interfaces entre os objetivos políticos da Rede Mulher Mídia e seus discursos sobre a origem dos estereótipos do modelo de beleza e o surgimento deste tema como prioridade para ativistas do movimento de mulheres. Além disso, verifica como a Rede constrói seu discurso, sua organização e sua ação de negociação em políticas públicas sobre a imagem, especificamente entre o marco temporal de 2009 e 2013.

Desta maneira, torna-se necessário observar como as ativistas estão organizadas em rede e na rede, ou seja, sua gestão é feita por meio do aparato técnico da internet. Para organizar suas ações no ciberespaço, utilizam-se de redes sociais virtuais, para debater as demandas e intervenções a respeito do tema transversalizado, com outros movimentos e lutas por uma mídia que promova, e não viole os direitos humanos estabelecidos socialmente, e em particular acompanham os direitos da população negra, em debate.

Na concepção de Gasparetto (2014) a relação ao Estado em âmbito federal (esferas do executivo, legislativo e judiciário) é tratada como um movimento de contestação e de

negociação, com vistas a formular políticas públicas sobre a imagem da mulher na mídia e democratizar a comunicação no Brasil na era digital. Desta maneira a fluidez dessa rede demarcada nas diferentes frentes de mulheres que compõem esse segmento, como se pode destacar: ativistas de movimentos de mulheres, de movimentos feministas e de Organizações Não Governamentais (ONGs), blogueiras, jornalistas, militantes lésbicas, grupos de combate ao racismo, além de integrantes de outros movimentos sociais e acadêmicos, dinamizam os dados da pesquisa.

Nessa perspectiva Silva T. (2019) na dissertação *Construções identitárias & TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras”*, busca refletir sobre a apropriação das TICs pelas mulheres negras brasileiras, como tática e estratégia para a resistência contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe, entre outras opressões entre 2013-2017. Assim, ao adentrar nas experiências tecidas no ciberespaço é possível identificar como as mulheres negras se colocam nesse universo, sendo necessário estabelecer uma relação entre blog e o conceito de dispositivo infocomunicacional, elaborado por Foucault, Marteleto e Agamben, para analisar o weblog “Blogueiras Negras”, uma plataforma coletiva de mulheres negras.

Com outras palavras, Silva T. (2019), reforça que o weblog constitui-se em um dispositivo infocomunicacional, permitindo que as mulheres negras se organizem e compartilhem experiências comuns, fazendo da internet o “seu lugar”. Além disso, confirmou que a melhor tática de conteúdo para a plataforma era privilegiar as pautas específicas das mulheres negras, que estão fora da mídia hegemônica, como a estética negra, o cabelo e além da solidão em relacionamentos afetivos. Por outro lado, elas produzem, organizam e propagam informação dos saberes políticos, estético-corpóreos e identitários, construídos nas lutas por emancipação.

No mesmo sentido, ressalta que muitas jovens negras descobrem sua identidade ao ingressar nas universidades, quando se deparam com o racismo. Assim, as blogueiras compartilham suas experiências sobre a descoberta e o fortalecimento da identidade negra nos relatos e reivindicam a identidade negra dos seus estados, saberes identitários, assim como os feministas que ampliam as reflexões e evidenciam os posicionamentos políticos em outros espaços onde a presença negra não é ressaltada.

No mesmo contexto, Silva T. (2019) chega à conclusão de que as mulheres negras utilizam a internet e a escrita para disputar as narrativas sobre o grupo, desconstruindo os

discursos e os estereótipos racializados e construindo saberes que potencializam seu lugar no mundo. Ainda enfatiza em sua agenda temática do blog a visibilidade de mulheres negras apagadas pela história oficial, como Antonieta de Barros, Virgínia Leone Bicudo, Aqualtune, entre outras. Os saberes das religiões de matrizes africanas e das comunidades quilombolas estão presentes em publicações das Blogueiras Negras que fazem circular as informações e politicamente criam novas formas de lidar com as experiências negras no país.

Na mesma direção do objeto delimitado encontra-se o trabalho de Clemente (2019), em sua tese intitulada *Novas manifestações de racismo e sexismo contra mulheres negras e contra discursos das ativistas digitais negras*, onde analisa o racismo e sexismo virtual a partir das experiências das mulheres negras e os seus enfrentamentos. Sobretudo, problematiza numa perspectiva interseccional, quais os elementos que enfeixam o racismo e o sexismo na produção de discursos sobre as mulheres negras que se veiculam na internet e consideram a prevalência do mito da democracia racial e do machismo no país. Para tanto, se embasou nos debates dos (as) intelectuais acerca da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial no país, nas mulheres e intelectuais negras que integram o feminismo negro que lançaram as principais indagações para questionar as estruturas sociais do Brasil.

Outro ponto marcante, ressaltado na tese é o enfrentamento ao racismo e sexismo, potencial político pedagógico do blog, pois foi observada a presença de “internautas que assumem diretamente que são racistas e se mostraram interessados e comprometidos em mudar suas práticas” (CLEMENTE,2019, p. 194). Para a autora, esse é um achado relevante, pois a mídia virtual tem possibilitado acessar esse tipo de informação que em outras épocas nos parecia mais difícil de ser comprovado.

Os estudos mencionados, corroboram para entender a presença das novas tecnologias da informação, que trazem à tona as articulações entre racismo e sexismo, direcionados às mulheres negras. Por outro lado, também, possibilita a produção de contradiscursos sociais, por ativistas digitais negras, que problematizam e dão visibilidade ao racismo e sexismo, oportunizando aos internautas acessar/dialogar (com) conhecimentos contra-hegemônicos. Ademais, foi possível notar os discursos de negação, reprodução e reforço do racismo e sexismo e o potencial político-pedagógico do ativismo negro na internet como enfatizou Clemente (2019).

Enfim, retorno a Gaspareto (2014) e a Clemente (2019) que sintetizam, ao ressaltar que as intencionalidades das reflexões demarcam as diferentes proposições estabelecidas no ciberespaço e compreendem as novas formas de resistências de ativistas negras, de movimentos e redes pelas mudanças estruturais que possam reverberar nas redes sociais. Sobretudo trazer avaliações e perspectivas para o debate dos envolvidos na triangulação redes sociais, mulheres negras e Estado tentando avançar para um novo posicionamento político e a regulação pública que proporcione o exercício do desmonte das práticas racistas dentro do ambiente virtual e fora dele.

Na linha da jurisprudência aparece a dissertação de Melo (2010), intitulada *Racismo e violação aos direitos humanos pela internet – estudo da lei nº7. 716/89*, que traça um caminho, mais sólido, acerca das relações raciais no universo virtual, quando, buscou estudar a lei 7.716/89, a partir do artigo 20 relacionado às condutas tipificadas como crime de racismo quando praticadas, por meio de publicação na Internet. Atrela-se, ainda, ao histórico da questão das relações raciais no Brasil, bem como as previsões atuais de proteção do Estado contra as formas de discriminação racial, em vista dos novos meios utilizados na prática de condutas delituosas, nesse caso a internet, a fim de compreender o alcance dos crimes eletrônicos de racismo. Essa última expressão já delineia a presença da prática do racismo em diferentes espaços de sociabilidade, que promove a violação dos direitos humanos, via internet, na forma de condutas de disseminação de informações negativas sobre as comunidades negras.

Nesse sentido, Melo (2010) comenta as formas de discriminação dentro da sociedade da informação e dos riscos que são gerados pelo uso indevido da tecnologia num mundo globalizado. Só assim, foi possível adentrar na ideia de criminalidade, no ambiente virtual e no problema do racismo na internet pela gramática dos direitos humanos em âmbito internacional, e pelos direitos fundamentais, em âmbito nacional que se apresentam na vertente delituosa de racismo com o uso das redes de computadores. Diante de tal realidade, destaca que os Estados têm se pronunciado quanto às condutas de racismo na internet com alguma regulamentação da rede ou aplicação de uma legislação que se propõe em efetivar uma política antirracista. No caso do contexto brasileiro, as obrigações do Estado são contraídas em documentos internacionais, cujo compromisso, resumidamente, corresponde a

medidas de promoção à igualdade, à prevenção e à repressão de discriminações em termos raciais.

Diante do contexto Silva et.al (2011), em seu artigo *Discursos de Ódio em Redes Sociais: Jurisprudência Brasileira*, destaca a importância de compreender como o sistema judiciário brasileiro julga processos que envolvem discursos de ódio, publicados em redes sociais, pois se caracterizam por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros atributos. Esse tipo de conteúdo não se limita a atingir apenas os direitos fundamentais de indivíduos, mas de todo um grupo social, estando esse alcance, agora, potencializado pelo poder difusor da rede de relacionamento, como o Facebook. Haja vista o crescimento de redes de relacionamento virtual que facilitou a divulgação de conteúdos racistas. A pesquisa revelou as primeiras práticas de racismo que foram denunciadas nos poderes judiciários e receberam litígios relativos a discurso de ódio on-line. No entanto, naquele momento, os números eram ínfimos se comparados com outras demandas ou com a incidência de denúncias a esse tipo de conduta.

Desta forma, é necessário entender a necessidade de o direito adaptar-se às demandas da era da informação e perceber como os casos julgados e analisados revelaram o caráter não absoluto da liberdade de expressão, direito que não pode servir de suporte para o cometimento de violações, a fim de que se resguarde o princípio da dignidade da pessoa humana. Ainda pontua que em alguns casos estudados houve incidência da lei n. 7.716/89, que confere caráter de ilicitude aos discursos de ódio, embasados nos critérios arrolados no artigo 20, quais sejam, raça, cor, etnia, religião e procedência nacional. Mediante a estes pontos, analisou o tratamento conferido aos emissores do discurso de ódio, não ao discurso em si, mas não identificou qualquer preocupação com a vítima, quer na sua forma individual, quer se adote o conceito de vitimização difusa.

Vale ressaltar que as convergências entre Melo (2011) e Silva et.al (2011), se estabelecem ao potencializar em suas reflexões a interconexão entre a internet e debate das relações raciais que se articulam com a disseminação do racismo e seu combate dentro da sociedade brasileira. De forma geral, já desenham e captam o fenômeno em sua fase inicial, possibilitando que outros pesquisadores possam problematizar e trazer as especificidades de diferentes contextos e épocas em que são acionadas essas violências. Assim, mostrar a

necessidade de pensar na legislação que ampare e que combata as práticas de racismo e proporcionar às comunidades negras maior articulação no espaço virtual, tanto para disseminar seus saberes como reivindicar e questionar as violências que foram expostas.

Conforme o exposto, Andrade (2012), em sua dissertação *Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância – Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011)*, propõe o estudo das atividades relacionadas à comunidade NEGROS no extinto Orkut, desde 2004 e que reunia 36.000 membros, com a intenção de contribuir para identificar o papel das redes sociais no âmbito das iniciativas voltadas para a afirmação de uma identidade racial e no combate ao racismo. De fato, as novas tecnologias ampliaram significativamente os veículos de comunicação e de informação existentes e permitiram que as redes sociais ganhassem grande expressão nos últimos anos, tendo em vista o potencial formativo desses meios que acatam uma pluralidade de veículos de informação e comunicação, mesmo sabendo que nem a internet, nem as redes sociais virtuais foram criadas para atender aos objetivos educacionais, sendo importante lembrar que as pessoas se apropriam desses meios para criar novas formas de se relacionarem com o mundo.

Dessa forma, para Andrade (2012) uma das razões que contribuiu e justificou o desenvolvimento dessa pesquisa foi a opção pelo estudo de uma das primeiras comunidades criadas em redes sociais, com a finalidade de congregar pessoas com interesse pela situação do negro no Brasil. Tal estudo, utilizou a análise dos discursos produzidos sobre a identidade negra em dois tópicos do fórum da comunidade, voltados para a autodeclaração racial. Além disso, a pesquisa trouxe à tona de que maneira os membros vêem a referida comunidade e seus conteúdos, buscando ainda reunir elementos sobre o grau de participação destes. Para isto, foram realizadas entrevistas com três integrantes com perfis distintos, mas com grande expressão no grupo. A análise dos dados coletados mostrou que os discursos de identidade negra são construídos de modos diferenciados, mesmo que a comunidade invoque certa homogeneidade.

Andrade (2012) ainda ressalta que foi possível apreender nos relatos dos membros da NEGROS desde a consciência da opressão histórico-política até o orgulho do pertencimento, passando pelo sofrimento causado pelo preconceito, sendo possível constatar que as perspectivas de socialização da comunidade potencializam a construção coletiva de

conhecimentos relativos à identidade do grupo. Por fim, a reflexão tecida evidenciou o potencial ativista das redes sociais.

Na mesma direção Chaves (2014) na tese - *Usos da internet nos movimentos sociais negros em rede na luta pela igualdade racial no Brasil: estudo de caso da Agência Afropress*, objetiva fazer uma reflexão acerca dos usos da internet pelos movimentos sociais negros em rede na comunicação de suas agendas de luta pela igualdade racial. Assim, lançou um olhar sobre a experiência da Agência a partir dos eixos teóricos da comunicação em rede, internet, movimentos sociais e luta pela igualdade racial. Também relacionou esses pontos para entender a atuação do ativismo pela igualdade racial nesse momento, quando a sociedade, dentro de suas diversas temporalidades, vive a era da informação em que os meios misturam suas lógicas na organização da vida e oferecem outras possibilidades de usos e direcionamentos para os atores sociais.

Entre a relevância de estudar esse objeto, Chaves (2014) destaca a sua fundação em maio de 2004 em São Paulo, a Afropress uma das primeiras agências de notícias especializadas em assuntos relacionados à cidadania e identidade dos afrodescendentes, busca a igualdade racial, luta contra o racismo e denuncia situações de discriminação. Sendo seu site, www.afropress.com.br, a principal interface de atuação e visibilidade da entidade, além de perfis nos sites de relacionamento Facebook, e Twitter, e ainda no site de compartilhamento de vídeos YouTube. Nessa trajetória de pesquisa, foi possível verificar que a comunicação continua sendo uma estratégia importante na militância negra, para se firmar cada vez mais nos processos de lutas pela igualdade racial, com a inserção das tecnologias da comunicação e informação. Também potencializou a atuação, em rede, dos movimentos sociais negros e constatou que a Afropress, simultaneamente, exerce a função de mídia jornalística engajada, e de espaço de empoderamento dos movimentos sociais negros, de visibilidade, de discussões, tensões e geração de práticas em torno das agendas de luta pela igualdade racial.

Chaves (2014) Sinaliza ainda para que pensemos nas estratégias que ajudem posicionar e a questionar as realidades de: enquadramento, violência e opressão referentes aos negros, o que torna um ponto de partida para novas reflexões para o entendimento mais consistente do panorama do ativismo negro num momento em que se consolida uma série de conquistas, como a implementação do sistema de cotas nas universidades e a aprovação do

Estatuto da Igualdade Racial. Contudo, ainda é constante na mídia a divulgação de casos de racismo e discriminação racial, que felizmente se desdobram na busca de punição aos responsáveis e reparação às vítimas.

Para evidenciar esses aspectos, a pesquisa de Cervi (2014) *Intolerância e Racismo no Futebol: a Racialização do Outro*, objetivou entender os casos de racismo dentro do futebol enquanto elemento da representação cultural do Brasil e ressalta os discursos utilizados para classificar e inferiorizar a população negra, movidos no processo de ativação da identidade nacional. Assim, destacou que os discursos ganharam visibilidade nas discussões travadas nas redes sociais, entretanto, era interesse do autor apenas analisar os discursos de diferenciação da população negra nas redes sociais, ligados ao futebol. Mesmo assim, pontua como o racismo nesse universo tem o poder avassalador de flagelar trajetórias ao negar a humanidade e ao expor de forma violenta os atores sociais que se encontram envolvidos. Dessa forma, enfatiza que o racismo alimentado na estrutura social brasileira, e nas práticas esportivas tem a capacidade de desestabilizar os jogadores negros e seus torcedores que sofrem na coletividade.

Na mesma linha, o trabalho de Prado e Aquino (2015), “#Somos Todos Macacos: olhares sobre socialidades e engajamentos nas redes sociais” procurou entender como a sociedade brasileira se posicionou diante dos movimentos amparados por ações sociais, precisamente, a campanha desenvolvida no país denominada “somos todos macacos”, que movimentou as redes sociais no ano de 2014 contra o racismo no futebol brasileiro e que envolveu uma série de questões comportamentais, culturais e até éticas no que diz respeito ao seu entendimento. Destaca também que muitos artistas abraçaram a causa com o intuito de se promover e ganhar visibilidade dentro do cenário midiático. Através dos estudos ressaltados acima, fica latente por parte desses pesquisadores a preocupação com o racismo na internet. Os mesmos privilegiaram a discussão recorrente, a lei do racismo, os discursos de ódio, especificamente no Orkut, Intolerância e Racismo no Futebol e sobre movimentos contra o racismo. E destaca que mesmo assim, os casos de racismo nas redes sociais até o momento não foram analisados e problematizados com a devida intensidade de que o fenômeno necessita.

Desse modo, Cervi (2014) e Prado e Aquino (2015) auxiliam para pensar como as práticas de racismo efetivadas fora do ciberespaço, têm o poder de se deslocar para outra

estrutura social e ganham forma e densidade. Efetivamente, diferentes atores sociais se posicionam para coibir a prática ou para proliferar e cria um campo de batalha que necessita da intervenção da justiça nessas realidades. Além disso, demarcam como o racismo no Brasil possui uma plasticidade e capacidade de deslocamento muito forte, fazendo com que diferentes frentes se posicionem ante essas ativações de violência que ainda fazem sentido em nossas realidades sociais.

É bom acrescentar que, Egídio (2016), na dissertação *Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira*, teve como objetivo analisar no discurso de uma notícia e de uma postagem no Facebook, ambos referentes a eventos que envolvem práticas racistas. Assim, ressalta como em seus respectivos comentários, se deu o uso de estratégias linguísticas que favorecem a negação do racismo e observou como a mídia e os usuários da internet se utilizaram dessas estratégias de negação, examinando as divergências e convergências entre estes discursos. Os discursos selecionados foram publicados no site G1, sobre comentários de teor racista direcionados à jornalista Maria Júlia Coutinho e os primeiros 100 comentários sobre a postagem, como também a postagem do humorista Fernando Meirelles sobre a polêmica que envolveu uma criança negra, a qual foi fantasiada pelo pai, como um macaco, assim, analisaram os primeiros 100 comentários, a fim de problematizar e entender as dinâmicas sociais que se formam neste espaço virtual.

Em virtude dos fatos mencionados, o autor destaca com relação aos resultados desta pesquisa, em ambos os casos, que encontrou marcas de negação do racismo.

No primeiro evento, as negações são mais sutis, estruturas linguísticas utilizadas pelos atores foram cruciais na construção das estratégias de negação do racismo, entre as quais destacou a reversão do racismo, o contra-ataque e a polarização grupal. Decerto, tais elementos contribuem para a manutenção da condição histórica de desigualdades, preconceito e dificuldade de reconhecimento da identidade dos negros, que têm sido partes constituintes da sociedade brasileira desde sua fundação. Já na análise da notícia sobre a prática racista cometida contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, detectou uma estruturação da temática do texto, em que prevalecia a ênfase na atitude dos internautas que se voluntariam, em massa, a apoiar a jornalista, com mensagens que demonstravam afeto e admiração por ela e, ao mesmo tempo, revolta contra os autores dos comentários racistas.

Portanto, nos comentários a respeito dessa notícia, as temáticas que prevaleceram foram, justamente o apoio à jornalista e a oposição à atitude dos internautas. No último comentário a respeito da postagem foram encontradas diversas marcas de negação, de reversão e de contra-ataque aos movimentos sociais e às pessoas que questionaram a atitude do pai, ou se posicionaram contra o racismo, em geral. Ressaltou que as estratégias que levaram à negação do racismo, nos comentários, apareceram de forma mais explícita que na própria postagem. Entendeu que isso ocorreu por conta da maior preocupação do humorista, enquanto figura pública, com a preservação de sua imagem e prevenção contra possíveis acusações de racismo.

Assim, em ambos os eventos, os discursos apresentavam marcas de negação do racismo, e com isso, há, ainda, muito o que se trabalhar a respeito das práticas racistas do cotidiano brasileiro, para ajudar a desconstruir o ideário a respeito das relações cordiais entre as diversas raças/etnias que povoam o nosso país. Em vista disso, as práticas racistas ainda são instrumentos da aniquilação das comunidades negras tanto no plano físico quanto na legitimação do discurso racista que no Brasil está atrelado à negação discursiva desta prática.

Considera-se também o argumento de Assis (2011) na dissertação *Racismo@online.com.br: As relações raciais a partir da análise de blogs*, cujo objetivo foi analisar o racismo on-line na cidade de Maringá, estado do Paraná onde interpreta os discursos postados em três blogs de moradores da própria cidade. O ponto de partida foi observar as informações veiculadas nesse universo para entender sua produção como uma ação social. Na análise foi possível entender as falas dos internautas inscritas nesse campo, relacionando sua concepção acerca das relações raciais na cidade pesquisada, com a concepção sobre o racismo produzido no Brasil e compartilhado por seus habitantes.

Um dos temas discutidos por Assis (2011) foi o entendimento das postagens interpretadas, tentando visualizar a reprodução de uma retórica em que os conteúdos são compostos por elementos que remetem um tipo de discurso conservador e racista, estruturado por falas que corroboram a manutenção do status vigente, que em qualquer forma de política afirmativa é interpretada como uma ação paternalista. O autor enfatiza que o uso do termo raça é constantemente lembrado para distinguir os agentes sociais, assim como o mito da democracia racial é utilizado como um meio de negar que há a existência de manifestações racistas em nossa sociedade como um todo.

Outro ponto que Assis (2011) apresenta articulado com as reflexões acerca da relação com a cidade e o ciberespaço, cujo projeto urbanístico da cidade de Maringá foi proposto, segundo um modelo o qual procura separar os diferentes grupos sociais. Isso é perceptível quando observou essas referências no comportamento do maringaense, no seu discurso, quando o tema a ser discutido diz respeito à mudança na estrutura social, não compartilhando da ideia de uma abertura de campos sociais que são habitados, historicamente, quase sempre por um mesmo grupo. Essas posições foram demarcadas quando o assunto deliberado foi a promoção de políticas afirmativas de cunho racial. A maioria das opiniões sobre o assunto era de insatisfação pelos internautas que inscreveram suas opiniões contra esse fenômeno, sendo materializadas nos blogs.

Ao discutir sobre a invisibilidade espacial do racismo, introduz o termo de território racializado dentro e fora do ciberespaço e demonstra que essa incompreensão invade as discussões tecidas em redes ao negar o debate referente a sua materialização nos espaços onde são estabelecidas as relações sociais.

Já Sales (2012), em sua tese *À flor da pele: uma análise crítica de discursos empresariais sobre diversidade racial no trabalho*, procurou analisar os discursos sobre práticas de fomento à diversidade racial no trabalho, publicizados na internet por empresas atuantes no país, identificando os preceitos e as articulações discursivas a eles vinculados. Além disso, inúmeras são as demandas que partem dos movimentos sociais, e uma delas é o posicionamento crítico ao acesso ao trabalho que se torna um palco no qual emergem reivindicações diversas: pelo acesso a vagas, pela remuneração equitativa e por chances equânimes de ascensão funcional. Em conjunto, estes pleitos delineiam os anseios por equidade nos espaços laborais e dirigem-se a combater as expressões preconceituosas e discriminatórias.

Segundo Sales (2012) é no turbilhão de questionamentos que os debates referentes ao campo do trabalho formal, direcionados às comunidades negras, que o ativismo negro entra em cena, em função das reiteradas ações empreendidas por décadas, bem como pelo fortalecimento, mesmo que tímido, de um ideário antirracista. Enfim, constata que os movimentos negros no Brasil logram, na atualidade, maior visibilidade de suas reivindicações. Diante disso, ressaltou as articulações que aproximam os temas, raça e trabalho em nosso país ao longo do tempo. Assim, com apoio da literatura selecionada,

atinentes aos temas referidos, três aspectos foram destacados como pontos cruciais: o primeiro evidenciou a abrangência e importância da presença negra no âmbito laboral já a partir da escravização. Em seguida, foram abordadas as implicações decorrentes do preconceito, da discriminação racial e do racismo, fatores que concorrem decisivamente para que a população negra brasileira ocupasse, majoritariamente, postos menos prestigiados e de menor remuneração, e, em terceiro lugar, analisaram-se as ações afirmativas e as políticas em prol da diversidade. Esses três pontos foram cruciais para pensar as dinâmicas das relações raciais e seu impacto na trajetória profissional das comunidades negras.

Para tanto, na dissertação de Dias A. (2007) intitulada: *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*, ao apreender o universo simbólico das URLs racistas, revisionistas e neonazistas, na internet, pincela os embates que se apresentavam na disseminação do discurso de ódio no país e chama a atenção para o extinto Orkut e suas comunidades para reforçar a diferença racial nesse espaço que acarretou em processos contra esses posicionamentos racistas. A autora enfatiza a necessidade de pensar como foram tratadas algumas categorias e expressões como crime cibernético e cyber-racismo. Enquanto demarcador do estilo de vida pôde sistematizar a afinidade destes signos e práticas. Então implantou-os em esquemas discursivos para garantir a perpetuação de seu mito racial que o compõem, em seus rituais, de forma a amalgamar definitivamente seu modo operacional. Além disso, demonstra a importância de se deter a sua dimensão rizomática e como o racismo se vale das mais variadas formas midiáticas, espalhando-se pela rede, valendo-se do link para arranjar suas camadas, seus platôs.

Na mesma linha de pensamento, Guimarães M. (2017) em sua tese *O “eu” confronta o “outro”: o que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais*. Ao investigar o impacto da imigração de haitianos no Brasil entre 2010-2016, a partir de manifestações de brasileiros nos portais de notícias G1, Folha de São Paulo, UOL e nas redes sociais Facebook e Twitter, com foco no fenômeno do racismo. Embora já houvesse migrantes haitianos no Brasil antes desse período, os números eram incipientes e os que aqui vieram migravam em busca, principalmente, de qualificação educacional. A partir de 2010, em virtude do sismo que vitimou milhares de haitianos e os expôs à situação de extrema vulnerabilidade, mas também por auspiciosas propagandas veiculadas naquele país sobre o Brasil, o contingente migratório aumentou e provocou uma

mudança racial na paisagem branqueada de nosso país, especialmente nas regiões Sul e Sudeste do país.

Guimarães (2017), comunga com a ideia de que o Brasil seleciona o perfil branco europeizado como desejável para compor a nação brasileira e relega, aos migrantes negros, o perfil de indesejado. Com esse cenário histórico, e sustentado por um processo de branqueamento por que passou a população brasileira, o racismo permeia a sociedade e nela permanece institucionalizado. Essa problemática nos levou à seguinte questão: como se apresentam as condições de existência no Brasil do outro, migrante, negro, oriundo de um país pobre? Para respondê-la, confrontamos os sujeitos: eu, brasileiro e o outro, haitiano. Assim, emergiram, pontualmente os processos de violência, pauta para efetivação do racismo e da xenofobia - motivados pelo ódio ao negro como também pelo migrante visto como invasor, o que faz as questões raciais serem afirmadas e adquirem novos contornos, ao revelarem uma nova direção para o racismo à brasileira.

Pela observação dos aspectos analisados, há evidência de que as marcas da classe, da raça/cor e da origem foram compreendidas como marcas triplas, estigmas e índices que determinam o lugar onde o haitiano pode ocupar no Brasil, definida no termo neorracismo - nova forma de racismo que conjuga essas marcas triplas para discriminar cujo alvo é o migrante haitiano. Essas marcas implicaram nos tons das manifestações que desmistificam a cordialidade do brasileiro e apontam que a civilidade não se dirige a todos os migrantes, visto que, este outro é tido como indesejável, se faz visível e desmistifica o Brasil cordial do século XXI. Logo, esse olhar sobre o outro, entrelaça-se com a projeção de sua imagem que ajuda a pensar sobre nós e como promover a construção mental do racismo que engendraria num outro comportamento social. Também poderia vislumbrar uma nova sociedade, com comportamento emancipatório e respeito à diversidade, assim, problematizar os processos constitutivos do comportamento, reflexos do pensamento social brasileiro, simbolicamente inculcado que reverbera desmontar as práticas de violência. Por fim, a impressão a que Guimarães (2017) chegou é que se atravessa ainda, em grande medida, o século XXI com os pés e o pensamento no século XIX. A sociedade brasileira, apesar dos avanços, ainda não conseguiu promover o respeito à diferença.

Como todo balanço de literatura, a revisão apresentada aqui é datada e parcial, todavia cumpre o objetivo de situar o presente trabalho no conjunto das produções acadêmicas com

características similares. Creio ser justo afirmar que recorri a tais trabalhos também na busca por elementos para a constituição do entendimento do objeto a fim de situar e alcançar um conhecimento mais amplo do universo dessa pesquisa. Busco reconhecer a transitoriedade das mídias ao longo do tempo e como na contemporaneidade são reutilizados os ícones do passado. Sem dúvida, tais ícones demarcam sua permanência, fortemente no universo do ciberespaço e se apresentam como mecanismo propulsor que energiza, ativa, e cria novas paisagens. Essas permeiam-se de significação que se remodelam e se flexibilizam, constantemente, para se manter na cena.

Nesse sentido, a tese que estou desenvolvendo, aqui, olha o movimento do ciberracismo e ciberantirracismo no mundo digital a partir da epistemologia parafuso que traz os contornos produzidos nos meios de comunicação, além de endossar as tendências de captar as dinâmicas produzidas pelo ciberracismo e as estratégias ativadas para o combate ao longo dos diferentes meios de comunicação. Deveras, evidenciaram dentro de suas estruturas a manutenção da diferenciação dos atores sociais em cena. Acredito, que os autores supracitados foram favoráveis à utilização da categoria raça em suas pesquisas, principalmente ao compreendê-la como um conjunto de produções discursivas. Essas se entremeiam de maneira relacional aos mecanismos de produção e reprodução das desigualdades sociais e raciais historicamente, construídas no Brasil. Além disso, observei como a categoria raça é utilizada e entendida como um instrumento fundamental para novas oportunidades de abordagem do fenômeno do racismo e das relações raciais, com contribuições que passam pelo estudo do campo das ciências sociais, humanas, exatas e biológicas.

As reflexões apontam para as dinâmicas das relações raciais e suas diferentes pautas e discursos produzidos e disseminados no espaço virtual, com relação ao fortalecimento das identidades e suas posicionalidades, mediante a elaboração de estratégias que auxiliam no questionamento das estruturas impostas às comunidades negras articuladas. Nesse repensar emergem diferentes articulações que evidenciam as relações de poder e denunciam as violências raciais construídas nessa conjuntura. Assim, no posicionamento de fazer política, entra a reflexão sobre o papel do Estado, sendo possível perceber como os sistemas jurídicos colocam-se diante desse fenômeno e como os movimentos negros se articulam nessas circunstâncias de embates e enfrentamentos.

Dessa maneira, ao se confluírem, contribuem para problematizar e aprofundar as questões que envolvem o campo do ciberespaço e das relações raciais, consoante às questões que envolvem o campo político de se fazer/questionar os modelos políticos difundidos no país. Por isso, perpassa o posicionamento dos movimentos negros no espaço virtual ao utilizarem as redes e os meios de comunicação para criarem outras narrativas, fazendo uma releitura conforme a temática das relações raciais tratada no país.

É importante destacar que o racismo também se opera nas práticas racistas evidenciadas nos jornais, televisão, rádio e na internet, ora, no movimento de afirmação de uma lógica eurocêntrica, ora utilizados no combate do racismo pelas comunidades negras que demarcam os diferentes posicionamentos e a busca por uma proposta antirracista que desmonte o sistema imposto perante a sociedade brasileira. Por fim, tendo esses dados como ponto de partida, para aprofundamento do objeto de pesquisa desta tese, ponho o foco em entender o ciberracismo produzido nas interações das comunidades negras dentro das redes sociais, ao tentar apreender o universo do Facebook, onde foram definidas as temáticas em torno das quais seriam desenvolvidas as considerações apresentadas neste estudo, sendo o conceito descrito no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

FIOS CONDUTORES: O FENÔMENO DO CIBERRACISMO NO FACEBOOK E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo

Na contemporaneidade, as sociedades são marcadas pela espetacularização da vida²³ que pode sintetizar em partes, nosso tempo no processo histórico e é, sem dúvida, a revolução ocasionada diante dos nossos olhos. Assim, a visualidade intensa e seletiva de imagens ganha formas, recortes, aperfeiçoamentos em centenas de aplicativos e de ferramentas que auxiliam nas suas edições, configurações, disseminações e clonagens, dependendo de quem as produz ou apreende enquanto uma imagem desejada.

Em outras palavras, quando me propus a entender o fenômeno do ciberracismo foi possível compreender o impacto das tecnologias digitais que transformaram para sempre os conceitos, as concepções, os processos de captura, revelação e digitalização das imagens. À vista disso, seus movimentos agora, nas relações brasileiras e outras realidades internacionais são fluídas, escorregadias e dinâmicas, ou seja, os limites de como lidar com as imagens são dissolvidos no interjogo do significado/significante.

No caso, do ciberracismo à brasileira as imagens são revisitadas, constantemente e podem ser manipuladas ou aperfeiçoadas em minutos, demarcando os diferentes posicionamentos seja por quem posta, seja por quem visualiza e comenta a postagem que se soma com os cliques, construindo as dinâmicas de interação nas redes sociais.

Além disso, nesse primeiro estranhamento do universo de estudo, observei que as sociedades produzem formas de tratamento das imagens que alteram essas materialidades captadas e disseminadas nas redes sociais. Em virtude disso, pude registrar que no século XXI os atores sociais envolvidos podem dentro desse novo formato participar do ranking de ter maiores seguidores e de maiores curtidas que afetam suas emoções e seu lugar no mundo.

De fato, vivencia-se um tempo, em que está frequentemente, atravessado pela influência das tecnologias digitais que de um modo ou de outro faz com que se experimentem

²³ A ideia de espetáculo pode ser captada enquanto um [...] discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o auto-retrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência. A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos. Mas o espetáculo não é o produto necessário do desenvolvimento técnico, visto como desenvolvimento natural. Ao contrário, a sociedade do espetáculo é a forma que escolhe seu próprio conteúdo técnico. Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos "meios de comunicação de massa", que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade. Se as necessidades sociais da época na qual se desenvolvem tais técnicas só podem encontrar satisfação com sua mediação, se a administração dessa sociedade e qualquer contato entre os homens só se podem exercer por intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa "comunicação" é essencialmente unilateral (DEBORD 1997, p. 20-21)

as relações sociais pautadas em constantes mudanças nas suas formas de estruturação, organização e também nas alterações de suas materialidades, práticas e saberes. Assim, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD ,1997, p.14). Mas não só isso, é também influenciada pelo jogo dos discursos.

Ressalto que em menos de duas décadas do século XXI, parece haver uma complexificação da dinâmica das disputas ocasionadas no campo das comunicações que perpassam as questões econômicas, sociais, políticas, religiosas e culturais, implicando em alterações de várias ordens, principalmente nas relações entre o campo político, a esfera midiática e a sociedade que introduziram novos processos de conflito e relações de poder. Portanto, esses comentários indicam que não tem como pensar o fenômeno do ciberracismo na atualidade, desarticulado destes novos processos de se relacionar no ciberespaço.

Em função disso, observo que minhas experiências sobre as práticas ciberracistas também remetem a ideia de que somos uma sociedade, extremamente impulsionada por formas imagéticas as quais acentuam os processos de exclusão/inclusão, de aceitação e não aceitação que são oferecidos por meio do ciberespaço, visando atender e estimular um ritmo acelerado de consumo e legitimar o lugar dos atores sociais dentro desse novo sistema.

Diante do cenário, percebi que em rede era possível visualizar a mudança das formas e das paisagens sociais referentes às leituras dos indicadores sociais, uma vez que nessa conjuntura é fundamental aprender a manusear esse universo, ou seja, ao fazer parte do entendimento das transformações produzidas nos contextos globais. Além disso, o contato intenso nas redes foi viável a outras formas econômicas que emergem com a finalidade de ressignificar os processos de produção, circulação da economia através de moedas virtuais, compras, transição on-line e o aumento das propagandas.

Sem dúvida, esta última forma de serviços encontra-se atrelada ao fenômeno do ciberracismo, quando se fala das propagandas de trajetórias de profissionais negros nas redes sociais. Doravante, foi possível visualizar outros formatos de trabalhos que adentram nas redes sociais, os influenciadores que se firmaram nas redes, esses são um dos exemplos possíveis de captar dentro dessa configuração na atualidade.

Conforme esse cenário, ficou evidente para mim que a velocidade cujas comunicações midiáticas ganham ao difundir suas informações na era da internet, tem criado não só formas diversas de representações, de si colocar no mundo e também de ressignificação de seus ícones em novas dimensões espaciais e temporais, efeitos de uma globalização que se sofisticou. Porém, ainda dá continuidade a uma versão do passado não digital, o que produz novos efeitos e remodelações que podem ser considerados futuristas e, conjuntamente ações arcaicas persistentes dentro dessa configuração.

Nesse sentido, minha experiência em rede constata que se muda o jeito de olhar, de se conectar; as conexões entre as pessoas criam redes, que se aperfeiçoam regularmente e se expandem, como um ímã que tem o poder de atração ao magnetizar o que está à sua volta. Ao alinhar suas partículas com a internet, ligam-se, cidades, estados, países e continentes, unificando-se em um sistema global que dialoga constantemente, com os contextos locais.

Por conseguinte, as fricções e negociações expressam a simultaneidade da vida contemporânea que apresenta as fragmentações produzidas na esfera balizada pelos atos de virtualidade que se constituem em um movimento de oscilações carregado de sentimentos de desconfianças, existências, revelações, impunidades e visibilidades. E, assim, diferentes sensações, captadas nas vivências e interações estabelecidas demarcam limites e podem ser tecidas nesse universo tanto pelo pesquisador quanto pelos atores sociais em fluxo.

Ao refinar o olhar para o ciberespaço é possível notar suas dinâmicas, do curso que se abre nesse traslado, observando os obstáculos, as alterações e seu deslocamento para outros espaços para se manter em cena, na fluidez da vida humana. Sendo assim, o capítulo que desenha objetiva apresentar o debate acerca do ciberracismo, e suas implicações na rede social Facebook partindo do impacto de sua disseminação e efetivação que afeta os contextos sociais do Brasil. Por essa razão, serão evocados, primeiramente, a produção do saber acerca do fenômeno do ciberracismo e logo após, procuro entender como o ciberracismo à brasileira se desenvolveu no Facebook.

Nesse momento, após, o delineamento do que pretendo problematizar, é possível pensar possibilidades abertas para o desenvolvimento da pesquisa a respeito do ciberracismo, em que os confrontos, embates, posicionalidades, alianças e estratégias de ambas (defesas, violência, enquadramento e diferenciação) as partes, são virtualizadas e disponibilizadas como materialidades que surgem na diferenciação e enquadramento do outro, se cria

simultaneamente um reconhecimento pejorativo que emergem nas tensões travadas em/ nas redes.

3.1 ECOS DE VIOLÊNCIAS: O FENÔMENO DO CIBERRACISMO NAS REDES SOCIAIS

Voltando às concepções iniciais percebe-se que o crescimento exponencial das práticas ciberracistas nos interstícios das redes sociais vem fazendo com que diferentes movimentos sejam acionados nesse processo de interação e socialização em rede. Para tanto, as conjunturas que se delineiam são permeadas por incertezas, deixando a vida cada vez mais indefinida daqueles que terão de se atualizarem regularmente em uma projeção futurista que projeta a emersão e formação de novos mapas afetivos articulados com o papel das tecnologias nas conexões sociais. Mapas que podem se registrar nas novas formas de se relacionar com o outro, novas linguagens, comunidades e nos corpos de quem transita nesse universo, desde a forma de como armazenam as informações/conhecimentos, que perpassam as estéticas e os conflitos, como exemplos pontuais de aspectos que podem ser captados em uma leitura, segundo as mudanças ocasionadas pela internet.

É certo que, no caso dos conflitos, a cada dia, torna-se mais urgente entender suas dinâmicas que se encontram articuladas quando os atores sociais se conectam às redes e se fazem on-line, visto que, essa particularidade de estar sempre conectado se apresenta como uma necessidade crucial nas vidas dos atores sociais da contemporaneidade.

Em razão disso, os riscos de navegar nas redes, é ponto importante apresentado nas novas reflexões sobre o seu impacto nas relações sociais (BERLEZE & PEREIRA 2017; KEUM & MILLER, 2018). No caso, do ciberracismo nas redes sociais visualizam-se as delineações que dão em múltiplas formas, assim, um grupo de pessoas cria suas estratégias para ativar as diferenciações de grupo que gera as disputas, os conflitos.

Ao mesmo tempo, outros segmentos buscam coibir tais atos nos apresentando um cenário difícil, de tensões que afetam as nossas relações sociais de forma geracional que se materializam nesse universo, guardadas no presente e disponibilizadas para as gerações futuras. Além disso, é evidenciado que o ciberracismo se direciona para os corpos, marcados por qualquer ancestralidade negra (KEUM & MILLER, 2018).

Nesse sentido, esta especificidade faz com que o fenômeno do ciberracismo rompa as fronteiras nacionais, e, ao mesmo tempo, estabeleça fronteiras relacionais entre indivíduos de diferentes grupos no ciberespaço. Com isso, ao reforçar mecanismo que segrega, exclui, desigual e ofende um segmento que é potencializado como parte diferente do processo, ou seja, o reconhecimento de elos com esse grupo manifesta e reforça as hierarquias e as inferioridades inexistentes.

É importante saber que no discurso, o jogo é estabelecido, entre o dizível e o indizível, que se manifesta de diferentes formas. “Na esfera do dizível, ora direciona diretamente o que querem explicitar, ora se exercita o “dizer sem dizer”: usam-se expressões que tentam camuflar o sentido degradante. A utilização de eufemismos é uma das estratégias do racismo, no discurso presente na sociedade brasileira. Na esfera do indizível, simplesmente, utiliza-se o recurso da invisibilidade, isto é, não dizer, não mostrar, negar a existência a partir de um lugar de hegemonia e poder.

Do outro lado, no Facebook, vários elementos são acionados para diferenciar os atores sociais, no caso do ciberracismo, a cor e os traços corporais são elementos cruciais para classificar e direcionar o racismo a um indivíduo em que impacta e influência na sua história de vida e em suas relações dentro e fora desse universo. Assim, criam critérios que determinam, espaços sociais que estão atrelados ao acesso ou impedimento de certos grupos influenciados pelas posições de poder, status e pertencimento étnico.

Logo, pude perceber que o ciberracismo atrelado a outras mídias, são ferramentas poderosas na promoção, manutenção do racismo, na reflexão e no combate, esse último toca no aspecto da alienação e/ou insensibilidade a respeito da questão racial e seu impacto na sociedade brasileira. Nesse sentido, Moore discorre que a insensibilidade está atrelada às práticas de racismo sendo produto desse processo. Assim,

[...] um mesmo indivíduo, ou coletividade, cuidadoso com sua família e com os outros fenotipicamente parecidos, pode angustiar-se diante da doença de seus cachorros, mas não desenvolver qualquer sentimento de comoção perante o terrível quadro de opressão racial. Em toda sua dimensão destrutiva, esta opressão se constitui em variados tipos de discriminação contra negros. Não há sensibilidade diante da falta de acesso, de modo majoritário, da população negra aos direitos sociais mais elementares como educação, habitação e saúde. [...]o racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-os inevitavelmente à sua trivialização e banalização (MOORE,2007, p.23)

Por esta constatação, o ciberracismo se consolida enquanto um fenômeno, extremamente visível que afeta as vidas negras, toma forma sensível e transfere o enquadramento de negação, sustentado, historicamente, como o racismo de corpo presente. Essas ações assumem a sua primazia nesse deslocamento e no rejeitar da humanidade do outro que é ativado na ideia de fazer com que se reconheçam as fronteiras sociais alimentadas, que buscam distinguir e conduzir o jogo, amparado nas relações raciais, que saem do domínio privado e adentram nas diferentes realidades dos espaços públicos, onde sua disseminação se perpetua para além das fronteiras territoriais, imaginadas e delimitadas na invenção das nações, ou seja sua profusão é comparada como uma epidemia global de atos de ódio contra a raça, conforme destaca Jakubowicz (2017).

No sentido de apreensão das formas sensíveis, o ciberracismo se apresenta na relação com uma circulação instantânea e momentânea, que ocupa o centro de nossa percepção na construção do mundo que nos cerca. No entanto, o ciberespaço traz um ponto peculiar, porque entre todos os que navegam têm a sensação de que no mundo virtual tudo pode acontecer, conseqüentemente, tudo se estabelece na imediatez de uma experiência instantânea, mas que marca vidas.

Em virtude disso, na apreensão sensível do mundo, passa-se a compreender o ciberracismo de diferentes formas, nos discursos e nas imagens postadas de formas momentâneas. Com isso, o outro próximo, que produz o ato de violência deixa de ser uma fonte confiável e nesse ponto é questionado pela produção das violências transmutadas para as relações mediatizadas, pelo computador, que através de um simples clique no teclado de uma máquina sinaliza essa significação, ou seja, trata-se nesses embates de experiências relacionais, cuja ênfase é demarcada no presente com referenciais do passado.

Com base nessa perspectiva, não se pode pensar no desenvolvimento do conceito de ciberracismo, sem refletir sobre as categorias de raça e racismo e sua persistência e remodelação no mundo on-line de maneiras novas e exclusivas da internet, ao lado de vestígios de formas seculares que reverberam, significativamente no mundo off-line (DANIELS, 2011; KANJERES, 2019). Entre as possibilidades de sua análise, ele aparece representado por outras palavras, com diferentes formas e grafias, Back (2002), Daniel (2009) *Cyber Racism*; Glaser, Dixit e Green *Hate Crime* (2013); Keum & Miller (2018) *Racism the Internet*; Glaser & Kahn (2005) *Prejudice, Discrimination, and the*

Internet; Berleze & Pereira (2017) *Racismo nas redes sociais*; Silva R. (2011) *Discursos de Ódio*; Oliveira Junior (2020) *Ciberracismo*.

Em face disso, as expressões mencionadas retratam as práticas de racismo que são reverberadas no universo do ciberespaço a partir das reflexões nacionais e internacionais que podem assumir definições diferentes, ora estão relacionadas ao racismo direcionado às populações negras, ora, encontram-se direcionados a outros grupos sociais (judeus, indígenas, islâmicos, sociedades multiculturais e imigrantes) como é possível visualizar nas reflexões produzidas. Sua abrangência em abarcar diferentes fenômenos sociais, deve ser entendida diante da própria formulação e utilização do conceito de racismo, e agora é transmutada para a concepção de ciberracismo, haja vista ocupar um papel importante nas agendas e nos discursos políticos e de políticas, ao se referir a realidades sociológicas que são substanciais e estão inseridas na vida social conectadas em redes.

Ainda é preciso considerar que, a multiplicidade de direcionamentos pautados na ideia de ciberracismo, produz diferentes caminhos ontológicos e epistemológicos que se podem trilhar ao tentar fazer leituras experienciais virtualizadas no ciberespaço. Certamente, a melhor maneira de pensar suas intencionalidades é ter a sensibilidade de observar como as construções intelectuais foram se formando e ao mesmo tempo, tentando entender as suas explicações acerca do fenômeno direcionado para um certo segmento da sociedade que compartilha de certos atributos, socialmente construídos na esfera da vida social (DANIEL, 2009; OLIVEIRA JUNIOR, 2019).

Em contrapartida, os atributos são acionados de forma pejorativa para identificar um indivíduo ou grupo particular, que demarca entre si, no espaço virtual, um comportamento social, assim, aparece uma série de linhas de fronteiras envolvidas que são alimentadas, porém, cada contexto, evidenciará um tipo de fronteira que se estabelece para renegar seus atributos estéticos, religiosos, descendência, ancestralidade, cultura, dependerá do contexto social e por vez da pauta levantada ou do alvo escolhido para aquele momento.

Para tanto, uma das coisas notáveis é que o ciberracismo agrega também as heranças dos conflitos raciais, segregação raciais e da construção da nação, se sobrepondo em algumas realidades e em outras, haverá o acionamento isolados de referências partilhadas que demarcam os episódios de negação da humanidade de certos grupos, elaborados no passado e ativados no presente (KEUM & MILLER, 2018).

Dito isto, os conflitos raciais, a segregação racial e a construção da nação podem ocupar o mesmo terreno, enquanto base comum de constituição de grupos, na medida em que estas comunidades podem ser identificadas e descritas como indesejáveis, erigidos por um imaginário de eliminação, expulsão, domínio e vigília de certos elementos e diferenças culturais.

No caso da primeira vertente, concomitantemente, na literatura internacional, o termo *cyber racism*, emerge da exploração da maneira como o racismo é traduzido para a era cibernética, diante da supremacia branca on-line, uma vez que a ordem do acesso foi inicialmente disseminada para as comunidades brancas que consolidaram suas organizações, supremacistas brancas, que traduziram suas publicações impressas na internet, disseminadas em sites abertos e camuflados na era da informação global(DANIELS,2009)..

Daniels, ao desmascarar as suposições comuns de que a Internet é uma tecnologia inerentemente democratizante ou uma ferramenta eficaz de "recrutamento" para supremacistas brancos, conclui com uma análise sutil e desafiadora ao convidar os leitores a repensar as formas convencionais de: igualdade racial, direitos civis e internet, tripé fundamental para entender as dinâmicas de desigualdades que se formam na contemporaneidade (DANIELS,2009).

A partir das discussões em torno de uma epistemologia da prática do racismo, evidencia-se que no início dos estudos na internet, a raça foi identificada como uma variável importante para prever acesso e uso de computadores (DANIELS, 2009, p. 2). Sendo necessário, levar em consideração os fatores específicos on-line, a fim de perceber como o aumento do anonimato e "liberdade de expressão digital", facilitou que os usuários divulgassem, livremente, suas ideologias racistas para o público maior, sem ter medo das consequências e responsabilidades que podem arcar. É interessante captar que o aumento do anonimato no universo da internet, ou como se pode chamar de anonimato on-line, está alicerçado em várias atitudes virtualizadas que geram diferentes representações racistas em ambientes e redes efetivadas nesses circuitos de sociabilidades e interatividades (KEUM & MILLER,2018).

É bom lembrar que, entre os sentimentos acionados na efetivação do ciberracismo, é possível que passe a existir, nos que disseminam os discursos de ódio racial, uma sensação de

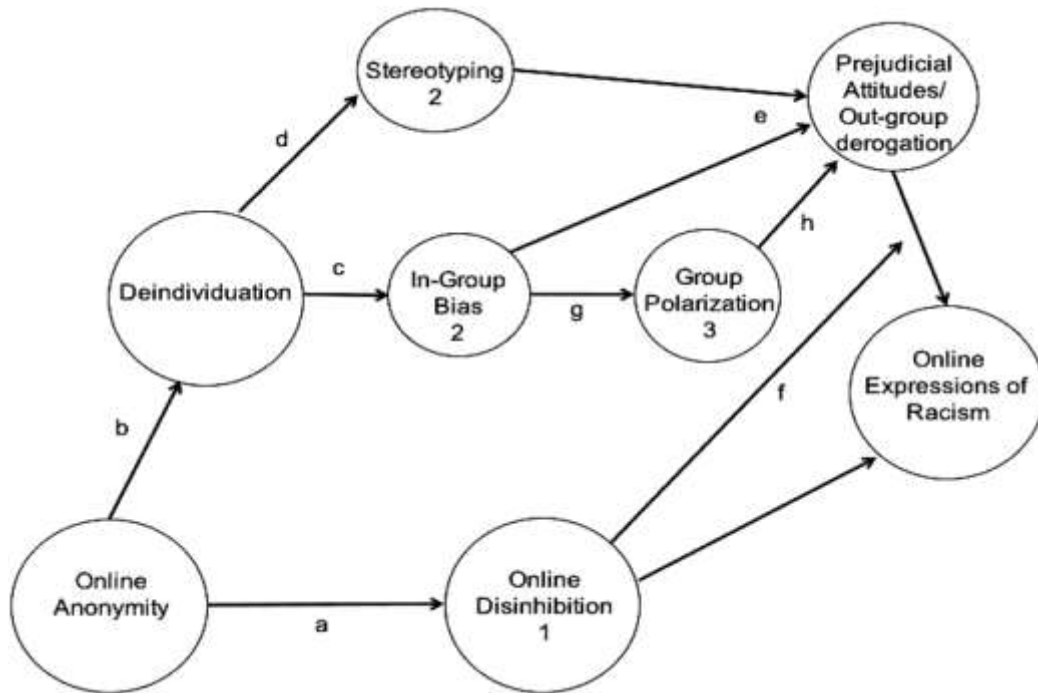
invisibilidade e confiança on-line, para que as pessoas ajam, radicalmente, diferente do que teriam em ambientes não anônimos, uma deferência moldada na dependência de normas familiares de grupo (por exemplo, normas raciais) e estereótipos. À medida que as pessoas navegam no mundo on-line onde não possuem pistas sociais e físicas, uma outra tendência procura unir pessoas afins que compartilham de crenças racistas. Ao navegar nas redes, percebe-se como as pessoas podem recorrer à expressão, pontos de vista racistas e opiniões mais visíveis, comuns e talvez, explicitamente na internet, em comparação com interações off-line, e isso pode ser o ponto para seu aumento, cujo impacto mexe com as estruturas mentais, emocionais e físicas atreladas aos esforços de coibir tais práticas (KEUM & MILLER,2018).

Assim, Keum & Miller (2018) elucidam que pouca atenção foi dada ao exame do racismo em experiências on-line, mediante ser necessário analisar a questão em primeiro plano, a fim de formar uma estrutura conceitual para caracterizar a prevalência do racismo nas configurações on-line. Além disso, articular seus feitos aos processos subjacentes que se apresentam enquanto um racismo visível nas configurações virtuais, da comunicação on-line, e dos mecanismos sociais virtualizados que podem se formar com o seguinte modelo, que se dá entre a efetivação do racismo e do anonimato de quem produz, em lócus.

Numa representação visual interessante, Keum & Miller (2018) produziram uma esquematização concisa do enquadramento, que proporciona inferir como o fenômeno do ciberracismo, contido no anonimato de quem dissemina as práticas racistas e como se materializam ao adentrar nessas lógicas que primeiro se constituem pela desinibição on-line dos racistas, nas quais as pessoas se envolvem em difundir expressões de violência.

Certamente, essas pessoas percebem pouco risco de serem responsabilizadas pelos seus atos, o que faz emergir uma desinibição tóxica alimentada por um repertório de violência carregado de rudez, agressividade, raiva, ódio e ameaças, transferidos pela ideia de uma forma mais confortável, se pensarmos na menor probabilidade que teriam ao se expressar desse jeito em interações off-line (SULER, 2004).

Figura 01- Model of online racism based on online anonymity.



Fonte: Keum & Miller (2018).

Compreende-se então que entre os principais fatores que alimentam o anonimato, estão: (1) a facilidade de manipulação dos seus perfis no ciberespaço, (2) a crença de que off-line, as normas sociais vigentes não serem aplicadas às interações e realidades da Internet on-line; (3) a capacidade de fazer interações on-line a qualquer momento; e (5) a tendência de tomar as interações on-line com menos seriedade (SULER, 2004). O interessante é que se inicia o anonimato, desde a criação de e-mails facks e pseudônimos, que produzem uma autêntica revolução nos modos de produção de identidades, na formulação de identidades flexíveis (LIPOVESTKY,1994; BAUMAN, 2001; GIDDENS, 2002) e não só isso, o uso de robôs e fazendas de likes são alimentados pelo anonimato das redes bem como grupos de incels e demais práticas da Deep Web. Ao produzir ‘o mundo do anonimato digital’, com várias experiências, que são alimentadas pela ideia de se camuflar virtualmente.

Assim,

“É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor. A fim de formar um conceito satisfatório, devem ser aprofundados esses dois aspectos, começando pela externalidade. A existência do discurso de ódio, assim toda expressão discursiva, exige a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto). Discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano alguma quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor (SILVA et. Al, 2011, p. 447).

Vale considerar que, a exposição pública das palavras expressas, sua circulação e seu acesso por diferentes internautas, efetivam as violações a direitos fundamentais, pois o ataque à dignidade e a sua humanidade produz danos e requer a necessidade de intervenção de instâncias com poder de coibir as práticas de racismo e apurar as vítimas.

Em suma, o ciberracismo representa um duplo desafio para ser combatido de forma eficaz dentro da esfera social e de suas instituições, pois a falta de consenso dos órgãos que regulamentam e operacionalizam o trâmite das práticas, recai sobre como definir expressões inaceitáveis de racismo. Então ao quebrar o romantismo da vida social e sem precedentes alguns, criam maneiras pelas quais o racismo pode florescer na internet. A regulamentação do ciberracismo na internet fica na encruzilhada de diferentes domínios legais, mas nunca houve uma avaliação abrangente desses canais em contextos globais, necessitando de seu alinhamento (MASON & ZAPSKI, 2017; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Vejamos um exemplo. Na Austrália estão produzindo reflexões referentes ao ciberracismo para produção de uma legislação que regula os mecanismos de aplicação da lei para chegar aos responsáveis, por tais difusão de expressões públicas de hostilidade racial. Entre as dificuldades de entender o ciberracismo, nesse contexto, está em como defini-lo, incluindo a ausência de consenso sobre o que se pode ser considerado tolerável e o que se apresenta como crime no ambiente virtual.

Portanto, o problema se instaura na falta de uma demarcação, entre o discurso pejorativo baseado em raça, etnia, nacionalidade, religião e afins, que dificulta a produção de uma legislação que fiscalize tais práticas. O segundo ponto adentra nos desafios de criar mecanismo que intervenha diretamente no ambiente digital.

Em virtude disso, o problema que se opõe tem a ver com o aparecimento de novas tecnologias que expandem os caminhos para concretização de tais atos, levantando dificuldades distintas de mapear suas divulgações, anonimato e execução, para se fazer uma avaliação abrangente desses canais. Para tanto, é necessário examinar o atual terreno jurídico e regulatório em relação a ciberracismo na Austrália, com referência às leis de difamação e esquemas de conciliação, direito penal, Lei de Serviços de Radiodifusão de 1992 e a nova legislação sobre cyberbullying da Commonwealth, bem como, o intermediário 4 termos de serviço e códigos de conduta (MASON & ZAPSKI, 2017).

Apesar da Austrália já iniciar um debate e uma reflexão acerca desse fenômeno, que amplia a disponibilidade espectro de vias civis, criminais e voluntárias, observa-se que ainda existe uma lacuna significativa no ambiente regulatório, pois é inexistente o sistema abrangente para denunciar e remediar, os danos causados pelo ciberracismo. É indispensável um processo eficiente e responsável pela remoção do material nocivo, apoiado por um mecanismo de execução, efetivação e acompanhamento das vítimas (MASON & ZAPSKI, 2017).

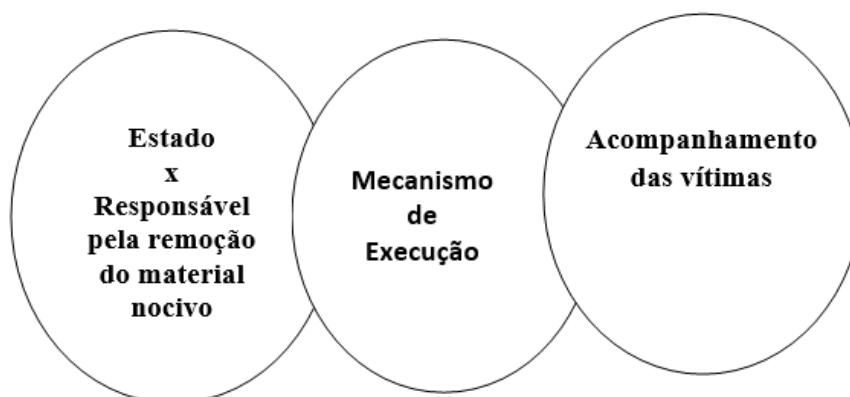
Nessa direção, Mason & Zapski (2017) ao tentar se aprofundar em uma legislação para ciberracismo na Austrália, detectou que os principais elementos do recente regime de penalidades para o cyber-bullying, podem servir como parâmetro para pensar nas medidas que devem ser utilizadas para combater o ciberracismo. Ademais, o leque de contribuições sobre como definir e responder ao discurso racista, é reconhecido através de uma abordagem multifacetada que coloca maior responsabilidade regulatória na internet, ao mesmo tempo em que oferece às partes prejudicadas, caminhos exequíveis para enfrentar a fala que consideram inaceitáveis.

Cornnelly (2016) ao se debruçar sobre a mesma realidade, em uma abordagem multifacetada, tenta interligar o fenômeno do ciberracismo a uma dimensão maior, ao considerar que os países multiculturais como a Austrália compartilham uma preocupação pelo desenvolvimento eficaz de estratégias on-line para combater esse problema. Isso se dá através da construção de resiliência comunitária, cuja necessidade parte do entendimento de como o ciberracismo afeta o cosmopolitismo e de que forma uma característica fundamental do multiculturalismo fornecerá uma visão para combatê-lo. Notavelmente, o cosmopolitismo pode ser descrito como um conceito ideológico que se concentra em abraçar a diferença

cultural, mais pragmaticamente, o cosmopolitismo é uma visão de mundo contextualizada que incentiva o engajamento produtivo com a diferença cultural nas sociedades multiculturais.

Por tudo isso, as mídias sociais como o Facebook têm o potencial de facilitar uma visão de mundo culturalmente inclusiva ou de trabalhar contra ela. Usando uma abordagem narrativa, a autora, ao investigar uma página do Facebook que foi reportada ao Online Hate Prevention Institute (OHPI) como racista, chegou à conclusão de que a visão de mundo perpetuada na narrativa desta página é de exclusão cultural, minando a perspectiva do cosmopolitismo na Austrália e que o ciberracismo se apresenta como uma forma relativamente nova, e cada vez mais difundida de racismo que acrescenta outra dimensão, à disseminação do ódio racial, práticas ainda, com poucas intervenções que possibilitem conter sua difusão.

FIGURA 04 -ESQUEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS REGULATÓRIAS E DAS MEDIDAS DE CONTENÇÃO



ELABORAÇÃO: João Mouzart, 2020

Dessa forma, podemos dizer que o exemplo explicitado, possibilita pensar as alianças que devem ser firmadas, (1) o papel do Estado na elaboração de mecanismo ou estratégia que minimize ou combata juridicamente, ao propor uma legislação para punir o ciberracismo, articulado com os responsáveis pelas redes sociais que devem se responsabilizar e aperfeiçoar as medidas de contenção, além de garantir a remoção da postagens para todos, ficando arquivadas nas suas plataformas, para colaborar com legislação que se produz sobre esse assunto. (2) os mecanismos de execução proposto pelo Estado e pelos responsáveis da rede devem colocar em práticas as medidas de contenção sugeridas e por último (3) as vítimas

devem ser acompanhadas por uma equipe multidisciplinar a fim de reparar os danos acarretados.

Inicialmente, com a consolidação desses três pontos, pode-se criar possibilidades de efetivação do fenômeno e adentrar nos contornos oscilantes e dimensionais do ciberracismo uma vez que disseminados, o acesso a esse conteúdo alastra-se, e não se limita apenas a indivíduos de uma única nação. Em outras palavras, qualquer pessoa, que transite em redes, pode ter acesso aos conteúdos virtualizados, sendo resultado de método crescente de internacionalização do racismo, efetivando embates que geram impactos nas relações sociais via internet e demarcam como o ciberracismo atinge o íntimo dos internautas com experiências e contextos diferentes.

FIGURA 05 - OSCILAÇÕES DIMENSIONAIS DO CIBERRACISMO



ELABORAÇÃO: João Mouzart, 2020

Nessa discussão, à medida que as informações se estruturam em rede, tornam-se mais flexíveis, plásticas e fluídas. A desterritorialização do racismo, cria-se partir do ciberracismo, a unificação do acesso global, como uma dinâmica complexa produzida na instabilidade, que pode ocorrer no bombardeio contínuo, na esfera nacional e no plano internacional. Se analisarmos os contextos do ciberespaço no mundo contemporâneo, é possível perceber a manutenção do projeto político elaborado pelas sociedades modernas, combinado pelo vazio distintivo sem precedentes, de classificação do considerado o outro, perante o social, ao se fechar em uma ideia de pureza e superioridade, que gera uma forte tendência para o fechamento sobre si.

Eventualmente, retido em um discurso de moralidade social e racial nega o compartilhamento de espaço. Assim produz a ambiguidade e a complexidade que passaram a

habitar nossas realidades tecidas no ciberespaço, onde o reconhecimento, dos corpos marcados, torna-se o ponto central para a concretização da diferenciação em fluxo que ainda rompe com os elos sociais e cria no jogo da vida o mal-estar produzido pela pós-modernidade ou modernidade tardia como denomina Hall (2011).

As complexidades relacionais se constituem, primeiramente por um tecido, cujos componentes alimentam,

as regras do jogo não param de mudar no curso da disputa. A estratégia sensível, portanto, é manter curto cada jogo - de modo que um jogo da vida sensatamente disputado requer a desintegração de um jogo que tudo abarca[...] manter o jogo curto [...] recusar-se a "se fixar" de uma forma ou de outra. Não se prender a um lugar, por mais agradável que a escala presente possa parecer. Não se ligar a vida a uma vocação apenas [...] tomar cuidado para que as conseqüências do jogo não sobrevivam ao próprio jogo e para renunciar à responsabilidade pelo que produzam tais conseqüências. Proibir o passado de se relacionar com o presente. Em suma, cortar o presente nas duas extremidades, separar o presente da história. Abolir o tempo em qualquer outra forma que não a de um ajuntamento solto, ou uma seqüência arbitrária, de momentos presentes: aplanar o fluxo do tempo num presente contínuo (BAUMAN,1998, p.113).

É notável que, ao mesmo tempo que organizações racistas estavam descobrindo, explorando e testando o potencial da internet, as comunidades internacionais, estavam reconhecendo os perigos que a tecnologia representa ao bem-estar e harmonia das nações. Nessa conjuntura que se delineava, tentavam entender as dinâmicas do ciberespaço. As primeiras iniciativas deram-se em 1998 com a Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos que discutiu o papel da internet à luz das disposições da Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (ICERD). Desde então, a questão tem sido constante pauta crucial da agenda de direitos humanos da ONU, sendo também o foco de atenção especial do Conselho Europa (CoE) e da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) (JAKUBOWICZ,2012).

É fato que, na Europa, a constituição da Convenção sobre Cibercrime promulgada em 2001, foi de extrema importância, com o protocolo adicional sobre o ódio racial como um crime cibernético, que entrou em vigor no ano de 2006. O problema essencial que oscilava o fenômeno do ciberracismo, residia no debate das abordagens diferentes como um equilíbrio adequado, como pode ser alcançado e a proteção daqueles que são prejudicados pelo racismo e como garantir o direito à liberdade de fala, entre esses dois dilemas, foi que o debate emergiu enquanto um problema de Estado (JAKUBOWICZ,2012).

De fato, as tensões que foram produzidas com o ciberracismo adentram-se também nas reflexões, que de um lado é acionada a ideia de liberdade de expressão e do outro a ideia de restrição da expressão de quem violenta a dignidade humana. É interessante frisar que diferentes medidas foram pensadas em países, nação e continente, como a Europa procurou criar medidas de criminalização do discurso de ódio, porém, observa-se que, nem o campo da efetivação, nem o Parlamento Europeu se preocupou em proteger indivíduos e grupos, capacitando agências governamentais para agir contra os promotores do ódio. Enquanto os Estados Unidos têm, em sua maioria, prioridade na liberdade de discurso, deixando outros caminhos menos poderosos para proteger as pessoas de difamação online. Já na Austrália, o discurso de ódio cibernético associado à raça é ilegal, entretanto, em alguns contextos há uma flexibilidade em sua efetivação, tornando difícil de processar em algumas jurisdições. Efetivamente cabe ao ofendido procurar ação para se proteger sob a lei. Como a Austrália não tem proteção fundamental dos direitos humanos, esse caminho é mais árduo para buscar a reparação (aberto nos Estados Unidos e na Europa) ou seja, no campo da prática não existem medidas efetivas para os australianos (JAKUBOWICZ,2012).

Jakubowicz (2012, p.235) enfatiza que a liberdade de expressão representa um valor social significativo,

[...] a defesa da qual caracteriza as sociedades liberais mais ardentes. No entanto, embora a tolerância liberal ao discurso de ódio possa ser uma dimensão crucial da ordem social, para aqueles que já são marginalizados ou impotentes, ela tem que ser equilibrada através de intervenções da comunidade, através do governo, que reforçam seus direitos de viver livre de perseguição. A Austrália escolheu uma retórica que sugere uma forte defesa dos direitos, enquanto na realidade oferece algumas das proteções mais fracas do mundo ocidental. A expansão do ciberracismo abriu novas arenas onde essa contradição foi exposta; ainda há pouco sentido de que respostas mais eficazes como as evidentes na Europa e na América do Norte no governo, na indústria da internet ou na sociedade civil estão sendo implementadas. Quando o racismo cibernético pode levar aos horrores do mundo real de Oslo e aos assassinatos em massa de julho de 2011, tanto o imediatismo da necessidade quanto a saliência da ação concertada e sistêmica.

Ao tentar costurar as relações em redes, percebo que o escopo global sem precedentes do ciberracismo na internet, combinado com a dificuldade de rastreamento das comunicações, torna-se a ferramenta principal para a efervescência dos discursos pautados no ódio racial. Em razão disso, a amplitude do ciberracismo, contém a diferença histórica dos internautas que se constituem de uma categoria de distinção, sinais evidentes que são estabelecidos no momento da caracterização comportamental dos sujeitos em conexão, cujos comportamentos

são apreendidos de modo desigual que atravessam as diferentes formas de classificação e enquadramento.

Assim, o ciberespaço não é apenas um mecanismo de unificação global, ao mesmo tempo, também serve para a distinção e reconhecimento dos atores sociais envolvidos. Mas neste ponto, vou considerar que sua efetivação ocorre nos processos relacionais, em que os embates operacionalizados são produzidos com a finalidade de destituir visivelmente e simbolicamente o outro.

Jakubowicz (2012) para entender o fenômeno do ciberracismo, evidenciou a seguinte indagação: por que o ciberracismo é um problema? Brevemente, menciona que o racismo é uma questão de preocupação para uma sociedade, pois, ela mina a coesão social e intensifica os conflitos a competição por recursos escassos, a difusão de ideais racistas e o combate de suas ações desempenham papéis importantes que contribuem para seu impacto social. É fato que essas violências deslocadas, existem desde o mundo pré-internet, onde grupos extremistas tinham uma capacidade limitada de comunicar suas ideias, e ressalta, ainda, que isso não significa que as fitas de áudio e vídeo, imprensa e rádio, e até certo ponto televisão e cinema, não transmitiram conteúdo racista. No entanto, o tradicional modelo de transmissão de mídia, se dava por um pequeno número de produtores direto ao conteúdo para uma grande variedade de consumidores. Em contrapartida, o novo mundo digital multiplica as possibilidades de produção e produtores, enquanto move a comunicação de ideias para fora do reino tradicional 'detentores de ordens', como o Conselho de Imprensa e Autoridade de Comunicação e Mídia.

Conforme se pode notar, a disseminação de conteúdo racista em vários meios de comunicação dentro e fora do ciberespaço, pode agora ocorrer através de uma ampla variedade de mídias, através de muitos concorrentes e jurisdições contraditórias, a públicos extremamente diferentes, ativados de forma individual ou engajados, que criam as potencialidades e os perigosos difundidos no universo virtual. Agora se apresenta densamente nas realidades vividas, complexas e muitas vezes dolorosas das relações raciais na Internet. Para tanto, os processos de diferenciação se constituem e se desenvolvem de várias maneiras que adentram no palco da vida social, reivindicando a adaptação da legislação como instrumento basilar para a regulamentação das infrações que pode ser implantado para minimizar os danos, frequentemente sentidos (JAKUBOWICZ ,2012; KEUM & MILLER, 2018).

Sabe-se portanto, que o problema se instala, quando não é fácil identificar o outro que efetiva o ciberracismo por esses caminhos traçados, o desafio consiste, sobretudo, em decifrar a informação o propósito do outro e que, ao ser desocultado ilustra suas intencionalidades, especialmente, quando as postagens podem ser exibidas ou ocultadas; expressas ou guardadas em silêncio; reveladas ou dissimuladas; e praticamente apagadas com o intuito de que os cibercidadãos aniquilem as pistas ou ocultem informações sobre a sua identidade social real, quando recebem e aceitam um tratamento baseado em suposições literalmente falsas (PAIS,2006).

Assim, percebe-se que o poder da linguagem no do jogo da disputa dentro do ciberespaço, atravessa as relações sociais do presente a partir das novas formas de interação em que o texto escrito ou em forma de áudio, articulado com as imagens expostas que podem ser utilizadas como recursos expressivos de violência e de racismo. Como quer que seja, na base textualizada, oralizada ou imagnetizada, são sempre elementos relacionais em conexão com o outro, que pode se mascarar, mas também revelar na exata medida em que é feita através das máscaras usadas nesse processo de interação. Ao teclarem, suas ideias são transmutadas, deslizam- se pelo universo virtual depreendem-se para esse espaço que permitem aos nossos interlocutores terem uma opinião de nós próprios, ativando, intensamente o elemento psíquico de adesão (PAIS,2006; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

A intensificação dos elementos psíquicos aciona ações que servem “para imaginariamente moldar emoções, ansiedades, representações do outro [...] podem veicular sentimentos, angústias e dilemas” na confluência afetiva que as experiências podem provocar em cada um que se encontra conectado, incluindo a insegurança que vem se alastrando ao se tornarem pautas das reflexões e práticas que são acionadas na iniciativa de coibir e proteger os que se encontram nessa estrutura fluída (PAIS,2006, p.37). Mas a instabilidade que aparece nessas paisagens, são reforçadas na interação que desmorona pouco a pouco o romantismo alimentado sobre o ciberespaço, faltando a firmeza, a consistência, a fugacidade evidenciadas e potencializadas para o mundo dos conectados.

Dessa forma, nesse transcorrer, são despertados os exercícios de colocar em prática, medidas restritivas e isoladoras, pela condição da violência cotidiana on-line, efetivadas por um estado de violência - ostensivo e dissimulado, incorporado à cultura e ao imaginário individual e coletivo social em contexto global. Já que produz uma saturação social, com

múltiplas linguagens e práticas incoerentes e não relacionadas com o bem-estar do outro. É assim que o ciberracismo se operacionaliza, em contextos difundidos por razões variadas, que se emergem enquanto um componente visual do contraste entre grupos racializados se encontram em terrenos movediços, com poucas aderências que cedem facilmente a partir das tensões e pressões, as quais tendem apreender aqueles que nelas circulam, ou seja, as inconsistências existentes promovem a base e o fortalecimento de um imaginário contido no medo.

Desta maneira, as relações tecidas no ciberespaço passam a ser concebidas como um campo também de produção de conflitos, onde as questões de insegurança, violência, medo ganham realce nas discussões e produções atuais, ganham notoriedade na mídia, nas universidades, nas escolas, no cotidiano das pessoas, em virtude das consequências que originam e da aparente falta de controle de que se revestem esse fenômeno na contemporaneidade. Além de produzir uma nova metanarrativa, que coloca a humanidade em uma constante conexão global, e que suas experiências desmontam as visões de um mundo fechado, intacto de espaço e vivências.

Assim dizendo, parece não ser possível alimentar essa ilusão, visto que, a ressonância, com seu grande imã interage com nossos corpos, por meio de campos magnéticos e pulsos de radiofrequências, criam, constantemente imagens em altas definições apreendendo de forma intensa, ao deslizar para dentro de um grande tubo, os detalhes eventuais de anormalidades, ante aquilo que se escondia aos nossos olhos que dificultava o diagnóstico preciso.

É bom saber, que as configurações de conflitos que se produzem nas redes, a partir do desenvolvimento e da complexidade do mundo globalizado tem como princípio basilar garantir a conexão e a circulação de informações de forma instantânea, entre essas informações que foram produzidas e efetivadas nas relações sociais, identifica-se o ciberracismo, que não aparece como evento desconectado, pois revela as intencionalidades das camadas que contribuem para a manutenção das práticas de racismo online (JAKUBOWICZ, 2017).

Em virtude da condição de notoriedade que a internet ganhou desde a sua criação em meados da década de 90 na esfera social, teve a sua projeção como uma empresa multimodal, sistema de comunicação que seria difícil de controlar (ou destruir) a partir de um ponto central. Nesse sentido, sua infraestrutura tecnológica depende de uma série de acordos

negociados que facilitam a transferência rápida de dados por várias vias redundantes, empregando métodos compatíveis que são estabelecidos a partir de alianças que muitas vezes renegam os fenômenos que podem emergir em suas paisagens. Contudo, a abstração ora produzida deve ser reconhecida para tentar captar as causas que motivaram o crescimento do ciberracismo, o qual marca a luta dos movimentos sociais e deseja o reconhecimento das diferenças culturais, perante o respeito à diferença (JAKUBOWICZ, 2017).

Por fim, o desafio para humanidade, após detectar o problema, é saber como conduzir o fenômeno do ciberracismo, sem cair nas ciladas e nos delírios provocados por ele a partir do contraste. A única saída seria, um tratamento para o fortalecimento do corpo, tendo a sensibilidade de se constatar que nenhuma transformação existe sem que, seus fundamentos sejam entendidos e garantidos, pois, só assim, a articulação de todos que podem conduzir, é estabelecida, em direção para um estado de controle ou cura. Todavia, parece que se chega a um estado em que as nossas relações transmutadas carecem de ser tratadas de forma intensa nas realidades que são apresentadas pelo ciberespaço. Este, imerso em um universo de fantasias crescentes e de instabilidade total, do caos e elencado na desordem das relações dos contextos virtuais globalizados cuja sensação que emerge é de que tudo pode ser transformado, imediatamente na porosidade da espetacularização que é submetida à liberdade, contaminada pelo risco de uma convivência conflitante.

É importante lembrar que por trás dessa crise conflitante de se relacionar, existe a manutenção, de uma crise das estruturas sociais geracionais, múltiplas de mutações sociais, econômicas, políticas e culturais. Além de elencadas no sentido colidente, na ideia de manter uma identidade social considerada hegemônica, imbuída de um certo narcisismo, cujas evanescências de referências são negadas a partir de um sentimento de indiferença do outro e de suas formas de serem colocados no mundo.

Logo, a tendência é nutrir o encantamento diante das grandes ideologias mobilizadoras das atividades políticas centralizadoras da ordem e do poder. Paralelamente, pode-se constatar que as diversas tentativas de transportar e efetivar o ciberracismo encontram-se na alimentação da ideia de certas referências que devem gerir as concepções de mundo e de humanidade, e que renegam as diversidades existentes ao alimentar o fechamento sobre si, esfacelando a intimidade do nosso cotidiano, por sensações sintomáticas extremamente dolorosas.

3.2 O FENÔMENO DO CIBERRACISMO NA REDE SOCIAL FACEBOOK NO BRASIL

Cada vez mais o racismo no Brasil sai do armário”

(Conceição Evaristo,2019).

O deslocamento do racismo à brasileira para o ciberespaço, possibilitou expandir as práticas de racismo para contextos globais na produção do ciberracismo no mundo digital. As fronteiras agora, faz com que esses crimes sofram interferências de diferentes atores sociais e contextos, que podem, nesta conjuntura se posicionar, contra ou a favor das práticas ciberracistas que são acionadas e sustentadas nas redes. Em vista disso, além de que o ciberracismo à brasileira atinge vários graus de intensidade, indo desde um pensamento racista, até a motivação de atos de violências físicos instigados e direcionados às comunidades negras de nosso país. Com isso, cria a performatividade do racismo no mundo digital ao produzir tal fenômeno, cujos efeitos se dão de diferentes formas, simultâneas na manipulação do discurso e na imagem.

As primeiras evidências do ciberracismo à brasileira no Facebook é demarcado, temporalmente no ano de 2005, momento em que se tornava a rede social mais utilizada nas relações sociais no Brasil e, concomitantemente começava a ocupar as páginas dos noticiários dos jornais impressos e on-line, as matérias jornalísticas da televisão e os debates proferidos nos rádios, já sinalizavam o fenômeno, referentes às práticas ciberracistas acionadas nesse universo (HAIDDAR, 2005).

Desta maneira, o fenômeno do ciberracismo demonstra o movimento em que as notícias das práticas ciberracistas se conectam aos diferentes veículos de informação, além disso, é interessante destacar que o Facebook ao longo dos anos, se manteve como a rede com maior número de práticas de racismo da atualidade no Brasil, porém este fenômeno se transmuta por outras redes, como Twitter e Instagram que ganham notoriedade nas relações de sociabilidade no país (SARFENET,2020).

Portanto, as experiências de acompanhamento, com as observações das práticas ciberracistas no Facebook, aguçaram a minha sensibilidade de pensar o impacto desta rede na vida dos brasileiros. No primeiro momento, observei que as pessoas concentravam-se ao

Facebook, por diferentes interesses, alguns para criar uma comunidade de amigos e partilhar conteúdos referentes a sua vida pessoal, profissional, religiosa, política e cultural.

Observei que, ao longo do tempo, o Facebook tornou-se uma rede social misturada com portal de notícias, comércio virtual e plataforma de vídeos. Além disso, verifiquei que essa rede social atingiu em sua empreitada inicial os mais jovens, mesmo que hoje ela venha perdendo atração dentro das camadas juvenis, fazendo com que esta rede envelheça junto com os seus usuários. Mesmo assim, o Facebook, consegue ser até hoje, a rede social mais popular do mundo, entre todas as faixas etárias e estratos sociais, o que demarca as suas dimensões na vida das pessoas na atualidade.

A noção que se difunde até hoje é que o Facebook corroborou a aproximação das pessoas, possibilitando o aumento do diálogo e da partilha das experiências tecidas por diferentes atores sociais, que conectados buscaram estabelecer laços e novas formas para se relacionar. Em minhas anotações, registrei a pesquisa feita pela *Social Bakers*, que na época enfatizava cerca de 60 milhões de brasileiros com acesso ao Facebook em seu cotidiano e de maneira mais expressiva, os que mais passam tempo, encontram-se conectados à rede no contexto global. Foi possível captar também que o principal motivo desse engajamento está atrelado aos processos de sociabilidade que favorecem estreitar laços entre amigos, familiares, assim como, funcionar como espécie de centralizador de contatos para diversos fins.

Outro ponto importante que registrei, ainda em 2012, foi a presença do gerente de engajamento do Facebook, Javien Oliven, que participou de um evento para desenvolvedores, realizado na cidade de São Paulo, momento em que o Facebook comemorava 1 bilhão de usuários. Sua vinda foi notificada por diferentes meios de comunicação que destacavam o impacto do Facebook nas relações sociais brasileiras e hoje se encontra com mais de 2 bilhões de utilizadores no mundo com contas ativas, exceto na China, onde o uso dessa rede ainda é proibido.

Além disso, outras informações que registrei sobre o Facebook do ano de 2018 foram as polêmicas de vazamento de dados de milhões de usuários, manipulação de informações de perfis para campanhas de marketing e falhas técnicas graves causaram a instabilidade do site e bugs que permitiram a invasão de contas, abalando sua reputação pelo mundo. Entretanto, é possível perceber que ainda o Facebook continua sendo a mídia social mais acessada em 2021, adaptando-se para transformação da plataforma ao criar todo tipo de conteúdo, seja em

formato de texto, imagens, vídeos e transmissões ao vivo, além de se tornar pioneiro no formato “feed de notícias”, sendo o mais usado na atualidade.

Nesse sentido, as informações chamam a atenção para o debate acerca da privacidade dos usuários da rede e a proteção de suas informações pessoais. Isso gerou um movimento mundial intitulado # DELETE FACEBOOK, o registro destas agitações ajudou a captar os movimentos de descontentamento dos usuários, inclusive a adesão de um dos cofundadores do WhatsApp, Brian Acton, que apresentou o seu descontentamento através do Twitter em relação à polêmica que envolveu o Facebook. Tudo isso, demarcando as disputas que apareceram no Facebook ao ganharem diferentes repercussões nas grandes mídias, e uma delas, é quem o considera como um sistema de vigilância que desrespeita a proteção e a privacidade das informações pessoais dos seus usuários para desenvolver algoritmos para diversos fins.

Sem dúvida, os registros oportunizam a pensar as dinâmicas da rede social Facebook e como isso favorece o fenômeno do ciberracismo nesse universo. Assim, com base nos dados coletados e com as observações acerca do fenômeno do ciberracismo de 2012 á 2020 fiz uma etnografia no espaço virtual e utilizei uma proposta de metodologia antirracista denominada parafuso a partir de questões delimitadas que ajudaram a verificar o ciberracismo no Facebook.

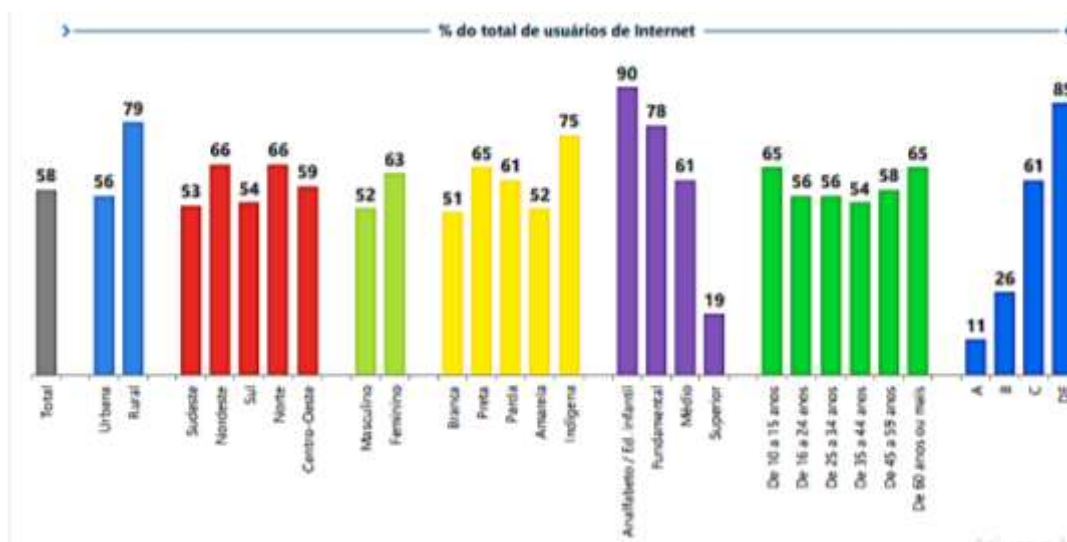
De toda forma, o fenômeno do ciberracismo no Facebook se constitui no enquadramento do negro, através do reconhecimento das vítimas a partir da cor, da estética e da aparência que foram evidenciadas em todas as práticas ciberracistas catalogadas, que tive acesso para esta análise, estando presentes nas materialidades fotográficas postadas nas redes de cada usuário. Haja vista as práticas ciberracistas serem direcionadas, às pessoas negras que têm uma visibilidade através de seu campo de atuação, quanto àqueles que não têm projeções de reconhecimento nacional.

Portanto, a manutenção e o deslocamento das práticas ciberracistas no Facebook enunciam o interesse por parte dos racistas em atingir também os representantes negr@s de visibilidade, sem deixar de efetivar as práticas ciberracistas para todos que fazem parte das comunidades negras do país ao revelar de forma, extremamente visível as estruturas de racismo à brasileira que há séculos foram negadas, ou seja, tais práticas colaboram para a

reflexão de que o problema do Brasil não são apenas as questões sociais, mas, sim raciais como se demonstram nesta rede.

Outra questão que irei destacar antes de entrar nas três práticas ciberracistas selecionadas para análise na tese, é a questão do acesso das comunidades negras às redes sociais. Primeiramente, pelo celular a principal ferramenta de acesso procedida pelas lan house de bairro, computadores, notebooks e tablets. O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – CETIC em 2019 coletou alguns dados em diferentes contextos brasileiros sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios, o que é possível observar em termos quantitativos e estruturais a falta de uma inclusão digital mais precisa no país.

GRÁFICO 01- USUÁRIOS DE INTERNET QUE USARAM TELEFONE CELULAR DE FORMA EXCLUSIVA

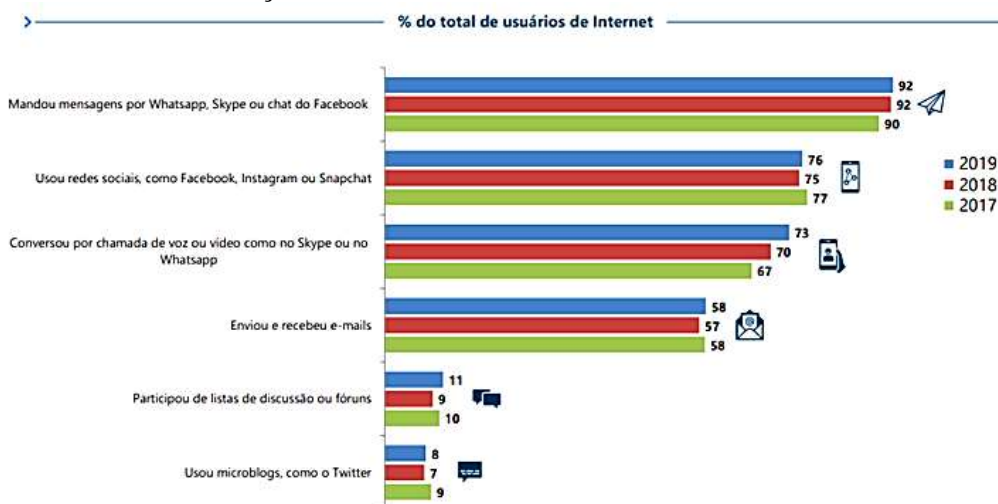


FONTE: NIC.brCGI.br/NIC.br (2019)

A partir do gráfico o CETIC destacou que o celular é o dispositivo mais usado (99%). 58% acessam à Internet somente pelo celular, na área rural (79%) de sua utilização e nas classes DE (85%) concentram o uso exclusivo. Contudo, constaram que 20 milhões de domicílios não possuem Internet (28%) no território brasileiro, nos domicílios com Internet passam dos 50% na área rural e atingem 50% nas classes DE. Nesse sentido os dados trouxeram à tona uma espécie de apartheid digital na compreensão do fenômeno do ciberracismo. Pude registrar em alguns momentos a dificuldade no acesso à internet que na grande maioria se dava por pacotes de dados estabelecidos pela promoção dos planos pré-

pagos nas diferentes operadoras existentes no país, ou mesmo por deslocamento de espaço onde a internet encontra-se disponibilizada por um certo momento.

GRÁFICO 2- USUÁRIOS DE INTERNET POR ATIVIDADES REALIZADAS NA INTERNET- COMUNICAÇÃO



FONTE: CGI.br/NIC.br (2019)

Em relação às atividades utilizadas na internet, observa-se a permanência do uso da rede social Facebook e outros espaços de sociabilidade, bem como a utilização do seu chat para se comunicar, demarcando a sua utilização nas interações no ciberespaço. Outro ponto importante é a utilização para debates e discussões de temáticas pertinentes a pautas que envolvem os problemas sociais do país, ponto importante para se pensar o engajamento em rede. Assim é necessário refletir que a barreira de ter acesso à internet ainda potencializa o abismo socioeconômico e regional no contexto brasileiro e certamente contribui para criar o abismo racial no país. Diante desses resultados, é necessário problematizá-los, basta tomar como referência à conclusão de Carneiro de que “raça é uma estrutura de classe no Brasil”, sendo necessário para uma análise fazer uma leitura que se movimente nessas duas diferentes direções que se inter cruzam.

Assim, classe e raça devem ser levadas em consideração como mecanismo que se interliga, necessitando de ser compreendido em movimentos de conexão. Desta forma, a metodologia parafuso potencializa pensar o deslocamento e as diferentes formas para se fazer uma leitura de uma realidade observada e como os corpos podem demarcar sentidos, velocidades e tempos diferentes dentro de uma estrutura social.

FIGURA 06-EMPODERAMENTO E DESIGUALDADE DAS COMUNIDADES NEGRAS NA INTERNET



Fonte: CARTA CAPITAL, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/negros-estao-mais-empoderados-na-internet-mas-acesso-ainda-e-desigual/> Acesso em : 21 de novembro de 2017

Em relação ao perfil dos ciberracistas são, na grande maioria, homens com idades entre 15 á 60 anos, brancos, de diferente classe social e morador das principais regiões que aparece corriqueiramente do Sudeste, Nordeste e Sul, porém precedidos em menor proporção da região Norte e Centro-Oeste, isso não quer dizer que não sejam acionadas as práticas ciberracistas nessas últimas localidades. A escolaridade dos entrevistados durante o desenvolvimento da pesquisa está entre os que não terminaram o ensino médio até os que concluíram a graduação, trazendo à tona diferentes perfis que dialogam em uma agenda de ódio em comum. Captei isso, nas diferentes entradas em campo na rede social Facebook, momento em que registrei em meu caderno de campo.

Essas informações apareciam nas reuniões, nas práticas ciberracistas, nos perfis que deixaram este elemento exposto em suas escritas disponibilizadas nas formas de encontros instantâneos, criadas nessa rede de sociabilidade. Além disso, as investigações que conseguiram encontrar os ciberracistas traziam o seu perfil que muitas das vezes eram destacados nos jornais, televisão e rádio. Em algumas práticas é possível ter contato com uma postura de reparação de seus atos em frases: “meu deus as pessoas não sabem brincar mais” ou “uma das minhas melhores amigas é negra” (G1 RS,2013).

Em outro momento o ciberracista ressaltou “Eu fiz a postagem sem a menor intenção de ofender alguém e, quando vi a repercussão, apaguei o comentário e publiquei uma mensagem pedindo desculpas. Eu sei que o que fiz foi errado. Fui infeliz na nota” (G1 MT,2017). Uma das estratégias também lançada foi que tinha amigos negros e que, inclusive, depois que a postagem polemizou seus amigos negros o defenderam, dizendo que o conheciam e que era uma pessoa de boa índole. Produzindo da seguinte forma, um álibi que neutralize suas ações, ao destacar que: "A maioria das pessoas que me defenderam é negra. O racismo está tão longe da minha realidade que eu publiquei sem pensar nisso. Fui ingênuo" (G1 MT, 2017).

FIGURA 07- CIBERRACISMO EM REDE SOCIAL



FONTE: G1 MT (2017)

Figura 08- Ciberracismo em rede social



FONTE: G1 RS (2013).

Do ponto de vista analítico, percebe-se que o perfil dos ciberracistas nos ajuda pensar no movimento em que as práticas ciberracistas são efetivadas. Desta forma, o perfil é

construído e sustentado por uma narrativa que os colocam como estudante, amigos de pessoas negras, sendo uma estratégia para minimizar o crime cometido. Interessante também destacar que isso acontece quando se consegue detectar o ciberracista que muitas das vezes expostos nas diferentes mídias digitais os obrigam a se posicionar e assumir seus atos.

3.2.1 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso de Maju Coutinho

FIGURA 09- Previsão do tempo no Jornal Nacional



FONTE: PÁGINA DO JORNAL NACIONAL (2015)

Quando comecei a acompanhar o fenômeno do ciberracismo no Facebook, verifiquei um aumento expressivo no ano de 2015, se comparado aos anos de 2012, 2013, 2014. Uma das primeiras práticas ciberracistas que acompanhei se deu no dia 02 de junho de 2015, direcionadas à jornalista Maria Júlia Coutinho, conhecida popularmente por Maju, apresentadora da previsão do tempo do Jornal Nacional-JN da emissora rede Globo. Após, a postagem da sua foto na página oficial do programa na rede social Facebook, para ilustrar a chamada “Tempo fica firme em grande parte da região central do Brasil nesta sexta”, foi alvo de diversas práticas ciberracistas que tocaram no acionamento de repertórios que englobaram debates acerca das: questões das cotas, escravidão, cor, comparação do negro com animais, criminalidade, aniquilação do povo negro, a ideia de capacidade e de higiene das pessoas negras.

Esses pontos foram ativados, como elementos de diferenciação e classificação

a partir de uma escrita que prioriza, o tom de violência na base da ironia e da piada, sendo utilizada pelos ciberracistas como estratégias no processo de efetivação do ciberracismo à brasileira. Mesmo que, muitas das vezes, este estilo busque camuflar as práticas ciberracistas na ideia de brincadeira para que as vítimas não consigam questionar o sistema de racismo existente na esfera social brasileira.

Como bem salientou Gomes (2012, p.731) não se pode esquecer que “o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas”, ou seja, o racismo se perpetua como um forte desestabilizador das comunidades negras ao afetar o sistema emocional e comprometer a saúde mental d@s envolvid@s. Mediante ao que foi destacado é característico da raça e do racismo:

[...] suscitar ou engendrar um duplo, um substituto, um equivalente, uma máscara, um simulacro. Um rosto humano autêntico traz-se à vista. O trabalho do racismo consiste em relegá-lo para segundo plano ou cobri-lo com um véu. No lugar deste rosto, faz-se renascer das profundezas da imaginação um rosto de fantasia, um simulacro de rosto, até uma silhueta que, assim, substitui um corpo e um rosto de homem. Aliás, o racismo consiste, antes de tudo, em converter em algo diferente, uma realidade diferente. Além de uma força de desvio do real e que fixa afectos, é também uma forma de distúrbio psíquico, e é por isso que o seu conteúdo reprimido vem brutalmente à superfície (MBEMBE,2014, p.66).

Nesse sentido, quando se pensa nas práticas ciberracistas efetivadas à jornalista Maju, observa-se que as retóricas acionadas e disparadas têm como intenção a diferenciação de grupos e o enquadramento por dois elementos: o primeiro é a cor e o segundo o pertencimento às comunidades negras, grupos que não foram incorporados nas pautas nacionais brasileiras.

Nº Tabela 01- Retóricas Ciberracistas disparadas a Jornalista Maju

01	"Só conseguiu emprego no JN por causa das cotas preta imunda"
02	Sombra 3D
03	"Tempo branco? Mentira sua preta", "preta, macaca",
04	"em pleno século 2015 ainda temos preto na TV",
05	"não bebo café pra não ter intimidade com preto",
06	"Essa macaca é tão preta que roubou a minha TV"
07	"Em terra de preto, quem come banana é rei
08	"Estou com catarata? Pq olhei pra foto e de repente tinha uma mancha preta"
09	"Tá na hora de o JN parar de postar foto toda preta"

Elaboração: João Mouzart, 2020

Com base na metodologia parafuso que pensa as dinâmicas das práticas ciberracistas vamos adentrar nos movimentos dos comentários disseminados, buscando observar sua plasticidade. As informações contidas na tabela 01 contribuem na análise do fenômeno do ciberracismo, pensando nas suas dinâmicas. Por conseguinte, o comentário nº 01 "Só conseguiu emprego no JN por causa das cotas, preta imunda", é embutido de questões muito importantes para pensar a continuidade do racismo na atualidade e na compreensão das noções de raça e racismo na sociedade brasileira e será refletida a partir de quatro pontos.

O primeiro ponto que se pode captar deste comentário, é a ideia de a *capacidade do negro* ser colocada em xeque nas relações sociais no Brasil e difundida na rede Facebook. Percebe-se que a sua manutenção se apresenta com a ideia de sustentar a inferioridade de grupos, mediante o acionamento de um passado histórico que justifica o processo de inacessibilidade das comunidades negras aos espaços de poder. Logo, o questionamento da inacessibilidade se atrela às questões atuais de reivindicações que envolvem o debate referente ao acesso do negro no processo educacional.

Assim, Guimarães (2006), salienta que é necessário compreender como as redes sociais evidenciam as práticas de racismo internalizadas desde o extinto Orkut que já enunciava a necessidade de perceber o racismo alimentado nas relações sociais brasileiras. Como também os discursos de diferenciação firmados por uma desigualdade de classes, retida na recepção das cotas sociais que serviu de argumento para o desmonte da política de reparação. Consequentemente, a sociedade brasileira coloca em xeque um problema social ao negar o racial e como solução para uma abertura de novos grupos com acesso à educação e às tecnologias, clamavam por uma mudança de mentalidade e comportamental nos processos relacionais entre brancos e negros. Portanto, eram evidenciadas as disputas, as táticas e as estratégias construídas para a efetivação de estruturas que auxiliassem para repensar as lógicas de opressão, e as arenas estabelecidas e alimentadas através dos embates das relações raciais no Brasil.

Além de que as cotas se constituírem como um importante instrumento de politização na construção de sujeitos capazes de adentrar em diferentes espaços e

instituições no presente. Isso nos ajuda a pensar na recusa dessas ações que são pautadas na preocupação de produzir as primeiras iniciativas de ocupação de cargos que não foram projetados para as comunidades negras existentes no Brasil, ampliando o debate acerca da ideia de raça e racismo à brasileira, inclusive transportadas para rede.

Em que pese a polêmica que reveste estes temas, a condição que querem perpetuar é a:

[...] “condição de subalternidade é a condição do silêncio. [...] O subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. No momento em que o subalterno se entrega, tão somente, às mediações da representação de sua condição, torna-se um objeto nas mãos de seu procurador no circuito econômico e de poder e com isso não se subjetiva plenamente. [...] Paradoxalmente, sua legitimidade passa a ser dada por outra pessoa, que assume o seu lugar no espaço público, especializando-o como o lugar genérico do outro no poder. Daí a busca constante por capturar o momento em que a representação se funde à apresentação, pois ele é especialmente propício para o surgimento de processos de insurreição e de movimentos sociais não cooptados e revolucionários, na medida em que as classes subalternas tentarão controlar o modo como serão representadas (SPIVAK, 2010, p.11-66).

O segundo ponto de análise, do comentário 01, é a ideia de *facilidade promovida pelas cotas*, prática disseminada para questionar as políticas de reparação do país e invisibilizar os dados referentes à situação de vulnerabilidade desse segmento. A saber, demarcam a negação da reparação racial e o problema das relações raciais no Brasil, em sobreposição das questões sociais. Este último ponto, é aceito pela maioria dos brasileiros como a melhor maneira de reparar os danos no Brasil.

Nesse sentido, a utilização do discurso de cotas nas práticas ciberracistas revela a negação na atualidade dessa política de reparação que buscou minimizar os impactos dos processos de exploração e exclusão das comunidades negras em diferentes contextos do território brasileiro. Conjuntamente, evidencia a polarização de atitudes favoráveis e contrárias à ideia de justiça socio-racial que permeia nas relações de desigualdades no contexto brasileiro.

Foi possível captar no comentário 01 que os racistas no Facebook demonstram seus descontentamentos às cotas ao refutar os processos históricos do

país, inclusive negar os efeitos do sistema escravista. Ademais, é importante salientar que, mesmo que Maju não tenha participado diretamente destas políticas, seja no processo educacional ou no que se refere às vagas destinadas @s negr@s na esfera pública federal, ela é colocada, por ser negra, nas práticas ciberracistas, dentro de uma ideia imaginária de que a ocupação d@ negr@, nas diferentes esferas da sociedade brasileira, é fruto desse processo de reparação das cotas, ponto que até comungo, pois os movimentos negros em suas diferentes lutas vêm chamando a atenção para o impacto do racismo estrutural nas trajetórias profissionais negras e a necessidade de desmontar as barreiras impostas de acesso.

Entretanto, observa-se que os ciberracistas acionam isso, para demarcar que @s profissionais negr@s são desprovid@s de preparação, como se pode entender na prática ciberracistas “Só consegui emprego no JN por causa das cotas preta imunda”, o que @s deslocam para uma concepção de incapacidade. Portanto não se pode esquecer as lições de Gilroy (2001) que tocam em aspecto referente às vidas nas, ou como aqui destaco *pós-* diásporas que se aproximam das experiências e trajetórias de vidas marcadas por processos similares de exclusão e discriminação direcionadas aos possuidores de um corpo negro que estiveram e estão expostos às estruturas raciais de exclusão, instituídas na sociedade moderna. Enfatizo que não é apenas o corpo negro em seu sentido físico, mas em sua concepção simbólica de representações.

Diante do exposto, é que se faz um paralelo com a metodologia utilizada aparada em saberes que perpassam os movimentos dos corpos, seja na ideia do giro com uma força centrífuga para vivenciar as práticas seja no giro, a partir de uma força centrípeta para criar táticas de defesa, ora na coletividade, ora em uma experiência produzida na individualidade dos sujeitos conforme as reflexões de Gilroy (2001).

Portanto, não tem como refletir os movimentos de dominação conforme destacado em Gilroy (2001) e na metodologia em foco, sem olhar para o corpo e sua articulação como processo de opressão, elemento identificado e classificado na visibilidade de sua presença nas relações sociais que com o seu reconhecimento são estipuladas as barreiras através de uma dimensão corpórea de existir. Dessa forma, é possível dizer que não existe, nesses processos de representações uma posição imparcial para a captura de corpos. Com efeitos eles se apresentam como um signo ao

qual se conferem significados em seus diferentes movimentos que ressignificam as diferentes relações criadas nas bases ocidentais (GILROY,2001).

Nesse sentido, Gilroy (2001) enfatiza que assim são instituídos os sistemas de complexidades que estabelecem as ambivalências associadas à exposição do corpo negro nos meios de comunicação que trazem os repertórios do passado que buscam esvaziar esse corpo de processos de resistências contra um sistema de dominação e invisibilização nas interações sociais.

Paralelamente, aparece o terceiro ponto *a concepção de incapacidade* que se pode constatar no comentário 01, visto que é associado à ausência da ideia de inaptidão das pessoas negras no mercado de trabalho. Principalmente, no contexto jornalístico, causando o estranhamento dos corpos negros. Mesmo que na atualidade, tenham ocorrido mudanças significativas, no que se refere à entrada desses atores e atrizes sociais nos diferentes espaços institucionais da sociedade brasileira que alteram as estruturas de exclusão alimentadas historicamente nesses espaços.

Por outro lado, visualiza-se que o racismo é utilizado como instrumento de contestação da competência das pessoas negras, como se pode observar no caso de Maju, no cenário jornalístico, ambiente que se constitui no presente, como um espaço majoritariamente branco.

Ao retornar a questão levantada sobre a incapacidade, deve-se levar em consideração as palavras de Gomes (2005), ao tornar-se uma pauta fruto do racismo à brasileira que pretende negar as desigualdades raciais no Brasil, afirmando a existência de práticas igualitárias entre brancos e negros no que se refere à oportunidade e ao tratamento, ou seja, negando os processos de discriminação raciais contra negro, mesmo que se perpetuem os estereótipos, preconceitos e discriminação construídos sobre esse grupo racial. Ademais, a lógica que se mantém de que as relações raciais no Brasil se encontram em pé de igualdade, poderá nos levar a pensar que:

as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades (GOMES,2005, p.57).

O quarto ponto que foi possível extrair do comentário 01 e que está presente nos comentários 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08 e 09 relacionam-se com a *concepção de violência pautada na cor* que traz a partir das frases, diferentes compreensões em que este elemento é acionado no enquadramento da vítima. Os ciberracistas ao classificar Maju de *preta imunda*, revelam como a cor é um elemento gerador do ódio e da violência transportada para as comunidades negras no Brasil. Sendo utilizada como um elemento importante nos processos de diferenciação racial em diferentes localidades do país. Ao aproximar a cor preta à ideia de: sujo, repugnante, obscuro e imoral, os ciberracistas reforçam a manutenção de repertório raciais que sustentam as plasticidades do ciberracismo, mediante o seu uso na reverberação das práticas ciberracistas nas redes sociais. Assim,

O “ser negro” corresponde a uma categoria incluída num código social, que se expressa dentro de um campo etno-semântico onde o significante “cor negra” encerra vários significados. O signo “negro” remete não só a posições sociais inferiores, mas também a características biológicas supostamente aquém do valor das propriedades biológicas atribuídas aos brancos. Não se trata, está claro, de significados explicitamente assumidos, mas de sentidos presentes, restos de um processo histórico ideológico que persistem numa zona de associações possíveis e que podem, a qualquer momento, emergir de forma explícita. Se o que constitui o sujeito é o olhar do outro, como fica o negro que se confronta com o olhar do outro que mostra reconhecer nele o significado que a pele negra traz enquanto significante? (NOGUEIRA, 1998, p.90).

Partindo deste ponto, os comentários “em pleno século 21 ainda temos preto na TV” e “não bebo café pra não ter intimidade com preto”, chama a atenção para alguns pontos em que a ideia de preto é trazida na concepção de recusa das comunidades negras. A primeira frase adentra na ideia de descontentamento dos representantes desse grupo e de sua visibilidade nos meios de comunicação, amparada em uma concepção de limpeza racial contida nos resquícios de uma política de branqueamento e aniquilação do negro no Brasil que ainda se perpetuam no imaginário dos ciberracistas.

A segunda frase reforça a concepção de distanciamento alimentado nas relações sociais com as comunidades negras nos diferentes contextos sociais, ao associar a cor preta do negro a um produto, nesse caso o café, cujo intuito é de estabelecer as fronteiras que favorecem para o afastamento entre grupos contrastados.

Desta forma, foi possível captar que esse comentário se adentra nos aspectos emocionais, pois a negação da intimidade entre pretos e brancos, tenta desmontar os processos de confiança, respeito, proteção que sustenta as bases afetivas das relações humanas. Desta maneira, não tem como negar que essa violência:

[...] desenha-se como recurso frequente no horizonte dessa consciência, porque o outro (objeto da exclusão racial) próximo é percebido como uma ameaça à identidade do grupo grandiosa auto-atribuída pela fantasiosa “comunidade branca”. As agressões racistas resultam de uma defesa narcísica dessa suposta identidade. (SODRÉ, 1992, p. 120)

Já nos comentários “Essa macaca é tão preta que roubou a minha TV” “Em terra de preto, quem come banana é rei”, tocam em aspectos muito fortes, referentes ao processo de negação da humanidade das comunidades negras que continua acionado nas práticas ciberracistas. Na primeira situação, é possível observar que a manutenção do ato de comparar as pessoas negras com animais, persiste enquanto mecanismo de reforçar os processos de inferiorização produzidos, para alimentar o imaginário de que o negro estaria dentro de um sistema evolucionar menor e nesse sentido, se dá a comparação com os primatas.

A associação com os macacos ganha sentido, nessa prática ciberracista, para sustentar as diferenças raciais, atrelando-se à noção da cor preta que também é colocada no processo de diferenciação entre brancos e negros, com a intenção de construir os sujeitos desviantes, expostos como aqueles que estão propícios a cometer crimes ou furtos como bem especulam os ciberracistas. Desta maneira,

[...] o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência pela aplicação por outros de regras e sanções a um "infrator". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal. [...] algumas pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem ter de fato infringido uma regra (Becker, 2008, p. 22).

A segunda frase faz referência a uma espacialidade ocupada por pessoas negras e demarca de forma irônica a escassez entre seus semelhantes. Aqui entra um ponto importante que é a formação de uma territorialidade negra reconhecida e lembrada como uma espacialidade da pobreza. Desta forma, não é por acaso que se

elege um segundo elemento que carrega uma dimensão simbólica racista, nesse caso, a banana, para ressaltar que o seu uso, já os diferenciam em uma situação melhor comparado aos seus semelhantes.

De fato, o acionamento desses elementos aproxima a territorialidade, a cor e os símbolos, como a banana ou como se visualizou no primeiro comentário a figura de um animal, o macaco. Logo, a persistência do sistema de classificação criados pelos sistemas coloniais estão presentes em nossas relações sociais e se apresenta como instrumentos que reforçam a negação humana das comunidades negras. Assim, esses processos encontram-se montados em armadilhas que buscam capturar e desqualificar as trajetórias negras que conseguiram resistir ao longo do tempo e assim, não é por acaso que os ciberracistas aperfeiçoam, constantemente os instrumentos que tentam negar a existência do negro nos diferentes contextos, inclusive na rede Facebook.

No comentário “estou com catarata? Pq olhei pra foto e de repente tinha uma preta mancha” e “Tá na hora de o JN parar de postar foto toda preta”, observa-se que a intenção é de desqualificação do corpo negro que é trazido a partir da cor, utilizam-se da cor para denotar o descontentamento de pessoas negras em espaço de visibilidade. Ademais, a tentativa nos leva pensar nas inquietações que tais comentários provocam na interpretação dos sujeitos em cena.

Em suma, a primeira leitura que consigo pensar é a ideia de esvaziamento da representatividade negra, ao negar a sua existência como protagonista do processo e atrelar-se a uma doença; a segunda leitura encontra-se na concepção de incômodo que é produzido nas leituras dos corpos negros, nesse caso o de Maju, que é articulado com o questionamento de sua retirada desses espaços. Desta forma “o racista, vê um negro é não vê que ele não está lá; que ele não existe; que ele não é mais do que o ponto de fixação patológica de uma ausência de relação. É, portanto, necessário considerar a raça enquanto um aquém e um além do ser” (MBEMBE, 2014, p.66).

Portanto, a visão é estabelecida, à maneira como os repertórios se apresentam ao serem aplicados nas diferentes realidades, instituindo práticas que corroboram a dinâmica do ciberracismo, como destaca Mbembe (2014) os racistas se apoiam em uma operação do imaginário, o lugar onde se encontram as regiões de manutenção de um inconsciente centrado no ódio e na raiva do outro. Com isso, as dimensões

retóricas das classificações raciais acionadas no Facebook, ajudam a compreender como seu potencial de controle pode ser invertido e submetido, uma vez que "as formas de manipular esse sistema de classificação não se dão, entretanto, por acaso. Há certas regras de classificação que deixam entrever um complexo jogo de relações de poder" (REZENDE & MAGGIE 2001, p.15).

Destarte, não tem como negar que o ciberracismo no Facebook parte do acionamento negativo alimentado por uma memória coletiva compartilhada nas relações sociais que contribuem para demarcar as diferenças através do acionamento da cor e da perseguição dos que possuem essa marca, como falava Nogueira (1998).

Sodré (1992, p. 119) reforça que "ainda que fortemente individualizada, a consciência racista opera com representações comuns a um certo grupo, que se experimenta como 'comunidade', no sentido originário de agregação humana" balizada através de elementos como os laços de sangue, as questões religiosas, profissionais e territoriais. Para que tal consciência seja firmada, haveria uma comunidade demarcada pela cor branca que acionaria esta ideia de origem "europeia" autopercebida a partir de parâmetros simbólicos, territoriais e tecnológicos, mediante os critérios estabelecidos, em que a cor da pele torna-se o aspecto primordial dessa percepção.

Nesse sentido, o ciberracismo se apresenta como um suposto saber imediato sobre o considerado o outro, por sua vez oposto, imaginariamente a um fetiche de homogeneidade construída também pela hipotética comunidade étnica sustentada nas bases nacionais, mesmo que a situação de desestabilidade do outro, seja mantida corriqueiramente nas interações sociais em rede.

Com isso, não tem como negar que o impacto dessa violência sofrida, desestabiliza o emocional e o psicológico dos envolvidos que necessitam aprender a lidar com o ocorrido, ou seja, a naturalização do ciberracismo e sua continuidade na sociedade brasileira corrobora para o aumento da violência e do sofrimento, ocasionado pela sua proliferação nas relações sociais e nessa prática descrita, visualiza-se a sua propagação na rede Facebook.

Dito isto, convém explicar que as práticas ciberracistas no Facebook direcionadas a Maju também revela os corpos em rede que são considerados indesejáveis, corpos que são lidos e não são bem-vindos na estrutura social brasileira

e que necessitam de ser perseguidos e exterminados no ciberespaço a partir da efetivação do ciberracismo. Não é por acaso que Frantz Fanon, afirmou que o racismo:

[...] não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo. Como se comporta um povo que oprime? Aqui, encontram-se constantes. Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados (FANON, 1980, p. 37).

Portanto, é necessário refletir sobre os repertórios utilizados pelos ciberracistas no Facebook se apropriam dos episódios históricos das comunidades negras para naturalizar sua humanidade e ao mesmo tempo para reforçar as diferenças raciais produzidas na construção da nação. Além disso, utilizam-se repertórios que adjetivam de forma depreciativa as diferentes características de seu grupo. Destarte, torna-se crucial pensar sobre a difusão de uma história racializada em rede, à exposição da violência do racismo, que se sustenta no mito fundador do país, da diferença de raças. Dessa maneira, se perpetua a manutenção dos ataques do ciberracismo elaborados nas bases de uma ideologia dominante que difunde através das práticas ciberracistas o movimento de desqualificação do outro, deixando marcas em nossas experiências por meio das redes sociais.

Como se pôde visualizar, no caso da jornalista Maju que a violência repressiva de sua existência e de sua atuação foram cristalizadas no sentido de aniquilação de suas qualidades, ativadas de forma consciente pelos ciberracistas ao escolhê-la com o alvo e estabelecer a possibilidade de sua exposição, amparada na ideia de negação desse outro, a partir da continuidade do sistema de opressão estabelecido. Logo, o reconhecimento desse outro, expõe as cicatrizes da violência do ciberracismo, suas formas que são reforçadas nas interações que marcam as estruturas psicológicas irreversíveis do sujeito negro no ciberespaço. Entretanto, isso não ocorre de forma ingênua, existe toda uma intencionalidade pautada na lógica da dominação e poder. Mas, nessa perspectiva Fanon já alertava que a adjetivação:

“Preto sujo!! Ou simplesmente: “Olhe, um preto!” Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos (FANON, 2008, p. 103).

O reconhecimento da vítima nas práticas ciberracistas ocorre nesse processo de despertar e de se reconhecer também como objeto, no meio de outros objetos, como destacou Fanon (2008). Esse despertar é constituído de muitas fases e estratégias produzidas para minimizar o impacto do ciberracismo nas trajetórias negras como se pode observar na fala proferida por Maju:

estava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. [...] fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, que eu acho que é isso que é o mais importante. Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes, que sempre me orientaram. Eu sei dos meus direitos. Acho importante [...] essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas. Eu acredito que isso é muito importante. E agora eu quero manifestar a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso. E/u fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens. Acho que isso que é o mais importante. E a militância que eu faço, gente, é com o meu trabalho, é fazendo o meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho, com muita dedicação, com muita competência, que eu acho que é o mais importante. E, pra finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa (JORNAL NACIONAL, 2015)

O posicionamento da Jornalista Maju no jornal Nacional no dia 03 de julho, nos ajuda a refletir sobre o ciberracismo e suas intencionalidades, uma vez que não se pode esquecer que esta data é oficialmente o Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial no Brasil que celebra a aprovação da Lei nº 1.390, proposta pelo o deputado e jurista Afonso Arinos, em 1951, que fomentou as primeiras iniciativas contra o racismo no Brasil, estabelecendo a infração penal à discriminação racial, por raça ou cor. A lei também contribuiu para a criação de diferentes iniciativas políticas e sociais que continuam sendo elaboradas para o combate às práticas de racismo na contemporaneidade.

Além disso, a fala de Maju toca em aspectos que devem ser analisados a partir do olhar da vítima. Primeiro, observei em seu discurso a utilização da noção de preconceito no lugar de racismo. O acionamento do preconceito e a invisibilidade das práticas ciberracistas nos ajudam a pensar que os próprios representantes das comunidades negras

têm dificuldades em distinguir os fenômenos que os tocam. Desta maneira, não tem como falar de racismo sem perpassar a própria noção de preconceito como enfatiza a jornalista Maju.

Nesse caso, pensa-se na importância de um debate mais amplo com a sociedade acerca da produção de raça e racismo na contemporaneidade e a importância de entender sua dinâmica e seus efeitos na vida das pessoas negras. Por mais, que destaque a ideia de a família preparar para essas situações, a partir de uma militância que se constitui, em algumas situações, de forma geracional. Obviamente, é um desafio enfrentar a dinâmica da raça e da cor que se perpetua ainda na atualidade, através da composição racializada de reconhecimento pautado em um degradê de cores (preto, preto claro, escuro, moreno, moreno claro, escuro, jambo, pardo) que persiste em nossas relações sócio-raciais.

Mesmo que no caso de Maju a cor preta se apresenta, em todos os comentários, em sua singularidade, dissociada de uma complementação que reforce as escalas existentes. Mesmo assim, torna-se interessante frisar que não se pode esquecer que raça e racismo:

[...] fazem parte de processos centrais do inconsciente, relacionando-se com as vicissitudes do desejo humano - apetites, afectos, paixões e medos. Estes são simbolizados, antes de mais, pela lembrança de um desejo originário em falta ou, ainda, por um trauma cujas causas muitas vezes nada têm a ver com a vítima de racismo. Por outro, a raça não decorre unicamente de um efeito de percepção. Não diz respeito unicamente ao mundo de sensações. É também uma maneira de estabelecer e de afirmar força e, sobretudo, uma realidade especular e uma força instintiva (MBEMBE, 2014, p. 65).

Já as adjetivações pejorativas utilizadas nas práticas ciberracistas no Facebook para a jornalista Maju, carregam as intencionalidades dessa objetificação do negro enunciada por Fanon, assim, as práticas ciberracistas compartilhadas, neste processo, para inferiorizar e negatizar os seus repertórios culturais se tornam um instrumento de diferenciação e de produção, ainda no presente, dos sujeitos exóticos, também classificados em rede, como histórico.

Mais uma vez, o entendimento do fenômeno do ciberracismo evidencia a continuidade dos repertórios de oposição entre os grupos, de um lado, os colocados

na situação de incivilizados, ao serem acusados de produzir a desordem social e do outro lado, os reconhecidos como civilizados, aqueles que têm o papel da ordem e possuem as ferramentas para reeducação. Nesse caso, a centralização social em comum acordo, se dá com o sujeito branco que não pode ser questionado e ainda é instituído como porta voz do processo, ou seja, o que pode falar e ser escutado.

Portanto, não tem como deixar de olhar para a tendência do não reconhecimento das raças nos debates e do desprezo desta pauta, ainda nos dias atuais dentro da esfera social brasileira. Talvez esses desdobramentos não partam da concepção de que nosso mundo continua a ser:

“[...] mesmo que ele não queira admiti-lo, em vários aspectos, um mundo de raças. O significante racial, é ainda, em larga medida a linguagem incontornável, mesmo que por vezes negada da narrativa de si e do mundo, da relação com o outro, com a memória e o poder. Permanecerá a crítica da modernidade enquanto não compreendemos que o seu advento coincide com o surgir do princípio de raça e com a lenta transformação deste princípio em paradigma principal, ontem como hoje, para as técnicas de dominação (MBEMBE,2013, p.102).

Como nota, as práticas ciberracistas são pautadas no movimento de evocação de um passado fragmentado e sustentado na ideia de atraso que tenta descaracterizar a capacidade intelectual e racional das comunidades negras, servindo-se disso para produzir os contrastes e negar as representatividades, como se pode visualizar no contexto de Maju Coutinho. Mesmo assim, ao questionar as práticas ciberracistas observa-se que “o branco, incapaz de enfrentar todas as reivindicações, se livra das responsabilidades” o que Fanon define como sendo o “processo de repartição racial da culpa” (FANON, 2008, p. 98).

A repartição racial da culpa carrega diferentes estratégias para driblar o processo, desde sua naturalização como um sistema que não pode se alterar, ao situar a vítima como culpada, a negar a existência das práticas e a afetividade. Assim, é produzido o fenômeno de criminalização denominado vitimismo, fruto do conformismo sustentado nas bases da sociedade brasileira que repelem as outras experiências humanas que se diferenciam do modelo aceito.

Portanto, essa repartição racial da culpa alerta para o não reconhecimento da sua humanidade. Isso tem sido um aspecto concomitante nas tensões entre grupos, inclusive é latente no fenômeno do ciberracismo à brasileira. Na realidade, a manutenção da lógica de opressão colonial é alicerçada na destituição da vítima de sua humanidade, ao vigiar seus passos e detectar ou não, um ser de integralidade humana.

À primeira vista, parece que este princípio de destituição de uma humanidade, reforça a negação de direitos garantidos a todos os seres humanos, proporcionando amplas consequências para a maneira como se capta o fenômeno do ciberracismo, pois ele parece outorgar na atualidade, a violação da integridade do sujeito negro. Assim, as práticas ciberracistas tendem a esvaziar os sentidos da existência das comunidades negras ao neutralizar a sua humanidade. Nesse movimento de ir e vir é que o ciberracismo se constitui ainda como uma violência interminável, da forma como ele se apresenta na contemporaneidade.

O ressentimento toma formas impactantes em virtude de que a raça ainda se apresenta como um lugar de realidade e de verdade, contido nos modelos de aparências, transportados nas realidades atuais. Suas manifestações nas estéticas negras potencializam o sentimento de dor que surgem “do lugar de dilaceração, de efervescência e de fervor” (MBEMBE, 2014, p.66). Os seus significados, presentes em seus símbolos, remetem às formas pelas quais os indivíduos representam -se a si mesmos nos contextos que transitam. Assim,

A verdade do indivíduo a quem é atribuída uma raça está simultaneamente em outro lugar e nas aparências que lhe são atribuídas. A raça está por detrás da aparência e sob aquilo de que nos apercebemos. É também constituída pelo próprio acto de atribuição - esse meio pelo qual certas formas de infra-vida são produzidas e institucionalizadas, a indiferença e o abandono, justificados, a parte humana do Outro, violada, velada ou ocultada, e certas formas de enclausuramento, ou mesmo de condenação à morte, tornadas aceitáveis. Abordando o racismo em particular e a sua inscrição nos mecanismos do Estado e do poder [...] (MBEMBE, 2014, p.66-67).

À vista disso, as práticas ciberracistas direcionadas a Maju Coutinho evidenciam como os ciberracistas constroem estruturas que descaracterizam as razões

da existência negra, ao sobrepor suas diretrizes de vida ao outro, como Fanon sinaliza a partir de grandes pressões psicológicas que as comunidades negras sofrem, em um espelho em que as suas imagens não aparecem, mesmo que elas consigam ser captadas em seus movimentos. A ideia de preto é sempre colocada na situação de “selvagens, estúpidos, analfabetos” (FANON, 2008, p. 109).

Assim sendo, em uma postura de desqualificação de suas marcas no julgamento de sua capacidade o tempo todo, assim, não podemos falar de racismo ou ciberracismo sem olhar para o acionamento da raça. Pois é ela que dá sentido aos processos de inferiorização e culpa transferidas para o outro. Como reforça Fanon, é necessário extinguir este mito que tira das comunidades negras a sua condição e o direito de existir (FANON, 2008). A este ponto que se chega de captar a importância de desmontar as lógicas de violência que são construídas através das práticas ciberracistas, como se pôde observar no caso de Maju Coutinho, cujas dimensões de diferenciação de seu corpo e de sua representatividade foram sustentadas na inabilidade dos afetos e na ausência de sensibilidade com as trajetórias negras.

3.2.2 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso de Taís Araújo

FIGURA 10- FOTO DO PERFIL DO FACEBOOK DE TAÍS ARAÚJO



FONTE: ARAÚJO (2015).

Na noite do sábado, 31 de outubro de 2015, a atriz Tais Araújo, um dos maiores e poucos ícones da representatividade negra na teledramaturgia brasileira, teve seu perfil atacado com práticas ciberracistas em série, materializadas em uma fotografia compartilhada na rede social Facebook. O interessante é que a foto selecionada pelos ciberracistas, já se encontrava postada na rede da vítima, mesmo assim, foi escolhida para o novo ataque a mais um perfil de pessoas negras de visibilidade, e destaque no Brasil.

Naquele momento, registrei na rede Facebook o desabafo da atriz que se posicionou contra o ciberracismo e ressaltou que não iria se intimidar diante da situação, inclusive recorreu à Polícia Federal para apurar o acontecido. Como mencionou Araújo “É muito chato, em 2015, ainda ter que falar sobre isso, mas não podemos nos calar: na última noite, recebi uma série de ataques racistas na minha página. Absolutamente tudo está registrado e será enviado à polícia federal. E eu não vou

apagar nenhum desses comentários” (ARAÚJO, 2015).

A fala de Taís Araújo toca em aspectos importantes no que se refere à maneira de conduzir as situações que emergem das práticas ciberracistas a partir da denúncia que materializa o acontecimento, ao mesmo tempo produz uma intervenção no fenômeno em questão. Outro ponto marcante que foi possível captar através do posicionamento da atriz, é que ainda nos meados da primeira década do século XXI, o ciberracismo se perpetua como um instrumento que causa fissuras nas trajetórias das comunidades negras e para Taís Araújo é necessário não se calar diante dessas circunstâncias, pois falar também se encontra no processo de cura e transformação como destaca Kilomba (2019).

Quem sabe aqui, seja necessário trazer outro ponto da metodologia parafuso, fazendo analogia à concepção de se fazer visível no combate ao racismo, evidenciando a violência direcionada à pessoa negra, e, ao mesmo tempo, demarcando as estratégias para combater a sua proliferação. Não se pode esquecer dos instrumentos utilizados para disseminar tais práticas.

Como salientou Kilomba a tecnologia foi sendo pensada ou poderia dizer adaptada também para garantir a difusão do racismo, e, ao mesmo tempo estabelecer o silenciamento como se pode ver no uso forçado da máscara que funcionava como uma materialidade que tirou o direito da fala ao ser violentamente imposta, ou seja foi incorporada também nas relações sociais brasileiras como um instrumento silenciador que deixa marcas no seu uso. Ao institucionalizar os mecanismos de tortura nos ajudam a refletir sobre o racismo como produtor de um trauma que produz uma ferida expostas no corpo de quem usa, ao se constituir um símbolo do colonialismo que sustentou as políticas perversas de dominação e conquista (KILOMBA 2019; FANON,2008).

Portanto, a máscara não pode ser vista apenas como um instrumento de tortura, mas também de silenciamento, ao ser inserida de forma arquitetada para garantir o senso de mudez, ou seja, quando se chama a atenção para a fala e para o silenciamento adentra-se a análise do que, o sistema colonial tentou controlar. Nesse caso, se olha a posição em que a boca assumirá na centralidade da opressão das comunidades negras em diferentes contextos.

Nesse processo, a máscara, de forma fantasmagórica pode ser compreendida como um instrumento de controle daquilo que o mundo branco já desfrutava do direito da fala, negar a voz do outro, seu pensamento é desprezar sua humanidade, sua existência e suas dores. Desta maneira, é garantido o controle de algo tido como apenas pertencente ao branco, o direito de questionar e se posicionar socialmente, é assim que a máscara além de violentar o negro, serviu para proteger o sujeito branco de reconhecer o conhecimento do “outro”. Negando ao sujeito negro, nesse projeto de silenciamento, a possibilidade de ser escutado e de fazer parte da humanidade (FANON,2008, KILOMBA, 2019).

Nesse caso, é que recorreremos também à metodologia parafuso que nos ajuda refletir na forma como podemos utilizar as ferramentas produzidas pelo sistema colonial, por exemplo, a anágua foi utilizada no processo de questionamento da escravidão de um determinado grupo de escravizados, ao ser ressignificada como uma materialidade que ajudou a sair do cativeiro, promovendo assim os deslocamentos dos corpos para o processo de libertação e aquilombamento como destacam as pesquisas de Nascimento (1980); Nascimento (1985) e Moura (1987) Oliveira Junior (2020).

Diante disso, o repensar da materialidade produzida no bojo da difusão do racismo nos ajuda a compreender os aspectos que envolvem a noção de humanidade, semelhança e dessemelhança, ou seja, o colonialismo se compõe dentro de um sistema social de dessemelhança, em uma relação na qual se nega a alteridade do outro e esse movimento se alicerça na produção de políticas e tecnologias sociais do não reconhecimento, produzindo um lugar de não inexistência que mascara uma ideia de si.

Nessa mesma direção, podemos olhar para as tecnologias, no presente, que também são usadas para disseminar as práticas ciberracistas ao perpetuar a negação e a existência do outro, questionando a sua humanidade e o seu direito de existir. Aliás, no caso de Taís Araújo, pude captar as diferentes sensações que foram lançadas e produzidas, no desenrolar do fenômeno, que perpassam questões referentes à tristeza, angústias, inseguranças, vergonha como efeito de dor e paralelamente outros sentimentos de aconchego, conforto, entre outros anseios possivelmente observados. Nesse sentido, as

palavras de Taís Araújo nos alertam:

“Faço questão que todos sintam o mesmo que senti: a vergonha de ainda ter gente covarde e pequena nesse país, além do sentimento de pena dessa gente tão pobre de espírito. Não vou me intimidar, tampouco abaixar a cabeça. Sigo o que sei fazer de melhor: trabalhar. Se a minha imagem ou a imagem da minha família te incomoda, o problema é exclusivamente seu!”

As palavras proferidas por Taís Araújo, possibilitam fazer um paralelo com a metodologia parafuso ao auxiliar na análise do fenômeno a partir da dimensão da resistência. Para isso, é necessário se pensar na demarcação de um posicionamento político que perpassa o âmbito da individualidade, mas também abrange a coletividade, questão central da metodologia em estudo. Além disso, o posicionamento político revela que os espaços de poder se constituem socialmente como espaços brancos ao serem majoritariamente ocupados por estes corpos. Outrossim a mudança desse cenário com a entrada do sujeito negro, muitas vezes é tencionada a partir de repertório racista que gera os enquadramentos com relação à cor, como se pode ver nos espaços ocupados por Taís Araújo, inclusive, a dimensão de trabalho que inclui a rede social Facebook.

Assim, as lutas de resistência, no presente, se assemelham com outras ações travadas nas relações sociais, como ela destaca permanecer é poder, que alteram as paisagens e trazem outras imagens para cena. Por isso Domingues (2007) ressalta a importância de captar o movimento de produção das desigualdades raciais, e, logo após pensar nas diferentes formas de superar tais desigualdades. Nesse sentido é que se deve observar como a:

[...] luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação. (DOMINGUES, 2007, p. 102)

Diante desta perspectiva, não tem como decodificar as palavras de Taís Araújo, sem prosseguir na análise da dimensão do ato de falar. Como nos alertou Kilomba (2016) posicionar-se através da fala, é reconfigurar as relações de poder e construir formas de ser escutadas no processo de negociação com o outro. Ouvir, constitui-se como momento crucial do desmontar do silenciamento, que auxilia no entendimento do processo de permissão e autorização em direção ao falante, demarcando a necessidade de perceber o que está sendo comunicado, sem que sejam neutralizados seus significados e que não necessitem de mediadores para que a fala possa ser compreendida, isto é, não se deve manter as estruturas coloniais de validação da fala que atravessam os conhecimentos, as dimensões hierarquizadas que se preservam nas estratégias criadas através da ideia de existência de uma supremacia branca. Nesse sentido, a máscara levanta algumas indagações:

Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, sobre o que podemos falar? Por que a boca do sujeito Negro tem que ser calada? Por que ela, ele, ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o sujeito Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito branco teria que ouvir? (KILOMBA, 2016, p. 02).

Por isso, muitas vezes a manutenção das diferenças raciais faz com que o racismo ganhe diferentes interpretações nos diferentes contextos da esfera social, como se pode visualizar em diferentes reflexões que salientam essa dinâmica e que nos ajudam a entender como o racismo se desloca com todos os repertórios racistas mantidos na produção do fenômeno do ciberracismo. De forma relacional, no caso de Taís Araújo que deixa pistas para pensar como o ciberracismo opera no mundo digital, especificamente o Facebook. O cerne do problema consiste também em perceber como a manutenção das práticas ciberracistas constrói a perpetuação do debate das relações raciais para além do contexto territorial brasileiro e como o ciberracismo se desenvolve nesta nova geopolítica.

Conforme destacou a atriz Taís Araújo, é necessário não abrir mão de se posicionar através da fala que opera como um dispositivo de denúncia e combate do racismo. De fato, é fundamental externar a dor e o racismo. Porém é fundamental refletir que, não adianta falar se não há uma estrutura que permita com que o diálogo

seja feito nessas situações, ou seja, o racismo nega o ato de ouvir e de ser escutado. É assim, que se torna necessária a reconfiguração desse mecanismo de poder como nos alerta Kilomba (2019) que tenciona Spivak “se pode o subalterno falar” e de que forma as suas palavras têm a agência de alterar as relações sociais. Cabe ressaltar que, aqui, se encontram as armadilhas do colonialismo que tentam capturar sujeitos e enunciação de fala, isto é, aquilo que pode ser visto como fora do seu controle.

Porém, não se pode esquecer Fanon “falar é existir absolutamente para o outro”, além de que “[...] falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização (FANON, 2008, p.33).

E assim perceber, que a situação das experiências de racismo direcionadas às comunidades negras não se movimentam em sentido único elas se deslocam, carregando seus sentidos e significados que podem influenciar a expressão. Além disso, as diferentes dimensionalidades podem ser pensadas neste momento, a partir da metodologia parafuso, que em suas diferentes oscilações apresenta as estratégias adotadas pelas comunidades negras que perpassam a utilização e ressignificação dos mecanismos coloniais. Inclusive serve para pensar a língua que carrega os significados que operacionalizam o mundo do colonizador. Por isso, não se pode ignorar “que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser [...] Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito” (FANON, 2008, p. 34).

Falar sobre o ato de se colocar é pensar em “uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos mais lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes” (KILOMBA, 2019, p. 27). Consonantemente, alerta para o exercício de escutar, os ecos do passado que auxiliam na possibilidade de pensar o ato de falar. Mas também, atrelando-se à formação de uma sensibilidade política, intimamente relacionada à emergência de um novo horizonte político discursivo, centrado na reformulação das retóricas de opressão que contribuem na formação de uma configuração de resistência, frente às estruturas coloniais que buscam rever as narrativas e normas, demarcam a presença dos grupos relegados, bem como trazer para o diálogo outras identidades deslocadas

numa compressão de espaço-tempo.

Desta forma, não tem como desarticular a figura de Taís Araújo nesse processo de luta e questionamento dessa lógica de opressão, uma vez que seu posicionamento movimenta corpos e contribui no direcionamento e fortalecimento de postura frente ao ciberracismo. Ela acaba fazendo aquilo que Collins (2000) já chamava a atenção à promoção do empoderamento, sendo um trabalho necessário para a construção de uma sociedade plural e polifônica que garanta a justiça social, cujas vozes diversas possam ecoar nas diferentes instituições, inclusive no âmbito da segurança e do bem-estar das comunidades negras.

Com isso, a fala de Taís Araújo torna-se uma alerta para repensar os ciclos viciosos da opressão, do controle social materializado como uma tática que adentra no fenômeno do ciberracismo. Em relação às práticas ciberracistas efetivadas a atriz Taís Araújo, é possível observar a manutenção dos repertórios difundidos, cuja intenção é a diferenciação de grupos e o enquadramento por três elementos: o primeiro é a manutenção da inferioridade, pautado na animalização das comunidades negras; o segundo adentra-se na estética negra e o terceiro é a manutenção imaginária de pertencentes, no presente, ao sistema escravista.

Nº Tabela 02- Retóricas Ciberracistas disparadas a Taís Araújo

01	“Pensava que o facebook era para humanos não pra macaco”
02	"Não sabia que no zoológico tinha câmera".
03	“Parece um animal”.
04	“Já voltou da senzala”
05	“Limda com M de banana”
06	“Te pago com banana”,
07	“Negra Escrota”
08	“Pode ser mais clara”

Elaboração: João Mouzart, 2020

Os movimentos no Facebook ocasionados pelas práticas ciberracistas vêm enunciando, como já destacado, a manutenção da ideia de animalização das

comunidades negras ou como destacou Nogueira (1998) de inumanização. Isso pode ser observado na tabela 02 nos comentários 01, 02, 03 e 04 ao tocar nos seguintes aspectos que constituem o processo de neutralização da humanidade do negro a partir de três elementos: o primeiro se dá na compreensão da memória histórica e coletiva elaborada acerca das populações negras em uma certa temporalidade; o segundo pauta-se na continuidade do processo de desumanização do negro na alienação do mundo branco e o terceiro se dá em observar como o ciberracismo demarca o imaginário construído acerca do lugar de servidão .

Tais pontos se aproximam do pensamento de Fanon ao retratar que estes elementos nos conduzem a empreender uma análise psicológica que é montada no subconsciente daqueles que sofrem com a violência estigmatizante, fazendo perpetuar os jogos das diferenças. Nessa última perspectiva Kilomba indaga que:

Marcar quer dizer também falar sobre diferenças. Por exemplo, como pessoas negras, muitas vezes, somos referidos como diferentes. E eu coloco a questão: diferente de quem? Quem é diferente? Tu és diferente de mim ou eu sou diferente de ti? Pra dizer a verdade nós somos reciprocamente diferentes. Então a diferença vem de onde? Eu só me torno diferente se a pessoa branca se vê como ponto de referência, como a norma da qual eu difiro. Quando eu me coloco como a norma da qual os outros diferem de mim, aí os outros se tornam diferentes de mim. Então é preciso a desconstrução do que é diferença (KILOMBA, p, 4, 2016).

Outro ponto que comungo com Fanon fica “evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais”, visto que, “só há complexo de inferioridade após um duplo processo”, sendo um deles alimentados através da “interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade”. Em tal sentido, considera-se a necessidade de que as alterações de interpretação do lugar das comunidades negras na sociedade encontram-se atreladas ao questionamento das imposições de subalternidade lançadas para o grupo, ou seja, “a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia” (FANON, 2008, p.28).

Dito isto, o racismo situa-se dentro das arquiteturas de sua temporalidade e como destaca Fanon (2008) deve ser considerado como problema humano ou de

humanidade, precisam ser considerados a partir do tempo. Em virtude disso, pode ser ideal que o presente sirva para construir as relações do futuro e esse futuro não é algo cósmico, ele é fruto das experiências do tempo em que vivo, da construção da nacionalidade e da própria noção de existência que se sustenta nas relações sociais e que se edifica ao ligar-se ao presente, na medida em que o colocou como algo que deve ser superado e que suas memórias serviam para captar as oscilações do movimento.

Em tal sentido, as mudanças ocasionadas no século XXI demarcadas através da continuidade da luta das comunidades negras, ampliaram os posicionamentos políticos de ocupação de espaços, ao mesmo tempo de releitura do corpo negro, tendo avanços significativos na esfera social brasileira que fortaleceram as formas de lidar com o racismo. Portanto, é interessante frisar que o esforço analítico que faço para entender como a animalização das comunidades negras, ainda no presente, é lançada como um dos mecanismos que provocam dor e faz com que as pessoas negras sintam e se mobilizem contra esta violência. Acima de tudo, no incômodo provocado pelo avanço das questões étnicos - raciais, nesse contraste racial, observa-se a intenção, por parte dos racistas, do apagamento das experiências negras de superação, como se pode visualizar na prática ciberracista, envolvendo a atriz Taís Araújo.

Aqui, cabe ressaltar a própria compreensão que as comunidades negras tiveram ao longo da história, a ideia de que sempre estiveram na posição de escravo, esse imaginário se aproxima da própria noção de saberes e conhecimento que foram difundidos nos espaços educacionais de base e universitários que também construíram as peças desse quebra-cabeça. Essa produção unilateral do sujeito negro apenas pelo viés da escravidão pode gerar um sentimento que Nogueira, denomina de “estranho inquietante” que se estabelece:

diante de uma experiência inesperada, como a de ser, inesperadamente, refletido em um espelho ou em uma superfície refletora qualquer, experimentando sentimentos de medo e constrangimento, para em seguida se recompor, reconhecendo-se e não se repudiando, na certeza de que será confirmado enquanto sujeito pelo olhar do outro. Para os negros, no entanto, o estranho inquietante é mais do que o reconhecimento de um eventual outro — estranho — em si mesmo: é o reconhecimento de sua condição de não ser; é o reencontro de um rosto que um processo desrealizante imaginariamente nega. Ser negro não é uma

condição genérica, é uma condição específica, é um elemento marcado, não neutro. (NOGUEIRA,1998, p.90).

Nas implicações desse processo no Facebook, a partir do caso de Taís Araújo, torna-se oportuno para se conceber que a luta contra o processo de desumanização dos sujeitos negros no sistema colonial, busca romper as violências das mentes e corpos escravizados que foram e são, ainda, historicamente colonizados por um modelo de violência operante.

Além do mais, favorece para explicar que o eixo central do processo que constitui o sujeito não está na ideia de satisfação e nem na frustração das suas necessidades; para pensar o sujeito humano, “não há nenhum mecanismo genético que possa garantir esse processo. A operação que o define se situa, ao contrário, em outro nível — o do significante” (NOGUEIRA, 1998, p.92).

Desta maneira, torna-se explícito que a retórica da identidade negra na atualidade a partir dos seus diferentes significados, se articula no sentido da emancipação e na destruição do projeto colonial da supremacia branca que até hoje se perpetua através de um sistema de controle que legitima as políticas de silenciamento, apagamento e extermínio (DAVIS,2016; KILOMBA,1968/2019, NASCIMENTO1976b).

Sobre a violência histórica do racismo e o lugar ocupado pelo negro David (2016 p.137) destaca que:

sofremos no passado e ainda sofremos muito para sermos cegas ao sofrimento dos outros, mas naturalmente estamos mais intensamente sensíveis ao nosso próprio sofrimento do que ao dos demais. Portanto, sentimos que seríamos falsas com nós mesmas, com nossas oportunidades e com nossa raça se mantivéssemos o silêncio em um caso como esse. Temos suportado muita coisa e acreditado com paciência; vimos nosso mundo ser destruído, nossos homens serem transformados em fugitivos e andarilhos, ou sua juventude e sua força se perderem na servidão. Nós mesmas somos diariamente barradas e oprimidas na corrida da vida; sabemos que cada oportunidade de avanço, de paz e felicidade nos será rejeitada; [...] cristãos e cristãs se recusam [...] a abrir suas igrejas para nós; [...] nossas crianças [...] são consideradas alvos legítimos para insultos; [...] a qualquer momento, nossas jovens podem ser empurradas para vagões fétidos e sujos e, não importa quais sejam suas necessidades, podem ser privadas de comida

abrigo.

Nesse caminho reflexivo de pensar a construção das comunidades, seu lugar e suas exposições nas relações sociais, cabe destacar os comentários disparados para Taís Araújo: 01 "Pensava que o Facebook era para humanos não pra macaco"; 02 "Não sabia que no zoológico tinha câmera"; 03 "Parece um animal" e 04 "Já voltou da senzala"; demonstra que as práticas ciberracistas buscam capturar a humanidade das comunidades negras, tentando amordaçar e excluir o sujeito do processo relacional entre brancos e negros. E dessa forma, classificando seus corpos em relação aos parâmetros de uma identidade branca, quando cria um mundo à parte para os negros em segunda ordem, que se alimenta da ideia de inferioridade e subordinação elaboradas através das estruturas de dominação imposta.

De fato, as práticas ciberracistas são relações que invadem as nossas intimidades cotidianas materializadas em redes que vão se construindo entre as raízes das memórias e afetações. Então, pensar no ciberracismo é fertilizar sementes para criação de novos mundos que nos conectem com a essência de existência e resistência.

Por isso, a negação da humanidade das comunidades negras encontra-se presa nas teias das tensões projetadas que revelam o que se encontra entre as experiências e as zonas subjetivas dos mapas de afeto, que perpassam os corpos, os gestos, a imagem, as vozes, o grito, o choro e o silêncio, que estão conectados entre as violências e apagamentos que são instituídos às corporalidades negras (KILOMBA, 2019; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Ao olhar para as manobras de resistência do sistema colonial, torna-se possível encontrar as feridas, os traumas e as dores, ocasionadas pelas estruturas coloniais expostas na pele negra. Nesse sentido, aproximação de inferiorização das comunidades negras com a figura do macaco é destacada por Nogueira a partir da atribuição:

[...] ao sujeito negro, é peculiar, e se distingue de outras formas de injúria que, denominando o "defeito" moral, atingem o espírito. Esta designa como defeito seu próprio corpo, pela alusão à cor e, pela associação que aí se dá entre "cor negra" e "macaco", não só

despossui o sujeito de sua identidade mas, inclusive, nesse caso, de sua própria humanidade. Tal denominação se traduz, para o sujeito negro, como uma mensagem perversa, que lhe diz que ele, negro, perante o conjunto dos humanos brancos, está na posição de um animal (inferior, portanto, no plano biológico) (NOGUEIRA, 1998, p.100).

Um ponto a expressar a partir das ideias de Nogueira é a própria noção de intencionalidade que se estabelece na perpetuação da prática de inumanização das comunidades negras com o discurso de animalização que coloca em xeque seus traços corporais, culturais, sociais, religiosos e políticos como se pode visualizar nas práticas ciberracistas direcionadas a Taís Araújo. No interior deste ponto encontra-se alicerçada como destaca Nogueira (1998, p. 76):

a posição do negro no que se diz respeito às representações associadas ao corpo, tal como a percebemos hoje, é necessário levarmos em conta a herança do sistema sócio-econômico escravagista, que não só atribuía ao negro o lugar de mão-de-obra escrava, com todas as implicações sociais de condições de vida miseráveis, mas que também construiu teorias que, em última instância, tinham como objetivo tomar o efeito pela causa, ou seja, atribuir as condições de vida que os negros efetivamente experimentavam a limites e tendências “naturais”.

Nessa linha de pensamento Gilroy (2001) ao olhar para as novas formas de posicionamento, não se deve esquecer que as culturas e identidades negras são indissociáveis da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico. Desta maneira, depreende-se que a efetivação do racismo foi pautada na memória da escravidão, na experiência e na própria ideia de terror racial que se funda politicamente a identidade cultural dos negros no contexto ocidental. Por essa razão, deve-se levar em consideração o dinamismo das identidades, centrado nas diferentes experiências negras que serviram de contestação das formas essencialistas de pensar suas culturas e identidades nos diferentes movimentos estabelecidos nos distintos pontos do Atlântico.

Pensando essas dinâmicas, no contexto brasileiro, Gilroy (2001, p. 12) enfatiza que a “longa e específica história do Brasil sobre os contínuos contatos com a África deveria também ser produtivamente acrescentada às narrativas fundamentais

da história do Atlântico Negro”. Nesse percurso analítico o conceito de diáspora proposto se torna um instrumento teórico importante para se refletir sobre as configurações contemporâneas do ciberantirracismo e das dinâmicas étnico-raciais nas relações sociais brasileiras.

Ademais, pode afirmar que pensar as narrativas das diásporas e como se configuram nas redes sociais na atualidade é romper como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada, porém ainda decodificada nas leituras do corpo negro.

Deve-se levar em consideração que ao pensar no conceito de diáspora é importante visualizar como sua ativação “perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompido, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode ser também rompido”, emergindo assim outras formas de manutenção de pertencimento (GILROY, 2001, p. 18).

Ao fazer uma associação, com a metodologia parafuso, demarco os movimentos que podem ser estabelecidos no ciberracismo que ultrapassar os limites desse Atlântico Negro.

Nº Tabela 03- Retóricas Ciberracistas disparadas a Taís Araújo

01	“Esse cabelo de Esfregão”
02	"Me empresta seu cabelo para lavar louça",
03	"Como pode alguém achar bonito esse cabelo de Bombril?",
04	"Com esse cabelo dá pra lavar a Globo inteira"
05	“Cabelo de Parafuso enferrujado”
06	“Entrou na Globo pelas cotas”
07	Dando um alô aqui para Fátima”

Elaboração: João Mouzart, 2020

Outra questão que adentro é a dimensão da estética. O cabelo crespo, com a cor da pele, no jogo das relações raciais, são sinais perceptíveis das identidades étnico-raciais, e esses passam a operar nas realidades como alvos de conflitos com

relação à concepção das identidades negras, elencados na formulação de estereótipos. Deve ser por isso que Bhabha (1998) sinaliza a fabricação dos estereótipos e como ele se torna a principal estratégia discursiva da fixidez que garante a diferença cultural/histórica/ racial no discurso proposto no bojo do colonialismo. Nesse sentido, “ele é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido e algo que deve ser ansiosamente repetido” (BHABHA, 1998, p. 105).

Além de que, as suas alterações se dão nas relações de ambivalência, de dois sentimentos ou de duas concepções acerca do mesmo fenômeno, que se opõem entre diferentes sujeitos. Ao mesmo tempo que os estereótipos coloniais são validados, garantindo a sua reprodução, ou poderia dizer, sua repetição em diferentes momentos históricos e discursivos no universo da individualidade e da coletividade, marginalizando suas ações que se encontram para além daquilo que se pode provar ou explicar de forma empírica e logicamente (BHABHA, 1998).

Evidentemente, o estereótipo é elaborado com base no fetichismo, criando nesse fluxo o jogo simultâneo entre a metáfora e a metonímia. A metáfora pode aparecer com a finalidade de mascarar a ausência de diferenças enquanto a metonímia pode servir para registrar a ocorrência ou não da falta percebida. Desta maneira, o fetiche ou estereótipo possibilita circular diante de uma “identidade”, conjecturada na dominação e no prazer, quanto na ansiedade e na defesa, “pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma” (BHABHA, 1998, p. 116)

Seguindo esse caminho, é importante salientar que os estereótipos são atribuídos a partir do reconhecimento espontâneo e visível das pessoas em trânsito, isto é, a diferença pode ser definida no racismo em formas visíveis e naturais, tendo-se a cor como signo cultural e político de inferioridade, isto é, a pele, muitas das situações é tratada como uma identidade natural (BHABHA, 1998).

Não é por acaso que este ponto é tensionado no caso de Taís Araújo, no ano de 2015, momento em que, o cabelo é recolocado no debate nacional como um forte ícone identitário de existência, impactando no processo de formulação das identidades das mulheres negras em seus diferentes contextos.

Ademais, as primeiras décadas do século XXI fortalecem o movimento de debater o corpo das mulheres negras e isso se inicia na valorização de sua estética capilar articulada a:

uma tendência cada vez mais estruturada das mulheres no sentido de não aceitarem mais terem seus cabelos alterados pelo alisamento e muitas, que já se submeteram a alteração química, optam por retornar ao cabelo natural. O processo é chamado no Brasil de “Transição Capilar” e consiste em deixar o cabelo crescer para gradualmente ir cortando toda a química restante, até deixá-lo totalmente natural e tem gerado interesse e um novo mercado. (SANTOS, 2015, p.06).

Desta forma, as disputas por significados são acionadas à cor e ao mesmo tempo, coloca-se em jogo outro elemento deste fetiche: o cabelo, que é um:

[...] dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade (GOMES, 2003, p.174).

Além disso, Gomes (2002) evidencia que a dinâmica do racismo só se estabelece a partir da operacionalização dos códigos ideológicos que aderem os atributos biológicos como valores e significados sociais, para que seja possível a imposição ao negro, de uma série de conotações negativas para afetar socialmente suas subjetividades. Com isso, no movimento de alteração da vida social, a prática de “racismo sobre os negros resulta em formas variadas, sutis e explícitas de reação e resistência.

Nesse contexto, o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar da inferioridade e ocupar o lugar da beleza negra, assumindo uma significação política” (GOMES, 2002, p.49). Mesmo, que as práticas racistas, conforme Nogueira (2019, p.6) colocam o negro, constantemente em situação de:

Vítima das representações sociais que investem sua aparência daqueles sentidos que são socialmente recusados, o negro se vê

condenado a carregar na própria aparência a marca da inferioridade social. Para o indivíduo negro, o processo de se ver em um “nós” em relação às tipificações sociais inscritas no extremo da deseabilidade, esbarra nessa marca – o corpo – que lhe interdita tal processo de identificação; ao mesmo tempo, a cultura incita-o a aderir aos signos de deseabilidade, pela injunção, própria das estruturas da cultura, que resulta do fato de que os signos desse sistema são introjetados nos indivíduos no processo de socialização.

Vale salientar que as informações dos comentários 01, 02, 03, 04 e 05 presentes na tabela 03, se constituem em torno da representação do cabelo da mulher negra, nesse caso, é tensionado à estética da atriz Taís Araújo. Os comentários racistas 01 “Esse cabelo de Esfregão”, 02 "Me empresta seu cabelo para lavar louça", 03 "Como pode alguém achar bonito esse cabelo de Bombril?" e 04 "Com esse cabelo dá pra lavar a Globo inteira" e 05 “Cabelo de Parafuso enferrujado” produzem uma retórica que associa a estética capilar negra e suas diferentes representações a atividades e produtos presentes no contexto doméstico.

Enfatizo que se pode abstrair três principais pontos presentes na mensagem subliminar que costura esses pensamentos ciberracistas. O primeiro ponto é referente à noção de espaço, não é por acaso a associação com objetos e atividades de limpeza de um ambiente, que pode ser o espaço residencial de trabalho, disso, pode-se entender que as práticas ciberracistas difundidas, reforçam um imaginário racista, isto é, o lugar que pode ser ocupado pelas comunidades negras e evidencia o cenário projetado socialmente, que durante muito tempo era espaço de circulação das mulheres negras. Portanto, não se pode esquecer esse imaginário da cozinha como um espaço de opressão, porém, ressalto que esses espaços também foram palcos de elaboração de estratégias de resistências e alianças para a emancipação de mulheres que usaram seus saberes para a mudanças de suas realidades, como destaca Oliveira Junior (2012).

Assim, por mais que as práticas ciberracistas acionem, o cabelo, associando a uma ideia negativa da atividade das mulheres no espaço residencial e exercícios de sobrevivências, é necessário seguir as ideias de Oliveira Junior, ao destacar a importância de observar o espaço da cozinha como lócus privilegiado do poder da mulher negra, pois a cozinha e a cultura material associadas são um cenário

fundamental para o palco das discussões da relação de gênero e poder que servem para transmitir e reafirmar conhecimentos, crenças e memórias, notadamente das experiências de luta das comunidades negras (OLIVEIRA JUNIOR, 2012).

O segundo ponto que pode se extrair é a noção de rejeição da estética negra pelos ciberracistas. Aqui retomo que o ano de 2015 foi um momento em que esta pauta se encontrou como ponto principal das agendas dos movimentos de mulheres negras no Brasil e em outras realidades internacionais. Nesse sentido, ao se tentar alterar o modelo padrão estético capilar difundido no país, foram-se tornando um alvo importante para se questionar e deslegitimar a luta por uma mudança de respeito assinalada na diferença.

Ademais, as práticas ciberracistas, naquele momento, foram disparadas com a intenção de driblar as formas recentes de engajamento político de mulheres negras que ao articular as relações entre: corpo, estética e emoção como aspectos centrais de seus processos de aprendizado e afirmação identitária sinalizaram um avanço no combate ao racismo. Além de que se elaborava um novo posicionamento e olhar sobre o corpo e sobre sua própria noção, ao trazer para cena outros meios de linguagens estéticas que, por sua vez, ensejaram novas dinâmicas. Ao mesmo tempo buscavam ampliar os sentidos dos movimentos de mulheres negras no país, produzindo um movimento de desajuste do racismo à brasileira (NOGUEIRA, 1998, GOMES, 2003, SILVA, 2019).

Sob esta ótica, observa-se que a estética capilar de Taís Araújo se tornou o ponto-chave para que as práticas ciberracistas pudessem atingir essa comunidade negra, onde os ciberracistas se sentiram incomodados com tais posicionamentos e avanços nas realidades brasileiras. Nesta ocasião, quero trazer algumas informações que observei no Facebook. Naquele momento, se constituíam as primeiras marchas do cabelo crespo, tendo início em São Paulo, no dia 26 de julho que evidenciavam as formas de explicação de três pontos importantes para os movimentos negros: a discriminação, o preconceito e o racismo. A marcha acabou mexendo com pontos importantes e serviu de inspiração para outros movimentos de contestação da lógica colonial. Silva destaca que a marcha teve uma ampla divulgação no:

meio das mídias sociais Facebook, Instagram e Twitter estimulou a

mobilização de mulheres em todo o país. Nos anos seguintes, com a ampla circulação de imagens, textos e vídeos, o evento ganhou formatos em diversas capitais, articulando diferentes coletivos de mulheres. Com o sucesso dessa iniciativa que, segundo o site oficial, mobilizou mais de 1000 mulheres em sua primeira edição, em conjunto com a deputada Leci Brandão, foi elaborado um projeto que, sancionado pelo governo do estado, culminou na criação da lei 16.682/2018, instituindo o dia 26 de julho como o Dia do Orgulho Crespo (SILVA, 2019, p.23).

No caso, do Facebook observei que os ciberracistas tentaram através das práticas ciberracistas combater tais movimentos ao escolher pessoas negras para enquadrá-las dentro um sistema que questiona a sua essência humana. Com isso, nota-se que há uma ligação do fenômeno que estou analisando com o processo metodológico adotado, uma vez que não tem como pensar os movimentos de ir e vir em diferentes posições e pautas sem pensar no jogo elaborado de ataque e defesa. Mais do que isso, nas construções de estratégias nas redes produzidas para combater a proliferação do racismo no mundo digital, uma vez que “a dimensão de transformação estética está atrelada a uma transformação íntima, o papel das redes e mídias sociais intensifica, consideravelmente, o sentido coletivo de tais experiências” (SILVA, 2019, p.16).

Desta maneira, não tem como pensar os processos de constituição política de mulheres negras, sem tocar nas:

experiências de transição não só capilar, mas de reformulação de um conjunto de “sentimentos de desajuste” em narrativas de “empoderamento”, nos revela uma diversidade de sentidos que dizem respeito a conquistas pessoais, particularmente subjetivas, como ganho de autoconfiança e autoestima, mas, também, a conquistas profissionais. Desse modo, as narrativas pessoais ampliam os usos e sentidos que a categoria empoderamento vai absorvendo a depender de quem fala, onde e para quem. Ainda assim, uma dimensão dessa categoria subsiste a toda e qualquer significação concorrente, a dimensão da experiência de transformação, que precisa ser adquirida e relatada por meio de enunciados não somente verbais, mas corporais (SILVA, 2019, p.21).

Aqui a ideia de experiências se conecta com a ideia de saber lidar com os

processos em que as comunidades negras têm que experimentar ao longo da vida. Isso produz as subjetividades, do pesquisador negro, analisando o fenômeno do ciberracismo e das vítimas negr@s que vivenciam essa prática, facilitando a compreensão de suas trajetórias nesse processo de construção de sujeitos, no jogo das assimetrias de poder que elaboram as regras cotidianas. Embora faça o registro e em alguns momentos conteste essa ação, isso se passa, na forma de troca das marcas que os atingiram, como falaria Fanon dos traumas passados que são utilizados como armas para desconstrução da opressão e violência, deslocando da dimensão privada para a arena da dimensão pública política que traz as emoções, muitas vezes dolorosas (FANON,2008).

Com isso, é necessário pensar que o ciberracismo no Facebook, se constitui dentro de um jogo em que é valorizada uma certa ideia de moralidade racial elencada no sujeito branco, e nesse bojo, as novas mídias adquirem um importante papel que impacta na denúncia e no posicionamento político que conectam trajetórias e aproximam semelhantes no combate ao ciberracismo.

De todo modo, ao pensar minha relação na análise desse fenômeno, permitiu-me perceber outros movimentos que se apresentavam no modo de se fazer pesquisa no Facebook que não se constitui apenas em uma tentativa de captar toda complexidade desse universo em rede, pois, aos poucos as práticas ciberracistas evidenciaram as trajetórias e os movimentos que se estabeleciam através das tensões mantidas no jogo das relações raciais, demarcando as escolhas, os embates que atravessam essas experiências. Porém, minha reflexão aponta para alguns eixos desse emaranhado de discursos e práticas envolvendo os embates que adentram as dimensões coletivas e afetivas das comunidades negras.

Assim, as experiências contemporâneas do ciberracismo permeiam nos questionamentos por parte do ciberracistas da representatividade, da estética e da autoestima das comunidades negras presentes no Facebook, uma vez que essas práticas têm a intenção de desarticular as políticas conquistadas pela coletividade negra. A partir de então, as frentes de questionamento por parte das comunidades negras nos levam a atentar para as pluralidades existentes em redes, uma vez que os processos de autodefinição, que as atravessam, não implicam na constituição de um

modelo homogêneo de apagamento de sua humanidade, mas aparecem em sua diversidade que afeta a construção coletiva do existir.

Em virtude disso, as comunidades negras tentam desmontar a historicidade alimentada na sociedade brasileira, ensinando outras formas de se colocar no mundo, gerando grande impacto no processo de construção da identidade nas relações tecidas no Facebook. Ao positivar a visibilidade do corpo negro e sua aceitação, atesta a sua importância como manutenção de símbolos identitários (GOMES, 2003). Complemento que os suportes e ferramentas de acesso tornam-se pontos centrais para o seu posicionamento em rede.

Diante do exposto, a construção desses elementos identitários, no século XXI, pode ter sido provocada pelas profundas mudanças que constituíram o surgimento de diferentes fenômenos que permearam a visibilidade das comunidades negras em rede em nosso país. Além de tudo, inclusive se iniciou a democratização, ao adquirir os aparelhos de acesso ao mundo digital, potencializando a inserção de um grupo expressivo desse segmento as redes, como visualizei na pesquisa, ocasionadas primeiramente pelo uso do celular e segundo pela aquisição de computadores e notebooks que favoreceram o acesso aos conhecimentos existentes na esfera social, inclusive o contato com os saberes negros.

Outra questão a que se chega, refere-se ao controle e vigilância da imagem da mulher negra. Imagens que vão desde a figura da escrava, macumbeira, babá, cozinheira, vista de forma pejorativa, até a figura da glibeleza, deslocando a mulher negra para o lado apenas da sexualização e negando outras formas de existir e se colocar na sociedade. Desta forma, na atualidade, as redes sociais constituem novas formas de controlar as imagens referentes às comunidades negras, lidas e interpretadas pelos ciberracistas de forma negativa que busca essencializar seus corpos no Facebook. Como saída aparece o processo de autodefinição que vai para além da ideia de uma identidade objetiva, pois ela emerge apenas como um dos pontos de partida do processo de se fazer existir.

3.2.3 Práticas Ciberracistas no Facebook – O caso Suéllen Rosim

Figura 11- Prefeita Suéllen Rossim



FONTE: PLENO NEWS (2020).

Para tentar rastrear o ciberracismo no Facebook, continuei a olhar para esta rede de forma diária, fazendo-se uma constante em minhas entradas em campo para entender como o fenômeno em foco se operacionaliza nas interações contínuas que se estabeleciam naquele universo. Assim, foi possível catalogar o material empírico que me permitisse tecer algumas reflexões sobre as efetivações de tais fatos. Lembro que no dia 29 de novembro de 2020, a candidata à prefeitura Suéllen Rosim da cidade de Bauru em São Paulo, foi atacada por práticas ciberracistas em sua página do Facebook, momento em que se preparava para o segundo turno da eleição. Diferente das outras experiências de práticas ciberracistas analisadas, observei que não associaram a imagem da vítima com os repertórios de ódio.

Com isso, observa-se a dinamicidade do ciberracismo e sua plasticidade no contexto social em rede. As primeiras informações acerca do ocorrido foram sinalizadas em uma palestra que eu ministrava em um colégio público da cidade de Aracaju e a professora, mediante a minha fala, acerca do ciberracismo nas redes

sociais brasileiras, sinalizou que, naquele momento, estava tendo uma polêmica de “uma jornalista que se candidatou para prefeita e está sofrendo agora com palavras que a ofendem” ressaltou a professora. Ao finalizar a palestra busquei acompanhar o ocorrido e seu desfecho, sendo interessante ressaltar que logo recebi as postagens em meu WhatsApp, sendo distribuídas em vários grupos por todo o país.

O que nos mostra o deslocamento das práticas ciberracistas para outras redes sociais, potencializando ainda mais a dinâmica do fenômeno, ou seja, o ciberracismo se movimenta por todas as redes, por não ser fixo, constituindo-se a partir da sua dinamicidade. Aqui, encontro outro elo com a metodologia parafuso, na perspectiva de pensar as várias formas de se deslocar em um evento para se fazer visível e para construir suas estratégias de resistências. Com isso, o movimento é um elemento importante para pensar de que forma os ciberracistas se articulam para disseminar o ciberracismo, e de que maneira ele é combatido. Assim, não é por acaso que se constitui a ideia de movimento negro que se articula para uma mudança comportamental e de mentalidade para que haja as quebras de paradigmas e as alterações das realidades existentes na esfera social brasileira.

Torna-se interessante trazer as palavras de Petrônio Domingues ao salientar que os movimentos negros “vêm se caracterizando pelo dinamismo, pela elaboração e reelaboração, em cada conjuntura histórica, de diversas estratégias de luta a favor da integração do negro e erradicação do racismo na sociedade brasileira” (DOMINGUES, 2007, p. 116). Com isso, pensar em movimento negro, atrelado ao ciberracismo, é refletir sobre as diversas estratégias de luta que se dão na tentativa de inclusão social do negro e na expectativa de superação deste fenômeno.

Enfatizo a questão do movimento negro, para pensar o contexto da disseminação das práticas ciberracistas para Suéllen Rosim em 2020, momento em que as mulheres negras se articulavam internamente para adentrar no universo político do país, constituindo-se as agendas em recorrência ao assassinato de Marielle Franco. Sobre este projeto de inserção em espaços que não foram projetados para as comunidades negras, pude captar essas articulações dois anos antes, desde o fórum Mundial da Juventude em 2018, cujo tema foi “Resistir é criar, resistir é

transformar!”.

Assim, no terceiro dia de encontro, 15 de março de 2018, um dia após o assassinato de Marielle, encontrava-me em Salvador, no eixo do fórum “Comunicação, Tecnologias e Mídias livres” e em vez de debatermos a pauta delimitada, falamos rápido sobre o perigo das redes, o ciberracismo e distribuíram uma cartilha sobre o assunto e decidimos nos juntar à mobilização.

Logo após, caminhamos pelas ruas de Salvador em protesto ao genocídio negro, marco crucial para a denúncia do racismo à brasileira na contemporaneidade e momento oportuno no qual registrei as diferentes alianças que se estabeleciam com o intuito de romper com o silenciamento e a invisibilidade das mulheres negras no âmbito político, ou seja, tais movimentos, buscavam desmontar as barreiras impostas pelo racismo à brasileira, notadamente, as relacionadas à representação política das mulheres negras nos diferentes contextos brasileiros. Sem esquecer o racismo brasileiro que deve ser pensado enquanto um sistema:

difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos. Algumas pessoas vão até pensar que é o tipo de racismo mais sofisticado e mais inteligente, comparativamente aos outros. Quando se põe a questão de saber como lutar contra as práticas racistas no Brasil, ou seja, como diminuir as desigualdades de oportunidades entre brancos e negros, em matéria de acesso à educação superior de boa qualidade, ao emprego e cargo de comando e responsabilidade onde estes últimos são sub-representados, esbarra nas mesmas ambiguidades, pois tais desigualdades não são definidas por muitos em termos racistas.[...] as ideologias que resultam deles tem a diferença como matéria prima: diferença de sexo ou de gênero desemboca no machismo; diferença de nacionalidade, em nacionalismo; diferença de etnia, em etnicismo; diferença de vida sexual entre pessoas do mesmo sexo, em homofobia, etc. Todos se tornaram armas para justificar e legitimar a discriminação e conseqüentemente a exclusão e a desigualdade entre seres e grupos. Como fazer para lutar contra esses “ismos” e suas conseqüências? Todos os países conscientes que querem mudar trilharam três caminhos complementares: o legislativo, o político e o educativo (MUNANGA, 2015, p.13-14).

Paralelamente, pude registrar diferentes pesquisas que tentavam captar os movimentos que aconteciam pós-morte de Marielle nas redes sociais. Um exemplo, são as informações que foram coletadas pela FGV DAPP no Facebook, após a filtragem de stopwords e das palavras com pouca relevância semântica para a

Além disso, não é por acaso que emergem naquele cenário as ações desenvolvidas pela anistia internacional. Pude acompanhar os questionamentos referentes à morosidade das investigações de Marielle, sendo reivindicado celeridade, rigor e imparcialidade nas inquirições e tudo isso foi elucidado na tentativa de solucionar o caso, tendo como principal liderança à frente daquele movimento, a diretora executiva Jurema Werneck que mobilizou cerca de mais de 100 mil pessoas, tanto do Brasil, como do exterior que aderiram à manifestação on-line pela resolução imediata da situação.

Dentro deste cenário de luta e reivindicação de espaços e agendas, as práticas ciberracistas vão ser direcionadas às mulheres negras em candidaturas. Nesse sentido, não é por acaso que Suéllen Rosim vai ser selecionada como alvo possível. Além disso, 2020 se constituiu o ano que teve um aumento expressivo tanto no que se refere à candidatura das mulheres negras, quanto às eleitas e algumas reeleitas no pleito por todo o país, sendo uma delas a prefeita Suéllen Rosim que aderiu, a um dos seus principais lemas das campanhas políticas Marielle, presente! E em outras situações fazia questão de proferir e demarcar em rede #Somos todas Marielle!

Em relação aos ataques ciberracistas sofridos, se posicionou dizendo “é preciso combater o racismo com coragem” e “Quero cobrar uma abertura de diálogo e que o racismo pare de ser falado somente no cantinho da sala”. Levando em consideração que “É um absurdo a gente ainda ter que ouvir esse tipo de palavra, dessas questões raciais. É inadmissível. Lamento muito. A gente tem tanta coisa pra discutir da cidade, tantos problemas no município e a gente ter que discutir um assunto tão pesado”. Suas palavras demarcam a sua indignação contra as práticas ciberracistas que mexem com a estrutura daqueles que são expostos nas redes sociais, sendo necessário criar estratégias que contribuam com o combate e que as comunidades negras não deixem de denunciar essas práticas efetivadas que ainda hoje é uma das temáticas que carregam os mecanismos de opressão estabelecidos nas relações sociais brasileiras.

É interessante perceber que as práticas ciberracistas e suas consequências podem ser comparadas a um iceberg, como ressaltou Munanga (2015).

Creio que grande parte de nossos discursos, trabalhos de pesquisa e análises conscientes acontece na parte visível do iceberg. A parte submersa e mais profunda deste iceberg me parece a mais difícil de estudar e analisar, justamente por causa de sua invisibilidade e da falta de ferramenta de

medição apropriadas. É justamente nessa parte que se encontrariam as consequências também invisíveis do racismo, tais como traumas, feridas, alienações da humanidade, do corpo, da identidade, da autoestima e outros mecanismos que somados têm consequências incomensuráveis na estrutura psíquicas das pessoas vítimas do racismo (MUNANGA, 2015, p. 14).

Nesse sentido, compreender as práticas ciberracistas efetivadas a Suéllen Rosim, foi possível captar que os repertórios difundidos alicerçavam-se em três questões: a primeira adentra na localização do sujeito negro a partir do acionamento de um estereótipo de pobreza; a segunda adentra-se na estética negra associada à marginalidade e a terceira é a ideia de capacidade do negro no Brasil.

Nº TABELA 04- RETÓRICAS CIBERRACISTAS DISPARADAS A SUÉLLEN ROSIM.

01	“ Não podemos eleger aquela mulher com cara de favelada para nossa prefeitura. Essa gatinha irá afundar Bauru”
02	"Não tenho nada contra, mas essa gente de pele escura, com cara de marginal administrando essa cidade, será o fim”.
03	" O melhor para cidade é Drº Raul. Esse sim tem berço.
04	"Essa gente de cor, representada por essa tal Suéllen, não vai saber administrar a cidade, não tem competência.
05	[...] Fato. No entanto, não tem nada haver com o racismo que disse.

Elaboração: João Mouzart, 2020

As práticas ciberracistas nº1 e nº 2 da tabela 04, trazem os seguintes discursos “Não podemos eleger aquela mulher com cara de favelada para nossa prefeitura. Essa gatinha irá afundar Bauru” e "Não tenho nada contra, mas essa gente de pele escura, com cara de marginal administrando essa cidade, será o fim”. Essas duas práticas ciberracistas possuem elementos em comuns, com referência à construção da imagem do negro dentro da sociedade brasileira, associada a uma ideia de extrema pobreza e marginalidade. Não foi por acaso que a descrição de Suéllen reforçou a concepção de possuir: “cara de marginal” e “favelada”, partindo de uma leitura social que nega os corpos negros, reforça os estereótipos de vulnerabilidade e de violência, ao enquadrá-los no sistema que os colocam, continuamente como uma classe perigosa e suspeita que os deslocam para os contextos vigentes de opressão.

Isso se apoia na pauta de que as comunidades negras não teriam capacidade de executar as atividades de trabalho e de assumir cargos de prestígio político na esfera social brasileira. Como se pode perceber na prática ciberracista perante a candidata à prefeitura de Bauru Suéllen, cujo intuito era deslegitimar a sua candidatura na cidade, ao criar elementos que contribuíssem para reforçar a recusa de sua presença nessa esfera pública. Nesse sentido, observa-se o movimento oscilante do racismo ao tentar manter os padrões estabelecidos que estrutura o Estado brasileiro que exerce um falso sentimento de manutenção da ordem, ou seja, se apresenta como um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas vividas pelas comunidades negras no universo virtual.

Desta maneira, as redes sociais demonstram como as práticas ciberracistas dão continuidade às estruturas de poder estabelecidas no país ao determinar “as condições e possibilidades de trabalho, de estudo, de vínculo (incluindo o casamento e os vínculos amistosos), de liberdade, de lugar (ou não lugar) onde morar, a forma de morrer [...] Afeta a possibilidade de os negros garantirem o presente, planejarem o futuro, realizarem sonhos, satisfazerem necessidades” (COSTA, 2012p. 16).

Assim, as práticas ciberracistas lançadas se constituem como um elemento de *ataque* que se apresenta como mecanismo que desestabiliza, ainda, no presente, as imagens das comunidades negras. Portanto, o ataque torna-se um ponto de elo com a metodologia parafuso utilizada, ajudando a olhar para as formas de ataque que podem estabelecer outro movimento que é o contra-ataque do sujeito negro, ao criar seus mecanismos de defesa, isto é, se apropriando dos elementos colocados à sua disposição pelo sistema colonial. A partir do uso das ferramentas, aqui, poderia eu fazer uma analogia à anágua usada por comunidades negras para fugir no passado e chegar aos espaços de resistências como os quilombos ou mocambos.

Portanto, isso não se diferencia das estratégias estabelecidas, ainda no presente, para driblar o poder do ciberracismo nas vidas das comunidades negras nas relações de exclusão e interação [*das*] [*em*] rede.

Já as práticas ciberracistas nº3, nº4 e nº5 materializadas: “O melhor para cidade é Drº Raul. Esse sim tem berço”. “Essa gente de cor, representada por essa tal Suéllen, não vai saber administrar a cidade, não tem competência”. “[...] Fato. No entanto, não tem nada a ver com o racismo que disse”. Esses três comentários ajudam a pensar como os repertórios racistas produzem um movimento de manutenção dos modelos mesmo com toda a

visibilidade do ciberracismo que nega a sua prática e demonstra a capacidade de se camuflar no jogo do discurso e das explicações que contribuem para gerar um sentimento de comoção com aqueles que são racistas.

Aqui dois pontos iniciais chamam a atenção: o primeiro no que se refere à associação do homem branco, ao berço, à educação e o que possui o melhor perfil para assumir cargos de prestígios, trazendo à tona a construção do machismo e o segundo é a contraposição pautada na ideia de incompetência das pessoas negras, e, isso se potencializa, quando se trata de mulheres negras, evidenciando como a intersecção de raça e gênero opera na cibercultura ao manter as relações de opressão e de poder sobre as trajetórias femininas.

Mesmo assim, visualiza-se como as mulheres negras vêm se posicionando na luta contra o desmonte do racismo, e como já apontava Collins, esse processo vem acontecendo no movimento de escuta das vozes dessas mulheres que não são de vítimas, mas de sobreviventes. Suas ideias e ações sugerem que não apenas existe um ponto de vista autodefinido que as constitui como grupo, mas sua presença tem sido essencial para a sobrevivência de outras, presentes em diferentes espaços e contextos sociais (COLLINS, 2019).

As práticas ciberracistas analisadas, evidenciam-se à medida que o ciberracismo criava raízes mais estáveis no interior das redes sociais, especificamente, o Facebook, e deixavam visíveis como este fenômeno se apresenta nas relações de interatividade nas redes, sendo permeado por repertórios racistas que tratam da manutenção da inferioridade pautada na animalização das comunidades negras que perpassam a sua estética e cor. A sustentação imaginária de pertencentes, no presente, do sistema escravista, além de sempre as localizar a partir do acionamento de um estereótipo de pobreza e associação da marginalidade, o que demonstra como esses grupos que não foram incorporados nas pautas nacionais brasileiras, ainda sofrem ao questionar a lógica vigente.

Dessa forma, os principais perigos e questões que envolvem as engrenagens por trás do Facebook encontram-se na exposição das vítimas em uma dimensão global, além de materializar a violência para todos no ciberespaço. Há pontos importantes para serem refletidos, esse fenômeno é majoritariamente direcionado às mulheres negras, formadas, e que exercem uma função social de visibilidade. Logo, a impressão é de que as práticas ciberracistas tiveram como finalidade desmontar as lutas e as conquistas que estas

comunidades efetivaram na esfera brasileira no primeiro quartel do século XXI, ao questionar os sistemas de violência, exclusão e extermínio.

Além disso, é preciso pontuar que desde sua concepção as tecnologias incorporaram as lógicas de diferenciação, regra dos resquícios da colonialidade que atingem as comunidades negras em contextos globais. Ou seja, o ciberracismo é produto deste sistema de colonização de corpos e mentes que pode ser constituído na negação do acesso, até os processos de interação social em rede. Nesse último ponto, destaco que a interação revelou que a imagem da vítima pode ser escolhida e exposta a qualquer momento na efetivação do ciberracismo dependendo das agendas escolhidas pelo ciberracistas.

Ao longo do trabalho de campo tive contato com as práticas ciberracistas e seu desenrolar no Facebook. Foi necessário, naquele momento, observar os embates, as disputas, os afetos e a organização desse sistema nas redes sociais. Por isso busquei ao longo desta tese acompanhar os três casos elucidados, sobretudo, sendo possível captar seus posicionamentos e suas reivindicações e conectar com os fenômenos que aconteciam paralelamente a elas que envolviam a reflexão do lugar das comunidades negras no país. O argumento central captado é que a rede Facebook mostra quão problemáticas são estas práticas ciberracistas, partindo do ponto de que as redes sociais tornaram-se os espaços aglutinadores de diferentes segmentos da sociedade evidenciaram a dinamicidade do ciberracismo no mundo digital ao refletir as relações de poder na contemporaneidade

Por fim, não tem como olhar para as diferentes camadas que o fenômeno do ciberracismo produz sem observar como elas impactam na vida das comunidades negras, neste caso, é interessante frisar que o armazenamento das práticas ciberracistas nas redes criaram espaços de memórias coletivas, ajudando a pensar a despeito dos fatos e como eles interferem no tecido conjuntivo de nossa vida em comunidade, uma vez que os filtros que podem ser realizados evidenciam diferentes sensações e percepções sobre o assunto. Porém, quero dizer que analisei uma parte deste movimento em que o ciberracismo pode percorrer no universo da cibercultura.

CAPÍTULO IV

ENTRE A RUA E O CIBERESPAÇO: CIBERATIVISM@ NEGR@ E REDES DE ENFRETAMENTO DO CIBERRACISMO NO FACEBOOK UMA PROPOSTA CIBERANTIRRACISTA NO BRASIL

O ciberativism@ Negr@ à brasileira se consolida nas redes sociais, especificamente no Facebook ao se tornar um movimento mobilizador das comunidades negras e das diferentes frentes que se engajam na luta contra as violências disseminadas e transportadas nas redes de sociabilidade que transcendem o tempo todo para contextos locais e globais. O contato que tive com esse fenômeno possibilitou acompanhar diferentes agendas, interessava-me as que estavam conectadas com o Facebook. Sem esquecer que o ano de 2013 foi um divisor de águas no que se refere ao engajamento das pessoas em rede, sendo o Facebook considerado uma das principais forças por trás dessas manifestações. Nesse interim, essa rede reuniu diferentes pautas e movimentos que atingiram todo o país durante o mês de julho na internet, os protestos eram organizados longe dos partidos políticos e das organizações já consolidadas em protestos, fortalecendo o ciberativismo que alterou os modelos de engajamento no Brasil.

Em julho de 2013, a sociedade brasileira vai às ruas protestar contra o aumento das tarifas no transporte público que sofreria ajustes de três reais para três reais e vinte centavos, naquele momento, sendo motivada pelos atos do Movimento Passe Livre (MPL) no município de São Paulo, o que causou inicialmente a indignação da juventude. O movimento ficou conhecido como a Jornada de Junho e traz alguns pontos importantes para pensar o ciberativismo. O primeiro motivou as formas de mobilização nas redes, o segundo, criou um processo inverso que levou internautas para as ruas, mas também trouxe pessoas para dentro das interações nas redes sociais, o terceiro potencializou o Facebook para debates, o quarto favoreceu a circulação de informação e de contrainformação, o quinto auxiliou na divulgação de materiais e por último confrontavam-se as narrativas oficiais que em algumas situações divergiam do que tinha acontecido, principalmente daquelas veiculadas pelas grandes mídias.

Outro episódio se deu no sábado dia 14 de dezembro de 2013, onde pude registrar como o Facebook foi utilizado como ferramenta de jovens negr@s, funkeir@s da periferia de São Paulo que se mobilizaram para organizarem encontros em shopping-centers da cidade,

com o desejo de ocupar os espaços de lazer e sociabilidade restritos a grupos sociais específicos, marcadamente consumidos por pessoas brancas de classe média ou alta.

A música negra que era apresentada foi traduzida como um toque de recolher, produzindo uma agitação no espaço, onde consumidores saíram correndo, lojas fechavam suas portas e a polícia foi acionada para retirada dos jovens com bombas de gás lacrimogêneo, balas de borrachas, spray de pimenta. Logo, aumentava a indignação dos jovens que foram levad@s para averiguação em delegacias de polícia, mesmo sem nenhum registro de roubo e violência. Isso consolidou um movimento denominado ‘rolezinhos’, desencadeando protestos que se deslocavam para diferentes realidades do país ao questionar os espaços de lazer e criar outras dinâmicas de circulação nos contextos que estavam inserid@s. Naquele contexto, chamou minha atenção o movimento que questionava o acesso das comunidades negras nos espaços de poder, em nosso país, e segundo foi pensar como o uso da internet foi marcante e no poder dessas plataformas na mobilização de pessoas, ou seja, a inserção digital traz à tona um debate referente sobre o ciberativismo.

Desta forma, pretendo perceber como as comunidades negras vêm se articulando e influenciando diferentes atores sociais para as mobilizações e engajamento político em rede, com relação às práticas ciberracistas no Facebook, em um processo de pluralização de vozes e respeito alicerçados nas diferenças de corpos racializados. Assim as pautas d@s ativistas circundam acerca da ideia de liberdade na diferença que adentra no campo dos debates diante da ideia da dor, do falar, existir, resistir e das trocas de saberes transmutadas para o ciberespaço o qual enfatiza o respeito dos referenciais negros dentro da esfera social em suas diferentes dimensões utilizadas nas experiências em rede.

Ademais, a emancipação é uma pauta que auxilia nessa proposta de efetivação antirracista, sendo necessário que se entenda o jogo, suas limitações impostas e os obstáculos que as comunidades negras têm que enfrentar no universo virtual. Por outras palavras, sua concepção evidencia processos desiguais que limitam e marcam corpos, segregam histórias e violentam vidas. Logo, é importante pensar como a pluralização de vozes com advento da internet e das redes sociais, tornaram-se uma importante chave de conexão, uma vez que os portais do mundo negro se abrem para reafirmar suas forças de solidariedade e sociabilidade nas pautas sobre os conflitos direcionados às vidas negras.

4.1 CIBERATIVISMO NEGRO CONTRA O CIBERRACISMO NO FACEBOOK

O ciberativismo negro se constitui como uma nova forma de articulação e organização social que partilha os sentidos de luta e de combate dos resquícios dos sistemas coloniais presentes nas relações sociais na contemporaneidade. É interessante que tais posicionamentos dialogam com as antigas mobilizações democráticas, como o sufrágio ou até os direitos civis. Porém suas formas de articulações mudaram-se ao estabelecer as agendas que podem ser discutidas a cada instante, além de criar novas formas de mobilizações estabelecidas em rede que possuem um tempo mais preciso para criar uma pauta a defender, ora se aproxima de outros movimentos, ora estabelece com os seus pares as agendas (LANGMAN & MORRIS, 2003).

Considera-se que no Brasil, o perfil do ciberativismo negro evidencia o engajamento de mulheres negras, na grande maioria acadêmicas, moradoras da periferia das cidades pequenas, médias e grandes, pertencentes a movimentos e organizações de mulheres negras o que estabeleceram um movimento denominado ciberativistas negras que em suas pautas encontra-se o que denominamos de ciberracismo. Assim, pude observar como elas se articulavam para o debate e o enfrentamento das práticas ciberracistas nas redes sociais, especificamente no Facebook. Ademais, a formação dessas frentes “trata-se de conceber a internet como mais uma arena de lutas e conflitos pela hegemonia, de batalhas permanentes pela conquista do consenso social e da liderança cultural ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras” (MORAES 2007, p. 1).

Desta maneira, o ciberativismo negro então se consolidava também como produto da insatisfação do ciberracismo direcionado às comunidades negras, o que ocasionava a necessidade de visibilizar e expressar um posicionamento político sobre as situações em que se reverberavam nas relações sociais. Isso significa trazer à tona uma discussão que se alimentava na ideia de existir apenas no espaço privado e velado que naquele momento, já apresentava outro movimento, que agora poderia ser questionado desde uma crítica relacionada a sua disseminação, a denúncia das práticas sofridas dentro e fora da internet e de utilizar as redes como um espaço de expressão étnica e política.

Em 24 de julho de 2015, no *Dia Internacional da Mulher Negra Latina e Caribenha* criou-se no Brasil a campanha *Racismo virtual. As consequências são reais* cujo intuito foi problematizar as práticas ciberracistas nas redes sociais e o seu impacto na trajetória de vida

das pessoas negras. Coordenada pela ONG Criola criada em 1992 no Rio de Janeiro é uma organização da sociedade civil, conduzida por mulheres negras, que atua na defesa e promoção de direitos das mulheres negras sob uma perspectiva integrada e transversal, visando à inserção de mulheres negras como agentes de transformação com o intuito de contribuir para a construção de uma sociedade fundada em valores de justiça, solidariedade e equidade das comunidades negras coordenado por Jurema Werneck²⁴.

Observei que as mulheres negras indagavam como as relações raciais eram tratadas do universo da cibercultura. A estratégia da campanha foi tirar as práticas do Facebook e expô-las na rua para que a população pudesse captar o impacto. Com isso, a pergunta levantada foi: a internet é mesmo um território livre? Nesse caminho de debates buscaram responder a essa provocação em outdoor e busdoor que democratizou o debate nas ruas do Rio de Janeiro e traziam à tona o ciberracismo nas redes e, especificamente, as que foram efetivadas no Facebook.

Compreende-se então que esse movimento demarca a mobilização feita para o debate em âmbito nacional ao estabelecer mecanismo didático que chama a atenção para as formas de diferenciações sustentadas nas bases da nação brasileira. Assim, observar sua manutenção na rede social Facebook movimentou diferentes frentes a criar uma agenda de exposição e integração da temática do dia a dia dos brasileiros ao buscar mover os diferentes atores e coletivos militantes para refletir sobre a situação e colocadas, no centro do debate, temáticas que podem ser publicizadas através das redes, em uma perspectiva identitárias, ao mesmo tempo em uma dimensão global e local de articulação (OLIVEIRA JUNIOR, 2020). Embora o debate estivesse concentrado fortemente para as práticas ciberracistas direcionadas às mulheres negras que são as maiores vítimas do ciberracismo no Facebook.

Na segunda -feira dia 09 de novembro de 2015 às 14h, no Centro Cultural Municipal Parque das Ruínas no Rio de Janeiro – RJ, a ONG Criola e juntamente outras frentes

²⁴ Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (1986), mestrado em Engenharia de Produção pela Coordenação dos Programas de Pós-graduação de Engenharia/COPPE/UFRJ (2000) e doutorado em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). É Diretora-executiva da Anistia Internacional Brasil. Integra o Board of Directors do Global Fund for Women, o Conselho de Administração do Fundo Brasil de Direitos Humanos. É co-fundadora de Criola, organização não governamental (1992). Representou o Movimento Negro no Conselho Nacional de Saúde (2007-2012) e foi coordenadora geral da 14a. Conferência Nacional de Saúde (2011). Integrou o Grupo Assessor da Sociedade Civil da ONU Mulheres Brasil e o Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde.

colocaram em prática a segunda fase da campanha contra o ciberracismo na internet ao colocar em outdoors mensagens publicadas nas redes sociais e provocar a discussão em várias cidades do país, onde foi possível detectar as práticas ciberracistas e impulsionar as vítimas a registrar a ocorrência. Destaco que a campanha foi motivada, mediante os ataques direcionados à jornalista Maria Júlia Coutinho na página do Jornal Nacional no Facebook. As práticas ciberracistas foram mapeadas em parceria com a W3haus e transformadas em peças de mídia exterior nas cidades onde moram @s ciberracistas. A ação foi contínua e atuante, expondo o ciberracismo e como isso acontece na internet.

Naquele momento a Jurema Werneck representava a força das mulheres negras e delimitava a agenda sobre o fenômeno do ciberracismo, como um grupo de especialistas em legislação, comportamento e Antropologia. Essa atuação destacou os números no Brasil, a popularização e gravidade desse tipo de crime virtual, as consequências para os autores, e o papel da comunicação na articulação de práticas ciberantirracistas. Jurema Werneck alerta que:

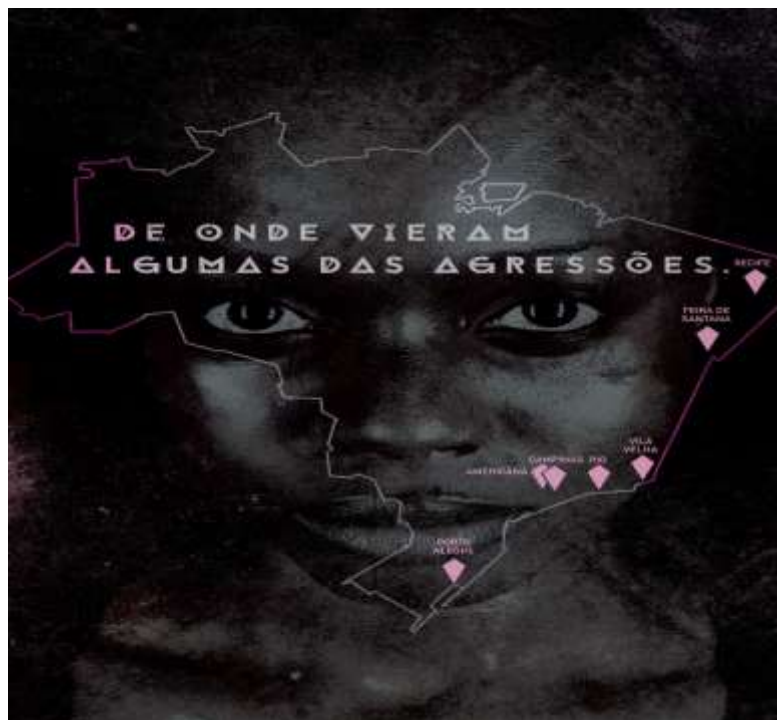
O objetivo da campanha é impactar a população e conscientizá-la sobre os efeitos de um comentário infeliz na internet. “Não é possível ignorar esses ataques e achar que não haverá consequências para os ofensores. Racismo é crime segundo a Constituição brasileira e, no caso dos insultos na internet, independentemente de terem sido direcionados a uma pessoa conhecida ou não, os agressores infringiram a lei e, pior, a honra e dignidade das mulheres negras. A campanha visa expor essas situações e fazer com que a sociedade se posicione contra esse retrocesso” (NOGUEIRA FILHO, 2015, p.1).

À medida que criavam essas ações, possibilitava uma reflexão necessária sobre o uso das novas tecnologias digitais para divulgação de ações e, também, suas pautas reivindicativas dentro do Facebook. Temos aí um importante elemento de fortalecimento identitário e de combate ao ciberracismo. Haja vista, não ignorar os ataques torna-se uma questão importante para o desmonte dos sistemas de violências continuados no Brasil. Por isso é fundamental tratar as práticas com seriedade, pois, como alerta Werneck, é um crime que precisa de punição, quando ferir a integridade de uma coletividade, mesmo estando na individualidade de pessoas negras.

Aqui é interessante pensar como a metodologia parafuso que é estar na coletividade, mas também na individualidade é um ponto para pensar as diferentes dimensões existentes que conectam o ambiente individual na coletividade dos atores sociais que estão em processos relacionais. Pensando nessas práticas individuais que atingem o coletivo, a ONG Criola

selecionou as principais cidades onde a campanha foi aplicada sendo: Recife (PE); Feira de Santana (BA); Vila Velha (ES) Rio de Janeiro (RJ) Campinas (SP) Americana (SP) e Porto Alegre (RS).

FIGURA 13- PRÁTICAS CIBERRACISTAS NO FACEBOOK MAPEADAS PELA ONG CRIOLA



Fonte: NOGUEIRA FILHO (2015, p.1).

FIGURA 14- EXPOSIÇÃO DA ONG CRIOLA



FONTE: REDE TVT (2015).

Diante desse cenário, na cidade de Feira de Santana na Bahia foi identificado um ciberracista. Por causa disso foi colocado outdoor próximo de sua casa como forma de protesto e dizer que sabia onde o ciberracista morava, como também expuseram outros cartazes em uma parte estratégica da cidade que destacava a gravidade da prática. Além disso, a campanha criava um movimento de retorno às redes sociais, no caso, na própria página da ONG Criola, em transmissão de rádios e redes de televisão jornais impressos e on-line demonstrando o movimento em que a campanha tenta trabalhar com os diferentes meios de comunicação existentes. Portanto, percebe-se a importância dos meios de comunicação e das redes sociais na internet que enuncia o seu poder de retórica contra o ciberracismo e como estas ações podem ser utilizadas como uma ferramenta de combate e resistência.

Neste ponto, trago, de novo, a metodologia parafuso no sentido de observar como os instrumentos de propagação de racismo são ressignificados para produzir posicionamentos e contra narrativas como se pode pensar, fazendo analogia à anágua materialidade colonial feminina que foi utilizada como um instrumento de luta e de fuga do cativeiro das comunidades escravizadas que saíam para os quilombos no Brasil. Bem como apresentar os movimentos que elas fazem que possibilitam captar os giros e oscilações ao longo do tempo, aqui aplicados para pensar os meios de comunicação como estratégias que são ativadas ainda no presente para dar visibilidade às práticas ciberracistas.

Em Salvador percebi que a ação foi debatida em palestras proferidas em espaços educacionais de base e ensino superior, nos movimentos negros e nos posicionamentos das mulheres negras que abraçaram a causa e destacaram a importância da reflexão sobre a temática, e sobre o seu impacto fora das redes. Inclusive pude presenciar um debate de Makota Valdina no seminário “Identidade Negra”, promovido pela APLB, no Hotel Porto Bello que destacou a importância de uma articulação mais densa nos espaços virtuais, chamava a atenção para “os novos cenários em que o racismo construía sua morada, arquitetada no alicerce do mundo branco” tal frase nos ajuda a pensar na dimensão do racismo na reflexão das diferentes frentes sobre a importância de refinar o olhar para seus movimentos.

Eu mesmo não sou muito boa na internet, porém destaco a importância do ebó online importante iniciativa para a força e união do nosso povo. Somos mulheres negras de garra, responsáveis pela manutenção da ancestralidade e pela escolha dos instrumentos de combate, ou seja, ebó é ebó para todas, energia mais poderosa que temos na coletividade. Faremos então sempre que

nos incomodarem um ebó coletivo. Não se esqueça sempre de se fazer presente em tudo, inclusive agora tentando romper o silêncio estabelecido na internet, precisamos ocupar para mudar o pensamento racista em novos tempos. Já vi de tudo, isso não me amedronta, pois precisamos ser sujeitos e não objeto, não se esqueça da memória de nossos corpos para pensar processos educacionais (VALDINA,2015).

É importante ressaltar alguns pontos na fala de Makota Valdina, como a necessidade de observar as configurações do racismo e seu papel de se transportar para diferentes cenários em que as relações humanas estabelecem num processo de interação, a ideia de se fazer presente, seja na escola, ou seja nas redes como uma forma de protesto e quebra das práticas de exclusão e deslocamentos dos corpos negros sempre em uma coletividade. A seguir a necessidade de caminhar com os saberes negros que podem referenciar nossas ações, mas também estabelecer elos com o passado no que ela chama da necessidade de se orientar na memória guardada em nossos corpos para pensar os processos educacionais e por último não se pode esquecer do ebó como uma ferramenta nossa de combate para reequilibrar e energizar nossas trajetórias de luta.

FIGURA 15- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM FEIRA DE SANTANA (2015)



FONTE: DW BRASIL (2015).

Considerando o que foi dito, me aproximo dos saberes enunciados por Makota Valdina para pensar os processos de luta, as articulações e os saberes que estão cristalizados em nossos corpos. Aqui retomo a metodologia parafuso para pensar nesse caminho guardado

como elemento de defesa que é materializado e transportado para diferentes gerações pensando na memória dos corpos negros ou como ressalta Beatriz Nascimento, utilizados como mapa para transitar por caminhos ainda não conhecidos, porém constituídos por repertórios de resistências experienciais que nos auxiliam a captar os ecos do passado que se encontram latentes no presente.

Outrossim, a visibilidade é ou outro elemento que pode ser extraída da metodologia aplicada, visto que se fazer visível torna-se um ponto central, denunciando em sua visibilidade as violências representadas através dos seus corpos. Nesse sentido, não se pode esquecer que esse caminho metodológico possibilita pensar nos corpos que constroem mecanismo de combate, destacando corporalidade na cena e demarcando sua capacidade de mexer com as lógicas coloniais operantes.

Por outro lado, observei que este debate aparecia de forma secundária nos eventos que participei em algumas cidades da Bahia em 2015-2019, visto que era tocado em alguns momentos oportunos que revela a preocupação por parte de alguns representantes de entidades negras. O contato que tive revelava a preocupação por parte das mulheres negras que denunciava seu impacto no cotidiano dessas mulheres e trazia outras narrativas de lutas para pensar o fenômeno do ciberracismo. Nesse sentido é que me aproximo da ideia de Jamile Borges da necessidade de pensar os processos e revisar o que foi colocado como referências nacionais que não traz para a cena as nossas experiências, logo, deve-se orientar “muito mais a partir do nosso protagonismo do que da nossa eterna condição de jugo, de vítima do colonialismo” (SILVA, 2019, p. 1).

Além disso, Silva (2019) sinaliza que as tecnologias digitais trouxeram a possibilidade de que a fabricação da memória não esteja mais na mão de uma elite, acionando outra narrativa que fortalece a luta e desmonta uma certa lógica estabelecida e transportada para as comunidades negras no contexto brasileiro. Desta maneira, pensar no protagonismo e nas continuidades dos resquícios do projeto colonial é estabelecer de forma contínua uma compreensão sobre as comunidades negras que se fortalecem no “tomar consciência de quem nós somos, de nossa história, de nosso espaço, do que significou a travessia transatlântica e o impacto dela” (SILVA, 2019, p.5-6).

Da mesma forma, na cidade de Vila Velha no Espírito Santo, também foi exposto outro outdoor destacando as práticas ciberracistas, a imagem do ciberracista e a sinalização de

onde foi efetivado, cujo intuito é também mobilizar os órgãos competentes locais na luta do combate ao ciberracismo à brasileira (VER ANEXO 7). Na sequência, pude registrar, naquele momento, um pronunciamento do ciberracista L. A. apresentado como estudante de 26 anos, branco que gravou um vídeo se desculpando da ação. O Jornal G1 do Espírito Santo destaca que L.A expressou que desconstruir preconceitos, saber reconhecer o erro e amadurecer com ele é um passo importante para a evolução da sociedade e justifica que as práticas ciberracistas foram disseminadas porque tinham um cunho cultural e social muito limitado. Ainda complementou:

No interior, de onde eu vim, eu costumava ouvir muito essa frase. A minha cultura era muito pequena, tinha referência apenas de pessoas da cidade e vizinhos. Essa frase eu costumava ouvir por lá. Desde que eu me mudei, muita coisa mudou. Convivi com muitas pessoas e pude adquirir muito mais conhecimento, declara (G1,2016, S/D).

Interessante analisar que os ciberracistas tentam justificar suas ações em rede, apoiados na limitação de informações, em aspectos que envolvem o núcleo cultural que estão envolvidos, o que apresenta como o racismo reverbera, nas relações sociais que estão inseridos e acabam sendo naturalizados nas relações sociais. Aqui, cabe enfatizar que o argumento construído tenta justificar as práticas ciberracistas baseadas na cultura e nas crenças que as pessoas trazem de suas antigas localidades de nascimento, e, ao mesmo tempo, evidenciam as práticas de racismo alimentadas no seio familiar. Portanto, cria-se mecanismo para distanciar o racismo de si ao ser percebido como um problema de uma determinada cultura ou comunidades de descendências, sendo considerado como um problema do outro que se acumula na interação em grupo. Sendo assim, a campanha se propõe em compreender essas escalas do racismo a fim de auxiliar a aferição da intensidade do fenômeno e suas formas de manifestações nas relações sociais.

Outro ponto foi a construção do seu perfil como estudante, demarcando uma retórica que tenta amenizar o impacto da prática que a cada momento cria um sentimento de comoção com aqueles que direcionam tais violências, o afeto ao sujeito branco se apresenta como outro elemento compartilhado que atua como uma válvula de escape para que os ciberracistas conseguissem se movem dos órgãos de fiscalização. Em suma, dificulta a aplicação da lei e o cumprimento de soluções mais efetivas que coíbam a disseminação do ciberracismo no universo da cibercultura.

FIGURA 16- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM VILA VELHA (2015)



FONTE: DW BRASIL (2015).

Diante da discussão, nas cidades de Americana e Campinas em São Paulo foram rastreadas duas práticas ciberracistas que demarcam e mobilizam as diferentes frentes existentes nas cidades que enfatizavam a importância de uma mudança de mentalidade na região ao problematizar como o ciberracismo nos ajuda pensar as relações raciais no país. Para isso, destacou o papel de uma educação antirracista dentro e fora da sociedade e seu fortalecimento nas redes para que se possa atingir o máximo de atores sociais que se encontram em constante interação. Portanto, o ciberracismo e o ciberantirracismo apresentam-se como uma importante pauta nas diferentes entidades negras presentes no Brasil.

No contexto de Americanas e Campinas observei um silenciamento do debate nas cidades que saíram às práticas, porém alguns estudantes se posicionaram contra tais atos ao ressaltar a necessidade de uma mudança de posicionamento contra o ciberracismo. Assim, em sua página do Facebook D.S destacou:

Um absurdo a cidade de São Paulo não se manifesta no racismo na internet, pois isso acontece aqui toda hora, é negro morrendo, nordestino, gay, mulheres estropadas. São Paulo agrega diferentes preconceitos e racismo. Eu mesmo, já sofri muito e agora vendo os casos de Campinas e Americanas, bate uma tristeza as redes sociais escancarou que o racismo é um produto bem elaborado que nos atingem magoa e nos descontroem a cada instante. Se os brancos não conseguem ver, a cada minuto essas violências e se nós

negros conseguimos ver e detalhar os fatos, existir aí uma cegueira colonial intencional que se move na subjetividade das pessoas, se necessita ser tratadas vamos usar os mecanismos mais adequados para não sermos apagados nesse jogo de invisibilidade dos nossos corpos (D.S.; 2015).

Sua fala nos ajuda a pensar em diferentes pontos importantes diante da campanha Racismo Virtual. As consequências são reais e como ela mobilizou um debate dentro das sociedades onde foram colocadas tais provocações. O primeiro ponto que D.S destaca é a necessidade de a cidade de São Paulo promover um debate por parte do Estado sobre racismo e seu impacto nas relações sociais, o segundo, a necessidade de observar como esta cidade se construiu em suas relações sociais como um centro onde o preconceito e o racismo são acionados e direcionados a grupos como negros, nordestinos, mulheres e gays que em seus discursos aparecem no ranking de violências que se perpetuam nesse cenário.

O terceiro ponto encontra-se no sentimento de impunibilidade e de insegurança que vivenciam as comunidades negras dentro e fora da rede e por último chama a atenção para as redes sociais que evidenciaram as práticas ciberracistas de maneira mais visível para todos, mesmo que alguns não queiram interpretar por esse ângulo de vista, o que ele chamou de uma cegueira colonial que deve ser tratada para que as comunidades negras não sofram com as consequências lançadas para seus corpos.

FIGURA 17- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM AMERICANA



FONTE: DW BRASIL (2015).

No dia 12 de novembro de 2015 Campanha contra racismo estampa ofensas perto da casa dos autores em Porto Alegre, Rio Grande do Sul os outdoors foram colocados na Praça Comendador Souza Gomes (no bairro Tristeza), e nas avenidas Brasil, Belém, Aureliano de Figueiredo Pinto e Carlos Barbosa. O debate provocou durante dias nas mídias locais uma visibilidade das práticas ciberracistas, mostrando o deslocamento para as redes sociais, cada vez mais forte sua disseminação e efetivação nesses ambientes de sociabilidade. A necessidade de se pensar como o sul do país também negava as experiências negras em seu território. Assim C.L. destacou em um debate no Facebook:

Estou cansado aqui em Porto alegre de acharem que eu sou baiano, retirando os nossos corpos dessa territorialidade que também é da minha avó e avô. Poxa o nosso maior símbolo Luiza Bairos é vista como mineira, baiana, carioca e nunca pertencente desse espaço ancestral, o sangue deles foram derramados aqui por vossas famílias. Ainda no presente sai daqui uma prática racista no Facebook e aquelas outras que ninguém ver com os nossos parentes e as nossas ancestralidades que nem aparece na narrativa local, foi o que vocês escolheram falar e silenciar que tudo isso também é racismo (C.L.,2005).

Nesse sentido, seu posicionamento nos ajuda refletir sobre alguns aspectos que envolvem as experiências negras no sul do país C. L. nos convida a pensar a construção do imaginário local, alimentado nas bases nacionais que elucida um passado europeu, negando outros grupos e sociabilidades. Além do mais, enfatiza que os negros que estão nesse espaço são vistos com sendo os de fora dessa cultura compartilhada, negando o direito de se reconhecer nessa territorialidade que é também o espaço de seus familiares. Não é por acaso que a figura da Luiza Bairos não seja enunciada nos contextos locais a ser transportada para outros espaços onde o sujeito negro é visto como pertencente destas ancestralidades, ou seja a própria construção nacional de territórios brancos e negros no país.

Por último acentua que as práticas ciberracistas ajuda a compreender como o racismo é um produto desta construção social de uma ancestralidade branca, fortemente alimentada no discurso local, porém é comum que as práticas de racismo sejam acionadas nas relações de interação do cotidiano local, espaço que dificilmente seja rastreado ou possam ganhar repercussão como as práticas ciberracistas detectadas no Facebook. Então, o silenciamento aos poucos vai perdendo sua força ao se deslocar para as redes, onde fica materializado o ciberracismo e como ele se movimenta nessa territorialidade.

Em outro momento, pude acompanhar como a imprensa local dava visibilidade a situação e como isso promoveu um debate acirrado nos movimentos negros da região e nos espaços educacionais que aproveitam o momento para falar do racismo e destacar a necessidade de políticas de equidade nas comunidades negras no contexto brasileiro.

FIGURA 18- CAMPANHA RACISMO VIRTUAL: AS CONSEQUÊNCIAS SÃO REAIS EM VILA VELHA (2015)



FONTE: G1 RS (2015).

Destarte, observa-se que uso da rede social Facebook é ressignificado ao estabelecer outros interesses e valores no sentido de fortalecimento de uma agenda que altera o seu significado e função pautados em interesses e projetos socioculturais específicos que auxiliam a redefinir sua posição dentro de uma sociedade enraizada em uma base colonial, bem como em sua visão de tempo/espaço decodificadas aqui e alinhada ao que Castells enfatiza como "identidade de resistência" (CASTELLS, 1999, p. 24).

Com relação à importância da campanha *Racismo virtual. As consequências são reais*, se apresentou como um "divisor de águas" no que tange à comunicação e à produção de contrainformação sobre o fenômeno e sua contribuição reside no ato de desmistificar práticas, conceitos enraizados e o exotismo que paira sobre a representação das comunidades negras no cenário brasileiro e transmutada nas relações em rede.

Para tanto, podemos afirmar que a atuação das ciberativistas negras pode promover um debate importante para pensar as práticas ciberracistas nas relações sociais brasileiras dentro do Facebook. Esse novo tipo de articulação, integração e exposição, onde a diversidade dos corpos negros deve ser respeitada em uma perspectiva heterogênea, plural e diversificada que contribua no respeito à diferença. Enfim, diversidade está construída, registrada e propagada pelas próprias comunidades negras, das suas mais variadas formas e estilos, abordando temas importantes ou inexistentes na mídia tradicional através dos novos meios digitais de comunicação.

Em virtude disso, a reflexão que se deve fazer é que tal processo irá se aprofundar cada vez mais, principalmente à medida que a infraestrutura telecomunicacional se aprimora, possibilitando outros protagonismos estabelecidos no acesso à internet de qualidade e na produção de conteúdo original na rede mundial de computadores e na disseminação de equipamentos que possibilitem a inserção das comunidades negras. Assim, não se pode esquecer que é a digitalização das possibilidades em que o ciberativismo negro se apresentam como forma de resistência dos sistemas coloniais na contemporaneidade.

4.2 CIBERATIVISTAS NEGRAS: ARTICULAÇÕES, PAUTAS E AGENDAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK

Na sexta-feira dia 27 de janeiro de 2017, na cidade do Rio de Janeiro deu-se início ao projeto intitulado *Mulheres Negras Fortalecendo na Luta Contra o Racismo e Sexismo* sob coordenação da ONG Criola. Interessante naquele momento era a criação da *Rede de Mulheres Negras Ciberativistas* que tentava instituir uma ferramenta segura para o fortalecimento das mulheres negras na cibercultura para o combate ao racismo, ao sexismo, à homofobia, à intolerância religiosa, e que atuem no direito, na autoestima e visibilidade das comunidades negras. Portanto, buscava-se oportunizar ações rápidas, através do ciberativismo que possibilitasse a criação de estratégias de comunicação desenvolvidas por mulheres negras que contestavam as narrativas racistas e sexistas.

O movimento mobilizou as redes sociais e seu engajamento na rede Facebook. Assim, no dia 20 de outubro de 2017, no Facebook me deparei com uma transmissão ao vivo denominada de ‘RodadaCiber’, disponibilizada no perfil da ONG Criola que mobilizou as mulheres negras de diferentes partes do país para o II Encontro de Ciberativistas Negras, a fim de fortalecer agendas nacionais e fazer a circulação de situações que poderiam atingir as

comunidades negras em diferentes contextos. A defesa da vida era uma questão central, bem como o uso das ferramentas digitais e a utilização de diferentes equipamentos eletrônicos para a democratização do acesso e da luta. Além de trocar experiências sobre as iniciativas locais que já faziam a diferença no movimento de contestação do extermínio negro como se destacou no evento que durou quase três horas de interação.

FIGURA 19- REDE CIBERATIVISTAS NEGRAS



FONTE: ONG CRIOLA (2017).

Na verdade, as reflexões tecidas foram fundamentais para pensar nas redes sociais e nas estratégias de se fazer presente nesses espaços com a finalidade de construir pautas e agendas que auxiliem na reflexão sobre a situação das comunidades no país. De um modo geral, buscou-se oportunizar debates sobre o ciberespaço e sua importância nos contextos de lutas e do combate ao racismo no Brasil. Por outro lado, fortalecer as demais entidades de mulheres negras nas iniciativas de proporcionar as articulações através das redes e seu papel na mobilização das juventudes negras.

É fato que a rede de ciberativistas negras possui representação em todas as regiões brasileiras, através de grupos, coletivos e representantes individuais que desenvolvem ações, projetos, estudos e pesquisas sobre temas relacionados com a vida das mulheres negras, sempre na perspectiva da defesa, proteção e promoção dos direitos humanos às comunidades negras.

Nesse sentido, o Facebook foi utilizado como espaço de mobilização e de combate às violências dentro e fora. Como destacou M. N. em sua página de Facebook:

Não se pode pensar as redes sociais desconectadas da relação do presente ela tem que ser analisadas em conjuntos, paralelamente, a nossa ação é essa entre a rua e o ciberespaço e entre o ciberespaço e a rua nesse movimento que estamos fazendo, denunciando na rede e fora dela, mexendo com toda estrutura, pois nós mulheres negras chegamos para balançar o país. Fomos nós que conseguimos as maiores transformações e somos nós que vamos desmontar este sistema de opressão presente em nossas vidas. Precisamos dialogar com os nossos ensinar como se defender e as redes é esse primeiro local, onde as nossas vozes ganham autonomia e nossas trajetórias são compartilhadas e alimentadas nesse caminhar com as manas que ajudam a suavizar a vida ao trazer suas experiências de resistências (M.N.,2017).

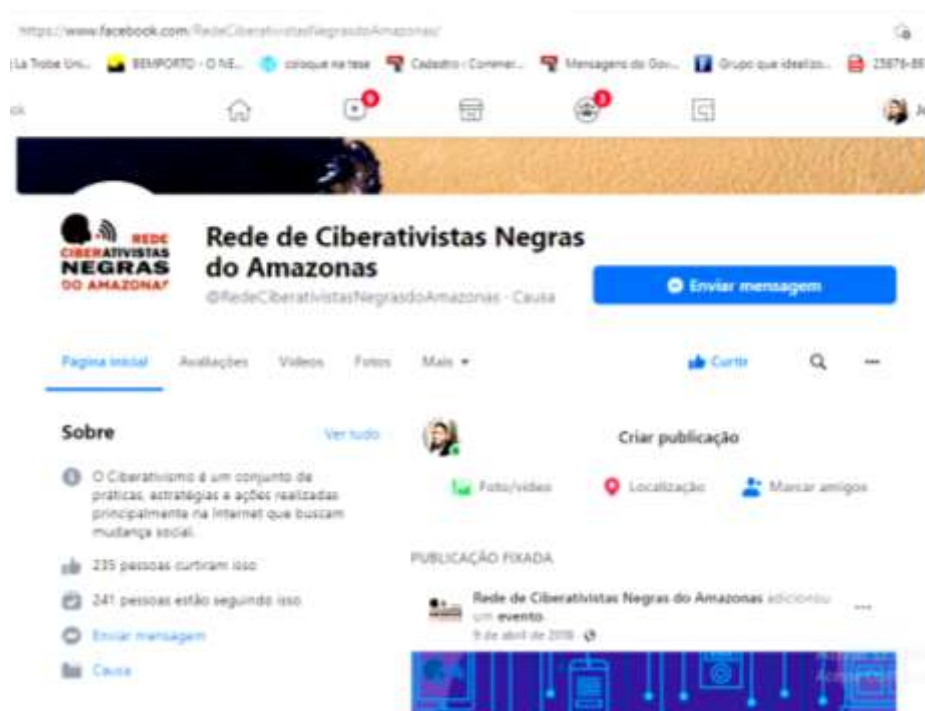
Nesse momento, o posicionamento de M. N. (2017) auxilia a entender as estratégias estabelecidas e como as redes sociais foram utilizadas no posicionamento político contra o racismo, pois a rede social tornou-se o espaço de fazer circular informações e como ela destaca a criação de diferentes formas e direções que vão desde ciberespaço à rua e o caminho contrário da rua ao ciberespaço, dessa forma as redes sociais não podem ser compreendidas desarticuladas desse movimento, uma vez que todas as lutas construídas se deram por diferentes formatos de intervenção na ação, com o intuito de desarticular as estruturas firmadas e desmontar as lógicas operantes. Sobretudo, a necessidade em dialogar com as comunidades negras é outra ferramenta utilizada para construir agendas em parcerias e que as vozes de muitas pudessem ser ouvidas, as trajetórias compartilhadas no fortalecimento das comunidades ao conseguirem demonstrar as táticas de resistências.

Assim sendo, não se pode negar seu papel de articulação e de envolvimento de muitas que pontuaram a necessidade de ciberativismo negro que atuasse na frente das amarras sociais e nos debates que envolvem o lugar das populações negras dentro da sociedade brasileira. Sendo um fio condutor para pensar a complexidade do racismo e seu enraizamento dentro da cibercultura, produzindo com densidade o ciberracismo agora propagando de forma constante nas redes.

Os diversos diagnósticos contemporâneos que são formulados a partir das reflexões sobre o impacto das redes sociais e, especificamente, o aumento do ciberracismo no Facebook pode ser acompanhado pelos números de entidades que se organizam para combater seu impacto e para tentar diminuir sua proliferação nesses contextos.

Outra entidade que ganha destaque é a Rede de Ciberativistas Negras do Amazonas que promove um debate sobre a presença negra na região Norte brasileira, olhando como o ciberracismo se apresenta e seu impacto no cotidiano das pessoas negras.

FIGURA 20- REDE DE CIBEREATIVISTAS NEGRAS DO AMAZONAS



Fonte : REDE DE CIBEREATIVISTAS NEGRAS DO AMAZONAS (2018).

Em seguida, no dia 09 de abril de 2018 a rede em questão realizou no Palácio da Justiça que fica na no Centro de Manaus, o I Encontro de Ciberativistas Negras com o tema “Ciberativismo na região Norte” que promoveu o debate sobre inclusão social e tecnológica das comunidades negras. Então, fizeram mostras multimídias com conteúdo produzido por mulheres negras e rodas de conversa com feministas que usam internet pró combate às opressões no Facebook, Instagram, youtubers e na consolidação de blogueiras manauaras que falam um pouco das suas experiências em rede e como observam o fenômeno do ciberracismo nesse ambiente. A lógica proposta era deslocar o debate para outras regiões, onde ciberracismo demarca seus impactos nessas realidades, ou seja, é entender a sua consolidação e como sua disseminação enuncia um problema estrutural no país.

A sua articulação se deu na página do Facebook da rede que trazia o engajamento de tod@s presentes para uma reflexão mais densa sobre as redes sociais e a cibercultura no

século XXI. O evento era gratuito com o intuito de democratizar o debate e conseguir reunir diferentes entidades negras para compreender suas ações no país. Oferecia também o acompanhamento e acesso pelo Facebook.

FIGURA 21- ENCONTRO DE CIBERATIVISTAS NEGRAS



FONTE: I ENCONTRO DE CIBERATIVISTAS NEGRAS (2018).

Percebi ao acompanhar o debate acirrado que alertava para o combate do ciberracismos, dentro do Facebook, que continuava sendo a rede com o maior número de prática ciberracista nas relações no ciberespaço. Ponto marcante para refletir a sua permanência nas interações em redes. Na página de S. M de Manaus ressaltou:

Temos que acompanhar nossas irmãs nas redes elas vem sendo atacada de forma corriqueira, seu cabelo, seu corpo, associadas a animais, consideradas feias, sujas, ladras , são vários elementos que compõem o racismo no brasil, além de associá-las a seres inferiores, sem capacidade de crítica e tudo isso é justificado porque elas são militantes , agressivas e isso não é produzir ciência e nem luta para a mudança de uma causa no Brasil. Quantas mulheres negras em seu grupo de estudo ou fora delas conta a sua história e a única coisa que as pessoas sabem dizer eu sofri também, coloque isso na pesquisa, esquecendo a dimensão do afeto como forma de acolhimento e muitas dizem - a falta de pessoas negras causa isso. As redes tentam suprir essa carência de diálogo e acolhimento das manas (S.M., 2018)

É importante que a fala de S. M. nos ajude a pensar na dimensão do ciberracismo e seu movimento para diferentes espaços, no caso elucidado apresenta os impactos das práticas

ciberracistas no Facebook que altera o cotidiano da vítima, que em diferentes lugares pede atenção para serem acolhidas em seus ambientes de sociabilidades fora da rede. O acolhimento, a escuta e o ato de não comparação de suas dores são elementos importantes de afetividade que podem ser lançados a essas vítimas, que dentro de um repertório ciberracista, são enquadradas em perspectivas que envolvem o debate sobre padrões estéticos, inferioridade de grupos, animalização e criminalização de seus corpos entre outros aspectos que poderiam ser acionados como destaca S. M. (2018).

FIGURA 22- CAMPANHA "21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO"



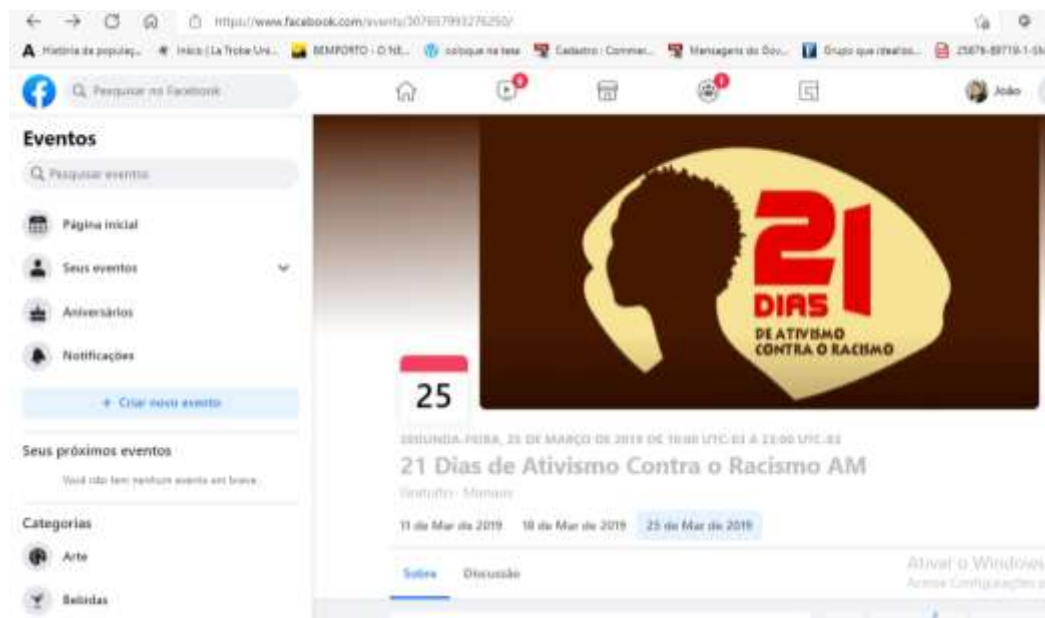
FONTE: 21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO (2017).

A importância de um olhar para o ciberracismo nas redes sociais articuladas com outras formas de racismo que se apresenta nas realidades brasileiras e sua conexão com o campo maior que era como este fenômeno se perpetua em diferentes realidades do mundo. A campanha se iniciou em março de 2017 em Manaus “21 Dias de Ativismo contra o Racismo” teve como coordenadoras Ythana Isis e Maria do Rio, e apoiado por diversos coletivos negros da cidade que buscaram enfatizar a luta antirracista, pois entendeu que a discussão sobre temas é de extrema importância para pensar no racismo na atualidade que atinge as populações negras.

Sendo assim, a campanha fazia um paralelo com outras experiências negras em que as relações raciais apresentam as sequelas deixadas e as marcas que foram sendo lembradas

para pensar nesse sistema de violência como destaca S. M. (2018). Em 2019 encontrava-se sua perpetuação na luta pela efetivação do extermínio do racismo na sociedade brasileira no ambiente virtual.

FIGURA 23- CAMPANHA “21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO

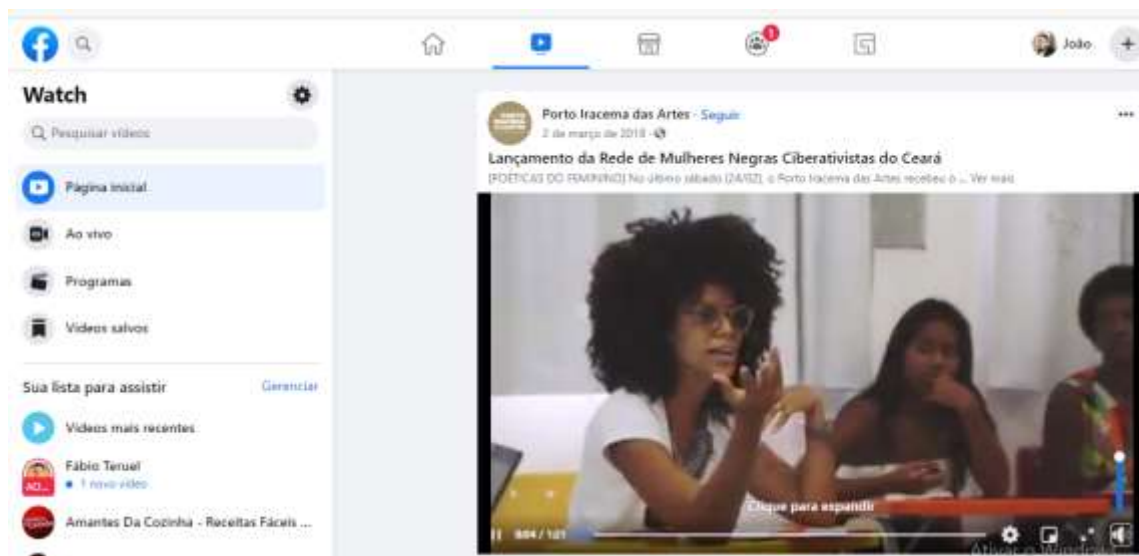


FONTE: 21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO (2019).

Destaca-se também a Rede de ciberativistas do Ceará criada em 24 de janeiro 2018 em Fortaleza, que convidou mulheres negras a adentrarem na luta desses coletivos, sendo lançada oficialmente em Cariri, com o total de quase 130 mulheres que se fizeram presentes de diferentes faixas etárias de 16 até 72 anos idades que pude registrar, comparecendo para os debates e reflexões que eram tecidos naquele contexto.

A mobilização no Facebook auxiliou a trazer e difundir suas propostas em discutir o lugar das mulheres nas redes sociais brasileiras, utilizando outros meios de comunicação para democratizar o acesso e o engajamento de todas. O corpo, lugar, direitos e conexão foram elementos de interligação delas nesse processo de acolhimento a partir do respeito e do entendimento de suas trajetórias o que elas denominaram de poética do feminismo.

FIGURA 24- CHAMADA DO LANÇAMENTO DA REDE MULHERES NEGRAS CIBERATIVISTAS DO CEARÁ



FONTE: LANÇAMENTO DA REDE MULHERES NEGRAS CIBERATIVISTAS DO CEARÁ (2018).

Nessa perspectiva, o que se pôde visualizar como o Facebook foi utilizado de diferentes formas com a necessidade de organização das comunidades negras dentro desta rede social. Além disso, visibilizar suas ações e demarcar uma nova forma de enfrentamento extremamente conectada para mobilizar outros contextos como o lema de Ângela Davis “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Um ponto-chave que nos auxilia a refletir no papel das mulheres negras e sua capacidade de articulação e mudança. Complemento com uma roda de bate papo, no Pós-afro com Conceição Evaristo que alertava “as mulheres negras trazem a garra da luta, do cuidar e do enfrentar os desafios impostos a elas. São extremamente a base das mudanças de comportamento e nós somos indispensáveis na manutenção constante das resistências”.

Diante do exposto, a sua fala me faz pensar a metodologia parafuso, no movimento dos corpos e na capacidade de se reinventar dentro de uma sociedade, de ressignificar posicionamentos e lugares que foram destinados a seguir. Seus corpos trazem as marcas da violência, porém trazem todos os processos de resistências, compartilhados na oralidade, na visualidade em que seus saberes são transportados de geração a geração. Assim, a rede social

Facebook se constitui como outro canal de multiplicação de vozes que compartilha repertórios íntimos de resistências e os difunde na dimensão da afetividade.

4.3 PLATAFORMAS DE DENÚNCIAS E COMBATES: A CONTRIBUIÇÃO DAS REDES DE ENFRENTAMENTO DO CIBERRACISMO NO FACEBOOK NO CONTEXTO BRASILEIRO

É notável que o ciberracismo compõe as paisagens das redes sociais brasileiras, materializadas na interação e sociabilidades que traziam à tona a sua disseminação nas relações sociais, com outros crimes que são ativados na cibercultura. Assim, uma das redes de enfrentamento que tentou interferir nessas condutas e mapear o ciberracismo no contexto brasileiro e outras realidades foi a Sarfernet que é uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos ou econômicos, sem vinculação político-partidária, religiosa ou racial atuando em diferentes frentes (SARFERNET, 2005).

A Sarfernet atua desde 2005 nas redes sociais e é composta por um grupo de cientistas da computação, professores, pesquisadores e bacharéis em Direito e sua finalidade é materializar os crimes que se perpetuam na internet brasileira. Em virtude de o país carecer de políticas e ações concretas de enfrentamento a estes fenômenos complexos, que adentram a diferentes questões econômicas, sociais e culturais, com desdobramentos e implicações nos campos da ética, da moral, da educação, da saúde, do direito, da segurança pública, da ciência e da tecnologia (SARFERNET, 2005).

Além disso, ela se firma como entidade referência nacional no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na internet, e ao longo do tempo vem se fortalecendo institucionalmente no plano nacional e internacional pela capacidade de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos e pelos acordos de cooperação firmados com instituições governamentais, a exemplo do Ministério Público Federal (SARFERNET, S/D). O que nos ajudou a olhar para a sua plataforma como um importante canal de acompanhamento do ciberracismo na atualidade.

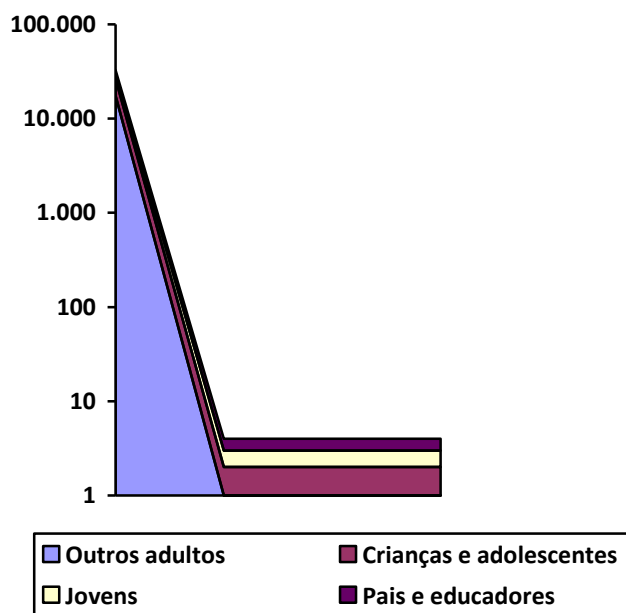
Atualmente se define como uma rede de enfrentamento que busca estabelecer o diálogo permanente e conduzir as ações em busca de soluções compartilhadas com os diversos atores da Sociedade Civil, da Indústria de Internet, do Governo Federal, do

O interessante é que o organograma da Safernet me fez lembrar a metodologia parafuso, na perspectiva de pensar o posicionamento dos corpos, as suas diferentes funções e sentidos dentro de um grupo, a própria noção de movimento em que cada um produz dentro da coletiva, mas também respeitando as individualidades. Por mais que a organização não levante a bandeira das questões étnico-raciais como elemento de identificação da organização, o que me fez pensar sobre essa entidade. Logo, pude observar que ela se encontra em diálogo com várias frentes negras que a utilizam para se atualizarem no debate sobre o ciberracismo mantido na cibercultura ao tornar-se um importante instrumento de combate.

Os movimentos das redes são captados pela Safernet que criou a possibilidade da denúncia do ciberracismo em sua plataforma que auxiliam como as comunidades negras podem ser acolhidas e ouvidas quando as práticas ciberracistas as atingem, oportunizando um canal que se interliga com as instituições do Estado. Embora, perceba sua importância na produção de dados e no encaminhamento para os órgãos competentes, observei que as instituições pouco problematizam suas atuações, evidenciando apenas quando um dos seus representantes se posicionam para debater as práticas nos meios de comunicação como visualizei em todos os momentos em que apareciam nas mídias nacionais como televisão, rádio, jornais e na própria internet.

Enquanto instrumentos normativos, percebe-se que os meios de comunicação demonstram como as instituições carecem de uma reflexão mais densa dos dados produzidos sobre o fenômeno do ciberracismo no Facebook, procurando se aprofundar no momento em que eles emergem e como o seu crescimento necessita de ações que intervenham nesse processo. Nesse sentido, ao perceber o seu desenvolvimento, se tem o ponto central para o seu combate e para criação de políticas públicas direcionadas a minimizar as violências efetivadas. A própria Safernet disponibiliza os indicadores através de duas maneiras: Helpline e Hotline. O primeiro indicador registrou entre os anos de 2007- 2020 32.579 pessoas atendidas nas 27 unidades federativas do Brasil.

Gráfico 03 -Pessoas Atendidas por violências na Internet 2007-2020



Elaboração João Mouzart, 2021

O gráfico apresenta o perfil de atendimento das principais violações para as quais os internautas brasileiros pedem ajuda, ocupando o maior número de violência, segundo os dados disponibilizados pela Sarfernet 2007-2020. Em sua definição estabeleceu que os considerados outros adultos encontram-se no maior número de registro de denúncia totalizando cerca de 17.414 crimes, precedidas pelo público das crianças e adolescentes 8.944, logo após os jovens 3.913 e por último os crimes que abrangem o universo dos pais e educadores 2.308. Dentro destes crimes, se insere o ciberracismo.

Conforme os dados coletados através do Sarfernet nos últimos 15 anos a Central de Denúncias recebeu e processou 589.978 denúncias anônimas de racismo envolvendo 106.512 páginas (URLs) distintas (das quais 67.022 foram removidas) escritas em 7 idiomas e hospedadas em 6.730 domínios diferentes, de 109 diferentes TLDs e conectados à internet através de 13.002 números IPs distintos, atribuídos para 62 países em 5 continentes. As denúncias foram registradas pela população através dos 3 hotlines brasileiros que integram a Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos (SARFERNET, 2021).

Em relação ao ciberracismo no Facebook, revela que a partir de 2012 passa a ocupar o primeiro lugar entre os domínios com mais páginas denunciadas por racismo, somando o número de 52 43 práticas registradas. Outro dado importante que conseguiram registrar é que foi o Facebook a rede como o maior número de remoção de práticas ciberracistas que totalizaram cerca de 2968 domínios. Somando os dados de denúncia e de remoção se chega ao total de 8221 crimes (SARFERNET, 2012). Ainda mais que as práticas ciberracistas no Facebook ocorreram como maior proporção entre os anos de 2012-2020. Observemos a tabela:

TABELA 05- PRÁTICAS CIBERRACISTAS NO FACEBOOK (2012-2020)			
Ano	Domínios Denunciados	Domínios removidos	Total
2012	5.243	2.968	8.221
2013	6.871	3.214	10.085
2014	11.671	5.274	16.945
2015	7.076	3.523	10.164
2016	6.553	3.088	9.641
2017	1.603	641	2.244
2018	1.643	404	2.047
2019	1.034	277	1.311
2020	1.642	179	1.821

Elaboração: João Mouzart, 2021

Diante dos fatos, a tabela em questão revela que o ano de 2014 foi o momento em que o ciberracismo se consolidou com os maiores números de práticas ciberracistas no contexto brasileiro totalizando o número de 16.945, porém o momento em que as denúncias aparecem demonstra a preocupação de registrar os crimes. Ao fazer a leitura dos dados percebi que também se constitua o momento em que os domínios foram removidos o que nos levam a duas hipóteses: a primeira seria que o acirramento do combate em rede fez com que os ciberracistas apagassem para não ser rastreados e a segunda seria que o ciberracismo poderia acontecer em algum momento em que aciona as estratégias de efetivar tais práticas e logo apagar. Também percebi em minha inserção em rede as duas estratégias utilizadas na operacionalização do ciberracismo.

Assim, registrei em meu caderno de campo em 2014, que um grupo de ciberracistas se organizava para bombardear as políticas de cotas raciais que completaram dois anos de seu debate e os onze anos da implementação da História afro-brasileira no contexto educacional que para os ciberracistas eram uma “prática racista contra as pessoas brancas civilizadas que ajudaram e agora sofrem por compartilhar seu saber”. Lembro que ao acompanhar tais posicionamentos me ajudaram a entender a arena que se formava no país em que o acionamento das políticas públicas de reparação ocasionava um mal-estar nas relações sócio-raciais no Brasil. Enfatizo que naquele momento também denunciei a organização dessa efetivação das práticas ciberracistas que seriam ativadas na página da organização Criola do Rio de Janeiro, após a denúncia percebi a não consolidação.

Aqui, cabe problematizar a utilização da ideia de prática racista para falar das políticas de reparação contra o racismo, desigualdade e exclusão das comunidades negras no Brasil. Em virtude disso, tais medidas foram traduzidas como algo ruim e que não era necessário debater nem sequer implementá-las nos espaços de interação social. E assim, fazendo com que a temática da reparação sustentasse o debate do racismo no país, conforme aparece nas falas e nos posicionamentos em rede. Na observação da tabela, pude visualizar como os dados demonstravam o crescimento do ciberracismo.

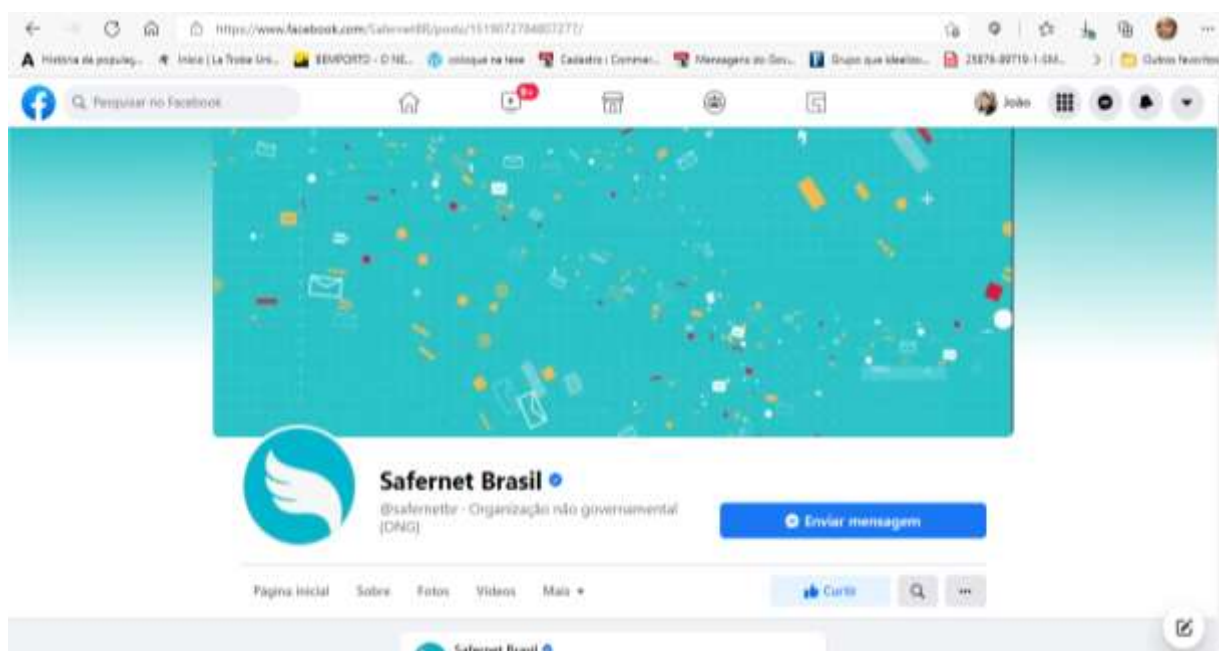
Além disso, os anos de 2013- 2016 enfatizam como o ciberracismo se mantinha de forma precisa na rede Facebook, tanto na denúncia como no combate às práticas ciberracistas para que elas fossem retiradas da rede, por mais que fossem registradas a partir das estratégias do print. E sua diminuição está atrelada ao uso de outras redes sociais, como Twitter, Instagram, Youtube que vem aumentando o número de práticas ciberracistas nessas outras redes sociais. Justifica-se em parte a diminuição do ciberracismo em 2017-2020, por mais que estas práticas ciberracistas no Facebook se mantenham na primeira posição das redes sociais com maiores denúncias e remoções de domínios conforme aponta a Sarfernet (2020).

Portanto, a tabela em questão facilita pensar as práticas ciberracistas analisadas no capítulo três que se inserem no momento onde o Facebook era uma arena formada de negatização das conquistas propostas para a mudança de mentalidades sobre as comunidades negras no país.

Por mais que se observe o posicionamento mais preciso nas redes por parte das organizações e d@s ciberativist@s, sendo o Facebook o espaço em que era mais constante

tais intervenções e ao longo do tempo percebe-se que vem perdendo espaços para o Instagram que se torna uma rede em que as entidades negras utilizam como ferramenta ciberracistas, e faz com que várias práticas ciberracistas sejam removidas, embora o Twitter expresse um movimento diferente onde as práticas ciberracistas aumentam em seu universo, constatou-se isso na interpretação dos números de denúncia da plataforma disponibilizadas pela Sarfernet.

FIGURA 26- PÁGINA DA SAFERNET BRASIL NO FACEBOOK



FONTE : SAFERNET BRASIL (2017)

Na quinta-feira, dia 28 de dezembro de 2017, registrei na página do Facebook da Sarfernet a seguinte orientação:

[crimes na web] Manifestações racistas na internet estão longe de ser casos isolados. Racismo é uma questão séria na internet brasileira. Na Safernet Brasil, é o segundo crime mais denunciado, atrás apenas de pornografia infantil. Racismo é: Qualquer manifestação de preconceito baseadas na ideia de superioridade de uma raça; qualquer manifestação de ódio, aversão e discriminação que difundem segregação, coação, agressão, intimidação, difamação ou exposição de uma pessoa; Tratamento diferente a alguém por causa das características físicas que determinam sua raça, interferindo em suas oportunidades sociais e econômicas. Esse tipo de comportamento na internet pode ser tipificado como racismo - um crime inafiançável e imprescritível - ou injúria racial. O racismo, normalmente, é quando o agressor se dirige a uma coletividade ou grupo. A injúria acontece quando se viola a dignidade de alguém por causa de sua raça, cor ou etnia. A injúria é um crime mais

leve, mas ainda passível de punição dura: reclusão de um a três anos e multa (PÁGINA DO FACEBOOK, 2017).

De outro modo, a sinalização da Sarfernet enfatiza a necessidade de não entender as práticas ciberracistas desconectadas ou se pensada como algo isolado, também destaca a necessidade de analisá-las na conexão para entender seus movimentos e os percursos que as ativem na rede social Facebook. Além disso, em uma forma pedagógica tenta explicar como se constitui o ciberracismo. Naquele momento chamou a minha atenção a explicação do que seria racismo e injúria racial para que as pessoas que se encontravam conectadas pudessem compreender sua diferença, uma vez que os litígios são julgados dentro desse parâmetro legal.

Vinculado a essa concepção, nas linhas dos caminhos da metodologia parafuso é possível perceber que para entender os diferentes movimentos é necessário observar o grupo e como o ataque a uma pessoa negra acaba atingindo a sua coletividade. Uma vez que na maioria das vezes esses crimes são enquadrados apenas dentro da injúria racial, mesmo que sejam práticas de ciberracismo, revelam as estratégias para minimizar o delito. Contudo, as iniciativas traçadas pela Sarfernet encontram as estratégias lançadas para mapear tais práticas e oportunizar um ambiente onde a denúncia possa ganhar força para o enfrentamento do ciberracismo na contemporaneidade.

Nesse ponto, faz-se pensar, também, que esse sistema que persiste no Facebook apresenta-se apoiado em estrutura que causa a sensação de algo familiar pelo fato de estar em constante modificação nas relações sociais. Basta pensar que os modelos acionados ao imaginário ciberracistas são traduzidos na ideia de que o ciberracismo é compartilhado como um momento universal de exposição da vítima, mas também de exposição de quem comete o crime e busca a sua visibilidade ao efetivar tais práticas.

Além disso, pude perceber que alguns ciberracistas demarcavam a necessidade de se tornarem mais conhecidos, ao ganharem status de mais populares na efetivação das práticas ciberracistas. Nesse contexto, suas marcas de reconhecimentos podem aparecer em traços, na utilização de uma letra ou em alguns códigos estabelecidos que ajudam a identificá-lo na cena, trazendo as estruturas firmadas em ocasiões nas redes. Em alguns momentos, tive a impressão de observar a formação de grupos ciberracistas que se organizam em função de uma mesma pauta e de estabelecerem disputas de quem mais acionava tais práticas.

No perfil denominado do Mal “vamos colocar esses escravos para fora da rede, não são nadas” a prática ciberracistas em questão lançada no dia 13 de maio de 2018 e apagada meia hora depois demonstrava, um pouco, a maneira em que esses grupos se comunicavam no Facebook, sendo alguns rastreados e denunciados na Safernet e serviu como uma espécie de código que potencializava a disseminação do ciberracismo. Os detalhes que se apresentaram na rede social Facebook auxiliaram para especular essas questões. Ademais, as estratégias de intervenção proporcionam uma vigilância mais densa nesse espaço, buscando coibir e ao mesmo tempo dão suporte para que as vítimas consigam dar continuidade às investigações para punir os agressores.

FIGURA 27- CAMPANHA CONTRA O RACISMO



FONTE : SAFERNET BRASIL (2017)

Outra rede de enfrentamento que contribui no combate ao ciberracismo é o Portal Geledés que proporciona o debate, a divulgação das práticas, as articulações propostas para acolher as vítimas e reivindica a investigação do crime ocorrido. É uma importante “organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira” (PORTAL GELEDÉS,2017). Composta por mulheres negras entre elas: Suely Carneiro, Sônia Nascimento, Nilza Iraci, Solimar Carneiro, Érica Pereira, Maria Silva

Aparecida e Suelaine Carneiro. Atua desde a década de 80 do século XX e no século XXI potencializou sua atuação no ambiente virtual, inclusive chamando à atenção para as redes sociais, especificamente o Facebook.

FIGURA 28- GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA



FONTE: GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA (2021)

As principais práticas de ciberracistas que acompanhei ao olhar para a atuação do Geledés que se deu em 2015, momento em que um debate central no país entra em cena sobre atuação dos médicos cubanos no Brasil. Tive contato com diferentes memes que materializam essas ações. Desta maneira, em 01 de agosto de 2015 no Facebook circulam os seguintes comentários ciberracistas: ‘Desde que inventaram as cotas, não dá mais para confiar em profissionais de cor! Recuse cotista! Boicote ao despreparo!’.

FIGURA 29- Ciberracismo no Facebook



FONTE: GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA (2015).

De tal forma, o Geledés se posiciona para materializar as práticas ciberracistas e também intervir na efetivação de uma legislação que pudesse dar conta desses crimes. Na situação enfatizada, uma mulher branca questiona a competência de um médico negro, enfatizando que ele poderia ter acessado à universidade pelo sistema de cotas e isso ocasionaria a morte de muitos, legitimada sua capacidade pela política de reparação e pelo elemento cor que direcionava sua formação para este sistema. Assim, percebe-se uma manutenção de uma estrutura que aprisionam as comunidades negras na ideia de não terem capacidade ou mesmo na vigilância de sua trajetória, pois a incapacidade seria uma marca desse processo como expressa os ciberracistas, mesmo sabendo que na prática isso não tem sentido.

No mesmo contexto de 2015, circulou nas redes um debate sobre as cotas e seu papel dentro da sociedade, os posicionamentos contrários por parte de uma grande parcela de pessoas brancas que questionava tais políticas públicas, acusadas de garantir o privilégio às pessoas negras. o coordenador da Secretaria de Estado de Políticas para as Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (Semidh), Carlos Alberto Santos de Paulo alertou que “a expansão do racismo nas redes sociais deve-se ao “aparente anonimato” e a insatisfação com essa política. O Estado assumiu o compromisso de buscar equalizar as oportunidades

historicamente obstruídas”. Além disso, retrata que as vítimas denunciem esse tipo de atitude no próprio Facebook, usando a hashtag #HumanizaRedes, uma iniciativa do governo federal, que busca garantir mais segurança na rede e enfrentar as violações aos direitos humanos no ambiente virtual (GELEDÉS,2015).

Outro movimento também com a participação do Geledés em 11 de novembro de 2015 foi o projeto PLS 518/2015 que buscava tipificar o crime de racismo na internet proposto pelo o senador Paulo Paim (PT-RS), sendo aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). Naquele momento observei que uma das atribuições recomendava que o juiz tivesse o poder de determinar, ouvindo o Ministério Público ou a pedido deste, a interdição das mensagens ou páginas que veiculem esse conteúdo ilícito. Conforme Paim a medida é importante uma vez que: “a internet tem sido usada para a publicação de material racista, para propagação de discurso de ódio e para a disseminação de preconceito em atitudes que extrapolam, nitidamente, a liberdade de expressão e de opinião, causando prejuízos reais às suas vítimas” (GELEDÉS,2015).

Interessante que a organização Geledés se posicionou na maioria das práticas ciberracistas efetivadas no contexto brasileiro, e possibilitou um debate mais intenso para uma mudança da legislação que regula esse litígio. O seu papel de informação e o consumo das comunidades negras ao seu portal potencializa como um importante canal de um projeto antirracista, consolidado na escuta e no compartilhamento de experiências negras que necessitem de apoio para solucionar as violências impostas aos seus corpos.

FIGURA 30- Campanha contra o Ciberracismo



FONTE: GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA (2020)

É bom observar que, a imagem exposta apresenta a divulgação de informações a respeito do tratamento das práticas ciberracistas no contexto brasileiro, dando continuidade ao debate sobre a sua punição dentro das redes sociais, uma vez que ele se expande para outros espaços de sociabilidade da cibercultura. Desse modo, problematizar e criar movimentos de contestação tornou-se a principal estratégia desta entidade negra que se soma a outras. Nessa sequência é que me aproximo da metodologia parafuso ao fazer uma associação entre uma ação particular que se movimenta para diferentes situações, e fortalece o coletivo ganhando visibilidade ao caminharem juntos.

No dia 06 de julho de 2020 o Geledés buscou mobilizar diferentes redes de enfrentamento para combater o ciberracismo em um contexto global, denominado de “O grande boicote às redes sociais”.

FIGURA 31- O grande boicote às redes sociais- Geledés



FONTE:GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA (2020)

Destarte, as mobilizações das ciberativistas negras e das redes de enfrentamento potencializaram o olhar para as redes sociais e seus engajamentos na luta dentro e fora do ciberespaço. No caso, dentro da rede social Facebook, verifiquei que suas agendas buscavam fortalecer o debate étnico-racial, além de trazer à tona uma reflexão sobre os afetos, cuidados

e contar um pouco da história de mulheres negras invisibilizadas. Além disso, se juntavam para acompanhar as práticas ciberracistas como o de Maju, Thaís, Araújo e entre aquelas que não eram conhecidas no cenário de visibilidade nacional, demarcando o cuidado com todas que se encontravam violentadas no processo de engajamento em redes.

Em outros momentos, foi possível observar sua conexão e interação em busca de uma pauta em comum. A exemplo de articulações, pode-se destacar a criação de uma campanha que tratava de duas dimensões: do racismo e do bullying, com a finalidade de garantir a proteção das jovens negras em espaços físicos e na internet. A intenção era desmistificar a concepção e distinguir estes dois fenômenos e como estas temáticas afetam as diferentes formas de experiências negras. A série foi concebida por Geledés, com apoio da Safernet e do Instagram (@instagram) que se juntaram para uma política de contenção sendo toda iniciativa articulada no Facebook.

FIGURA 32- Série Jovens Negras



FONTE: GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA (2021)

Por fim, O Facebook tornou-se uma porta de entrada para debates de práticas ciberracistas que se encontram conectadas com o cotidiano, um ambiente em que as vozes ganhavam força para que pudessem conseguir um desfecho de ser solucionado, ou seja, tornou-se uma arma para combater as violências direcionadas às comunidades negras na rede. Então, o ciberracismo foi mapeado, registrado a partir do print para que as provas pudessem existir e muitas das vezes disponibilizadas em várias redes para não permanecerem impunes tais atos. Adaptado para as realidades que se apresentavam, inclusive quando os ciberracistas

utilizam de algoritmos para camuflar a disseminação do ciberracismo em redes. Por fim, a necessidade de potencializar as redes para o combate das práticas ciberracistas auxiliam pensar as estratégias criadas pelas comunidades negras para combater a proliferação do ciberracismo no mundo digital afeta também os espaços locais e nesse sentido é que as ciberativistas negras e as redes de enfrentamento ganham destaque ao demarcar como o ciberracismo operacionaliza na rede em estudo.

CAPÍTULO V-
NA INDISCIPLINARIEDADE DO SABER:
A METODOLOGIA PARAFUSO ENQUANTO UMA ESTRATÉGIA
EPISTEMOLÓGICA CIBERANTIRRACISTA PARA ANÁLISE DO CIBERESPAÇO

“o ferreiro forja a Palavra, o tecelão a tece e o sapateiro amacia-a curtindo-a”
(HAMPATÊ BA, 2010)

A frase de Hampatê Ba demonstra um processo dinâmico de produção, execução e de exposição de um certo saber, materializado em diferentes objetos que ganham função social e que seus modos de elaboração de saberes são passados por gerações a partir da palavra e da memória. Este último é uma fonte de armazenamento e o primeiro, a palavra, é a forma como esses saberes são passados (HAMPATÊ BA, 2010). Estou partindo como falaria Makota Valdina no meu caminhar e nas experiências que pude tecer ao longo das minhas vivências acadêmicas, profissionais e pessoais como homem negro. Então foi possível identificar os interesses científicos ligados às questões de raça, racismo e antirracismo, pontos importantes nas agendas de movimentos negros e de pesquisadores negr@s na contemporaneidade.

No momento em que produzia esta tese, verifiquei que esses diferentes interlocutores acionaram a produção de uma gramática²⁵ analítica: descolonial, teoria crítica, pós-colonial e decolonial que perpassa as constituições, as trajetórias e as formações dos pensamentos epistemológicos e ontológicos, discutidos nos diferentes contextos sociais que vem potencializando a problematização do conhecimento ao interrogar as bases epistêmicas centradas em modelos pré-estabelecidos que são adotados como diretrizes eficazes de produção do saber.

No caso das reflexões decoloniais²⁶ observei que estas tornaram-se palavras extremamente utilizadas nos dias atuais para se distinguir do projeto colonial que busca, ora afirmar as rupturas coloniais, ora apresentar a permanência e continuidade das práticas de violência e opressão que se encontram latentes, em nosso cotidiano. Inclusive nos últimos dez

²⁵Adotei na pesquisa uma reflexão antirracista (não me aprofundarei na decolonialidade do ser, do saber e do poder que adicionam precisões importantes para entender as formas de conhecimento com um caráter decolonizador.). Ver: MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S., GROSGUÉL, R. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo del Hombre Editores, pp. 127-167, 2007

²⁶

anos, vivenciei o debate acirrado por novas epistemologias no espaço universitário, e ao adentrar em um Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos fui instigado pelos professores a pensar em alternativas que pudessem extrapolar os limites estabelecidos, possibilitando outras formas de produção do saber. Assim, segui pensar-vivendo, na linha do pensar nagô conforme alertou Sodré (2018).

Por um lado, notei que as ponderações estavam atreladas aos estudos interdisciplinares, visto que, as perspectivas decoloniais foram institucionalizadas nas universidades e nas pautas dos movimentos sociais, por ser um terreno múltiplo de possibilidades de aproximações e diálogos com diferentes campos disciplinares para entender uma área ou um problema, a fim de propor novos paradigmas de desenvolvimento, embora sejam questionados por não apresentarem um método específico conforme Maldonado Torres (2016).

Nas palavras de Maldonado-Torres “A formação dos chamados estudos interdisciplinares na academia suscitou, há várias décadas, uma observação esquizofrênica” (MALDONADO-TORRES,2016, p. 1). Em vista disso, o ponto-chave para legitimar a racionalidade científica é adotar um método, assim, a ausência e o afastamento dele faz com que os espaços interdisciplinares sejam rotulados ou concebidos como espaços menos racionais e rigorosos que os fornecidos por um campo disciplinar, ocasionando, uma vigilância nas produções elaboradas nos espaços interdisciplinares e sendo sinalizado da necessidade de “terem disciplinas fortes, embora o oposto, não seja necessário e igualmente certo, mesmo que em alguns momentos utilizem forma indireta de saberes decoloniais e apontem para o caráter secundário das interdisciplinas” (MALDONADO- TORRE,2016,p.1).

Em virtude disso, me aproximei das propostas decoloniais que questionam e problematizam o modo de se fazer ciência pautado apenas nas lógicas de construção hegemônica, ou seja, buscam repensar as bases epistêmicas coloniais. Enfatizo que resolvi fazer essa travessia e passar por caminhos turbulentos e perigosos de transbordar ou de ultrapassar as fronteiras estabelecidas entre as disciplinas, tentando ampliar, modificar ou ressignificar os limites estabelecidos. Dessa forma, levei em consideração que o ato de estranhar é um exercício fundamental para ampliar os saberes, assim, refletir sobre aquilo que é tido como verdade absoluta, faz parte do ofício intelectual do pesquisador que

constantemente, atualiza os debates e propõe ampliar caminhos para serem percorridos pelos atores sociais que se encontram conectados.

Primeiramente, é interessante ressaltar que as percepções acerca das diferenças alimentadas entre as ciências são constituídas a partir de diferentes formas de reflexões e não de objeto empírico, logo, é comum que os objetos de um campo específico sejam tratados em outros campos disciplinares, mudando a forma, as técnicas e os procedimentos utilizados, analiticamente para extrair os saberes que os interessam deslocando os monopólios e criando outras estruturas de manipulação.

No contexto do alimentar das fronteiras disciplinares, as guerras e disputas são ativadas para deterem ou controlarem os objetos em seus domínios, construindo territórios que os recebam. Assim sendo, utilizam como justificativa o uso dos prefixos inter, multi, trans, pluri, tentando de forma mágica sua interligação e o assentamento do seu objeto para ser tratado com os instrumentos estabelecidos, agora com um maior número de equipamentos ou procedimentos que deem conta de seu fenômeno, cujas disciplinas formuladas se juntam para criar as cisões produzidas. Desse modo, deixar as marcas em exposições, devendo passar por um processo de eliminação de sua visibilidade, e por mais que se juntem, criam outras fronteiras que encaixam de forma pensada e projetada os objetos em suas estruturas que penetram facilmente nos recortes produzidos, mas não sei se é a melhor forma de desmontar as lógicas transpassadas ao longo do tempo.

Mesmo reconhecendo que as empreitadas lançadas pelas diversas disciplinas foram iniciativas importantes que fomentaram uma alteração extraordinária na forma de lidar com os fenômenos sociais, e as realidades que se apresentavam no âmbito particular fizeram com que vozes silenciadas utilizassem essa ação para produzir contraste nos campos disciplinares. Imediatamente pude observar isso em minha própria trajetória acadêmica em que meu corpo era deslocado para refletir no campo da Antropologia, visto que para falar das comunidades negras seria o ambiente adequado como salientados por alguns professores do curso de História e Arqueologia, quando eu cursava a graduação, mesmo que metodologicamente e teoricamente dialogasse com os campos em questão.

Desta maneira, ampliaram os campos temáticos, mudaram algumas etapas metodológicas, instituíram posicionamentos de grupos, modificaram expressões e alteram as formas de lidar com o outro nas pesquisas acadêmicas suscitando transformações nas bases

epistêmicas das ciências que deixaram sequelas, as quais necessitam de ser tratadas e resolvidas de diferentes formas.

Por conseguinte, não posso negar que nesse trajeto de pesquisador negro, as agitações efetivadas foram comemoradas por todos que se encontravam engajados nas alterações do fazer ciências, a partir do diálogo muito rico entre as diferentes disciplinas e áreas do saber, que na minha concepção não pôde se reduzir ao mérito apenas da Inter, Trans, Multi ou Pluridisciplinaridade. Suscito que as alterações alcançadas sejam, exatamente fruto da *indisciplinaridade das* disciplinas e dos intelectuais envolvid@s que produzem outras formas de lidar com os saberes e questionam o aprisionamento e as formas que são difundidas de um único modelo de organização do conhecimento.

A ideia de indisciplina aqui, se apresenta como ato de resistência, existência, de mudança de paradigmas ampliação dos saberes, desobediência, insubordinação, rebeldia, revolta, reconhecimento. Além disso de se recusar a utilizar padrões de uma realidade específica e de não cumprir as ordens estabelecidas da radicalidade dos corpos, das lutas para superar pré-conceitos, estabelecer e desmontar conceitos cada vez mais fluidos que se constituem nas atitudes de estranhamento e reconciliação na contemporaneidade.

Embora se tem consciência de que este movimento de ampliar o campo das reflexões e dos procedimentos das ciências não seja algo recente, entretanto, esse se constitui como um ponto importante no movimento de dilatar as fronteiras estabelecidas, ampliando o modo de se fazer ciência na atualidade. Isso é possível visualizar nas contribuições de Ângela Davis, Frantz Fanon, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Edgar Morin, Beatriz Nascimento, Muniz Sodré, visto que não se pode encaixar suas contribuições reflexivas em um único campo disciplinar da ciência moderna, assim, as ponderações produzidas se aproximam do movimento denominado de *desobediência epistêmica* conforme define Mignolo (2010).

Em vista, da mobilização da sociedade dentro e fora da cibercultura torna-se importante tecer uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos com vieses ciberantirracistas que busquem superar ou contribuir com uma nova prática ou um caminho que amplie as oportunidades de análise. Portanto, como fazer pesquisas ciberantirracistas com instrumentos coloniais? O questionamento lançado nesse terreno fértil, tenta fazer com que a semente disseminada não seja sufocada e acabe morrendo pelo fato de suas raízes não conseguirem se fixar no solo delimitado.

Após aplicar a metodologia parafuso nesta tese, senti a vontade de problematizar tais questões, não se pode negar que por mais que a categoria antirracista pareça algo muito arrojado na intelectualidade, permanece ainda como uma categoria flutuante, utilizada nos diferentes campos do conhecimento com a intenção de problematizar a produção do saber quando fortalecida no movimento de radicalização da noção de decolonialidade ou “giro decolonial” cuja finalidade é de contribuir na atualização das bases críticas do pensamento latino-americano e no processo de conexões com outros saberes colocados em segundo plano. Ademais, complemento que nessa empreitada, procurei oferecer uma releitura histórica dos relegados de uma história oficial que questiona a produção dos conhecimentos hegemônicos, disseminados e produzidos sobre as diferentes comunidades em diferentes contextos plurais e realidades sociais, espalhadas pelos continentes (OLIVEIRA JUNIOR, 2012; BALLESTRIN, 2013).

Diante do exposto, o objetivo deste capítulo é apresentar como a proposta metodológica *Antirracista na indisciplinaridade do saber* que, neste caso, parte dos movimentos da metodologia parafuso, aplicada na tese enquanto caminhos de múltiplas possibilidades de reflexões que auxiliam para chegar a determinados fins. A metodologia denominada parafuso aparece como uma proposta da dilatação das fronteiras das ciências, podendo ser aplicada em distintos universos e pode ajudar a refletir as diferentes temáticas atreladas às relações raciais, uma vez que contribui com a reformulação do fazer ciência, e, por isso foi adotada na pesquisa, enfatizando que sua utilização oportuniza captar os movimentos e interpretar as realidades evidenciadas no refinamento do meu olhar.

5.1. Nos Giros da Metodologia Parafuso – movimento do se afetar

Acredito que refletir sob a categoria *afeto* seja o ponto inicial para pensar a homogeneização da produção do conhecimento no mundo moderno, uma vez que, discorrer sobre as múltiplas maneiras de *ser afetado*, é pensar na dimensão por algo que nos controla, normatiza e domina como se pode ver nas pesquisas produzidas dentro e fora da cibercultura. Fundidas iguais a uma peça metálica que segue uma diretriz para ganhar um sentido no mundo material, sua repetição para elaboração de novos objetos dialoga e difunde formas já pré-estabelecidas, as quais se sustentam enquanto uma verdade universal, que não pode ser questionada, mas seguida para alcançar um resultado compartilhado pelo modo de se fazer/conceber/ e captar a ciência na base ocidental.

Foi possível captar que a lógica é alicerçada e transmutada em uma ordem do incontornável que determina um estilo de vida /um destino, um modelo ideal de ser humano e de produção do conhecimento que nega outras formas de saberes e as diferentes manifestações da vida afetiva de outros grupos sociais, que internamente em seus núcleos conservaram outros conhecimentos e formas de pensar a sociedade. Ao tirar o véu, noto que existem outros tipos de experimentar e entender a vida e fazem com que as oportunidades de categorização da vida afetiva apareçam em sua complexidade diante das intrincadas relações estabelecidas entre as experiências vivenciadas, partindo do mundo interno e externo que diversas vezes fazem com que os outros grupos (no caso dessa pesquisa comunidades negras) criem diferentes estratégias e acionem outros conhecimentos guardados no seu íntimo produzem outros caminhos que auxiliam a pensar em constituições de conhecimentos de resistências dentro e fora do ciberespaço.

No caso das práticas ciberracistas disseminadas nas redes sociais delimitadas na análise desta tese, foi possível captar como as comunidades negras, ao se postarem diante do mundo, elaboram seus conhecimentos que se interconectam com as outras essências de explicação do comportamento humano, pois como toda partícula potencializa sua importância no universo. Sua existência torna-se peculiar, subjetiva e específica desde o ponto que analisa e processa a exposição empírica que foram submetidas ao longo do tempo. Foi possível perceber que os ciberracismos direcionados às comunidades negras foram questionados, seguindo o tempo em que cada vítima levou para captar seus verdadeiros sentidos, como o vinho que precisa fermentar por muito tempo para mudar o seu sabor e ganhar o seu valor peculiar perante seus apreciadores, ou como o assento da massa que precisa “descansar” antes de assar e virar alimento. Diante desses processos circulares foi que se pensou em circularidades negras, em que os saberes existentes, elaborados e aperfeiçoados se movimentam ganhando formas e sentidos a partir dos contextos ativados.

Esse toque de mágica presente na circularidade dos saberes negros no cotidiano estimulou a pensar na dimensão afetiva e temporal dos processos de resistência elaborados nas dinâmicas sociais de reivindicação e permanência que emergem dos diferentes núcleos que compõem as relações da vida humana. Nessa relação se produz uma dimensão que transita na compreensão dos intervalos entre o sentimento e a ação. O intervalo transforma-se em um momento no qual se pode experimentar e decompor o conhecimento a partir da forma

que nos colocamos no mundo, e ao repensar o conhecimento produzido pelo grupo a que se pertence o qual circula em nossas práticas corriqueiras.

O contato com as questões da tese, demonstrou que é importante saber que estamos todo tempo revisitando um conhecimento *lato* e *stricto* que compõe a forma que pensamos os fenômenos produzidos socialmente. O que é de se estranhar é pensar no domínio de certos conhecimentos e de certas metodologias, para explicar específicos fenômenos, permeados de poder que corrompem e elaboram um certo egoísmo acadêmico, mesmo que subjetivo e exacerbado, que nos induz a priorizar certos instrumentos provocadores das paixões estritas na forma institucionalizada e social de existir que se autodeterminou enquanto um caminho eficaz.

Além disso, a elaboração de um modelo único de fazer ciência desenvolveu a centralização do poder que permeia o campo do saber. Em virtude disso, propiciou a produção dos vazios das experiências de outros grupos que foram relegados (mulheres, gays, trans, ciganos, indígenas, comunidades negras [...]) considerados inicialmente por parte da ciência, sem conhecimento e sem metodologia de pesquisa, ou seja, sem nenhum rigor acadêmico o que faz justificar e desestabilizar o reconhecimento da compreensão que se tem de si e do mundo. Afinal, fomos levados a nos concentrar demais num ponto, sem levar em consideração que a realidade é um sistema e, portanto, tem interligações perfazendo-se sempre por mais de um ponto. Assim, nessa corrida epistemológica ficamos em desvantagem, enfraquecidos, o que não favoreceu a produção de um ponto de equilíbrio.

Todas as nossas críticas que buscaram romper com o sentido clássico de produção do saber produziram novas atitudes e originaram uma outra forma de ler, ver, falar e sentir o mundo e de produzir uma investigação da problemática dos afetos que seja deslocada para uma dimensão intersubjetiva. O que faz pensar, em uma possível área intermediária que produza um campo relacional que se interaja e interpenetre ou que desconstrua literalmente com esse modelo.

Dessa maneira, é impossível pensar na produção acadêmica direcionada aos estudos do modo de vida das populações negras sem ouvir os ecos do passado, sem sentir o medo no presente, cravados em nossos corpos, almas e em nossas mentes. Aparentemente, esses ecos e medos ainda têm sentido em nossas percepções sensoriais. Sendo que, as reflexões produzidas nos espelhos da vida social, ainda ofuscam muitas imagens que no presente carecem de

formas e de sentidos. Doravante, é fundamental elaborar novas interfaces metodológicas para leituras sociais que ativem os sentidos, a fim de que a percepção possa ser produzida para além de nossos corpos.

Penso as metodologias de uma pesquisa na mesma perspectiva de Guimarães Rosa, especificamente, olhando para uma terceira margem como possibilidade de análise²⁷. Outra margem, onde as duas anteriores se encontrariam para ampliar as balizas da produção do saber em fluxo, no turbilhão das ações, experiências e práticas humanas. Surgindo assim, margens borradas, porosas, rabiscadas que facilitem pensar em novos caminhos que ajudem a produção de polissemias. Portanto, a intensidade dos fluxos metodológicos da pesquisa transita como os meandros que criam suas curvas sinuosas que alteram o percurso de um rio ou do seu transbordar que se dá entre o laminar (velocidade lenta, uniforme) e o turbulento (a velocidade acelerada, variável) produzindo diferentes oscilações que alteram o traçado do rio e seus processos de modulações, nesse caso, resalto que a alteração das metodologias abre um espaço para pensar nas epistemologias críticas e nas novas formulações de se fazer pesquisa nos desafios éticos e nas tensões políticas ocasionadas no modo de pensar e elaborar o conhecimento científico.

Em virtude disso, os procedimentos metodológicos que foram aplicados na tese, estão intrinsecamente interligados com o que denomino de *metodologia para-fuso* que está relacionada às experiências das populações negras que não se passam apenas no lugar da natureza, da realidade, do evento, tampouco do lado da representação, da cultura, da subjetividade, da ideia ou da narrativa. Passa entre elas, o indiscernimento das divisões, na mistura dos variados elementos conectados e articulados com as vivências, com os conhecimentos produzidos e deixados nas diferentes comunidades negras de nosso país. Elas se passam na interseção dessas margens, a do devir, do fluxo, do deslocamento e do conflito, cuja prática demonstra os processos de resistências construídos dentro do grupo.

A própria compreensão da metodologia se constitui como um movimento de esperança de harmonização das vidas negras, sendo possível ver o seu lugar no mundo, nos encontros que instituem e criam interconexões permanentes os quais indicam os caminhos para serem seguidos. Esses consistem em subjetividades políticas, intermediadas por mensagens oralizadas criando nesse embalo, diálogos de esperança que determinam forças para lutar por

²⁷ ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

meios de existências que se reinstauram na aparição fazendo emergir os fios de resistência que desterritorializam o sofrimento nas mobilizações em um fluxo intenso como se viu neste estudo.

Logo, fecham e abrem os corpos, da seguinte forma: ao cruzar as rotas de perigo fecham os corpos, em suas táticas de defesa contra tudo que os aprisionam e abrem os corpos para se conectar com as lutas e as causas que estão envolvidos, potencializando as estratégias e traçando outros caminhos metodológicos antirracistas.

Além disso, não é por acaso que a metodologia parafuso enfatiza a oralidade, apoiada nos saberes que conectam memórias de tempo dolorosas de uma experiência de grupo. A metodologia em foco, também se movimenta em diferentes realidades e sentidos, sendo que seus corpos perpassam em diferentes espaços, o que possibilita captar as estratégias de reconhecer-se perante os outros e seguir a luta da vida para fortalecer o indivíduo no grupo e o grupo no indivíduo. Aciona e ativa as entradas que promovem um senso de preservação, ampliam e dilatam as perspectivas recursivas de expressão de si e das tecnologias materiais que apagam ou demonizam os ancestrais, rompendo com formas de lidar com o mundo e impondo outros modelos a seguir.

FIGURA 33- GRUPO PARAFUSO



FONTE: Parafuso de Lagarto (2018).

A metodologia parafuso oportunizou a sensibilidade de captar as continuidades e as demarcações através dos elementos étnicos de fortalecimento de uma identidade negra na compreensão do grupo e na sua constituição. Desta maneira, analogicamente, se pensa o grupo que se torna um protetor maior, a força motriz, apresentando-se como portal sagrado de intercruzamentos constantes não só plano físico, mas também se reconduz a outros planos e vidas, no amparo aos sentimentos que se compartilham nos diferentes cortejos da vida humana, sendo um contraponto às lógicas coloniais, isto é, se tornando uma estrutura contra colonial, uma vez que seu modelo de vida é um signo vivo de visibilidade dos componentes do grupo como se viu nas táticas na cibercultura.

Como foi possível captar na aplicação da tese, ainda no presente aparece a coragem de criar, vivenciar e defender em uma extrema conexão que cada um carrega, ao formar os grupos de resistência desde os quilombos ou em outras estruturas que carregam esse princípio de relações íntimas, constituídas pelas habilidades disseminadas pelo saber negro que criam diferentes subjetividades que desmontam a régua geradora de equivalências apenas por um único plano que resiste na atualidade como combate às práticas ciberracistas em diferentes espaços da cibercultura.

Em virtude disso, a metodologia parafuso seguiu bem os ensinamentos guardados na dança Parafuso que nos alerta à necessidade de captar o tempo do grupo, dos tambores, do som, da dança, do giro e da leveza de quem adentra aos ritmos rituais. Também é importante observar o controle do corpo, o equilíbrio que ajuda o grupo parafuso a se manter girando e repetir diferentes vezes, para que os saberes sejam apreendidos, conhecer o som, o passo, o ritmo para não perder a sintonia que o grupo mantém, nem o embalo que deve seguir, na purificação dos corpos, no cuidado que esses sofrem nos diferentes tipos de interdições.

É fato que, o grupo se constitui no movimento de correr o risco para se manter visível diante de forças protetivas, impulsionadoras e geradoras de vínculos em múltiplos planos, vias múltiplas, indecifráveis mais vivenciadas. Ressalto que as formas de mundo se transformam mutuamente, dando sentido aos saberes do grupo. Assim, na tese foi visto que é possível observar as diferentes camadas pretas sobrepostas que percorrem, partindo do desejo da libertação e de ter outras formas de vida reivindicadas ao questionarem as lógicas operantes

no movimento contrarracista, que são evidenciadas e alimentadas em nossas táticas, ou seja, são elas que nos tornam vivos na atualidade.

A descrição realizada na metodologia ocasionou as possíveis leituras que foram compreendidas nesta proposta em foco que dialoga com as táticas e resistências das comunidades negras no contexto atual. Além disso, observam-se as viabilidades de captar os elementos sensoriais, acionados nos processos de leitura social em que se encontram as experiências negras. Nesse sentido, destaco um elemento importante da narrativa, a assombração por meio do disfarce dos ciberracistas que se revelaram no ciberracismo.

Antes de tudo, é importante ter em mente que não desvinculei a invenção do parafuso como uma estratégia ou caminho que deve ser percorrido a respeito do disfarce por parte das vítimas do crime de ciberracismo, mas enquanto caminho que busca preservar vidas angustiadas, com medo, mas resistentes que demarcam e apresentam sua força para questionar o sistema, romper com os congelamentos dos corpos, mostrar, que, mesmo no caos é necessário pensar em alternativas que auxiliem a sair de enquadramentos.

Assim, esses caminhos buscam mudanças no pensar dos procedimentos metodológicos, percorridos e impostos que se estabelecem na produção do saber como uma etapa que deve ser cumprida nos trabalhos acadêmicos e às vezes não são refletidos, aparecem apenas para cumprir etapas estabelecidas como se o conhecimento exposto não necessitasse de ser pensando. Se as metodologias das pesquisas são entendidas também como caminhos, é preciso pensar, que cada pesquisador (a), pode caminhar por aqueles que desejam e se encontram a sua disposição, facilitando o percurso como foi possível fazer nesta tese.

Nessa perspectiva, a produção de conhecimento (epistemologia) sempre alertou que o saber é localizado, ou seja, que ele é engendrado diante do contexto social, político e econômico que nos situa. Com base na teoria antirracista, o compromisso pela igualdade de direitos na diferença e a minimização das práticas de racismo, opressão e violência levou @s pesquisadoras (es) negr@s a uma metodologia de desconstrução e reconstrução. Para desconstruir, é necessária uma revisão das estruturas simbólicas que se perpetuam e mantêm relações assimétricas de poder, e para reconstruir, é necessário elaborar concepções e práticas alternativas do fazer ciência, como se vê no movimento do parafuso.

Assim, a metodologia em questão se insere no repensar das práticas e discursos questionados, radicalmente para se entender as relações de poder em que são inscritas nos corpos através de mecanismos de supervisão social, disciplina e autorregulação, como se constata em Jesus (1960,1961), Dantas (1949,1965) Davis (2016;2018) Nascimento (1976a;1976b;1990), Sodré (2017), Evaristo (2017) e Kilomba (2019) que materializaram em seus escritos uma proposta antirracista de saberes, provocando as estruturas estabelecidas e produziram uma reflexão nas margens da circularidade e para as margens que, constantemente buscam desestabilizar o centro (OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Aqui, demarco também a partir dos meus deslocamentos, a importância de pensar uma escrita negra nas margens em que se encontra, longe dos grandes centros, são alguns exemplos Piauí, Alagoas, Espírito Santo, Sergipe, Ceará, uma vez que os grandes centros refletem e produzem uma certa centralidade sobre quem pode falar e de onde pode falar, sem levar em consideração as singularidades existentes no país e os seus ecos, visto que, não se pode unificar os conhecimentos e os modelos pré-existentes, que são estabelecidos para falar da cultura deixada por esse segmento na estrutura imaginada da nação, como enfatiza Anderson (2005).

Mediante o exposto, ressalto que esta metodologia antirracista, que destaco nesta tese, abrem as oportunidades de captar os movimentos das margens que oscilam, constantemente e emanam suas táticas de resistência ainda no presente. Com isso, deve-se ter a sensibilidade de observar, de forma crítica, as dinâmicas existentes, que não tem como disciplinar em um único molde as experiências produzidas no outro lado do Atlântico e disseminadas por esse território continental. Desta maneira, a própria noção de cultura se ressignifica pelas alterações e plasticidades elaboradas nessas vivências, tendo em mente que as comunidades negras se utilizaram de diferentes recursos que se encontravam a sua disposição, deixando para nós suas marcas de saberes que circulam em nossas experiências cotidianas.

Neste contexto, concordo com o título do artigo de Fernandes e Lopes (2018) que as *epistemologias negras fortalecerem os laços e os afetos (ancestrais), de (s) colonizar o pensamento*, uma ótima sacada para pensar a fluidez do saber, suas dinâmicas e lutas na contemporaneidade. Com uma sensibilidade aguçada resume o pensamento colonial e os saberes negros da seguinte forma:

Cada vez mais, a Ciência clássica tem sido questionada. Seu interesse na regularidade é incompatível com os estudos da Física Quântica, a grandeza das galáxias, com seus bilhões e bilhões de estrelas e o Universo em expansão, bem como pelo micro em que se assenta a nanotecnologia. Após viver duas guerras mundiais, a aniquilação atômica, a ressurreição de fanatismos e a degradação dos ecossistemas, as agruras da concentração de renda e poder, o discurso do progresso positivista, materialista e darwinista se esboroa, colocando em xeque a supremacia da Ciência. Outra sensibilidade deve ter lugar. Na Universidade—paradoxalmente atrasados—, tentamos apreender os discursos/mitos/ritos por meio da razão e da crítica, do passar em revista as teorias e os discursos do intelecto, quando, na verdade, os terreiros, as ialorixás, a umbigada, os pandeiros, as vendedoras de acarajé, as recadeiras, as quebradeiras de coco, aproximam-se mais rapidamente da Vida. Expliquemos melhor ilustrando um ocorrido na Academia: Daniel Lins, sociólogo, filósofo e psicanalista, quando fora aluno do francês Jacques Lacan pretendeu desistir de suas aulas porque não as estava entendendo. A questão se dava da seguinte forma: ou bem ele, Daniel Lins era um burro ou Lacan seria um monstro da inteligência. Era o que pensava Lins. Este procura o mestre e lhe diz: “Lacan, eu não consigo entender Lacan”. O professor responde com humildade: “Muitas vezes eu também não consigo entender Lacan”. A proposta então era muito mais do que entender, sentir³. Lacan estava dizendo “algo “que se relacionava com a desordem e descontrole da razão, ou seja, era preciso deixar-se afetar por outra sensibilidade (FERNANDES & LOPES ,2018, p.2)

Portanto, é no estranhamento dos saberes coloniais que renegam os saberes de outros grupos sociais que se efetivam e tornam-se operacionalizantes as pautas das mudanças que devem ser estabelecidas ao pensar em uma proposta antirracista das epistemologias e ontologias que se produzem dentro do campo acadêmico,

centrados cada qual a seu modo, em saberes negros, na comunitariedade, na importância de uma cosmovisão negra aberta a um pensamento plural e complexo não confinado à Europa [...] colocam sob suspeita e rasuram a ignorância do pensamento parcelar e autoritário ocidental que vê fenômenos separados, incapaz de lidar com a complexidade das relações. Não apenas isto, [...] denunciam a violência, a estigmatização, o apagamento dos saberes, dos corpos, dos mitos negros, levantando-se contra a morte epistêmica, o epistemicídio negro, a desvalorização e o recalçamento de um cabedal de saberes pretos que constroem o status quo com sua pedagogia negra transgressora: não há um início, meio, fim catártico a seguir, senão encruzilhadas ancestrais de espantos e afetos. Não se trata apenas de obedecer a uma legislação que insere o “Ensino de História e Cultura Afro-brasileira” na rede regular de educação, mas apostar na efetividade das epistemologias negras, quais sejam “exurianas”, “pretagogia”, “micropolítica decolonial”, “umbigadas”, “afrofilosofias”, “saberes diaspóricos”, “cyberativismo antirracista”. Estas devem potencializar a de (s) colonização do pensamento, insurgir-se contra a pretensa pureza racial do conhecimento e a invisibilização dos saberes pretos, com toda a força dos mitos, da cosmopolítica dos orixás, éboras, encantados, assentadas na história de luta e resistência afrodiáspórica e quilombola[...] (FERNANDES & LOPES ,2018, p.2-3)

Outrossim, a metodologia parafuso se conecta ao movimento de resistência das comunidades negras e das produções intelectuais que buscam em suas agendas oportunizar uma proposta antirracista no Brasil. Nesse sentido, utilizei a concepção metafórica do parafuso e suas formas transportadas para a metodologia em foco, logo foi

compreensivelmente que o parafuso gira, se aprofunda verticalmente e pode sair superficialmente. Pensando na metáfora do parafuso que gira para se introduzir em determinado espaço, pode ser apertado para caber naquele espaço, mas pode também ser atarraxado para sair do espaço, ele está no eterno movimento em torno de si mesmo demonstrando as diferentes formas que os sujeitos se apropriam das suas realidades e se posicionam perante a essa sociedade racista.

Com efeito, são as estratégias que demarcam esses corpos que produzem táticas de visibilidade, que questionam esse lugar através da resistência se reconstruindo ao longo do tempo como pude captar na rede social Facebook.

Na sequência, além de atrair ou de construir em torno de si um campo de defesa através do giro, porque não é fixo, não é um prego, com uma única dimensão, é um parafuso. E ele para ser parafuso para dar conta da tarefa mecânica de adentrar espaço, sustentar espaço, amparar coisas, atarraxar objetos e unir laços epistêmicos, assim, o parafuso só funciona girando, e esse giro constitui um certo campo de percepção.

FIGURA 34- O Movimento Parafuso



FONTE: PARAFUSO (2018).

FIGURA 35- Brincantes do Parafuso em formas circulares.



FONTE:PARAFUSO (2018).

Além disso, o parafuso serviu, na tese, como um elemento de fixação de duas ou mais superfícies, combinadas ou em junções diferentes, através do efeito combinado ou rotação e pressão (penetração por progressão retilínea), ou seja, pode transformar um movimento de rotação em torno do seu eixo num movimento de translação segundo esse eixo. Ademais, serve como peça de ligação, de mecanismo cinemático, como transformador de movimento ou como multiplicador de esforços, é também a solução de infindáveis problemas, pois que faz com que seus modelos se multipliquem a partir da necessidade do objeto, que emerge ao longo do tempo motivado pelas localidades ou situações.

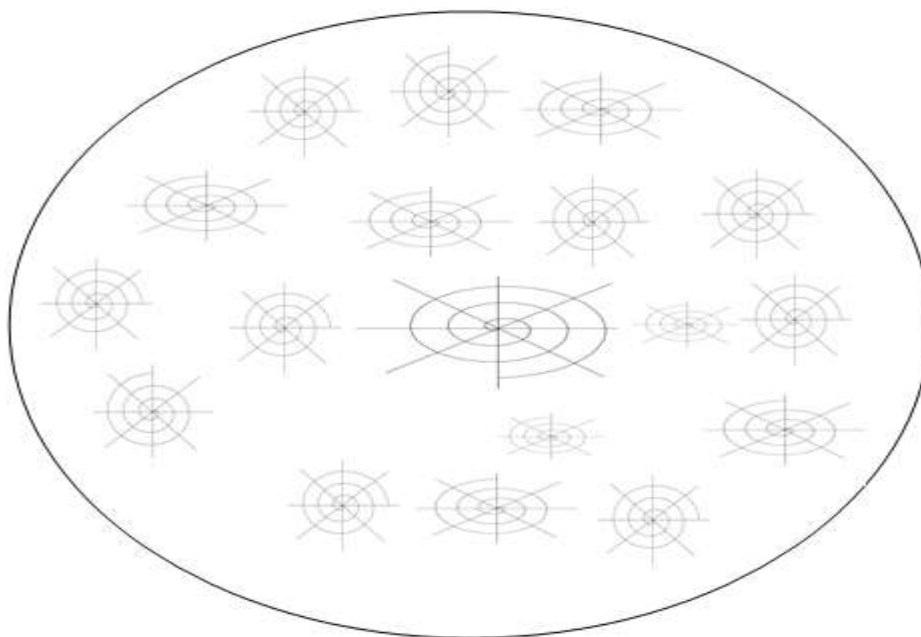
É fato que, nas redes sociais brasileiras, as comunidades negras estão em uma coletividade, mas sincronicamente, estão constituindo um campo em torno de si, em torno do seu corpo, o que expressa sua subjetividade e o que amplia suas vivências e experiências dentro da sociedade. Por esse motivo, as alianças produzidas pelo esforço dos movimentos impulsionam o compasso a ser seguido, os passos a serem realizados, todos em sintonia para que não se perca o ritmo em cena e o sentido da vida demarcado na composição do grupo, e, assim, a visibilidade torna-se o elo central de suas apresentações. Aliás, tornar-se visível é o ponto central para que os saberes do grupo sejam transmitidos, sua história seja contada e seu significado não se perca no tempo. Temporalidade que é visivelmente reconstruída no grupo,

em uma conexão relacional da partilha de saberes que carregam nos giros o seu lugar no mundo.

Não podemos deixar de enfatizar que os movimentos intensos, ora de forma individualizada, ora compondo os passos do grupo que se dão com a interação dos elementos da natureza, o vento, o ar, com a territorialidade, com as sensações sensoriais, com o corpo em movimento orientado pela música e ritmo, além de ampliação da visão, o respeito de um e do outro, compreendendo a noção de espaço, o alinhamento do grupo, suas simetrias, áreas, formação de linhas paralelas, circularidades acionadas no movimento, nos espaços que proporcionam pensar nos pontos de fugas, tanto na diagonal como na vertical, são giros marcados que constroem a planificação do grupo, demarcam de forma aleatória a posição dos componentes em linhas verticalizadas e orientalizadas e tudo isso, de forma relacional.

A coletividade em cada momento, rememora as ancestralidades demarcadas nas paisagens, nos corpos e nos movimentos que compõem a essência do grupo e alimenta sintonias para que os saberes das comunidades negras possam ser conhecidos, perpassados e transmutados para outras gerações. Portanto, são giros geracionais, camadas de experiências negras que aparecem nas trajetórias de muitos componentes que fazem parte, intimamente, desses processos de questionamento das normas e regras de opressão, difundidas e estabelecidas nos diferentes contextos brasileiros no ciberespaço.

FIGURA 36 – Metodologia Parafuso uma proposta Antirracista

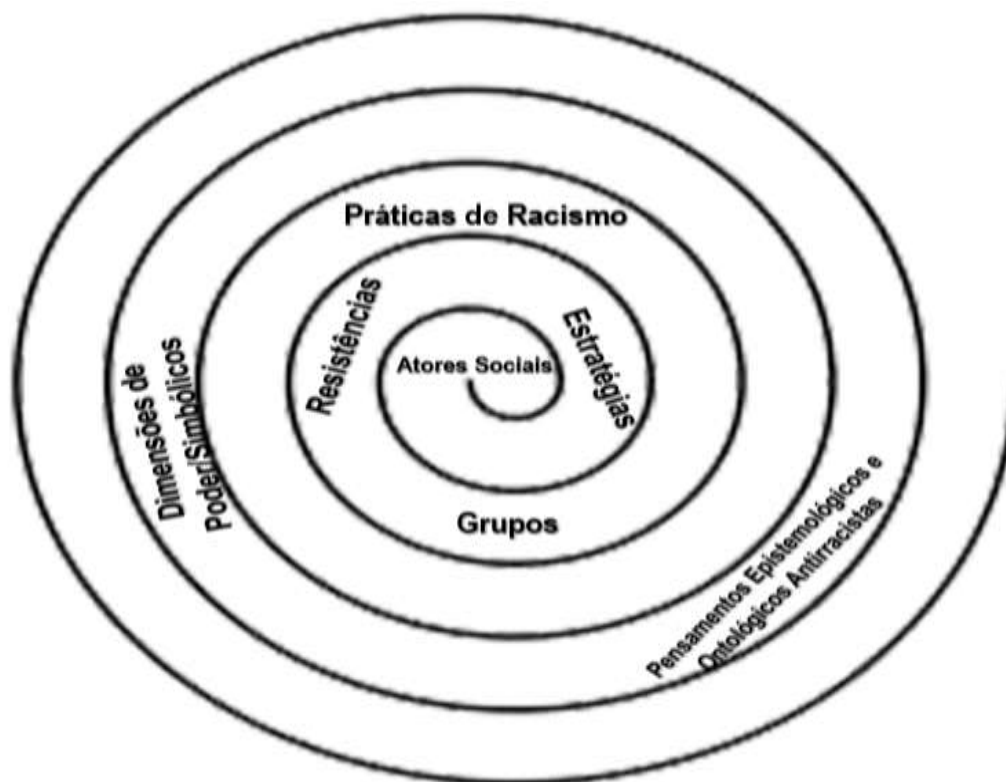


Elaboração: João Mouzart, 2020

Após apresentar os aspectos da metodologia parafuso, foi possível estabelecer algumas etapas, sendo que isso não invisibiliza a existência de outras. As etapas da metodologia parafuso, definidas aqui, consistiu inicialmente em cinco grandes giros que se referem: Giro (1) - Grupos; Giro (2) - Pensamentos Epistemológicos e Ontológicos Negros; Giro (3) - Resistências; Giro (4) - Dimensões de Poder, Sensoriais e Simbólicas; Giro (5) - Práticas Racistas que nos ajudam a entender as dinâmicas produzidas com as comunidades negras no contexto brasileiro (Ver anexo 6).

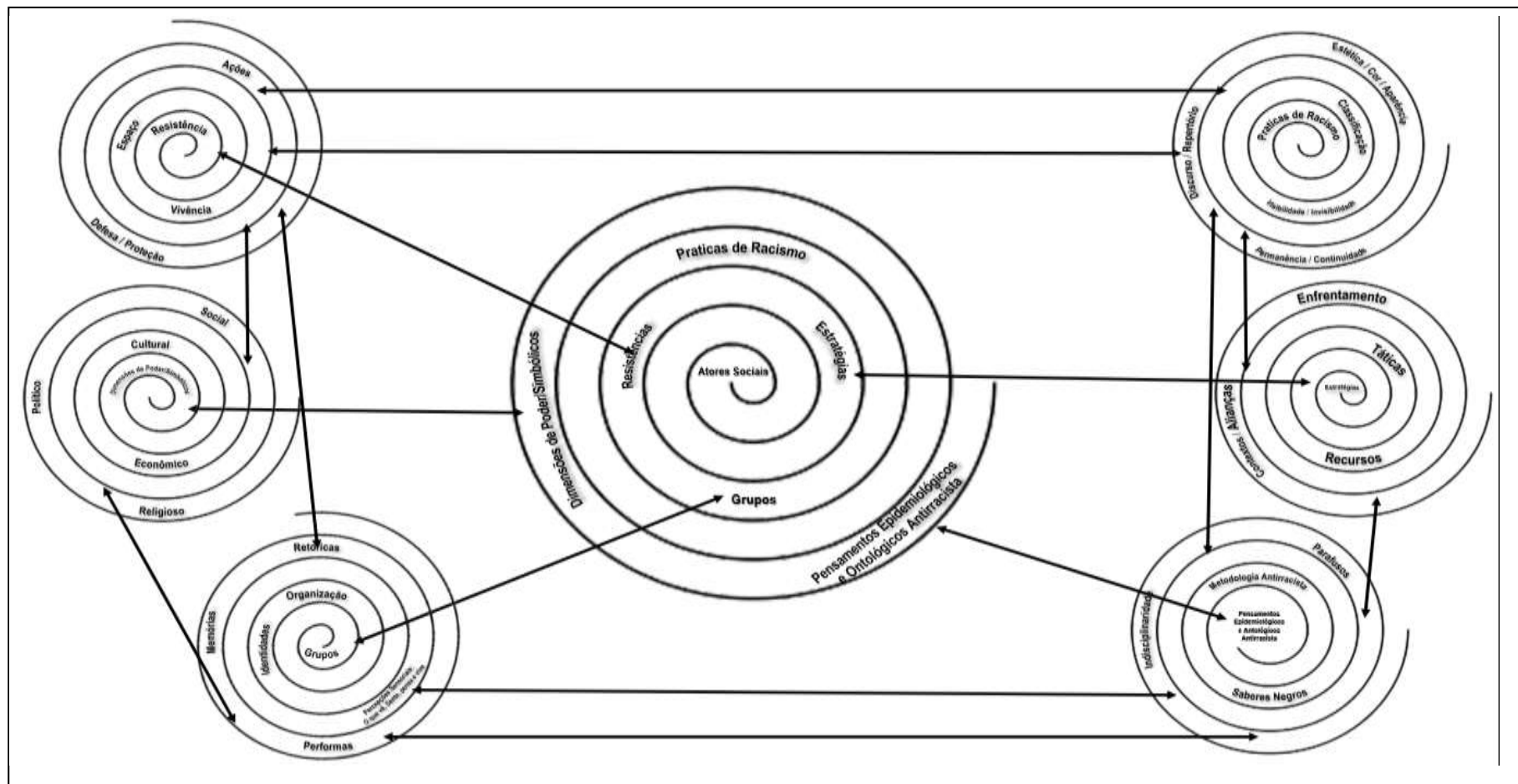
Os passos da metodologia ajudam a entender as amplitudes das experiências negras desde os processos de retiradas forçadas dos diferentes territórios do continente africano para o outro lado do Atlântico, até os diferentes movimentos reelaborados na contemporaneidade que demonstram os resquícios do passado, que ainda se operacionalizam no presente, a partir de um regime de dominação e exploração que busca e nega os significados e ressignificados das trajetórias negras. Embora tente, constantemente, subordiná-los à operação de relações predeterminadas, que são contestadas, indubitavelmente, em diferentes contextos pelos atores sociais negros.

FIGURA 37– Metodologia Parafuso uma proposta Antirracista



Elaboração : João Mouzart,2020

FIGURA 38 – Metodologia Parafuso uma proposta Antirracista



Elaboração: João Mouzart

O **primeiro Giro** analítico, referiu-se à formação dos *grupos*, consiste em fazer pensar nas dinâmicas e elementos que compõem os processos de interação, reconhecimento constituição e compartilhamento dentro de um sistema social, nos quais se formam conjuntos de ações e estruturas significativas pautadas nas identidades, nas retóricas, nas memórias e em suas performas ativadas e estabelecidas nas conexões e interconexões relacionais.

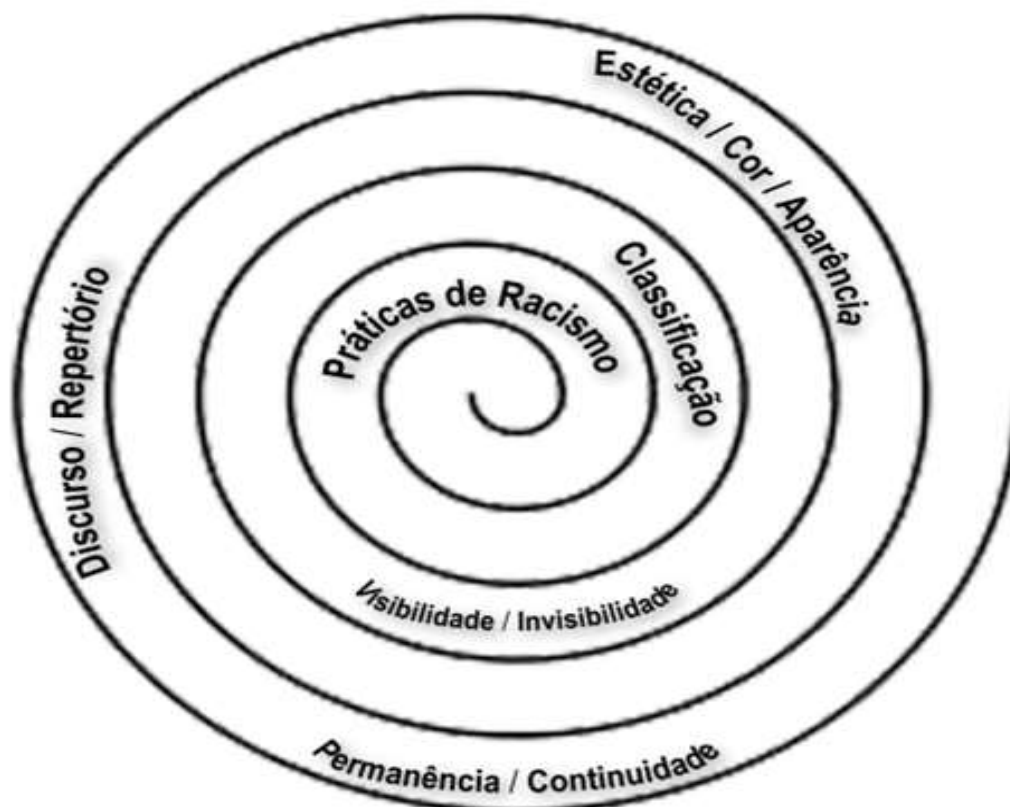
FIGURA 39- Giro do Grupo



Elaboração: João Mouzart, 2020

O **segundo Giro Práticas Racistas**, adentrou-se nos atos de diferenciar, inibir, frustrar e aniquilar o considerado o outro, a partir de demarcadores e repertórios coloniais que criam estruturas de manipulação, controle e classificação. A negação da humanidade é um ponto central para ser captado na etapa em questão e demarca como ao longo do tempo, as práticas racistas vão sendo transformadas, ressignificadas e alimentadas, constantemente um sistema imaginado de opressão e violência das comunidades negras, concretizado em seus corpos nas diferentes realidades sociais existentes por todo território brasileiro.

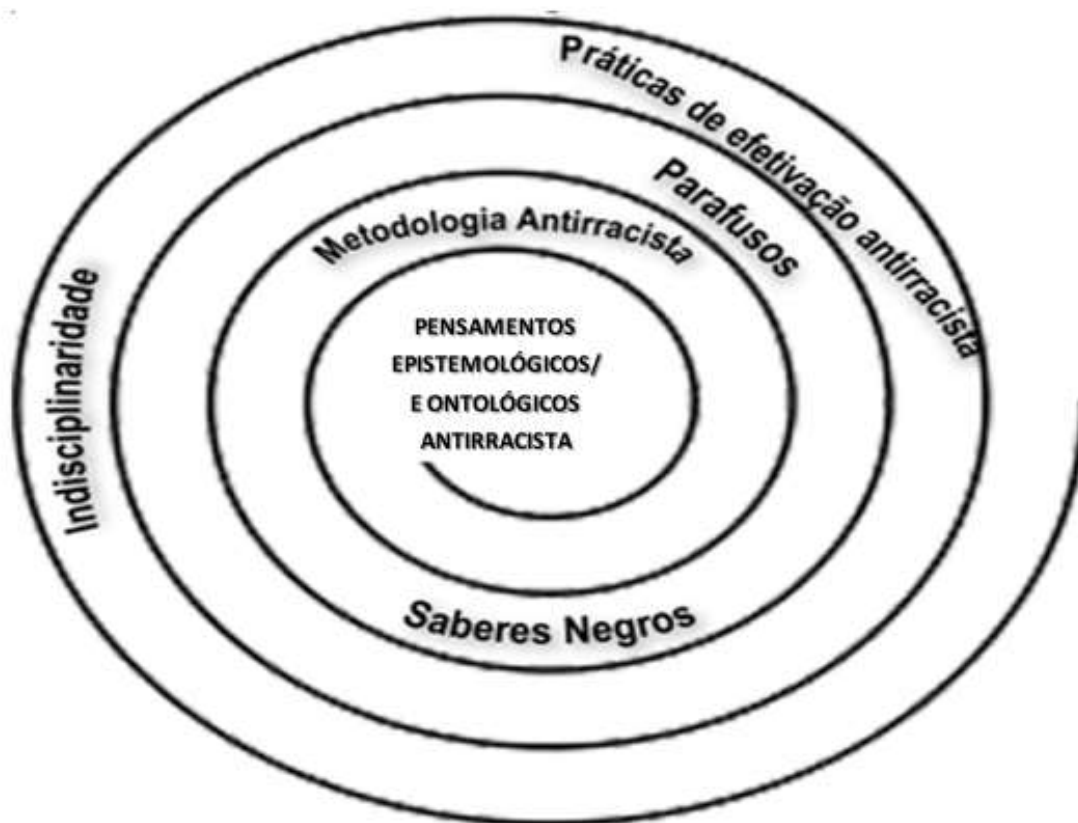
FIGURA 40- Giro das Práticas Racistas



Elaboração: João Mouzart, 2020

O terceiro **Giro Pensamento Epistemológico e Ontológico Antirracista**, salientou o universo da produção e difusão dos saberes negros em fluxo, observando as formas de sua constituição e sua resistência em diferentes grupos e comunidades negras que nos ajudam a refletir desde sua amplitude e circularidades nos diferentes contextos sociais e manter-se entre nós até os dias atuais. Assim são reivindicadas suas existências nas pluridimensionalidades de significados inscritos nos corpos, e posicionados no mundo ao ser acionados que pulveriza poder, movimentados pelo contato. Aliás, sua inserção em diferentes espaços institucionalizados entre eles as universidades que deslocam os saberes que foram implementados como uma verdade absoluta, possibilitando assim trazer outros conhecimentos que foram ressignificados ao longo do tempo. A sabedoria, a inteligência e a habilidade são colocadas no centro da crítica antirracista na questão de evidenciar o epistemicídio dos saberes negros.

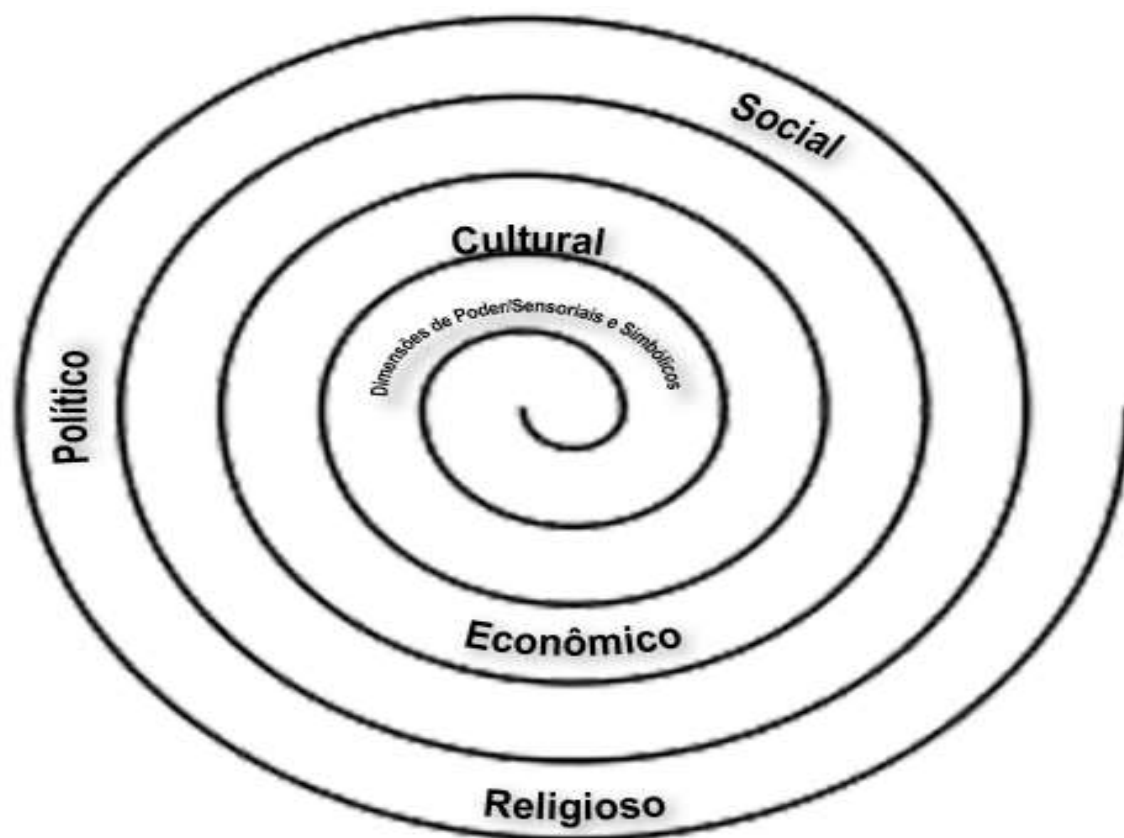
FIGURA 41- GIRO PENSAMENTO EPISTEMOLÓGICO E ONTOLÓGICO ANTIRRACISTA



Elaboração: João Mouzart,2020

O **quarto Giro Dimensões de Poder, sensoriais e Simbólicas**, constitui as questões que envolvem as dimensões que compõem as experiências humanas, transversalizadas por diferentes questões sociais, culturais, econômicas, políticas, simbólicas, humanas e não humanas que constituem as paisagens da vida e suas diferentes leituras que podem ser feitas, partindo do contato, envolvimento ou do afastamento dessas estruturas imaginadas e inventadas socialmente. As instituições paradigmáticas compõem esse momento, ao serem elegidos critérios e estruturas para que todos possam seguir, compartilhar e disseminar entre si e também ao influenciar as formas em que nos relacionamos, impactando em nossas escolhas. As configurações de ser e de se conceber, pautadas nos mecanismos coloniais de saberes, tendem a manter e disseminar os modelos escolhidos, sustentados e alimentados para diferentes realidades sociais. Desta maneira, olhar para esses aspectos torna-se crucial para entender a sua circulação dentro das nossas práticas sociais.

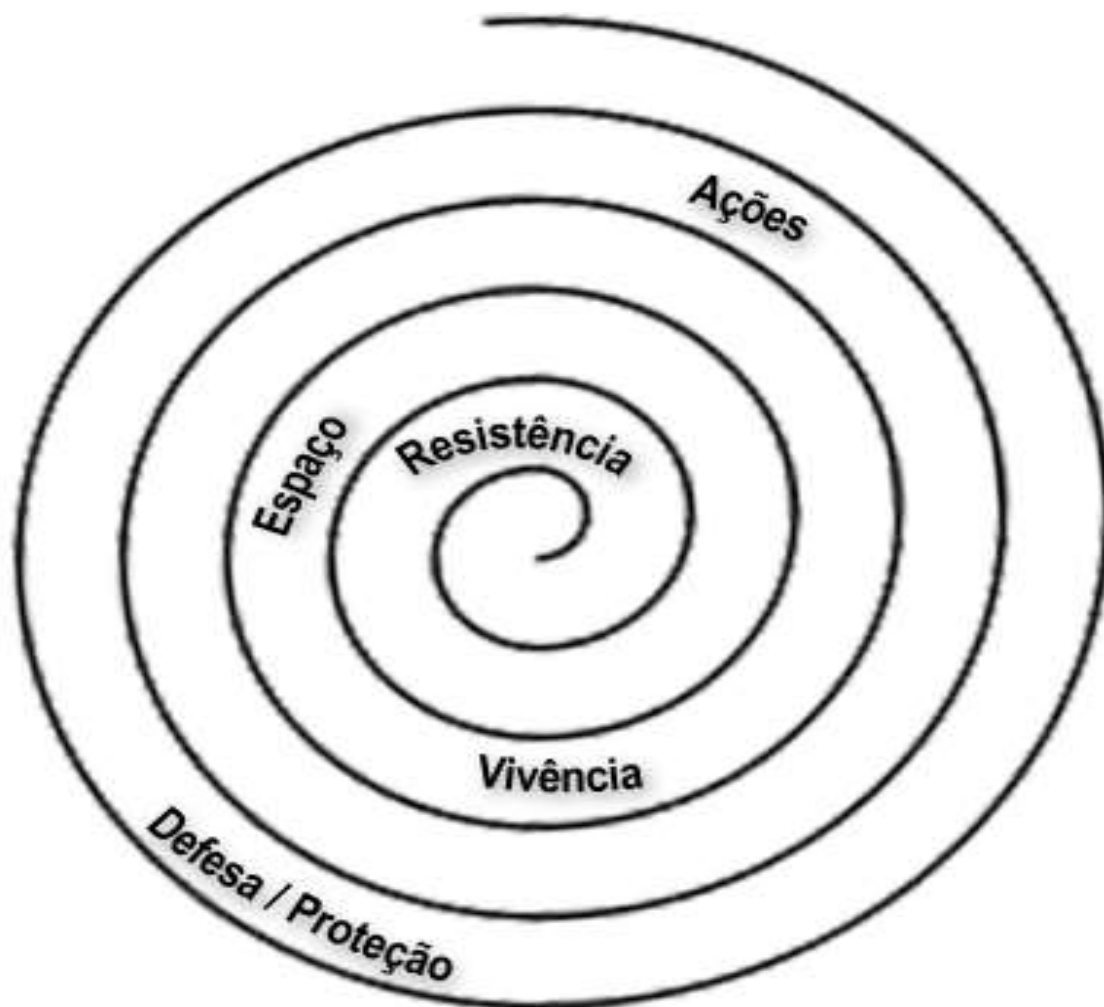
FIGURA 42- Giro Dimensões de Poder, sensoriais e Simbólicas



Elaboração: João Mouzart, 2020

No quinto Giro Resistência, buscou-se adentrar nas formas, atos, estratégias e táticas elaboradas para romper com os sistemas de opressão. Assim podem ser evidenciadas as escolhas individuais ou em grupos, que motivam enfrentar as situações impostas a diferentes segmentos sociais. Nesse momento, é possível observar que as comunidades negras traçam ações que auxiliam o processo de mudanças, para que se possa efetivar o reconhecimento e o respeito aos seus grupos explorados, tendo como pauta principal, a defesa da vida a partir da proteção dos seus corpos diante do um processo de aniquilação em massa. É necessário observar as dinâmicas de saberes acionados e elaborados para conseguirem perpassar pelos desafios lançados, o que faz emergir diferentes experiências, desses processos de privação de liberdade sustentados a partir de uma ideia de mecanismos de opressão constituídos pelo colonizador.

FIGURA 43- GIRO RESISTÊNCIA



Elaboração: João Mouzart

Nesse sentido, também foi necessário tentar olhar para constituição da imagem pensando na metodologia parafuso para pensar os processos de resistências. O exercício que se fez, destaca a importância de se estabelecer uma releitura do fazer ciência ao produzir as interrogações a partir de um prisma que possibilitou refletir diferentes perspectivas e um deles foi as questões de aplicabilidade da metodologia na rede Facebook, que foram observadas, analisadas e relatadas cuidadosamente. Para isso, trilhei uma perspectiva de atrelar a metodologia parafuso a uma etnografia, tendo como inquietação a contextualização dos pressupostos das questões colocadas na produção do saber, revisitando e confrontando os

dados construídos e alimentados na Antropologia e na própria ideia de efetivar uma iniciativa antirracista no espaço acadêmico.

Nesse diálogo utilizei como estratégia analítica o deslocamento em direção aos saberes negros que contribuíram para problematizar como o imaginário colonial estruturou os conceitos, as relações e ao mesmo tempo nos levou a perceber como a cultura da ciência social ocidental desloca determinados conceitos de interesses na vida social. Assim, como exercício demonstrei os interesses existentes em nossa cultura científica, contrastada nos interesses encontrados noutras culturas.

Destarte, a metodologia parafuso revelou os saberes que podem nortear um posicionamento crítico no processo de produção do saber, destacando as relações de negociação no diálogo com diferentes campos disciplinares, mesmo que essa metodologia não tem como se encaixar na ideia de “sociedade” que foi idealizada nos moldes ocidentais, possibilitando o surgimento de outros limites analíticos que podem ser, dentro das redes sociais ou fora adequando-se às realidades aplicadas. Portanto, ela se revela como uma importante alternativa metodológica que pode ser aplicada nas distintas propostas de pesquisas que englobam as diferentes realidades negras.

A metodologia parafuso contribuiu para captar os efeitos e os diferentes movimentos em que o racismo se institucionalizou nos diferentes momentos da história do país. Do mesmo modo, evidencia que a história em alguns momentos tenta se consolidar do mesmo jeito, nessas tessituras de eventos, a partir de efeitos específicos e isso reaparece com muita força na própria noção, do modo como as coisas acontecem e nas narrativas expostas pelas comunidades negras denunciadas como passagens que acabam sendo necessário conhecer. As práticas ciberracistas vão se cruzar com outros movimentos produzidos pelo ciberracismo, como se viu ao longo da efetivação das práticas.

De certo modo esse ciberracismo acabou criando espaços de intervenção nas redes, nos processos de unificação que se unem em uma causa comum, contra esse outro que efetiva as violências. Em suma, é outra transformação de uma base que ressignifica suas estruturas. Além disso, foi possível detectar que o combate se deu através da criação de plataformas assistenciais, fundadas em territórios específicos nas redes, e sua expansão expressa o desejo de luta. Nesse caso, se manteve uma lógica dos sentidos que servem para os seus propósitos

que são compartilhados nas experiências da cibercultura. Por conseguinte, a influência de seus conhecimentos fortalece o tempo de ação e ativação de mudança de comportamento.

Além do mais, apresenta o nexa da contestação do não compromisso das legislações impostas que não são refletidas e nem inseridas por aqueles que não veem sentido em sua funcionalidade. Contudo, a metodologia auxiliou esse movimento em vários sentidos. O que de certo modo se sustenta na própria noção das práticas ciberracistas através das oscilações que se dão a cada momento na esfera social brasileira, inclusive as materializadas na rede Facebook, porque o sistema persiste com a transformação das experiências.

Por fim, a metodologia parafuso destacou a importância de se refletir as estruturas estabelecidas que ao longo do tempo necessitam ser transformadas através das circunstâncias que revelam uma modificação das mentalidades que estranham a manutenção de certos princípios e lógicas hegemônicas que produzem o afastamento e nega a alteração na própria defesa de uma ordem que se apresenta como vigente. Contudo, sua aplicabilidade na tese interligou os diferentes eventos que se apresentaram nos interstícios da cibercultura nos processos relacionais dessa estrutura e seus efeitos, neste estudo, se conectou com o questionamento de como o ciberracismo se mantém nessas relações ao destacar sua operacionalização na rede social Facebook.

6- DESCONECTADO - PARA NÃO CONCLUIR

O ciberracismo se constitui como um fenômeno contemporâneo em constante crescimento e transformação nas relações sociais globais, mas também locais. Sua disseminação evidencia seu processo de transmutação na cibercultura, ocasionando impacto nas vidas das pessoas negras, além de revelar suas dinâmicas e persistências nas relações sociais brasileiras tecidas no Facebook, ou seja, apresenta-se em nossa realidade como um movimento amparado no racismo à brasileira, agora sendo captado, por todos nos processos de interação no universo do ciberespaço.

Constatou-se na tese que o Brasil ocupa o segundo lugar entre os países do mundo com o maior número de práticas ciberracistas, sendo o Facebook a rede social em que mais se efetivam tais atos. Nesse sentido, o ciberracismo ocupa o primeiro lugar do ranking mais popular e o Facebook tornou-se a rede com maior registro de denúncias, conforme destaca a Sarfenet (2020). Porém, o fenômeno extrapola o território brasileiro tanto da sua visibilidade em outras realidades, quanto da maneira que se revela em outros contextos globais ao se constituir na atualidade como o crime cibernético mais praticado no mundo.

Não se pode esquecer que o Brasil é o país com o maior número de afrodescendentes fora da África o que levou a pensar a operacionalização do ciberracismo em suas paisagens. Ao mesmo tempo foi possível visualizar que as diferentes frentes negras no ambiente virtual se posicionam, constantemente contra os efeitos das práticas ciberracistas na trajetória das pessoas negras conectadas nas redes, levando em consideração que somos o país que mais interage nesses ambientes. Os reflexos da rede social Facebook potencializou adentrarmos em seu território para captar como o ciberracismo opera esses processos de sociabilidade e interação.

Em virtude disso, foi possível analisar suas intencionalidades produzidas como instrumentos de combate das políticas públicas implementadas para reparar os danos ocasionados, com os sistemas de opressão e violências instituídos no país que são originários das assimetrias sociais produzidas e da legitimação das desigualdades que se naturalizaram em nossos processos relacionais ao longo do tempo.

Através das práticas ciberracistas analisadas conferiu-se, que, quando um indivíduo usa o Facebook para efetivar tais violências, ele sente confortável ao compartilhar um sentimento de proteção e de camuflagem proporcionado pelo anonimato que cria a sensação de que ficará na impunidade, já que há muitas situações, diariamente que não são resolvidas por não ser denunciadas, por medo da vítima, por pânico moral e psicológico que cria e provoca o fenômeno do ciberracismo.

Este último elemento foi considerado como uma das questões a que se pode chegar e equivale a uma das consequências das práticas ciberracistas que atingem o psicológico ao adentrar na dimensão afetiva das comunidades negras de reconhecimento, pertencimento e de identidades, conforme o que foi apresentado ao longo da tese.

A inserção das comunidades negras de forma mais latente, no século XXI, nas redes sociais, demarcaram o aumento de seu poder de comunicação ao amplificar seus discursos e seus posicionamentos frente ao ciberracismo. Destarte, as interações no Facebook e as efetivações do ciberracismo nestas paisagens revelaram que esse se apresenta como a base da nossa abissal desigualdade. Por certo, se constata que tal rede sempre foi acionada e direcionada para os corpos pretos que circulam nesse território dando uma extrema visibilidade a um sistema que era alimentado no íntimo da sociedade brasileira, visto que os ciberracistas saíram de contextos em que aplicação do racismo se dava na dimensão de círculos sociais que se constituíam nessa experiência off-line e ali ficava, até que alguém eventualmente tivesse a coragem de denunciar.

Nesse sentido, agora o que se percebe é que foram transportadas suas mesmas posturas para círculos sociais on-line, trazendo à tona de forma mais visível, o que gera a sensação do aumento das práticas nos últimos anos, pois presentemente elas ficam materializadas na cibercultura. Em síntese, nos levam à reflexão sobre o inconsciente e subliminar dos processos de violência que se mantêm nas redes que são de alguma forma dinamizados, contudo como essas redes sociais, produzem mensagem e modelos? Quais são os modelos de inclusão e exclusão? Ou olhar para essas estruturas que não aparecem e não são vistas naquele que se torna visível? Assim, a metodologia parafuso auxiliou a compreender esse fenômeno, mediante a utilização de uma cosmologia negra, balizadas nos afetos que repensam as posicionalidades de uma reprodução das consciências dominantes, ou seja, essa metodologia adapta-se à lógica do inconsciente do algoritmo, se revelando-se como um pensamento indisciplinar produzindo

reflexão e transformação nos corpos que se atravessam ao conectar pautas de interação na cibercultura.

Ao transcorrer pelos diferentes meios de comunicação, visualizou-se uma preocupação dos pesquisadores de como produzir um espaço mais democrático nessa seara, mas isso não aconteceu em outras plataformas, inclusive nessa tese. Logo, é uma pauta que necessita de ser tratada nesse universo. Porém, observou-se que já houve uma primeira empreitada para a desconstrução do racismo ao construir outras linguagens e posicionamentos que chegam à contemporaneidade. Nesse sentido, acredito que o ciberespaço precisa, urgentemente, passar para essa reflexão do impacto dos resquícios das estruturas coloniais latentes.

Nesse entendimento, as práticas ciberracistas analisadas acontecem de maneira aberta e muitos repertórios ciberracistas tornam-se virais, uma vez que o que era algo restrito a um número pequeno de pessoas passa a ser algo que viola e ofende toda uma coletividade em nível global. Por outro lado, esta visibilidade torna-se algo extremamente importante para o seu combate, pois por muito tempo as entidades negras denunciaram sozinhas o mito da “democracia racial”, no qual muitos acreditavam que o racismo no Brasil era menor do que em outros países. Desta maneira, o ciberracismo demonstra que somos um dos países mais racistas do mundo, no presente, e isso foi detectado tanto no que se refere aos números de denúncias nos últimos anos, quanto nas práticas debatidas e questionadas de forma constante pelos diferentes representantes negros que estão em conexão com esse espaço.

Compreende-se que a imposição dessa lógica de manutenção da diferença trazida pelo ciberracismo evidencia que o Facebook serve de reduto da afirmação de suas ideias e da eliminação da possibilidade do diálogo nessas interações, pois as práticas ciberracistas tentam desmontar os processos democráticos existentes das lutas pelo respeito à diferença, conquistados a partir das diferentes realidades brasileiras. O que se pode ver é que a retórica do extremismo entrando em cena e sinaliza os perigos da contemporaneidade na tal sonhada sociedade em rede. Por mais que o Facebook tenha nos ajudado a observar o fortalecimento de uma contra narrativa aos modelos impostos, apresentando outra maneira de colocar-se no mundo, com referências que foram ao longo do tempo desprezadas. Aqui, quero enfatizar em especial as contribuições das mulheres negras na luta e que são o alvo principal dessas práticas ciberracistas como as visualizadas na pesquisa.

Além de tudo isso, o fenômeno do ciberracismo enuncia o deslocamento do racismo à brasileira, agora com uma dissiminação maior que se movimenta num continente a outro, mantém-se como um propósito específico de estabelecer os processos desiguais de desumanização de grupos, seus aplicadores têm nisso uma satisfação doentia pautada na plena consciência ou convicção de que são superiores nos processos referentes a sua forma de existir.

Em relação aos instrumentos legais no Brasil adaptaram-se às suas legislações, contudo não criaram um corpo de legislação especial para a punição das práticas ciberracistas. Percebi que elas foram lentamente adaptadas para fazer frente a uma nova realidade que se apresentava, ganhando mais destaque quando as práticas ciberracistas eram direcionadas às pessoas negras de visibilidades, ou, os que ganhavam na rede ênfases que faziam com que entidades negras em suas diferentes frentes produzissem um movimento de contestação, com @s ciberativistas negr@s que não deixavam o crime passar despercebidos chamando a atenção de outros meios de comunicação e interação que também se adequaram e propuseram-se, aos debates, as diferentes situações que saem do ciberespaço.

É importante salientar que o problema se engendra da forma como cada instituição encara o fato e julga seus litígios, pela falta de uma reflexão mais densa sobre a temática. Portanto preferiu transferir sua legislação e sua jurisprudência, mesmo não dando conta mais de sua complexidade e da ampliação do crime que necessita para ser solucionado com acordos internacionais, mesmo que nas práticas analisadas não se apresente esta peculiaridade. Considerando ainda que as consequências desse processo se mostram hoje palpáveis num país que retira o véu que camuflava as práticas de racismo em suas interações sociais e agora na rede corrobora eminentemente suas efetivações. Além disso, assiste um quadro muito dinâmico desta realidade que se atrela ao desejo de impotência daqueles que cobram a sua aplicabilidade, perpassando as formas de tratamento, a falta de preparo sobre o assunto, ponto comum compartilhado pelas vítimas que elucidam a ausência de especialistas no campo para orientar tais investigações em relação a outros crimes.

Desta maneira, percebe-se a necessidade de uma legislação que corresponda às precisões do nosso tempo que auxiliem a sua aplicabilidade nos contextos onde se operacionalizam e mantêm os processos de diferenciação que se adaptam, constantemente nas realidades virtualizadas, ou seja tem que se levar em consideração a sua dinamicidade ao longo do tempo.

Pode - se dizer, sem grande exagero, que o ciberracismo encontrou nas redes sociais um terreno fértil para sua proliferação, primeiro pelo fato destas sociabilidades se darem em um contexto que todos podem interagir ao mesmo tempo, segundo a necessidade das pessoas terem seguidores o que ocasiona aceitar diferentes pessoas em seus perfis, e terceiro pela facilidade em criar uma conta e apagar depois e se manter na rede com a utilização de e-mails falsos, fotos capturadas de outras pessoas, nomes fictícios entre outras artimanhas utilizadas que dificultam encontrar os ciberracistas.

É justo reconhecer o fato de, em tempos correntes, o ciberracismo aconteça através de mediações sociotécnicas lastreadas por reações ciberracistas digitais. Detive-me em observar como isso acontece no momento on-line, porém trouxemos outros movimentos fora das redes sociais, visto que este fenômeno se apresenta como algo que preexiste às redes de sociabilidades, seus mecanismos acionam os repertórios utilizados nas interações fora da cibercultura, porém já enunciado, deslocado para estas influências mútuas.

A partir dos casos que analisei pela via da qualificação do profissional, constatei que as práticas ciberracistas se deram através dos seguintes pontos: (1) desqualificação profissional ao colocar em jogo a sua capacidade de assumir espaços e sustentar-se nesse local, pautado pela cor que é o principal elemento utilizado para legitimar a ideia de inferioridade das comunidades negras; (2) pela deslegitimação de seus saberes profissionais e de grupos que criam essa ideia de incapacidade alimentada por causa das políticas de reparação que se aplicavam no país as cotas raciais; (3) pelo aumento de consumo das pessoas negras nas tecnologias, principalmente os celulares que se tornaram uma febre nos processos de interação, levando diferentes faixas etárias adentrarem nas redes de sociabilidade no país, isso é um dos pontos muito interessantes nas falas dos interlocutores que combateram o ciberracismo ; (4) no questionamento das políticas de reconhecimento das mulheres negras no contexto brasileiro de legitimação de suas pautas e organização de suas entidades, pelo país, que as tornavam os principais alvos desse crime, uma vez que as mulheres negras mexeram com as estruturas e chamam a atenção em rede para o debate de diferentes fenômenos e um deles eram as práticas ciberracistas.

O que se pode ressaltar que a análise, aqui, realizada tocou em aspectos importantes no que se referem aos múltiplos sentidos e significados que os elementos associados às comunidades negras vêm se revestindo ao compartilhar projetos políticos de contestação da

lógica vigente apoiada em iniciativas de afirmações identitárias distintas que estão presentes em seus cotidianos e na maneira em que as comunidades negras criam suas formas de existir.

Nos diferentes capítulos constitutivos desta tese, procurei captar as dinâmicas do racismo até a constituição do ciberracismo, observando a sua existência ao longo do uso dos meios de comunicação e como esses embates também se consolidam agora na cibercultura, inter cruzando-se em muitos momentos e sendo utilizada de diferentes formas tanto para disseminação das práticas ciberracistas como para o combate.

Por fim, o contato com a temática étnico-racial ao longo da minha trajetória de vida e acadêmica/profissional, potencializou-me a sensibilidade de ampliar os caminhos metodológicos e a observar a necessidade de trazê-la como uma ferramenta ciberantirracista, aplicada na tese para potencializar a análise, auxiliando para pensar a própria concepção de saberes, estratégias de resistência/resiliência e tempo em que a metodologia parafuso contribuiu para refletir as experiências negras que evidenciam, no presente, as marcas do passado, como foi verificada ao longo da pesquisa, ao discorrer os processos ocorridos que são ressignificados ainda na atualidade de forma constante ao questionar os sistemas que tentam a todo instante desigualar os grupos existentes nessa territorialidade.

REFERÊNCIAS

FIGURAS

ARAÚJO, Taís. **Página oficial da atriz e apresentadora Taís Araújo**. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/taisdeverdade>. Acesso em 31 de out. de 2015.

DREAMSTIME, **ilustração stock anonimato da internet**, 2019. Disponível em <https://pt.dreamstime.com/ilustração-stock-anonimato-do-internet-image42135129>. Acesso em 03 de mai. de 2019.

DW BRASIL. **Cartazes reais contra racismo virtual**. 2015. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/cartazes-reais-contra-racismo-virtual/a-18889700> Acesso em: 02 de dez de 2015.

21 DIAS DE ATIVISMO CONTRA O RACISMO (2017). Disponível: <https://www.facebook.com/21diasdeativismo/>. Acesso em: 03 de 08 de mai. de 2017.

I ENCONTRO DE CIBERATIVISTAS NEGRAS. **“Ciberativismo na região Norte”**2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1944754692520671/?ref=newsfeed>. Acesso em:03 de mar. de 2018.

FGV DAPP. **No Facebook, 75% das reações à morte de Marielle Franco destacam luto**. 2018. Disponível em: No Facebook, 75% das reações à morte de Marielle Franco destacam luto | FGV DAPP Acesso em: 13 de fev. de 2020

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA .2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. 03 de mai. de 2021.

_____. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/racismo-na-internet-meme-no-facebook-convoca-ao-boicote-demedicoscotistas/?fbclid=IwAR0BpWY0tndqceaSnpG4Yy71SGMsxNrhZrsSM5PNBdSWS2wMwb1OGBL_AA. Acesso em: 03 de ago. 2015.

_____. Campanha contra o Ciberracismo. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. Acesso em 27 de mai. de 2020.

_____. **O grande boicote às redes sociais- Geledés**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. Acesso em: 27 de mai. de 2020.

____. **Série Jovens Negras**. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/geledes>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

G1 RS. **Comentário de jovem do RS sobre negros causam revolta no Twitter**. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/08/comentarios-de-estudante-do-rs-contranegros-revoltam-redes-sociais.html>. Acesso em: 31 de agosto de 2013

____. **Campanha contra racismo estampa ofensas próximo de casa dos autores**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/campanha-contraracismo-estampa-ofensas-proximo-de-casa-dos-autores.html>. Acesso em: 13 de nov. de 2015.

G1 MT. **Universitário fez post racista em rede social diz que foi ‘infeliz’ em comentário**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/universitario-que-fez-post-racista-em-rede-social-diz-que-foi-infeliz-em-comentario.ghtml>. Acesso em: 19 de abr. de 2017.

LANÇAMENTO DA REDE MULHERES NEGRAS CIBERATIVISTAS DO CEARÁ. 2018. Disponível: <https://www.facebook.com/watch/?v=1240654632735797>. Acesso: 2 de Mar. de 2018

PÁGINA DO JORNAL NACIONAL. **Tempo fica firme em grande parte da região central do Brasil nesta sexta**. Facebook, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/JornalNacional>. Acesso em 02 de junho de 2015.

PARAFUSO DE LAGARTO. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/delfimmartins/3668996108>. Acesso em: 03 de ago. De 2018

PLENO NEWS. **Suellen Rosim eleita prefeita de Bauru sofre ataques na internet**. 2020. Disponível em: <https://www.unigrejas.com/noticia/2372/suellen-rosim-eleita-prefeita-de-bauru-sobre-ataques-na-internet-por-posicoes-politicas-e-religiosas.html>. Acesso em 03 de dez. de 2020.

ONG CRIOLA. **Rede Ciberativistas Negras**. 2017. Disponível em: <https://criola.org.br/rede-nacional-de-ciberativistas-em-defesa-das-mulheres-negras>. Acesso em: 02 de jun. de 2017.

REDE TVT. **Entrevista de Jurema Werneck na cidade do Rio de Janeiro**. 2015

SAFERNET. 2012. Disponível <https://www.safernet.org.br/site/institucional/quem-somos/organograma>. Acesso em: 03 de mai. 2012

SAFERNET BRASIL. 2017. Disponível em : <https://www.facebook.com/safernetbr/>. Acesso em 20 de jan. de 2017.

BLOGS/PÁGINAS/SITES

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Quem Somos – Reinventando a tela**. S/D. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/#comment-2743648439> Acesso em 05 de out.de 2019.

GELEDÉS- INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **O que é o Geledés**. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em 13 de fev.2017.

RUCUERO, Raquel. **Recuperando a História do Orkut no Brasil**. 2008. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/recuperando_a_historia_do_orkut_no_brasil.html. Acesso em 03 de mai.de 2017.

HAIDDAR, José. O racismo no Facebook em 2005. **Jornal Do Dia**, Rio de janeiro, 2005.

NOGUEIRA FILHO, Raul. ONG Criola mostra consequências reais do racismo virtual. **GRANDES NOMES DA PROPAGANDA**,2015, p.1. Disponível em : [ONG Criola mostra consequências reais do racismo virtual \(grandesnomesdapropaganda.com.br\)](http://ONGCriola.com.br). Acesso em 11 de dez de 2015.

ONU.2013. **Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024**. Disponível em [Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024 \(decada-afro-onu.org\)](http://DecadaInternacionaldeAfrodescendentes2015-2024.org) Acesso em: 03 de mai.de 2021

SAFERNET. **Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos**. 2005. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em: 03 de set. de 2017.

SAFERNET. **Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos**. 2019. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em: 03 de mai. de 2019.

ONU.2013. **Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024**. Disponível em [Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024 \(decada-afro-onu.org\)](http://DecadaInternacionaldeAfrodescendentes2015-2024.org) Acesso em: 03 de mai.de 2021

BIBLIOGRAFIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ANDERSON, Benedict. 1983. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo**. Lisboa: Ed.70, 2005.

_____. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989

ANDRADE, Melissa Maria de Freitas. Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância – Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011). 2012. 139 p. **Dissertação** (Mestrado) - – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

_____. **A Liberdade é uma Luta Constante**/ Angela Davis; organização Frank Barat; tradução Heci Regina Candiani. – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

_____. **Dimensões Culturais da Globalização**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996.

_____. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy, in Featherstone (Ed.), **Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity** (London: Sage), 1990.

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira** – São Paulo: SENAC. São Paulo, 2000.

_____. Identidade Racial e estereótipo sobre o negro na TV brasileira. In: GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (orgs). **Tirando a máscara: ensaio sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ASSIS, Marcelo Francisco de. Racismo@online.com.br: as relações raciais a partir da análise de blogs. 2011, p.115.**Dissertação** (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá- Paraná.

AZEVEDO, Thales de. **Les élites de couleur dans une ville brésilienne**. Paris, UNESCO,1953.

_____. **As elites de cor: um estudo de ascensão social**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional,1955

_____. **Democracia racial: Ideologia e realidades**. Rio de Janeiro, Vozes,1975

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Estudos Feministas/**Dossiê Mulheres Negras**, v. 3, n. 2, p. 458-463, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

BACK, Les.**Examples of Racist Material on the Internet**. Australian Human Right Comission. Disponível em [https:// www.humanrights.gov.au/publications/examples-racist-material-internet#1.2](https://www.humanrights.gov.au/publications/examples-racist-material-internet#1.2), 20002.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v.2, n.11, p.89-117, 2013.

BASTIDE, Roger. **A imprensa negra do Estado de São Paulo**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXXI. Sociologia n. 2. Estudos Afro-Brasileiros, 2ª. Série, 1951.

_____. **A imprensa negra do Estado de São Paulo**. In: Estudos Afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 132.

BASTOS, J. L, CELESTE, R. K., FAERSTEIN, E., & BARROS, A. J. D. Discriminação racial e saúde: uma revisão sistemática de escalas com foco em suas propriedades psicométricas. **Saúde & Transformação Social**, 1(2), 4-16, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Howard. **Ousiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BERLEZE, Michele & PEREIRA, Belinda Silva. O racismo nas redes sociais: o preconceito real assumido na vida virtual. **Anais** do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede, 2017

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação** nº19, 2002.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. 1ª ed. Rio de Janeiro, 1905.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane (orgs) **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP Brasília, DF: ABPN. 2012.

_____. **Mídia, Racismo e representações do outro**: Ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. Petrópolis, RJ: DP Brasília, DF: ABPN. 2012.

_____. **Mídia e identidade negra**. Petrópolis, RJ: DP Brasília, DF: ABPN. 2012

BRASIL. **Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003**. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC/SECAD. 2005.

_____. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso: 03 de setembro de 2017.

_____. **Lei nº 12.519 de 10 de novembro de 2011**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/12519.htm. Acesso em: 02 de jan.de 2017.

_____. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. In: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 29 ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm Acesso em: 15 de mai. 2017.

_____. **Lei nº 12.990, de 9 junho de 2014**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/123011825/lei-12990-14>. Acesso em: 15 de mai. 2017.

CAMPOS-FONSECA, Leandro de. Estudo de caso dos repertórios interpretativos empregados na construção de posicionamentos contrários ao sistema de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras em comentários na internet / Leandro de Campos-Fonseca;

Orientador Alessandro de Oliveira dos Santos. 2014, p.259. **Dissertação** (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina, a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos Contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CAPELATTO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo.** São Paulo: Alfa-Omega, 1980

CERVI, Thales de Almeida Nogueira. Intolerância e racismo no futebol: a racialização do outro. **ComCiência**, Campinas: Unicamp, 2014.

CESTARI, Mariana Jafet. Sentidos e memórias em luta: mulheres negras brasileiras no III Encontro Feminista Latinoamericano e Caribenho (1985). **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [Online], Workshops, Online since 26 November 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/67403> Acesso em: 13 de fev. de 2018.

COSTA, Henrique. **Negros continuam em situação marginal na mídia.** Observatório do Direito à Comunicação. Disponível em: http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=4347 Acesso em: 05 de out.de 2019.

COLLINS, Patricia Hill. “**Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**”. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

COUCEIRO DE LIMA, S. M. **O Negro na Televisão de São Paulo.** Um Estudo de Relações Raciais. São Paulo, FFLCH-USP, série Antropologia, 1983.

_____. “Preconceito Anunciado”, in **Comunicações e Artes**, ano 16, 27, São Paulo, ECA-USP, 1992, pp. 17-21.

_____. “A Publicidade e os Símbolos Raciais”, in **Comunicação e Educação**, 2, São Paulo, ECAUSP e Moderna, 1995, pp. 91-3.

CHAVES, Leslie Sedrez. Usos da internet nos movimentos sociais negros em rede na luta pela igualdade racial no Brasil: estudo de caso da Agência Afropres.2014, p.195. **Tese**

(Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS.

CLEMENTE, Flávia da Silva. Novas manifestações de racismo e sexismo contra mulheres negras e contra discursos das ativistas digitais negras / Flávia da Silva Clemente. – 2019, p.411. **Tese** (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Recife.

CLIFFORD, James. [1998]. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Tradução José Reginaldo Santos Gonçalves. – 4. Ed – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989. Disponível em: < <https://philpapers.org/archive/CREDTI.pdf> >. Acesso em: 13 de mai. de 2019

_____. Mapping the margins: intersectionality, Identity Politics, and violence against women of color. In: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITIUK, Rixanne (Eds.). **The Public Nature of Private Violence**. New York: Routledge, 1994, pp. 93-118. Disponível em: <https://www.racialequitytools.org/resourcefiles/mapping-margins.pdf>. Acesso em: 13 de mai. 2019.

DANTAS, Raymundo Souza. **Um começo de vida (depoimento biográfico)**. Campanha de educação de adultos. Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro: 1949.

_____. **África Difícil (Missão Condenada: Diário)**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1965.

DANIELS, Jessie. **Cyber Racism: White Supremacy Online and the New Attack on Civil Rights**, 2009.

_____. **Race and racism in Internet Studies: A review and critique**. 2013. Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1289&context=hc_pubs. Acesso em 03. de mar. de 2018.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet. 2007, p.311. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

_____. Ciberracismo, entre o ódio e a militância. **Anais** da terceira edición del Congreso Online del Observatorio para la CiberSociedad bajo el título Conocimiento Abierto, Sociedad Libre. Barcelona, 2006.

DIAS, Sonia Maria Barbosa. **O papel da internet para as redes de organizações não-governamentais: o caso da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)**. 2009. 111 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo

DOMINGUES, Petrônio José. **A Insurgência de Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)**. **Tese** (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2005.

_____. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v.12, n.23, p. 100-122, 2007.

DURKHEIM, Émile.1893. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

EGIDIO, P. M. F., **Racismo, negação e discurso: uma análise crítica de dois eventos ligados a práticas racistas na mídia brasileira**. 2016. **Dissertação** (mestrado) Universidade Federal do Espírito, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Espírito Santos.

ELIAS, Norbert .1939. **O processo civilizador: formação do estado e civilização** (vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1993.

_____. [1939]. **O processo civilizador: uma história dos costumes** (vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1994.

ESCOBAR, Arturo. **Más Allá del Tercer Mundo Globalización y diferencia**. Colômbia: ICAN, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **Mundos y conocimientos de outro mundo – O programa de investigación de modernidade/colonialidad latinoamericano**. **Revista Tabula Rasa**, n.4, p. 50-161, 2003.

ENNES, Marcelo Alario and MARCON, Frank. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder**. *Sociologias* [online]. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222014000100010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 03. de set.de 2019

EVARISTO, Conceição. **“Escrivências da afro-brasilidade: história e memória”**. *Releitura*, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.

_____. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2018

FACO, Hugo Fernando do Couto. Produção cultural midiática e a construção de identidades negras: uma análise de produções infanto-juvenis (Malhação 1999 e 2010) da Rede Globo de TV e proposta de produto final para ser aplicada em sala de aula. 2018. 1 recurso online (247 p.). **Dissertação** (mestrado profissional) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP

FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana**. Trad. Isabel Pascoal. 1ª ed. Portugal: Sá da Costa Editora, 1980.

_____. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora EDUFBA, 2008.

FARO, A. & PEREIRA, M. E. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. **Estudos de Psicologia** (Natal), 16(3), 271-278, 2011.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Por que Fanon? Por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. São Carlos: UFSCar, 2015. 260 f. **Tese** (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. 2015.

_____. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo in: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** / organização Eva Alterman Blay. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

_____. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista TransVersos**, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT), 0, ago. 2017.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; LOPES, Marcos. Epistemologias negras: fortalecer os laços e os afetos (ancestrais), de (s) colonizar o pensamento. **Revista Espaço acadêmico** – n207 – agosto, 2018-mensal-ANO, XVIII. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/43998/751375138053>. Acesso em 03 de jan. de 2019.

FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista 1915-1963. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

FERNANDES, Florestan. 1964. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FREIRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

FRIEDMAN, Jonathan. "The Hybridization of Roots and the Abhorrence of the Bush." In FEATHERSTONE, Mike & LASCH, Scott (eds.): **Spaces of Culture: City, Nation, World**, 230-255. London: Sage, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. **Rev. Direito Práx.** [online]. 2018, vol.9, n.2, pp.1080-1099. ISSN 2179-8966. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/33942>.

_____. & GOMES, Patrícia Godinho. Para além dos feminismos: uma experiência comparada entre Guiné-Bissau e Brasil. **Estudos Feministas, Florianópolis**, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016.

GASPARETTO, Vera Fátima. A busca por uma cidadania da imagem: organização, lutas e articulação de políticas públicas no Brasil pela Rede Mulher e Mídia.2014, p.255. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis.

GELLNER, Ernest.1983. **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva.1993.

GEERTZ, Clifford. [1973]. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. A terceira via e seus críticos. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/Universidade Cândido Mendes, 2001.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.80, p.115-147, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Index, 1987.

_____. Mulher negra. **Mulherio**. São Paulo, ano 1, nº 3, 1981, p. 4.

_____. HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. "For an Afro-Latin Feminism." **Confronting the Crisis in Latin America: Women Organizing for Change**. Isis International & Development Alternatives With Women For a New Era, 1988a: 95-101.

_____. **Nanny, Humanidades**, Brasília, v. 17, ano IV, 23-25, 1988b.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. A. **Como trabalhar com “raça” em sociologia**. São Paulo, Educação e Pesquisa, 2003.

_____. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p.153.

GUIMARÃES, Maristela Abadia. O “eu” confronta o “outro”: o que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais. 2017. p.425. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá.

_____. No meio do caminho tinha uma discriminação, tinha uma discriminação no meio do caminho: o potencial transformador das cotas raciais. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá.

GLASER, Jack & DIXIT, Jay & GREEN, Donald. **Studying Hate Crime with the Internet- What Makes Racists Advocate Racial Violence?** 2003.

_____. & KAHN, Kimberly. **Prejudice, discrimination, and the Internet. The Social Psychology of the Internet**, 2005

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. (Tempo Universitário). 1984

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, Universidade de São Paulo, março

de 2005. Disponível em: http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf. Acesso em 03 de abr. de 2020.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.). **História Geral da África: I** – Metodologia e Pré-História da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212

HINE, Christine. Ethnography and the Internet: Taking into account emerging technological landscapes. **Fudan J. Hum.Soc Sci, i'msorry.**, 2017.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOOKS, bell. “**Intelectuais negros**”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez. 2005.

HURSTON, Zora Neale. **Mules and men.** Philadelphia: J.B. Lippincott Co., 1935

_____. **Barracoon: The Story of the Last Black Cargo**, 2018.

_____. “**Hoodoo in America.**” The Journal of American Folklore, vol. 44, no. 174, 1931.

_____. **Seus Olhos Viam Deus.** Editora: Record, 2002.

_____. **Tell My Horse.** Ebook, Rakuten Kobo, 2009.

INGOLD, Tim. 2008. **Anthropology is Not Ethnography. Proceedings of the British Academy.**

_____. 2019. **Antropologia: Para que serve?** Petrópolis: Vozes.

KANJERE, Anastasia. **Defending race privilege on the Internet: how whiteness uses innocence discourse online,** Information, Communication & Society, 2019.

KEUM, Brian & Miller, Matthew. **Racism on the Internet: Conceptualization and Recommendations for Research.** Psychology of Violence. 10.1037/vio0000201, 2018.

KILOMBA, Grada. **1968 – Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano.** 1ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KIMBERLÉ, Creenshaw. **A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem. 2004.

_____. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 10, n. 1, p. 171-189, 2002.

JAKUBOWICZ, Andrew. **Cyber Racism**. more or less: democracy and new media, 2012.

_____. **Alt_right white lite**: trolling, hate speech and cyber racism on social media. *Cosmopolitan civil societies: an interdisciplinary journal*. 9(3),2017

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. **Casa de Alvenaria**: Diário de uma Ex-favelada. 1ª Ed, São Paulo: Francisco Alves, 1961.

LATOUR, B.2018. **Investigação sobre os modos de existência**: Uma antropologia dos modernos. Petrópolis: Vozes.

_____.2019. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Petrópolis:Vozes.

LEAL, Maria Das Graças De Andrade. **Manuel Querino narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós-abolição**. Projeto História, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, set.-dez. 2016.

LEMOS, André. **Cibercultura**. São Paulo: Editora Sulina, 2008.

_____. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denise; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277-293.

_____. (Ed.). **Cidade digital: portais, inclusão e redes no Brasil**. Salvador: Edufba, 2007.

_____. **Cultura da mobilidade**. Revista Famecos, Porto Alegre: v. 1, n. 40, 2009.

_____. **Mídia locativa e território informacional**. In: ARANTES, P., SANTAELLA, L. (Ed.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo:EDUC, 2008.

_____. **Cibercidade: um modelo de inteligência coletiva**. In: LEMOS, André. (Ed.). **Cibercidade: as cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-papers, 2004, p. 19-26.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.

LIPOVETSKY, G. **La era del Vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo**. 7ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1994

_____. G; CHARLES, S. **Os Tempos Hipermodernos**. Ed. São Paulo, Barcarolla, 2005.

_____. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

LOPES, Ana Carolina Siani. Entre transgressões e consensos: a relação entre ética e estética no caso da telenovela “lado a lado” no âmbito do debate sobre ações afirmativas no ano de 2012.2017,110p. **Dissertação** (mestrado) - Programa De Pós-Graduação Em Linguística Universidade Federal de São Carlos, São Carlos- SP.

MAIA, K. S., ZAMORA, M.H., (2018) Branquitude e pesquisa sobre racismo no Brasil. **Rev. Científica da Universidade de Mindelo**, VOL. 5 (1) 2018 p. 137-153. Disponível em: <https://uni-mindelo.edu.cv/revistaum/index.php/edicoes>. Acesso em 10 de jan. de 2020

MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. Tábula Rasa, v.2, n.9, p. 61-72, 2008.

_____. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade E Estado**, 31(1), 75-97. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6080>, 2016.

MAMA, Amina. Conhecimento, cultura e identidade. In.: **Sociedade do conhecimento versus economia de conhecimento: conhecimento, poder e política**. Brasília, DF: UNESCO, SESI, 2005.

MACHADO, Sátira. Comunicação, educação e negritude: interações de professores (as) com as mídias e a cidadania de afro-brasileiros (as) em contextos escolares de Porto Alegre. 2013, p.294. **Tese** (Doutorado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS.

MARCON, Frank. Antirracismo. **Revista de Estudos de Cultura**, nº 02, mai.ago.2015.

MARCUS, George E. & FISHER, Michel M. “A crisis of the representation in the Human Sciences”. In: **Anthropology as cultural critique: an experimental moment in the Human Sciences**. Chicago & London: The University of Chicago Press. 1986.

MAROCCO, Beatriz. **O cotidiano dos negros no exterior dos jornais de Porto Alegre: pistas de fotojornalismo no século XIX**. Discursos Fotográficos, Londrina, v. 5, n. 5, p. 161-180, 2009.

MARTINS, Felipe Mattei. Educação, esfera pública e o agir comunicativo da luta por reconhecimento: estudo sobre as ofensas racistas contra o goleiro Aranha 2016, p. 112. **Dissertação** (mestrado) –Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

MARTINS, Marinildes Pereira. **O Negro Cristalizado: A Permanência de Estereótipos, Distorções e Preconceitos na Teledramaturgia Brasileira.**2013. 90 p. Dissertação (mestrado) - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC, São Paulo.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich.1888. **A ideologia alemã (I – Feuerbach).** São Paulo: Hucitec.1986.

MASON, Gail; CZAPSKI, Natalie. **‘Regulating Cyber-Racism’.** Melbourne University Law Review (advance) 41 (1),2017.

MAUSS, Marcel.1920. "La Nation." L'Année Sociologique, 3 eme série, (1953-1954) Paris: PUF,1956.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1922.**Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo :Editora Abril,1984.

MELO, Celso Eduardo Santos de. **Racismo e violação aos direitos humanos pela internet: estudo da Lei nº 7.716/89.** 2010. Dissertação (Mestrado em Diretos Humanos) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo

MBEMBE, Achille. 2014. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Editora Antígona.

_____. 2018 **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad.** Buenos Aires: Del signo, 2010.

_____. Pensamento decolonial, desprendimiento y apertura. In.: MIGNOLO, Walter (org.), **Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad.** Barcelona: CIDOB, 2015. América: leis e costumes de certas leis e certos costumes políticos que foram naturalmente sugeridos aos americanos por seu estado social democrático. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORAN, José Manuel. **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.

MORAES, Dênis de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación.** EPTI, v. IX, n. 2, maio-ago. 2007. Disponível em: http://www.observatorioidaimprensa.com.br/download/Comunicacao_alternativa.pdf, acesso em: 03 de jun. de 2012.

- MOURA, Clóvis. **Brasil: as raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Editora, 1983
- _____. **Dialética radical do Brasil Negro**. São Paulo: Ática, 1994, p. 211
- _____. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** Editora Conquista, RJ, 1977.
- _____. **Os Quilombos e a rebelião negra**. Coleção “Tudo é História”. Editora Brasiliense. 7ª. Edição. São Paulo: 1987.
- _____. **Rebeliões da senzala - quilombos, insurreições, guerrilhas**. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1988 (1ª edição: 1959).
- _____. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.
- MOORE, Carlos. **O racismo através da história: da antiguidade à modernidade**. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2007
- MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In L.M. Schwarcz & R. da S. Queiroz (Orgs.), **Raça e Diversidade** (p. 213-229). São Paulo: EDUSP, 1996;
- _____. As Facetas de um Racismo Silenciado, in SCHWARC, L.; QUEIROZ, R. **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996c, pp. 213-229.
- _____. Apresentação, in **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 2001, pp. 7-12.
- _____. Políticas de Ação Afirmativa em Benefício da População Negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas, in SILVA, Petronilha; SILVÉRIO, Valter (orgs.). **Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003, pp. 115-128.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018
- MNU JORNAL. **Entrevista Lélia González**. Nº 19 - maio/junho/julho de 1991 (páginas 8 e 9). Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-> Acesso e, 03.de out.de 2019.
- NABUCO, **O Abolicionismo**. Londres, 1863. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000127.pdf> Acesso em 13 fev. 2019
- NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho**. Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25 de julho, 1976a.
- _____. **O negro visto por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Revista Manchete, setembro, 1976b.

_____. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. Rio de Janeiro, Estudos Afro-Asiáticos 6-7, 1982c.

_____. A mulher negra e o amor. **Jornal Maioria Falante**. No. 17, Fev – março, 1990, p.3.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca: As Relações Raciais em Itapetininga**, São Paulo, EDUSP, 1998.

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de. **Nos giros do parafuso: epistemologias e ontologias negras nos caminhos de liberdade e resistências**. Vozes alternativas, 2012.

_____. O cyberracismo nas redes sociais brasileiras: uma proposta antirracista na indisciplinaridade. 6ª REA-Reunião Equatorial de Antropologia Reunião Equatorial de Antropologia REA (6.: 2020: Salvador, BA) **Anais** [recurso eletrônico]: Reunião Equatorial de Antropologia, 9 e 12 de dezembro 2019 / Salvador, BA: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências e Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2020.

_____. Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX). 2012a. Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia.

Ortiz, R. Um outro Território. **Ensaio sobre a Mundialização** (São Paulo: Olho D'Água), 1999.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, Profissão e Mobilidade: O Negro e o Rádio de São Paulo**. São Paulo, pioneira/Edusp, 1967.

PINHO, Osmundo. **The Black Male Body and Sex Wars in Brazil. Queering Paradigms: SouthNorth Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms**. LEWIS, Elizabeth S.; BORBA, Rodrigo; FABRICIO, Branca F.; PINTO, Diana de S. (Orgs.), vol. 4, p. 301-321, 2014

_____. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu** n. 38, janeiro-junho de, pp.159-195, 2012

_____. **Um enigma masculino: Interrogando a masculinidade da desigualdade racial no Brasil**, 2014b

PINTO, Ana Flávia Magalhães. De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899). 2006. 197 f. **Dissertação** (Mestrado em História) -Departamento de História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

_____. Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX. 2014. 326 p. **Tese** (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281270>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

PRADO, Luciana Ferreira S. #Somos Todos Macacos: olhares sobre socialidades e engajamentos nas redes sociais. **Congresso Internacional Comunicação e Consumo**, 2015.

QUERINO, Manuel. **As artes na Bahia**. 2. ed. Bahia: Oficinas do “Diário da Bahia”, 1913. 77

_____. **A Bahia de Outrora – vultos e fatos populares**, Bahia: Econômica, 1916.

_____. **O colono preto como fator da civilização brasileira**. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1918.

_____. **Costumes africanos no Brasil**. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

_____. **Os homens de côr preta na Historia**. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n. 48, p.353-363, 1923.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Alan Augusto Moraes; FAUSTINO, Deivison Mendes. Negro tema, Negro vida, Negro drama: Estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, n. 10, ago. 2017

SCALCO, L. M. Máquinas, conexões e saberes: as práticas de “inclusão digital” em famílias de grupos populares. 2012. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SALES, M. M. À flor da pele: uma análise crítica de discursos empresariais sobre diversidade racial no trabalho. 2012. 258 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**, trad. de Vera Ribeiro, Salvador/Rio de Janeiro, Edufba/Pallas, 2004

SANSONE, Livio. Que multi-culturalismo para o Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 59, p. 24-29, 2007.

_____. **Memória da escravidão nos dias de hoje: patrimônio cultural à moda brasileira.** Interseções, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 147-156, 2002.

_____. Estados Unidos e Brasil no Gantois. O poder e a origem transnacional dos estudos afro-brasileiros, **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 9-29, 2012.

_____. (Org.). *A política do intangível: museus e patrimônios em novas perspectivas.* Salvador: EDUFBA, 2012.

SARAIVA, Luís. **EXU INTERROGA CLIO:** contribuições da Filosofia Africana na construção de um novo paradigma para o estudo da História. *Das Questões*, n#4, ago/set 2016.

SANTOS, J. R. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1999;

SANTOS, Jorge Luís Rodrigues dos. A revista "Raça Brasil": uma proposta de imprensa negra na mídia brasileira do século XXI?. 2017. **Tese** (Doutorado em Memória Social)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Matheus Lock. **Comunicações transversais: cruzamentos e confrontos de opiniões nas redes digitais sobre o preconceito pós-eleitoral.** 2012, p.196. **Dissertação** (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre- RS.

SANTOS, Rafael dos. **Negritude virtual: educação, internet e identidade.** 2002. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Celia Regina. **Estratégias de Comunicação e Ativismo Feminino na Esfera Pública Midiática: Estudo Sobre a participação de jovens negras no Hip – Hop, a construção de identidades e sua presença na internet.** 2011, p. **Tese** (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Jamile Borges da. **Brasil tende a evocar a dor do negro em vez de lembrar a luta.** 2019. Disponível em: <http://www.contrapontoms.com.br/entrevistas/brasil-tende-a-evocar-a-dor-do-negro-em-vez-de-lembrar-a-luta-diz-antropologa>. Acesso em: 14 de mai. De 2019.

_____. **Museus on-line: longevidade e conservação digital da memória** In: **A política do intangível: museus e patrimônios em nova perspectiva / Livio Sansone** (Organizador). – Salvador: Edufba, 2012. p.: 263-276.

SILVA, Thais Pereira da. Construções identitárias & TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras”.2019, p.193. **Dissertação** (Mestrado). Universidade de São Paulo, Escola De Comunicações E Artes, São Paulo.

SILVA, Rosane Leal da et al. **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. Rev. direito GV, São Paulo, v. 7, n. 2, Dec. 2011. p.445-468. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18084322011000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 de fev.2020.

SILVA, Geranilde Costa e. Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as. 2013. 243f. – **Tese** (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

SODRÉ, N. W. (1966). **História da imprensa no Brasil**. 4a edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad ,1999.

_____. **Pensar nagô**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SCHWARCZ, L. M. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001; SEGATO, Rita. **Raça é Signo**. Brasília: Série Antropologia. n.372. 2005

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. In: _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 345-405.

SULER, J. The Online Disinhibition Effect. *Cyberpsychology & behavior*, vol. 7, n. 3, p. 321-325. New Jersey, 2004.

RAUCH, S. M. & SCHANZ, K. Advancing racism with Facebook: Frequency and purpose of Facebook use and the acceptance of prejudiced and egalitarian messages. *Computers in Human Behavior*. 29(3): 610-615,2013.

REBS, R. R.; ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das letras**, pau dos ferros, v. 06, n. 02, p. 24-44, jul./dez. 2017.

REZENDE, Claudia Barcellos e MAGGIE, Ivonne (comp.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 213-23;

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, São Paulo, ed. 24, v.13, n. 24, p. 99-104, dez. 2016. Disponível em: . Acesso em 13 Jan. 2018.

_____. **O que é Lugar de Fala**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, João. **O elemento negro**. Rio de Janeiro, Editora Record,1936.

RIFIOTIS, Theophilos. Etnografia no ciberespaço como repovoamento e explicação. **RBCS** Vol. 31 n° 90 fevereiro/2016.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. Universidade de Brasília, 1982

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil (1879-1880)**. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C.,1888.

_____. **Ensaio de philosophia do direito**. Imprensa: Rio de Janeiro, Cunha & Irmão, 1895.

ROSA, Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

WAGNER, Roy. [1975]. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. "A nação." In IDEM: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1982.

_____. 1921a. "Relações comunitárias étnicas." In IDEM: **Economia e Sociedade**, vol. 1. Brasília: Edunb,1994.

WILLIS-ESQUEDA, C. Introdução: Aspectos motivacionais do preconceito e racismo. **Em Motivational Aspects of Prejudice and Racism**,2008.

ANEXO

Anexo 1- Racismo no Caiçara Clube

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
II - EXÉRCITO - 2.ª R M
CMDO ART COS E AA4/2
- QUARTEL GENERAL -
EMG - 2.ª SEÇÃO

Santos, S P 08 de Nov de 1972

PEDIDO DE BUSCA N.º 064 E2

1. ASSUNTO: DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO CAIÇARA CLUBE
2. ORIGEM: CIE - PB N.º 739/72 P.8078/72
3. DIFUSÃO: DOPS/SANTOS
4. DIFUSÃO ANTERIOR:
5. REFERÊNCIA: PB N.º 592/72-M II EX
6. ANEXO

1. DADOS CONHECIDOS

Os jornais "A TRIBUNA" e "CIDADE DE SANTOS" publicaram uma série de notícias referentes ao problema de discriminação/racial ocorrido no CAIÇARA CLUBE. O fato em questão, envolveu membros do Diretório Acadêmico ALEXANDRE DE GUSMÃO. / Consta que há uma denúncia do estudante negro, que foi proibido entrar no Clube, na 5ª Vara Criminal de SANTOS.

2. DADOS SOLICITADOS

- a. Como se deu o incidente.
- b. Quais os elementos envolvidos e sua qualificação.
- c. Quais as providências tomadas face ao acontecido.
- d. Esta AI solicita a maior urgência possível na resposta deste PB.



CONFIDENCIAL

Anexo 2-Racismo no Brasil

D. 03

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO

DEPENDÊNCIA Divisão de Informações - DOPS

São Paulo, 15 de maio de 1978.

RECEBIDO
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DE SÃO PAULO
DOPS

RELATÓRIO CONFIDENCIAL:

Senhor Diretor Geral:

Com respeito às comemorações do Dia 13 de Maio, permita-nos tecer breves considerações, a saber:

A matéria inserida no FOLHETIM de 14/05/78, com o título "NEGRO TEM QUE IR PRO PAU", palavras estas atribuídas ao Delegado de Polícia do 44º D.P., Dr. LUIZ ALBERTO ABDA-LA, no episódio da prisão de ROBSON SILVEIRA LUZ em fins de abril p.p., lamentável sob todos os aspectos, longe de ser uma homenagem póstuma a Robson na Semana da Abolição, tem objetivos mais profundos, se não vejamos:

Observamos de longa data que "africanistas" (estudiosos da cultura e raça negra de origem africana) como Clóvis Moura e Florestan Fernandes, entre outros, tentam, usando da dialética, "acordar" a cultura negra "ainda adormecida na escravidão" para um movimento de emancipação de cunho socialista, inspirado nos "Panteras Negras", grupo norte americano conhecido pelas ações radicais e violentas. (Jornal - Versus, nº 19, página 39) /

Ultimamente temos observado o crescimento do Movimento Socialista que tenta a curto prazo lançar o Partido Socialista Brasileiro, oriundo-se para tal a Frente Socialista que se tornou conhecida como Convergência Socialista.

Dentro desta Frente, há um movimento denominado "AFRO LATINO AMÉRICA" de cunho nitidamente revanchista que procura incutir o racismo no negro contra os "dominadores brancos", e distorcer a miséria, este grave problema social - que aflige a todos indistintamente, principalmente a população da periferia, como sendo privativa do negro.

Este movimento tem amplo apoio da imprensa, principalmente do Jornal "Versus", porta voz oficial da "Convergência Socialista".


Assim sendo, a toda ocorrência policial envolvendo elemento de origem negra, é de se esperar uma repercussão acima da expectativa para ser reivindicada a aplicação da Lei Afonso Arinos.

Era o que tínhamos a apresentar,
Atenciosamente.

Anexo 3- Práticas de Racismo

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO EXERCÍTO
GABINETE DO MINISTRO
- C I E -



"P A R E C E R"

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

1. **ASSUNTO**

Há atualmente uma intenção velada do movimento subversivo de suscitar no BRASIL o problema da discriminação racial com o apoio de determinados órgãos da imprensa.

2. **ASPECTOS GERAIS**


a. Dia 14 de maio, próximo passado ocorreu um incidente entre o cidadão sírio FUED JORGE e a Professora RAIMUNDA WALDYR GUINHA RAES, residentes ambos à Av JOANA ANGÉLICA 47, em SALVADOR/BA.

O Sr FUED proibiu a Professora RAIMUNDA de entrar no elevador social do edifício, junto com êle, por se tratar de mulher de côr. O fato foi amplamente divulgado e explorado na imprensa local e nacional, tendo ao mesmo tempo sido condenado e insinuado que o problema de discriminação racial no BRASIL, é existente e cresce de proporção assustadoramente nos últimos anos.

O autor do incidente procurou explicar como tendo havido apenas mal-entendido e que se tratava de assunto de ordem interna do edifício, cujo síndico, na ocasião, era o Sr FUED. A Professora RAIMUNDA apresentou queixa-crime na Delegacia de Jogos e Costumes local em meados de junho último, não tendo sido tomadas outras providências.

Em consequência, indivíduos inescrupulosos e ávidos para aumentarem as vendas de seus jornais ou revistas e outros por estarem ligados ou viverem na subversão e terrorismo têm constantemente difundido boatos e notícias que exploram o assunto.

CONFIDENCIAL



U20 CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(Continuação de PARECER - - - - -)

combinando-o com as premissas levantadas pelo artista TONY CORNADO e a atriz ARLETE SALES nas estações de televisão do RIO e SÃO PAULO e em suas "tournée" pelo interior do BRASIL.

b. Na televisão o tema tem sido seguidamente abordado em programas ao vivo e nas novelas, agravando-se agora com a apresentação na TV GLOBO-RIO da novela de JANEYS CLAIR, comunista fiada, "O HOMEM QUE DEVE MORRER".

c. Na imprensa escrita o assunto tem sido ventilado com grande freqüência. A revista "REALIDADE" em seu número 64, de JUNHO de 1971, procura despertar o valor do negro em todas as atividades profissionais da vida brasileira, o que é, sem dúvida alguma, bastante positivo. A revista "VEJA", nº 150 de JUL 71, em artigos, faz a chamada para o assunto de "REALIDADE" com o seguinte título: "BLACK". Práto é a côr! Os negros são lindos! Resalta-se o aspecto que as duas revistas pertencem a Editora ABRIL, que notoriamente tem tendências esquerdistas, sendo, através da revista INTERVALO, o principal foco iniciado da "imprensa marron" no País.

d. A cantora ELIS REGINA, que registra antecedentes de agitação subversiva no meio artístico, contribui apresentando uma canção em que diz: "Eu quero um homem de côr". Na mesma letra, tradução de uma canção norte-americana, do "pedar negro", os brancos são violentamente criticados. Esta canção vem sendo constantemente tocada em todas as estações, merecendo destaque pela insistência com que é apresentada, a Rádio JORNAL DO BRASIL.

e. Domingo, dia 18 JUL 71, no "PROGRAMA SILVIO SANTOS", apesar do apresentador querer eximir-se de cooperação com o problema de denúncias sobre discriminação racial no BRASIL, recebeu a cantora CARMEM SILVIA, que com grande sensacionalismo queixou-se de haver sido vítima de preconceito de côr. Relatou que um



237



CONFIDENCIAL



(Continuação do PARABER - - - - -)

de suas amigas ao tentar alugar um apartamento no Edifício RIZZ, sito à Rua ALBUQUERQUE LINS, em SÃO PAULO (Capital), recebeu informação da firma administradora, "IMOBILIÁRIA S. A. C. I.", rua 7 de abril, de que não havia apartamentos à alugar. Posteriormente valendo-se de um amigo de cor branca, constatou que a informação era inverídica, uma vez que indo ao mesmo local, lhe foram apresentados três apartamentos vazios. Ao procurar saber a razão pela qual os apartamentos haviam sido negados a solicitante de cor, lhe foi revelado que os moradores do edifício não desejavam negros morando no prédio.

3. CONCLUSÃO

Nota-se que existe em vários setores da vida nacional um indivíduo suspeito de levantar a questão racial no País, seguindo a uma "orquestração" através dos meios de comunicação social, sendo necessárias providências para impedir que se desenvolva.

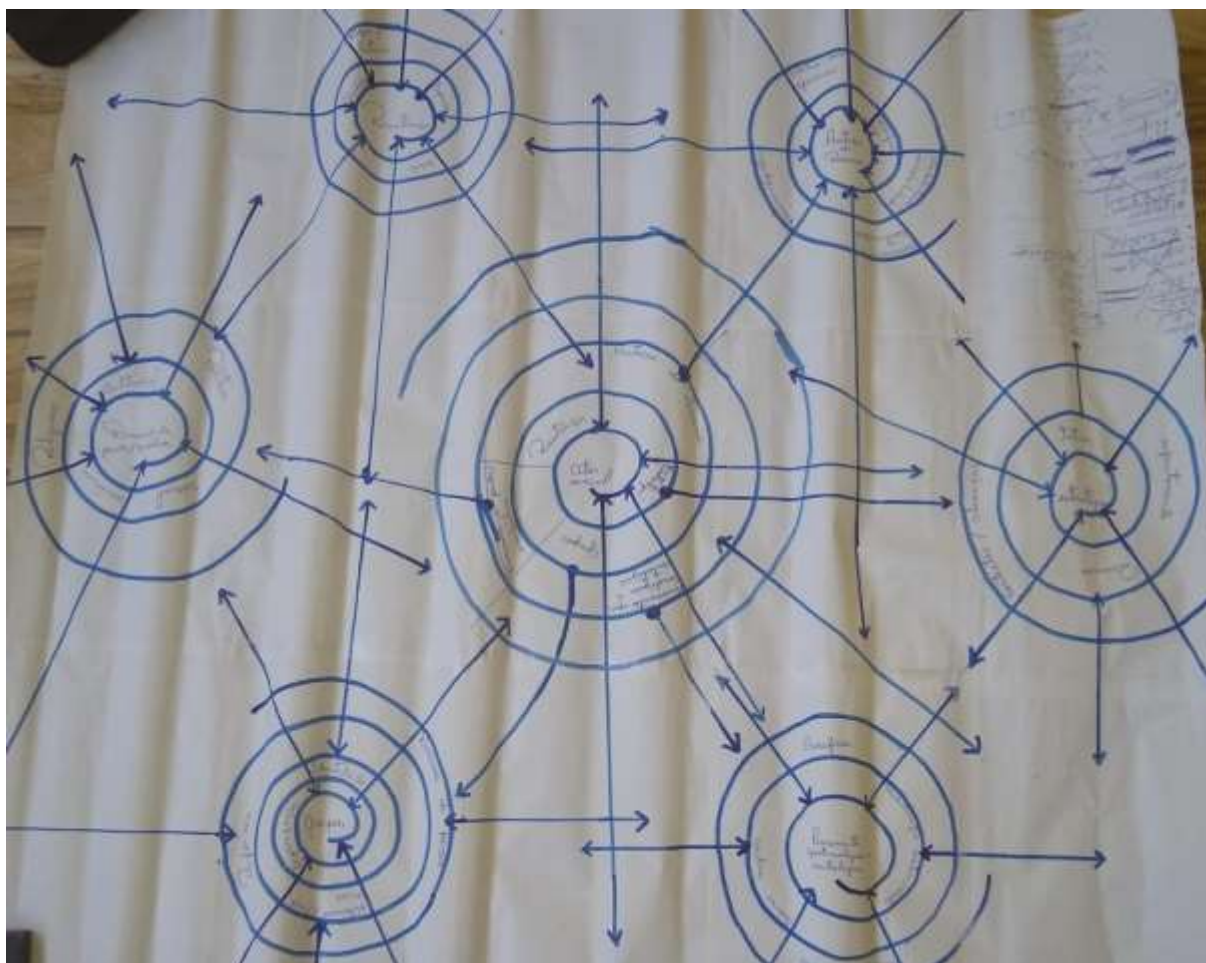


CONFIDENCIAL



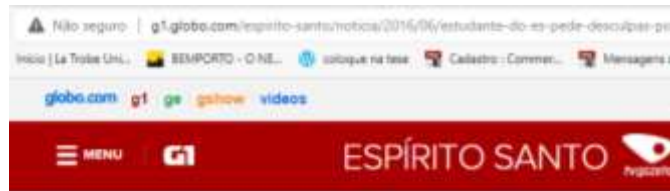
338

Anexo 4-Esboço da Metodologia Parafuso



Elaboração: João Mouzart. **Desenho:** Jones Firmino (2020).

Anexo 7 – Ciberracismo



Estudante do ES pede desculpas por comentário racista na internet

Em vídeo, estudante falou sobre o comentário que fez no Twitter em 2012. Campanha da ONG Cicra foi motivada por ofensa a jornalista Maqui.

Rita Benevise
De A-Santa

